

COMPONENTE CURRICULAR: FILOSOFIA

3^a. série

ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS

PROFESSOR: FÁBIO LUIZ DE ALMEIDA MESQUITA

OBJETIVOS:

Na terceira série do Ensino Médio, os alunos entram em contato com duas grandes e importantes áreas da filosofia: estética e ciência. Aqui, não temos foco em nenhum período específico da história da filosofia, pois cabe ao aluno possuir uma visão ampla e contextualizada para compreender as discussões sobre essas duas áreas. Estética e ciência se mostram como fenômenos humanos e sociais, por isso, devem ser investigadas, pautando-se suas essências e suas principais interpretações. Em filosofia estética, buscar-se apresentar ao aluno as concepções históricas, criadas em virtude de cada época e lugar (tempo e espaço). Nessa área da filosofia, nos preocuparemos em analisar, ao mesmo tempo, as concepções de belo ao longo da história da filosofia junto às explicações estéticas que tentaram resolver os problemas referentes ao “padrão do gosto”. Em filosofia da ciência, pretendemos entender as principais diferenças entre o conhecimento científico e o conhecimento senso comum. Após tal distinção, objetivamos analisar as ciências e suas especificidades, metodologias e valores. Por fim, o componente curricular filosofia possui como objetivo de série analisar questões contemporâneas, próximas temporalmente dos alunos e que fazem parte de suas reflexões.

COMPETÊNCIAS DA ÁREA (MATRIZ DE REFERÊNCIA DO ENEM)

MATRIZ DE REFERÊNCIA PARA O ENEM 2011

Matriz de Referência de Ciências Humanas e suas Tecnologias

H1 - Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

H2 - Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.

H3 - Associar as manifestações culturais do presente aos seus processos históricos

H4 - Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.

H5 - Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades.

H11 - Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.

H13 - Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

H14 - Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.

H15 - Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da história.

H16 - Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.

H22 - Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.

H23 - Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.

H24 - Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.

H25 - Identificar estratégias que promovam formas de inclusão social.

EIXO ESTRUTURANTE DA ÁREA

FENÔMENO: HUMANO E SOCIAL

O conceito fenômeno é compreendido pela filosofia de diversas maneiras, respeitando-se tempo e espaço de sua elaboração. Como exemplo, citamos Descartes (*Principia Philosophiae*, 1644, III, 4), Bacon (*De interpretatione naturae proemium*, 1603), Galileu (*Dialogo sopra i due massimi sistemi del mondo*, 1624) e Hobbes (*De corpore*, 1655, 25, parág. 1) que conceberam o fenômeno como sinônimo de aparência, daquilo que é observável, que pode ser visto, objetos sensorialmente percebidos. De modo distinto, em Kant, o fenômeno é dado como oposto a coisa em si, essência incognoscível do mundo (númeno). Na filosofia kantiana, tal conceito não se restringe àquilo que se manifesta, mas é aquilo que se manifesta ao homem nas condições limitativas de seu próprio conhecimento (tempo, espaço e categorias do intelecto). Tudo aquilo que extrapola tais limites e não possui relação entre o sujeito e o objeto recai no campo da mera especulação filosófica.

Nesse cenário complexo e conflitante, faz-se necessário especificar o que entendemos por fenômeno e explicar a razão dele ser o nosso eixo estruturante. Nosso ponto de apoio se encontra na filosofia contemporânea, em Husserl (*Investigações lógicas – 1900-1901*), que define o fenômeno não só como o que aparece ou se manifesta ao homem em condições particulares, mas aquilo que aparece ou se manifesta em si mesmo, como é em si, na sua essência. Desse modo, enquanto eixo estruturante, o fenômeno é compreendido de modo fenomenológico, ou seja, os fenômenos são objetos revelados, manifestos e devem ser estudados levando em consideração sua essência, em si mesmos. Merleau-Ponty (*Phénoménologie de la Perception, Preface*, 1945) define a fenomenologia como “o estudo das essências, e todos os problemas, segundo a fenomenologia, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua facticidade (particularidade).”

Por essa razão, tratar o eixo estruturante de nossas disciplinas com a palavra “fenômeno”, especificamente, o “humano” e o “social”, é lançar luz aos estudos dos conhecimentos que se fazem presentes nos fatos manifestos e, ao mesmo tempo, às essências daquilo que nos aparece. Nosso foco será os fenômenos humanos e sociais, isto quer dizer, analisaremos temas como ciência, estética, lógica, cultura,

antropologia, psicologia, sociologia, filosofia, história, religião, mitologia, natureza etc. Não nos restringimos ao mero aparente, pois se fizessemos isso nos reduziríamos àquilo que se manifesta. Vamos além disso. Preocupamo-nos em conhecer o mundo por aquilo que nos é dado como fato religioso, social e filosófico, mas não apenas isso, queremos, principalmente, investigar a essência, aquilo que não está posto, não manifesto e que possui importância fundamental na compreensão de si próprio, do outro e do mundo.

SUMÁRIO

- 1 – Apresentação do curso e do professor.
- 2 – Fundamentos da filosofia – eixos temáticos e conteúdos
- 3 – Planejamento das aulas (**REVISÃO**)
- 4 – **Texto 1** – Pré-Socráticos
- 5 – **Texto 2** – Os Sofistas
- 6 – **Texto 3** – Sócrates e Platão
- 7 – **Texto 4** – Filosofias helenísticas
- 8 – **Texto 5** – Epicurismo
- 9 – **Texto 6** – Estoicismo
- 10 – **Texto 7** – Descartes
- 11 – **Texto 8** – Locke
- 12 – **Texto 9** – Hume
- 13 – **Texto 10** – Kant – Teoria do conhecimento
- 14 – **Texto 11** – Stuart Mill
- 15 – **Texto 12** – Kant - Ética
- 16 – **Texto 13** – Freud
- 17 – **Texto 14** – Nietzsche
- 18 – **Texto 15** – Sartre
- 19 – **Texto 16** – Simone de Beauvoir
- 20 – **Texto 17** – Adorno (Escola de Frankfurt)

APRESENTAÇÃO

Filosofia na 3ª. Série:

Esse curso de Filosofia tem como objetivo central introduzir os alunos da 3ª; série do EM na Filosofia, a partir de dois grandes eixos temáticos: ESTÉTICA (1º. Trimestre) E FILOSOFIA DA CIÊNCIA (2º. Trimestre). Queremos mostrar que a filosofia está viva, faz parte do nosso dia-dia e nos ajuda a pensar sobre o que acontece ao nosso redor. Esses temas filosóficos serão explorados a fim de que o aluno, no final do ano, tenha explorado a arte, a estética, o belo, a ciência, a racionalidade, a contemporaneidade; conceitos pensados a partir da construção de sua própria identidade e refletidos sobre sua relação com o próximo.

Ao mesmo tempo em que exploramos esses temas iremos conhecer a história da filosofia, por isso refletiremos sobre os pensamentos dos seguintes filósofos:

- Platão (Estética – 1º. trimestre)
- Aristóteles (Estética – 1º. trimestre)
- David Hume (Estética – 1º. trimestre)
- Hegel (Estética – 1º. trimestre)
- Thomas Kuhn (Filosofia da Ciência – 2º. trimestre)
- Karl Popper (Filosofia da Ciência – 2º. trimestre)
- Hugh Lacey (Filosofia da Ciência – 2º. trimestre)
- Vandana Shiva (Filosofia da Ciência – 2º. trimestre)
- Peter Singer (Filosofia da Ciência – 2º. trimestre)
- Marcuse (Filosofia da Ciência – 2º. trimestre)
- Albert Camus (Filosofia Contemporânea – 3º. Trimestre)
- Zygmunt Bauman (Filosofia Contemporânea – 3º. trimestre)
- **Revisão ENEM – Vários filósofos (3º. trimestre)**

Blog: <https://fabiomesquita.wordpress.com/>

E-mail: fabio.mesquita@saoluis.org

Específicos na 3ª. série do EM:

1) Estética e filosofia da arte (“fenômeno: humano e social” específico desde componente curricular nessa série)

Outra área deste componente curricular e que será compreendida enquanto fenômeno humano e social é a Estética. Ela visa investigar a essência da beleza e as bases da arte, procura compreender as emoções, ideias e juízos que são despertados ao se observar uma obra de arte ou aquilo que julgamos se belo ou feio.

Num primeiro momento, objetiva-se analisar a beleza e a feiura com o objetivo de construir uma resposta para os juízos estéticos. Preocupa-se compreender o belo e o feio enquanto fenômeno humano, pois está presente em todos nós os julgamentos desta ordem. Assim como, preocupa-se em conceber, que talvez, os juízos estéticos se fazem como fenômenos sociais, influenciados e moldados pelos padrões da sociedade. Por essas razões, nos questionaremos sobre: O que faz um objeto belo ou feio? A beleza está no olho de quem observa, ou seja, no julgamento (juízo) estético subjetivo? A beleza ou a feiura estão no próprio objeto, em suas características próprias? A beleza e a feiura estariam nos dois, ao mesmo tempo, tanto nas características subjetivas do observador, quanto nas características específicas do próprio objeto?

Após a análise sobre o belo, a estética visa demarcar a natureza da arte, as causas de seu êxito, seus objetivos, seus meios de expressão, sua relação com a esfera emocional de quem a produz, seus mecanismos de atuação – a arte deriva de intenções instigantes, simbólicas ou catárticas? -; acerca do potencial humano de entendimento do conteúdo da produção artística, do significado do prazer estético.

Por fim, cabe destacar que o diálogo constante com a filosofia contemporânea será o foco de nossas análises. Compreender o mundo contemporâneo como fenômeno de investigação será uma das tarefas deste componente curricular.

2) Ciência: Filosofia da ciência (“fenômeno: humano e social” específico desse componente curricular nessa série)

Uma das áreas do componente curricular estudado na série é filosofia da ciência. Compreendemos a ciência como um dos inúmeros fenômenos humanos e sociais. A filosofia se preocupa em analisar quais são as principais partes da ciência, seus métodos, fundamentos, problemas e implicações. A filosofia gera reflexões para pensar a ciência, assim como se utiliza dos resultados científicos para pensar a filosofia. Não existe determinada ciência que faça parte dos estudos específicos deste componente curricular, por esta razão, nos preocupamos com todas as ciências possíveis, todas elas manifestas como fenômenos. Por isso, são igualmente analisadas pela filosofia as ciências naturais (ex.: biologia, química e física), sociais (ex.: sociologia, antropologia e economia), aplicadas (matemática, engenharia e arquitetura), dentre outras.

John Dewey, filósofo estadunidense, escreveu em seu livro *Democracia e Educação*: "Pois, para encontrar os fatos deste mundo e as suas causas, é claro que deveremos recorrer às matemáticas, à física, à química, à biologia, à antropologia, à história, etc., e não à filosofia. Às ciências é que compete dizer quais as generalizações admissíveis sobre o mundo e quais, especificamente, são elas. Mas quando perguntamos que espécie de atitude permanentemente ativa para com o mundo as revelações científicas exigem de nós, estamos a formular uma questão filosófica." Dewey compreende a Filosofia a partir dos fenômenos que geram profundas consequências na sociedade. De fato, a ciência produz explicações claras e distintas sobre o que ocorre no mundo, suas causas e possíveis consequências, no entanto, para além de constatações de fatos, cabe à filosofia observar criticamente os rumos das atividades humanas. A filosofia surge para analisar o não observável, aquilo que está nas entrelinhas dos discursos, manipulado pelas ideologias, escondidos conscientes ou inconscientemente pelos próprios humanos. Cabe a filosofia, portanto, gerar posicionamentos científicos, problematizações científicas, como por exemplo: "o que é eutanásia?"; "Como me posiciono frente essa discussão?"; "A ciência está a serviço de quem?"; "Que atitude devemos ter em relação à clonagem?"; "Eu sou a favor à clonagem?"; "É correto fazer uso dos avanços da ciência nazista ao ter utilizado, torturado e matado cobaias humanas?"

PLANEJAMENTO DAS AULAS – Uma aula semanal

Aula 1 – Filosofia antiga
Aula 2 – Filosofia antiga
Aula 3 – Filosofia moderna - epistemologia
Aula 4 – Filosofia moderna - epistemologia
Aula 5 – Filosofia moderna - política
Aula 6 – Filosofia moderna - política
Aula 7 – Filosofia contemporânea – diversos autores
Aula 8 – Filosofia contemporânea – diversos autores

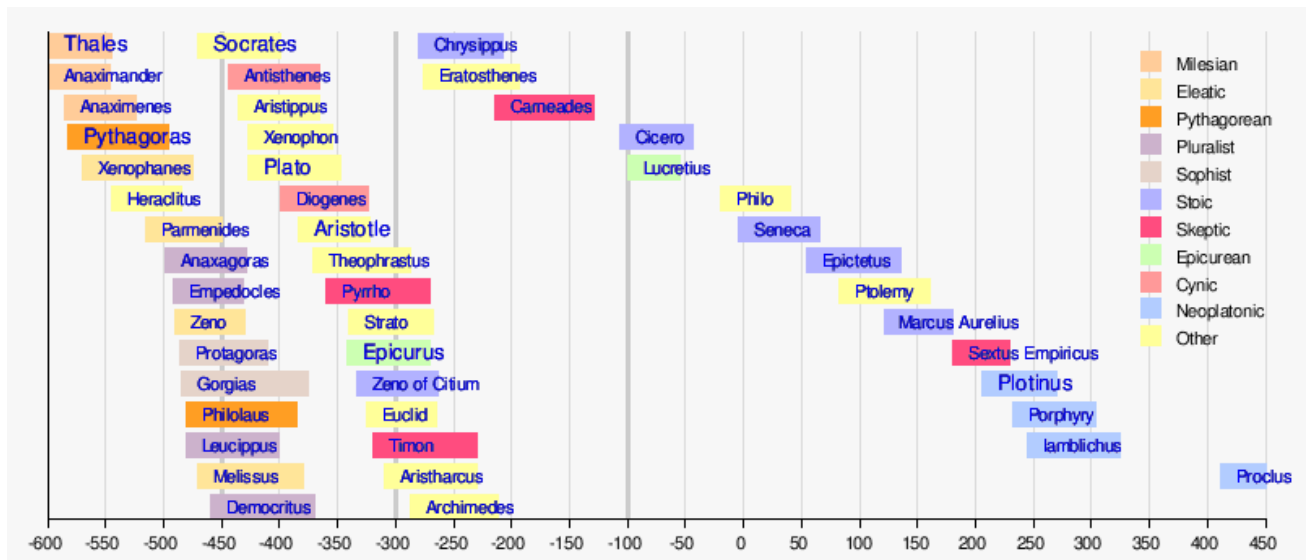
APÊNDICE: Escolas filosóficas e pensadores

Escola, movimento ou pensador	Representantes	Ideologia ou pensamento
Pré-socráticos I Escola de Mileto (século VI a.C.)	Tales, Anaximandro, Anaxímenes	Originários de Mileto, na costa da Ásia Menor, confiavam numa interpretação racional e materialista do universo. Procuravam os primeiros princípios que o constituíam. Só conservamos fragmentos das obras dos pré-socráticos.
Pré-socráticos II (século VI a.C.)	Pitágoras, Parmênides, Heráclito	Refletem sobre nossa forma de entender o mundo, sobre a verdade e sobre o que é o pensamento. Para Pitágoras, os números manifestam a harmonia do universo. Parmênides acredita que "Tudo é um". Heráclito afirma que "A verdade é absoluta e imutável" e que "Tudo flui" e nada permanece igual.
Filosofia clássica I (séculos V-IV a.C.)	Sócrates (470-399 a.C.)	Considerado o autêntico fundador da filosofia. Ao afirmar "Só sei que nada sei", define a filosofia antes como uma atitude, como a procura da felicidade por meio da procura da verdade. Seu pensamento foi recolhido por Platão em seus <i>Diálogos</i> .
Filosofia clássica II (séculos V-IV a.C.)	Platão (427-247 a.C.)	Afirma o dualismo entre corpo e alma no homem e que filosofar é abandonar as aparências do mundo sensível para alcançar a verdade do mundo das idéias. Entre seus principais diálogos cumpre citar <i>O banquete</i> , <i>O sofista</i> e <i>A República</i> .
Filosofia clássica III (século IV a.C.)	Aristóteles (384-323 a.C.)	Junto com Platão, a referência mais determinante da história da filosofia. Mais orientado para a observação do mundo sensível. Criador da lógica, aborda todos os temas em suas obras. As principais são <i>Ética a Nicômaco</i> , <i>A política</i> , <i>A metafísica</i> .
Epicurismo (séculos IV-I a.C.)	Epicuro, Lucrecio	A razão deve ajudar-nos a reconhecer os prazeres que podem ser negativos. A filosofia permite evitar o sofrimento ao atingir o equilíbrio entre os prazeres. <i>A carta a Meneceu</i> , de Epicuro, e o poema <i>Da natureza</i> , de Lucrecio, são as obras mais representativas.
Estoicismo (séculos IV a.C.-II d.C.)	Zenon de Cítio, Cleante de Assos, Sêneca, Epicteto, Marco Aurélio	A felicidade se alcança entendendo qual é o curso natural do universo. Saber agir sem enfrentar suas leis nos ajudará a sermos felizes. Entre as principais obras se encontram as <i>Cartas a Lucílio</i> , de Sêneca, o <i>Manual de Epicteto</i> e as <i>Meditações</i> , de Marco Aurélio.
Neoplatonismo e agostinismo (séculos III-V)	Plotino, Agostinho	Representa a primeira tentativa séria de conciliação entre a filosofia, concretamente a platônica, com o cristianismo. Plotino, em <i>As Enéadas</i> , é ainda muito filosófico, e Santo Agostinho, em <i>As confissões</i> ou em <i>A cidade de Deus</i> , elabora a primeira filosofia considerada cristã.
Escolástica (séculos XI-IV)	Anselmo de Canterbury, Alberto Magno, Tomás de Aquino, Roger Bacon, Duns Scott, Guilherme de Occam	Apesar de suas divergências, os escolásticos eram religiosos que pretendiam explicar o cristianismo de maneira racional, a partir da filosofia de Aristóteles. <i>Suma teológica</i> , de Tomás de Aquino, no século XIII, é a obra mais representativa.
Humanismo (séculos XIV-XVI)	Petrarca, Campanella, Pomponazzi, Montaigne, Leonardo da Vinci	O humanismo critica a escolástica e reflete particularmente o que se relaciona com o homem, desde a arte até a ciência, a partir do estudo das humanidades, inspirado na cultura antiga. Os <i>Ensaíos</i> , de Montaigne, descrevem muito bem essa nova mentalidade.
A Igreja e a Reforma (séculos XV-XVI)	Nicolau de Cusa, Erasmus, Martinho Lutero, João Calvino	O humanismo influi na maneira de entender a religião. A vontade de viver a religião sem submeter-se ao poder da Igreja conduzirá à Reforma, iniciada por Lutero, e que acabará com o aparecimento da religião protestante.
Filosofia política (século XVI)	Maquiavel, Thomas More, Jean Bodin	A reflexão sobre a justiça e o direito conduzem a uma descrição da realidade política diferente das explicações da religião. Em <i>O príncipe</i> , Maquiavel estuda os mecanismos do poder; em <i>Utopia</i> , Thomas More imagina um país em que reinaria a justiça.
Revolução copernicana (séculos XVI-XVII)	Copérnico, Giordano Bruno, Kepler, Galileu, Francis Bacon	A partir do novo modelo de universo de Copérnico, muitos cientistas, sem ser filósofos, vão criar a ciência moderna, baseada na matemática e nas experiências e não na religião ou na filosofia. Galileu dirá que "O universo é um livro aberto escrito em linguagem matemática".
Racionalismo (século XVII)	Descartes, Spinoza, Malebranche, Leibniz	Para Descartes, o que define o ser humano não é nada físico, mas sua capacidade racional. No <i>Discurso do método</i> , escreverá "Penso, logo existo". Além disso, a razão é o ponto de partida de toda experiência possível graças à existência de idéias inatas.
Empirismo (séculos XVII-XVIII)	Thomas Hobbes, John Locke, George Berkeley, Denis Hume	Todo conhecimento provém da experiência, portanto, só pode haver idéias adquiridas e não inatas. O debate entre empirismo e racionalismo dominará os séculos XVII e XVIII, por meio de obras como <i>Ensaio sobre o entendimento humano</i> , de Locke, ou <i>Investigação sobre o entendimento humano</i> , de Hume.

Escola, movimento ou pensador	Representantes	Ideologia ou pensamento
Iluminismo (século XVIII)	Montesquieu, Voltaire, Diderot, Lessing, Rousseau, Herder	O homem descobre o poder da razão sobre a natureza por meio de suas conquistas científicas. A racionalidade se impõe sobre qualquer outro discurso como a religião ou a arte. A reflexão sobre a liberdade e a dignidade humana que contribuirá para mudar as mentalidades se pode encontrar em <i>O contrato social</i> , de Rousseau, ou em <i>O espírito das leis</i> , de Montesquieu.
Idealismo alemão (séculos XVIII-XIX)	Kant, Fichte, Schelling, Hegel	É uma filosofia que expressa os valores do romantismo. Constata a limitação da razão humana (como Kant em sua <i>Crítica da razão pura</i>), a distância entre o homem e o mundo ou entre o homem e Deus, embora para Hegel, em sua <i>Fenomenologia do espírito</i> , a filosofia deve permitir a compreensão do destino do homem através da história.
Schopenhauer (1788-1860)		Inspira-se em Kant, Platão e na cultura da Índia. O mundo não me aparece tal qual é, mas tal como eu o organizo, graças a minha capacidade de representação. "O mundo é minha representação", escreve em <i>O mundo como vontade e representação</i> .
Positivismo (século XIX)	Auguste Comte	Considera a ciência como a maturidade da evolução humana e a única via capaz de trazer a felicidade para a humanidade.
Utilitarismo (século XIX)	John Stuart Mill	Teoria ética inspirada nos princípios do positivismo, descrita em <i>O utilitarismo</i> , de Stuart Mill, e cujo fim é alcançar a maior felicidade possível para o maior número possível de pessoas.
Marxismo (século XIX-XX)	Karl Marx, F. Engels, Gramsci	A história da humanidade pode ser entendida como a luta constante entre opressores e oprimidos, luta que deriva de certa organização da atividade econômica e que Marx descreve em <i>O capital</i> .
Historicismo	W. Dilthey (1833-1911)	Defende a autonomia das ciências do espírito diante das ciências da natureza. O homem aprende a conhecer-se em função de sua própria história. Será o ponto de partida do que vai se chamar de ciências humanas.
Nietzsche (1844-1900)		Adversário dos grandes enganos da civilização ocidental: a ciência e a religião. Criando mundos paralelos, nos impediu de contemplar o mundo autêntico da vida. <i>Assim falava Zaratustra</i> é sua principal obra.
Vitalismo (séculos XIX-XX)	Henri Bergson, Ortega y Gasset	Para Bergson, em <i>A evolução criadora</i> , a vida é um processo criador constante que só a intuição pode captar corretamente por meio de sua experiência do tempo.
Psicanálise (século XX)	Sigmund Freud, Erich Fromm, Carl G. Jung	Freud, médico de formação, propõe, graças a sua teoria do inconsciente, uma nova visão do ser humano e da cultura.
Fenomenologia (século XX)	E. Husserl, M. Scheler, M. Merleau-Ponty	A partir de uma análise rigorosa do fenômeno da consciência, a fenomenologia pretende fazer da filosofia uma ciência que descreva fielmente nossa experiência do mundo.
Filosofia analítica	B. Russell, R. Carnap, L. Wittgenstein	Corrente que entende a filosofia como uma reflexão sobre a estrutura lógica da linguagem. Muitos problemas clássicos da filosofia são considerados simples problemas de linguagem.
Filosofia da ciência (século XX)	Popper, Lakatos, Feyerabend, Kuhn	A ciência contemporânea se vê obrigada a repropor seus objetivos e, portanto, sua definição. A verdade já não é a meta. A ciência procura agora criar teorias úteis.
Existencialismo (século XX)	Jaspers, Heidegger, Sartre, Camus	Investiga o que não pode ser conhecido de forma objetiva, isto é, de forma exterior. A existência define o homem ao ser a experiência fundamental que só pode ser investigada a partir do interior e que é anterior a todo juízo.
Hermenêutica (século XX)	Gadamer, Ricoeur	Estuda a produção de significado nas ações humanas e observa sua vinculação profunda com a dimensão histórica da realidade humana. Todo sentido depende de uma interpretação e de um contexto histórico.
Estruturalismo (século XX)	Lacan, Barthes, Lévi-Strauss, Foucault, Derrida	Estudo dos diferentes aspectos da realidade individual e coletiva do homem a partir dos aportes das diferentes ciências humanas, como a linguística, a antropologia, a história e inclusive a psicanálise.
Teoria crítica (século XX)	Adorno, Horkheimer, Marcuse	Esses três pensadores formam o que chamamos também de Escola de Frankfurt. A partir das idéias de Marx, levam a termo uma crítica radical de diferentes aspectos da sociedade moderna.
Jürgen Habermas (1929-)		Herdeiro da Escola de Frankfurt, reflete sobre a relação entre teoria e prática e propõe uma nova classificação das ciências. Ultimamente se dedica a pesquisas sobre a atividade da comunicação.
Pós-modernidade (século XX)	Lyotard, Vattimo	Corrente filosófica que analisa de forma crítica os valores sobre os quais se apoiou a modernidade: a ciência, a razão, a sociedade de consumo, etc.

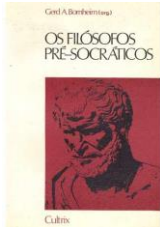
Mapa dos filósofos pré-socráticos da Grécia Antiga:

História da Filosofia Antiga



Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Template:Timeline_of_ancient_philosophers (Consultado em 04/07/2017)

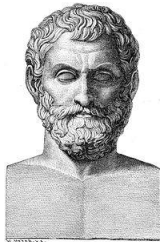
Filosofia:



Obra: **Os filósofos pré-socráticos**, Gerd A. Bornheim (org.), Editora Cultrix, São Paulo, 1999.



Sugestão de leitura: MACIEL Júnior, Auterives, *Pré-Socráticos – A invenção da Razão*, Editora Odisseus, 2008. Maciel aborda as principais ideias daqueles pensadores da Grécia antiga, entre 600 e 400 a.C., que expressaram essencialmente a mesma convicção: a de que a razão era o caminho para compreendermos o universo e seus mistérios



Tales de Mileto (623-556 a.C.). Foi um filósofo, matemático e astrônomo da Grécia Antiga. Foi considerado o primeiro filósofo ocidental.



Friedrich Nietzsche (1844-1900). Foi um filósofo alemão de maior influência no século XX e início do século XXI. Sua filosofia enaltece os filósofos pré-socráticos e problematiza/rejeita a filosofia socrática-platônica.

Texto 1 – Fragmentos e doxografias dos pré-socráticos presentes na obra: **Os filósofos pré-socráticos**, Gerd A. Bornheim (org.), Editora Cultrix, São Paulo, 1999.

Comentários e material de apoio; **Pré-Socráticos, A Invenção da Razão**, Auterives Maciel Júnior, Ed. Odisseus, São Paulo, 2007.

Os pré-socráticos são os primeiros filósofos que nós temos conhecimento. Suas reflexões passam principalmente sobre **a origem e funcionamento do universo**. Eles estão preocupados com o primeiro elemento criador, com as leis que regem o cosmos etc. Aqui se vê claramente uma fusão entre ciência e filosofia. Vale estudá-los para compreender o significado daquilo que está por trás de suas indecifráveis frases, para espantar-se diante de tanta clareza e genialidade num tempo em que não existiam artefatos tecnológicos para confirmar suas reflexões. **De Tales à Demócrito, encontraremos teorias que nos farão pensar de onde viemos?, o que fazemos aqui?, para onde vamos?**

1-TALES DE MILETO

“Tudo é água.” (Fragmento – Tales)

“Tales afirmava que a terra flutua sobre a água. Mover-se-ia como um navio; e quando se diz que ele treme, em verdade flutuaria em consequência do movimento da água.” (Doxografia – Sêneca, Nat. Quaest. III, 14).

“A maior parte dos filósofos antigos concebia somente princípios materiais como origem de todas as coisas (...). Tales, o criador de semelhante filosofia, diz que a água é o princípio de todas as coisas (por essa razão afirmava também que a terra repousa sobre a água).” (Doxografia - Aristóteles, Metaph. I, 3).

Comentários:

-A água é a substância primeira, a partir



“Seu caso de personalidade tripla é realmente muito sério”

3 estados da matéria

Música:



Planeta Terra – Guilherme Arantes

<https://www.youtube.com/watch?v=xzh0j4xt7io>

Colocar a água como elemento que dá origem a vida, gênese, criação



Anaximandro de Mileto (610-547 a.C.) retratado por Rafael na obra *A Escola de Atenas* (1509-1511) – obra renascentista.



Vocabulário:

Ápeiron: a realidade infinita, ilimitada, invisível e indeterminada que é a essência de todas as formas do universo, sendo concebida como o elemento primordial a partir do qual todos os seres foram gerados e para o qual retornam após a sua dissolução. Reflita sobre a etimologia da palavra: A (não/sem) + peiron (perímetro/limite)

da qual são compostas todas as outras coisas.

-Quando Tales afirma que “tudo é água”, ele propõe que “tudo é um”, ou seja, que há uma unidade que pode ser compreendida pela razão no meio da diversidade da Natureza.

Friedrich Nietzsche comentou o início da filosofia com Tales de Mileto da seguinte maneira:

“**A filosofia grega parece** começar com uma ideia absurda, com a proposição: a água é a origem e a matriz de todas as coisas. Será mesmo necessário deter-nos nela e levá-la a sério? Sim, e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo lugar, porque faz sem imagem e fabulação; e enfim, em terceiro lugar, porque nela, embora apenas em estado de crisálida, está contido o pensamento: “Tudo é um”. A razão citada em primeiro lugar deixa Tales ainda em comunidade com os religiosos e supersticiosos, a segunda o tira dessa sociedade e no-lo mostra como investigador da natureza, mas, em virtude da terceira, Tales se torna o primeiro filósofo grego.”

2-ANAXIMANDRO DE MILETO

“**Todas as coisas se dissipam onde tiveram a sua gênese, conforme a necessidade; pois pagam umas às outras castigo e expiação pela injustiça, conforme a determinação do tempo.**” (Fragmento - Anaximandro)

“O **ilimitado** é **eterno.**” (Fragmento - Anaximandro)

“O **ilimitado** é **imortal** e **indissolúvel.**” (Fragmento - Anaximandro)

Comentários:

-A substância que governa o Universo e da qual tudo provém é o **Ápeiron**, ou “o que não tem limites”. Esse ilimitado também não pode ser percebido, **só pensado**.

-A razão da separação do ilimitado é a **injustiça**, que mais tarde só o perecimento das coisas irá expiar.

-**Tudo que existe possui certo tempo de existência. É justo que cada ser exista por um período, para que assim, após o seu fim, outros possam existir em seu lugar.**

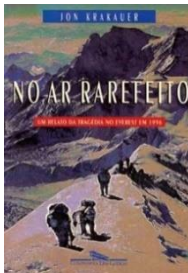


Anaxímenes de Mileto
(588-524 a.C.)

Ciência:

Ar: abstrato e concreto.
Ar comprimido: sólidos
Ar condensado: água
Ar rarefeito: gases pouco densos.

Literatura:



No Ar Rarefeito (1997), Jon Krakauer (1954-...). Livro relata a expedição do autor ao Monte Everest.



Heráclito de Éfeso (535-475 a.C.) retratado por Rafael na obra *A Escola de Atenas* (1509-1511) – obra renascentista.

Vocabulário:

Devir: é um conceito filosófico que significa as mudanças pelas quais passam as coisas.

Vir-a-ser: o mesmo que devir.

“Não é possível entrar duas vezes no mesmo rio, isto porque, o rio muda a cada instante e nós também.”
Heráclito

3- ANAXÍMENES DE MILETO

“Como nossa alma, que é ar, nos governa e sustém, assim também o sopro e o ar abraçam o cosmos.” (Fragmento - Anaxímenes)

“Anaxímenes, companheiro de Anaximandro, afirma, como este, uma única matéria ilimitada como substrato; não indeterminada, como Anaximandro, mas determinada, chamando-a de ar: diferencia-se pela rarefação ou pela condensação segundo a substância.” (Simpl., *Phys.* 24,26 - Doxografia)

Comentários:

-A substancia primordial que deu origem a tudo é o ar.

4 - HERÁCLITO DE ÉFESO

“O Sol é) novo todos os dias.” (Heráclito - Fragmentos)

“Tudo se faz contrastes; a luta dos contrários nasce a mais bela harmonia.” (Heráclito - Fragmentos)

“Morto é tudo o que nós vemos acordados; sonho, tudo o que vemos dormindo.” (Heráclito - Fragmentos)

“O que aguarda os homens após a morte, não é nem o que esperam nem o que imaginam.” (Heráclito - Fragmentos)

“Este mundo, igual para todos, nenhum dos deuses e nenhum dos homens o fez; sempre foi, é e será um fogo eternamente vivo, acendendo-se e apagando-se conforme a medida.” (Heráclito - Fragmentos)

“O Uno, o único sábio, recusa e aceita ser chamado pelo nome de Zeus.” (Heráclito - Fragmentos)

“Só uma coisa é sábia: conhecer o pensamento do que governa tudo através de tudo.” (Heráclito - Fragmentos)

Música:



Metamorfose Ambulante:
Raul Seixas

<https://youtu.be/7VE6PNwMr9g>

Eu prefiro ser / Essa metamorfose ambulante / Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo / Eu quero dizer / Agora o oposto do que eu disse antes (...)

O ser é e não é ao mesmo tempo, isto quer dizer que a mudança é tão intensa que não conseguimos determinar o ser.

Música:



<https://www.youtube.com/watch?v=XFa73hizR-4>

Lulu Santos

Como uma onda

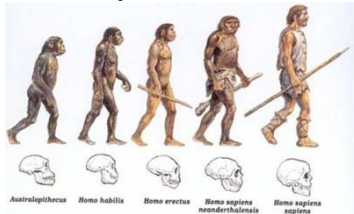
Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia / Tudo passa
Tudo sempre passará
A vida vem em ondas
Como um mar (...)

Biologia:



Fases de uma borboleta.

História/Pré-História:



Do *Australopithecus* ao *Homo Sapiens Sapiens*.

“Descemos e não descemos nos mesmos rios; somos e não somos.” (Heráclito - Fragmentos)

“(Heráclito afirma a unidade de todas as coisas: do separado e do não separado, do gerado e do não gerado, do mortal e do imortal, da palavra (logos) e do eterno, do pai e do filho, de Deus e da justiça). É sábio que os que ouviram, não a mim, mas as minhas palavras (**logos**), reconheçam que **todas as coisas são um.**” (Heráclito - Fragmentos)

“O caminho para baixo e o caminho para cima é um e o mesmo.” (Heráclito - Fragmentos)

“Pois tudo o jogo, aproximando-se, julgará (e condenará)” (Heráclito - Fragmentos)

“É necessário saber que a guerra é o comum; e a justiça, discórdia; e que tudo acontece segundo discórdia e necessidade.” (Heráclito - Fragmentos)

“Eis as suas teorias. Tudo foi feito pelo fogo e tudo se dissipa no fogo. Tudo está submetido ao destino. E o movimento determina toda a harmonia do mundo. Tudo está cheio de espíritos e de demônios. (...) Eis como expõe suas teorias em cada parte de seu livro. O fogo é um elemento e **tudo se faz pelas transformações do fogo**, quer por rarefação, quer por condensação. Contudo, nada explica com suficiente clareza: assim diz que tudo se faz pela oposição dos contrários, e **que o todo flui como um rio.** O Universo, segundo ele, é limitado, e há só um cosmos, **nascido do fogo e que voltará ao fogo após certos períodos, eternamente.** É o destino que assim quer.” (Diog. Laert. IX, 7-11 - Doxografia)

Comentários:

-O logos coincide com a própria phýsis (como uma razão intrínseca à Natureza).

-Tudo que existe é fruto de um combate; a própria existência é um combate.

-Não podemos entrar duas vezes no mesmo rio: tudo que existe flui e muda. A permanência e a eternidade em repouso não passam de ilusões. A mudança contínua é o que rege o cosmo.

Geografia:

Deriva Continental



Pangeia, Laurásia e Gondwana e Mundo Moderno

Vocabulário filosófico:

Logos: conjunto harmônico de leis que comandam o universo, formando uma inteligência cósmica onipresente que se plenifica no pensamento humano.

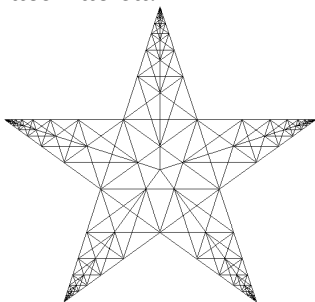
Alétheia: verdade, no sentido de desvelamento.

Physis: a natureza enquanto fonte de progresso e evolução.

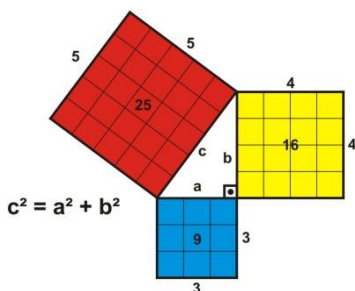


Pitágoras de Samos (570-490 a.C.) Foi um filósofo e matemático da Grécia antiga.

Matemática:



O pentagrama era o símbolo da Escola Pitagórica.



Teorema de Pitágoras: a soma dos quadrados dos catetos é igual ao quadrado da hipotenusa.

5 - PITÁGORAS DE SAMOS

“O princípio de tudo é o número.”

(Pitágoras - Fragmento)

Comentários:

-Sua principal teoria era baseada nos números. Enquanto os filósofos de Mileto acreditavam que a causa de tudo era um elemento físico ou o infinito de Anaximandro, **o pensador defendia que os números eram o motivo e o princípio de tudo.** Até o cosmos poderia ser quantificado de acordo com a teoria pitagórica. Mas **os números de Pitágoras eram diferentes dos nossos algarismos.** Não eram abstratos e ocupavam uma dimensão espacial, em formas de quadrados e triângulos. (Explicação didática sobre a teoria de Pitágoras)

-Tudo é número (verdade divina). Há relações numéricas entre todos os elementos da Natureza e da vida.

-Os pitagóricos estabelecem fortes relações entre Matemática e Música. Harmonia inteligível versus harmonia sensível. A harmonia inteligível é a razão da harmonia sensível. Dentro da música: a harmonia que ouvimos acontece por causa de relações entre os números. Aplicado à Natureza: as dissonâncias locais entre as coisas se resolvem em consonâncias universais.

-a natureza é vista como concerto musical; uma beleza harmônica rege o Universo.

6 - PARMÊNIDES DE ELÉIA

“Pois pensar e ser é o mesmo.”

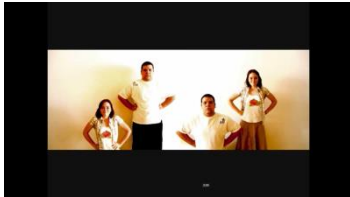
(Parmênides - Fragmento)

“Necessário é dizer e pensar que só o ser é; pois o ser é, e o nada, ao contrário, nada é: afirmação que bem deves considerar. Desta vida de investigação, eu te afasto; mas também daquela outra, na qual vagueiam os mortais que nada sabem, cabeças duplas. Pois é a ausência de meios que move, em seu peito, o seu espírito errante. Deixam-se levar, surdos e cegos, mentes obtusas, massa indecisa, para a qual o ser e o não-ser é considerado o mesmo e não o mesmo, e para a qual em tudo há uma via contraditória.” (Parmênides - Fragmento)

Vídeos sobre Pitágoras:



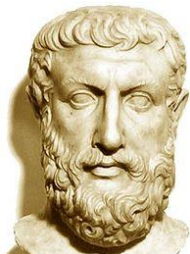
<https://www.youtube.com/watch?v=YEpcuMdpBE8>
Pato Donald e a Matemática



<https://www.youtube.com/watch?v=-WXE2CO64I>
Pitágoras é o cara!



<https://www.youtube.com/watch?v=3rijdn61.9sQ>
History Channel - A história do número 1



Parmênides de Eléia (530-460 a.C.)

O ser é e o não ser não é.

Princípio de identidade: aquilo que pensamos é aquilo que existe

Princípio de não contradição: uma coisa não pode ser e não ser algo ao mesmo tempo

Vídeo/ciência:



<https://www.youtube.com/watch?v=64mvFTs5UGs&t=22s>
Pré-socráticos (Mundos Invisíveis)
Programa Fantástico

“Resta-nos assim um único caminho: o ser é. Neste caminho há grande número de indícios: não sendo gerado, é também imperecível; possui, com efeito, uma estrutura inteira, inabalável e sem meta; jamais foi nem será, pois é, no instante presente, todo inteiro, uno, contínuo. Que geração se lhe poderia encontrar? Como, de onde cresceria? **Não permitirei dizer nem pensar o seu crescer do não-ser. Pois não é possível dizer nem pensar que o não-ser é. Se viesse do nada, qual necessidade teria provocado seu surgimento mais cedo ou mais tarde?** Assim pois, é necessário ser absolutamente ou não ser. E jamais a força da convicção concederá que do não-ser possa surgir outra coisa.” (Parmênides - Fragmento)

Comentários:

-Princípio de identidade entre o ser e o pensar. Pensamos aquilo que é. Aquilo que é pensamos.

- O Ser (Éον) é o princípio absoluto do Universo, porém na condição de conceito abstrato.

- A observação vinda dos sentidos é a fonte das opiniões e ilusões. O pensamento puro (ou a razão pura) é o único caminho da verdade.

- Unidade e a imobilidade do Ser.

- O mundo sensível é uma ilusão.

- O Ser é uno, eterno, não-gerado e imutável.

- Não se confia no que vê.

7 - EMPÉDOCLES DE AGRIGENTO

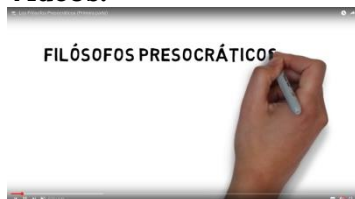
“Assim como (o Amor e o Ódio) eram antes, assim também serão mais tarde, e jamais, creio eu, ficará vazio destes dois o tempo infinito.” (Empédocles - Fragmento)

Comentários:

-A Natureza, na sua origem, é plural, vem de uma mistura dos quatro elementos (ar, terra, fogo e ar). Tudo que existe é composto dos quatro elementos em proporções diversas.

-A combinação dos elementos se dá como efeito de duas forças contrárias: o amor (união) e o ódio (separação).

Vídeos:



Los filósofos pré-socráticos (1ª parte)

https://www.youtube.com/watch?v=TBvE6_Vto7A&index=2&list=PL8PEFpPr13fjdUUstP-VgS84q_chQwCcp



Los filósofos pré-socráticos (2ª parte)

https://www.youtube.com/watch?v=jvRHC_s3CJs&index=3&list=PL8PEFpPr13fjdUUstP-VgS84q_chQwCcp



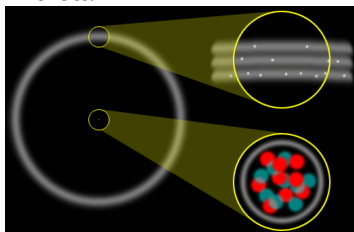
Empédocles:

Amor e ódio: forças opostas de atração e separação entre os seres que compõe o cosmo.



Empédocles (490-430 a. C.): filósofo pluralista. A origem do universo em 4 elementos distintos: água, fogo, terra e ar. A mesma teoria foi utilizada e desenvolvida por Aristóteles.

Física:



Representação de um átomo

8 - DEMÓCRITO DE ABDERA

“Há apenas átomos e vazio.” (Demócrito - Fragmento)

Comentários:

-Os atomistas propõem uma conciliação entre as ideias divergentes dos outros filósofos pré-socráticos.

- Os átomos são maciços, indestrutíveis, unos, plenos, eternos e imperceptíveis. Podem ser pensados, mas não percebidos.

-A *phýsis* é constituída por uma infinidade de átomos.

-Há muitos seres na origem do Universo, e não um só. Eles são entidades compactas, os átomos, que são também indivisíveis. Entre eles há um vazio, e o vazio existe.

-átomos (do grego, "a", negação e "tomo", divisível. *Átomo*= indivisível)

ATIVIDADE 1

Assista aos vídeos abaixo, anote as principais ideias apresentadas e escreva um texto de cunho pessoal sobre a sua opinião para a origem do cosmos. É importante você se utilizar das ideias apresentadas pelos filósofos pré-socráticos, as explicações das religiões e da ciência. **Prepare-se para uma aula debate sobre o tema.**



Quão pequeno é um átomo? TED-ED

<https://www.youtube.com/watch?v=qfITRYcnP84&list=FLUbD2HTCbMuLu2rMErEEiJQ&index=98>

Astronomia:



O tamanho do universo

<https://www.youtube.com/watch?v=ZH12Zw9b7je>

“A filosofia remove o **dogmatismo** um tanto arrogante daqueles que nunca chegaram a empreender viagens nas regiões da **dúvida libertadora**; e vivifica nosso sentimento de admiração, ao mostrar as coisas familiares num determinado aspecto não familiar.”
Bertrand Russell

Tema transversal:
Transformação ligada ao gênero
Projeto vida - Humanística
Transsexualidade



Filme:



A garota dinamarquesa (2016)
Direção: Tom Hooper

Atividade 2

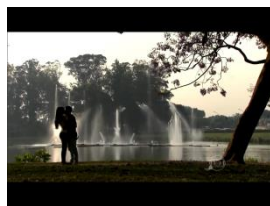
Vamos falar sobre transexualidade? Projeto vida – Humanística
Heráclito de Éfeso relacionado a mudança de gênero

Charge de Laerte



Assista ao vídeo: Profissão repórter – transexualidade

Prepare-se sobre uma aula debate sobre o tema transexualidade.



Profissão repórter - Transexualidade

<https://www.youtube.com/watch?v=d9xHzTeYguo>

Escreva informações relevantes no documentário:

Tema transversal
Projeto Democracia

Humanística

**Política, cidadania e
Corrupção**



“
Um país sem
corrupção
depende da
honestidade
do seu povo”



Comece dando o exemplo.
facebook.com/cnj.licitad

Vocabulário:

Cidadania: condição de pessoa que, como membro de um Estado, se acha no gozo de direitos que lhe permitem participar da vida política.

Relativismo:

Ponto de vista epistemológico (adotado pela *sofística*, pelo *ceticismo*, *pragmatismo* etc.) que afirma a relatividade do conhecimento humano e a incognoscibilidade do absoluto e da verdade, em razão de fatores aleatórios e/ou subjetivos (tais como interesses, contextos históricos etc.) inerentes ao processo cognitivo.

Ceticismo:

Doutrina segundo a qual o espírito humano não pode atingir nenhuma certeza a respeito da verdade, o que resulta em um procedimento

Texto 2 – Os Sofistas

Após o surgimento da democracia na Grécia antiga, várias transformações ocorreram na sociedade, exigindo novas formas de se relacionar. A democracia era o sistema de governo que pressupunha a escolha periódica de executores e elaboradores das leis. E para isso, não havia nenhum critério.

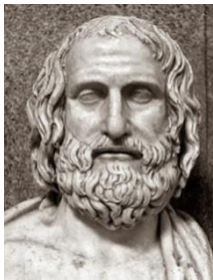
Neste período, em que já estão avançadas as questões cosmológicas, a busca pelo ser das coisas deixa de ser o foco principal das questões filosóficas, **que agora se ocupa com o homem e suas potencialidades**. Era preciso saber falar para fazer valer seus interesses nas assembleias. Surgem, então, os famosos oradores denominados **Sofistas**, palavra que significa sábio em grego.

Esses homens, portadores de uma eloquência incomum, propunham ensinar qualquer coisa aos cidadãos que almejassem os cargos públicos ou simplesmente que se defenderiam em um caso litigioso. No entanto, **suas técnicas nada mais eram do que ensinar a persuadir convencendo seu interlocutor em um debate, seja pela emoção, seja pela passividade deste**. Ardilosos oradores, os sofistas fascinavam àqueles que ouviam suas palestras, ensinando como transformar um argumento fraco em um argumento forte e vice-versa. Para eles, fácil era convencer conforme seus interesses, por isso conseguiam provar que uma coisa ora era branca, ora preta. **O importante era convencer a qualquer custo**. Mediante salários (ou seja, cobravam pelo ensino), eles ensinavam a quem pudesse pagar, sobre qualquer coisa, dizendo serem portadores de um saber universal. Mas na prática, ensinavam como refutar o seu adversário, não se preocupando com a relação que as palavras tinham com as coisas, articulando-as segundo as necessidades do debate para convencer e derrotar seu oponente.

São famosos e numerosos os sofistas que atuaram na Grécia antiga, em especial em Atenas, onde a cultura floresceu com mais evidência. Hípias, Pródico, Antístenes, Trasímaco são apenas alguns exemplos históricos destes que inventaram um certo modo de viver numa política que pressupunha a isonomia (leis iguais para todos os cidadãos). No entanto, podemos destacar especialmente dois dos maiores sofistas de todos os tempos: **Górgias e Protágoras**.

Protágoras é conhecido como o primeiro sofista. Sua fama se estendia por todas as colônias e era um homem culto e bem sucedido. Aliás, a estima do público, a vaidade e o reconhecimento era algo de que todos os

intelectual de dúvida permanente e na abdicação, por inata incapacidade, de uma compreensão metafísica, religiosa ou absoluta do real.



Protágoras (480-415 a.C.). Foi um sofista da Grécia Antiga, célebre por cunhar a frase: "O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são."



Górgias (483-375 a.C.). Foi um filósofo sofista, também conhecido como "O Niilista". Sua filosofia pautava-se na crença do não conhecimento certo e seguro sobre o Ser.

Vídeos:



Los Sofistas

Unboxing Philosophy



sofistas se valiam, pois para eles o que importa é o momento e jamais o que se tem depois de morto. Questões espirituais eram descartadas, gerando algumas acusações de impiedade, das quais o próprio Protágoras conseguiu escapar.

Este eminente orador vivia uma forma de absoluto subjetivismo relativista. Sua máxima "**O homem é a medida de todas as coisas**" ilustra bem o modo de pensar das diferentes pessoas. Isto quer dizer que cada pessoa, pensa, deseja e busca algo para si, de tal forma única que impossibilita que exista uma verdade absoluta. A verdade, segundo Protágoras, depende de cada um, depende de como cada coisa aparece para cada um em seu juízo. O que pode ser verdade para um, pode não o ser para outro. Com esse relativismo moral, ele rejeita toda verdade universal. Se algo te parece bom, faça. Se isso traz benefício a você e prejuízo aos outros, faça assim mesmo.

Com isso, Protágoras também desacreditava dos deuses. Seu pragmatismo imediatista afirmava que se você nada pode saber dos deuses, eles não servem para nada e, assim, você pode ser indiferente a eles. Esse foi um dos motivos pelos quais ele foi acusado de impiedade.

Outro ilustre sofista e não menos importante foi Górgias. Descartando qualquer noção de moral ou virtude, ele determinou a persuasão como algo essencial ao homem. Segundo ele, o domínio dessa técnica permite ao homem conhecer todas as coisas e, com isso, ser feliz.

Górgias redigiu um tratado sobre o Não Ser, em resposta ao filósofo Parmênides, em que consta o resumo de seu modo **Niilista** de pensar. Para ele, nada existe de real; e se nada existe, o homem não pode conhecer verdadeiramente nada; e mesmo que algo exista e possa a ser conhecido, seria impossível comunicar aos outros este conhecimento.

Desse modo, Górgias acentua o seu **ceticismo**, evidenciando a impossibilidade de um conhecimento definitivo e propiciando um ambiente em que o mundo só tem o valor daquilo que o homem confere, consciente de sua efemeridade, ou seja, que o homem é um ser passageiro e que age apenas para satisfazer seus interesses pessoais.

Por João Francisco P. Cabral

Colaborador Brasil Escola

Fonte: <http://brasilescola.uol.com.br/filosofia/os-sofistas.htm>

Atividade 1

Qual a definição senso comum para os Sofistas? Qual



"O PREÇO A PAGAR PELA TUA
NÃO PARTICIPAÇÃO NA POLÍTICA
É SERES GOVERNADO
POR QUEM É INFERIOR."
-PLATÃO (C. 428-347 A.C.)

TV/SESC: Filosofia POP CORRUPÇÃO



<https://www.youtube.com/watch?v=5vUQowv4eo>

Márcia Tiburi conversa com o juiz de direito Marcelo Semer e o professor e psicanalista Tales Ab'Saber sobre o limite entre nossas escolhas e a esfera criminal, a tentação de culpar os outros e a dificuldade de reconhecer a representação do mal.

Para saber mais: A corrupção nossa de cada dia – El País

http://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/04/sociedad/1386197033_853176.html



"A corrupção é um mal social," afirma Prof. Leandro Karnal.
<https://www.youtube.com/watch?v=Jv6F1tJ-8C4>



JC Debates –
Pequenas Corrupções
<https://www.youtube.com/watch?v=K0ckAWbrz3M>

Texto A

“É preciso ensinar esses jovens a ter ética, transparência e também a exercer cidadania.”

Quase um em cada quatro brasileiros (23%) afirma que dar dinheiro a um guarda para evitar uma multa não chega a ser um ato corrupto, de acordo com uma pesquisa realizada pela Universidade Federal de Minas Gerais e o Instituto Vox Populi. Os números refletem o quanto atitudes ilícitas, como essa, de tão enraizadas em parte da sociedade brasileira, acabam sendo encarados como parte do cotidiano.

“Muitas pessoas não enxergam o desvio privado como corrupção, só levam em conta a corrupção no ambiente público”, diz o promotor de Justiça Jairo Cruz Moreira. Ele é coordenador nacional da campanha do Ministério Público “O que você tem a ver com a corrupção”, que pretende mostrar como atitudes que muitos consideram normal são, na verdade, um desvirtuamento ético (...).

Aceitar essas pequenas corrupções legitima aceitar grandes corrupções”, afirma o promotor. “Seguindo esse raciocínio, seria algo como um menino que hoje não vê problema em colar na prova ser mais propenso a, mais pra frente, subornar um guarda sem achar que isso é corrupção.”

Segundo a pesquisa da UFMG, 35% dos entrevistados dizem que algumas coisas podem ser um pouco erradas, mas não corruptas, como sonegar impostos quando a taxa é cara demais.

Otimismo: Mas a sondagem também mostra dados positivos, como o fato de 84% dos ouvidos afirmar que, em qualquer situação, existe sempre a chance de a pessoa ser honesta.

A psicóloga Lizete Verillo, diretora da ONG Amarribo (representante no Brasil da Transparência Internacional), afirma que em 12 anos trabalhando com ações anti-corrupção ela nunca esteve tão otimista – e justamente por causa dos jovens. “Quando começamos, havia um distanciamento do jovem em relação à política”, diz Lizete. “Aliás, havia pouco engajamento em relação a tudo, queriam saber mais é de festas. A corrupção não dizia respeito a eles.” “Há dois anos, venho percebendo uma grande mudança entre os jovens. Estão mais envolvidos, cobrando mais, em diversas áreas, não só da política.”

Para Lizete, esse cenário animador foi criado por diversos fatores, especialmente pela explosão das redes sociais, que são extremamente populares entre os jovens e uma ótima maneira de promover a fiscalização e a mobilização.

Mas se a internet está ajudando os jovens, na opinião da psicóloga, as escolas estão deixando a desejar na hora de incentivar o engajamento e conscientizá-los sobre a corrupção. “Em geral, a escola é muito omissa. Estão apenas começando nesse assunto, com iniciativas isoladas. O que é uma pena, porque agora, com o mensalão, temos um enorme passo para a conscientização, mas que pouco avança se a educação não seguir junto”, diz a diretora. “É preciso ensinar esses jovens a ter ética, transparência e também a exercer cidadania.”

Adaptado de http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/11/121024_corrupcao_lista_mdb.shtml em 19/02/2014.

TEXTO B

A campanha (O que você tem a ver com a corrupção?) se

Lei de Gérson



<https://www.youtube.com/watch?v=J6brObB-3Ow>

A Lei da Vantagem ou **Lei de Gérson** é um princípio em que determinada pessoa ou empresa brasileira deve obter vantagens de forma indiscriminada, sem se importar com questões éticas ou morais. A "Lei de Gérson" acabou sendo usada para exprimir traços bastante característicos e pouco lisonjeiros do caráter nacional, que passa a ser interpretado como caráter da população, associados à disseminação da corrupção e ao desrespeito a regras de convívio para a obtenção de vantagens.

A expressão originou-se em uma propaganda de 1976 criada pela Caio Domingues & Associados, que havia sido contratada pela fabricante de cigarros J. Reynolds, proprietária da marca de cigarros Vila Rica, para a divulgação do produto. O vídeo apresentava o meia armador Gérson, jogador da Seleção Brasileira de Futebol como protagonista.

justifica pela necessidade de se educar a sociedade por meio do estímulo à ética, à moralidade e à honestidade, construindo um processo cultural de formação de consciência e de responsabilidade dos cidadãos a partir de três tipos de responsabilidades (...): 1) a responsabilidade para com os próprios atos, ou responsabilidade individual; 2) a responsabilidade para com os atos de terceiros, ou responsabilidade social ou coletiva e; 3) a responsabilidade para com as gerações futuras a partir de um agir consciente. Dessa forma, pretende-se contribuir com a prevenção da ocorrência de novos atos de corrupção e com a conseqüente diminuição dos processos judiciais e extrajudiciais, por meio da educação das gerações futuras, estimulando, ainda, o encaminhamento de denúncias populares e a efetiva punição de corruptos e corruptores. Além disso, é dever institucional do Ministério Público combater a corrupção, repressiva e preventivamente, estimulando, inclusive, o desempenho das atribuições e das atividades extrajudiciais.

Objetivos: Reduzir a impunidade nacional, ou seja, cobrar a efetiva punição dos corruptos e dos corruptores, abrindo um canal real para oferecimento e encaminhamento de denúncias; educar e estimular as gerações novas através da construção, em longo prazo, de um Brasil mais justo e mais sério, destacando o papel fundamental de nossas próprias condutas diárias; aproveitar momentos do cotidiano infanto-juvenil (família, escola e comunidade) para propiciar a vivência de atividades que os levem a conhecer esses princípios, estimulando-os a praticá-los no seu ambiente de convívio social; divulgar a ideia em locais e acontecimentos informais (sociais, esportivos, campanhas e eventos), possibilitando o alcance da campanha a um público maior.

Extraído de <http://www.oquevocêtemavercomacorrupcao.com/> em 19/02/2014.

Filosofia:

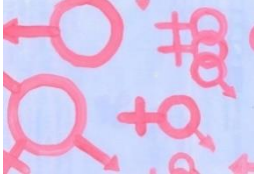


O Banquete, de Platão

Tema transversal

Projeto Vida - Humanística

Amor e Sexualidades



Vocabulário:

Estereótipo:

Imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação. São usados principalmente para definir e limitar pessoas ou grupo de pessoas na sociedade. Sua aceitação é ampla e culturalmente difundida no ocidente, sendo um grande motivador de preconceito e discriminação.

Amor platônico (senso comum): amor idealizado, inatingível.

Eros: Deus do amor (sexual), sua origem remonta o início da narrativa mítica.

Hesíodo: Na narrativa mítica, Eros é um dos primeiros deuses a surgirem a partir de Caos.

Andrógenos: ser que mistura de características femininas e masculinas em um único ser, ou uma forma de descrever algo que não é nem masculino e nem feminino.

“**Platão** em seus estudos conheceu e se aprofundou nas teorias de dois dos maiores filósofos pré-socráticos, **Heráclito** de Éfeso e **Parmênides** de Eléia. Antagônicas entre si, **Platão** reconheceu certo acerto na filosofia de ambos os filósofos e procurou resolver o problema criando sua própria teoria.

De **Heráclito**, **Platão** considerou correto as percepções do mundo **material e sensível**, das imagens e opiniões. Para ele, a matéria era algo imperfeito, em constante estado de mudança.

Concluiu, no entanto, que Parmênides também estava certo ao exigir que a Filosofia se afastasse desse mundo

Texto 3 – Platão

Amor platônico?

Dossiê: O amor, segundo Platão, não é impossível

Marcelo P. Marques

O “amor platônico” é um dos **estereótipos** mais conhecidos da tradição ocidental. Se olharmos de perto os textos de Platão, ficaremos surpresos com o quanto **suas ideias são distorcidas**. É comum dizer que o “amor platônico” refere-se a uma **relação na qual aquele que ama idealiza o outro: a pessoa amada é ideal e, portanto, inatingível**. Tão grande é a distância entre o sujeito e o objeto de seu “amor”, que o outro nem fica sabendo que é amado. O texto mais conhecido de Platão sobre o amor é o diálogo **O Banquete**, no qual se narra o encontro de cidadãos atenienses dispostos a elogiar o deus **Eros**.

O amor é e não é um deus.

Para os gregos antigos, o amor é um deus e tem nome próprio, Eros. Segundo **Hesíodo**, por exemplo, ele é um dos deuses mais antigos e **atua no universo agregando os elementos e os seres**.

Em **O Banquete**, de Platão, o personagem **Fedro** começa elogiando Eros como fonte dos maiores bens, inspirador dos amantes e instigador do arrebatamento nos heróis. O segundo a falar é **Pausânias**, para quem, na verdade, existem dois deuses: Eros urânio (celeste) e Eros pandêmio (popular), um associado à força educadora da excelência humana (virtude), outro ligado à satisfação dos apetites, de maneira irrefletida. Para o **médico Erixímaco**, Eros organiza os movimentos dos astros, ordena as estações e atua nos corpos de todos os seres, provocando cópulas e associações variadas. É assim que as ações do agricultor e do médico devem levar em conta a força erótica divina, seja para ter boas colheitas, seja para promover a saúde. Também o músico deve contar com o favor do deus para criar acordes, ou, sem ele, provocar dissonâncias. **Agathon, o poeta trágico**, propõe, por sua vez, um só Eros, do qual pinta uma imagem positiva exacerbada: ele é o mais belo, o mais jovem, o mais feliz, o mais hábil, o mais corajoso, o mais temperante; ao agir, só favorece coisas boas, como a paz e a familiaridade entre os seres.

Mas, por outro lado, o amor não é um deus. Na verdade, **ele é uma dimensão interna ou estrutural dos seres humanos**, força que determina as modalidades de atração, seja no sentido da

sensível, para ocupar-se do mundo verdadeiro, visível apenas ao puro pensamento. Com um toque de seu mestre **Sócrates**, de quem **Platão** aproveita a noção de *logos*, está criada a teoria platônica e a distinção dos mundos sensíveis e inteligíveis. Platão afirma haver dois mundos diferentes e separados: 1) **o mundo sensível**, dos fenômenos e acessível aos sentidos; e 2) **o mundo das ideias** gerais (inteligível), "das essências imutáveis, que o homem atinge pela contemplação e pela depuração dos enganos dos sentidos".

Fonte:
<http://www.webartigos.com/artigos/platao-e-a-distincao-entre-o-mundo-sensivel-e-o-mundo-das-ideias/6969/>

Filosofia de Platão:

Mundo Sensível	Mundo inteligível
Diferença	Identidade
Aparência	Essência
Particular	Universal
Contingente	Necessário
Relativo	Absoluto
Corpo (soma)	Alma (psiqué)
Corpóreo	Incorpóreo
Finito	Infinito
Dóxa (opinião)	Epistême (ciência)

Ideia de cavalo



Cavalos no mundo sensível

Jogos:



Filosofighter: Escolha o seu filósofo (Platão, Santo Agostinho, Maquiavel, Descartes, Rousseau, Marx, Nietzsche, Simone de Beauvoir e Sartre) e bom divertimento.

<http://super.abril.com.br/multi-media/filosofighters-631063.shtml>

Jogue com Platão e utilize os golpes: *Mundo das Ideias* e *A Caverna*.

procriação, seja no sentido da satisfação dos apetites, propiciando um apaziguamento que ameniza a vida e permite que todos se ocupem de seus afazeres. Segundo **Aristófanes**, o poder de Eros surge do fato de os humanos terem sido cortados ao meio, o que faz com que passem a vida buscando suas metades perdidas. Seja pela reprodução, seja pela satisfação proporcionada pelo sexo, é eroticamente que os indivíduos tentam restaurar sua antiga natureza.

Quando chega a vez de **Sócrates** falar, ele recorre à fala da sacerdotisa **Diotima**, para quem Eros não pode ser um deus, afinal, *quem ama deseja algo que não tem*; logo, **o amor é uma carência**. Se ele é desejo de coisas belas e boas, não pode ser belo nem bom, pois, como potência interna ao humano, não tem ou não é aquilo que busca. Os pais de Eros seriam Penia (pobreza) e Poros (recurso); mas, em vez de deuses, eles acabam se transformando em causas imanescentes que fazem parte de uma nova concepção do amor: *não sendo nem bom nem mau, nem belo nem feio, nem sábio nem ignorante, ele é um ser intermediário, uma potência que se situa entre o divino e o humano*.

O amor é e não é um sentimento.

Segundo alguns, o amor é um sentimento, ou melhor, um modo como os seres humanos são afetados perante objetos ou seres que os atraem e os marcam. Para **Fedro**, o amor é uma espécie de sentimento de solidariedade civil, que move os indivíduos a se associar e a construir pactos; um sentimento de amizade, reciprocidade, levando ao cuidado com o bem do outro, nobre e elevado. Em seu grau máximo, ele é o que leva o amigo guerreiro a morrer pelo seu companheiro de armas, ou ainda a fazer com que a esposa se sacrifique pelo marido.

Quando **Pausânias** propõe dois tipos de Eros, separa o ato de amar da maneira como realizamos esse ato. Se o ato de amar é, em si mesmo, indiferente, o sentimento que marca o modo como amamos faz a diferença; o amor instintivo e irrefletido é vil, porque não traduz uma consciência do outro. *Mas o amor elevado é o sentimento que nos leva a desejar e promover o bem e o crescimento do amado*.

Já na perspectiva de **Aristófanes**, o amor não é mero sentimento, mas algo permanente, como um modo de ser da espécie humana, na medida em que está presente *no fato de sermos estruturalmente incompletos*. A busca de completude determina-nos,

Arte:



Detalhe da obra *Escola de Atenas* (1509-11), do pintor renascentista Rafael.

Poesia/Arte:



Aristófanes (447-386 a.C.). Foi um famoso dramaturgo da Grécia antiga, considerado um dos mais importantes representantes da comédia Antiga. Uma de suas obras famosas está *As Nuvens* (423 a.C.), que retrata Sócrates como um sofista patético, mestre em retórica.

Vocabulário:

Essência: Na filosofia grega até Platão, a essência - *eidos* - tem a conotação peculiar daquilo que, numa coisa, é permanente e central, em oposição ao transitório e acidental. Para Platão, a verdadeira realidade está na essência, na forma pura da coisa, subtraída à tela aparente da existência.

Aparência: Em Platão, significa ocultação da realidade, nesse sentido, conhecer significa libertar-se das aparências.

Vídeo/ youtube:



História do Amor
Insight Psicoterapias

<https://www.youtube.com/watch?v=wa7HKWqGaVO&list=FLUbD2HTCbMuLu2rMErEEiJQ&index=48&t=190s>

Vídeo/ TED-ED:



Why do we love?

A philosophical inquiry -
Skye C. Cleary

<https://www.youtube.com/watch?v=yJSiUm6jvI0>

fazendo-nos estar sempre voltados para o outro. A essa estrutura carente combinam-se graus maiores ou menores de consciência, que, por sua vez, determinam nosso modo de ser e agir.

Entre o sentimento e a estrutura, passam a entrar em jogo ainda as dimensões da significação e do conhecimento, pela dimensão da consciência da falta, que está relacionada com a consciência do outro: **depois de cortar os seres humanos ao meio, Zeus gira o rosto para o lado do corte. O que eu entendo que sou, aquilo que eu significo para mim mesmo é correlato ao que eu entendo que o outro é, ou o que o outro significa para mim.**

A consciência do corte está ligada ao sentimento, mas é mais do que uma experiência transitória: o indivíduo cortado tem a oportunidade de aprender que o outro não vai restaurar sua unidade originária; ele pode, assim, pela vida compartilhada e a satisfação que a convivência proporciona, amar e trabalhar de modo construtivo, **menos desesperado, talvez. Sócrates** critica, por um lado, a ideia de que **o amor seja apenas a busca de uma suposta cara-metade**; por outro lado, reforça a perspectiva que leva em conta a consciência da **carência**: quem sequer imagina que é deficiente naquilo que não acredita ser-lhe necessário não é capaz de desejar verdadeiramente.

Segundo **Diotima**, se o amor é busca, ele é um movimento que parte da falta e **vai na direção de uma possibilidade de plenitude**. Mas, se ele se tornar posse, deixa de ser o que é, pois perderá a **qualidade de ser intermediário**. Como processo, o amor parte de uma determinação ou qualidade e vai na direção do seu oposto; o feio busca o belo, o sem recurso busca o recurso, o que é ruim tende a buscar o que é bom, o ignorante deve tomar consciência de sua falta de conhecimento. **O amor é decisivamente “um ser entre”**.

Essa ideia do amor como processo permite **associar intimamente amor e conhecimento**: o amor fica entre a ignorância e o saber pleno, e a reflexão sobre o amor pode ser lida como uma **definição da própria filosofia**. Pois, quando o ser carente encontra o que busca, na beleza ou na excelência do outro, torna-se grávido e tem necessidade de gerar. **Amar, então, é gerar na beleza, ou seja, produzir algo perante o que é belo**. Para falarmos em geração, temos de supor alguma plenitude, alguma suficiência que, finalmente, transborda, vai além da mera falta e produz algo novo.

Vídeo:



História dos direitos humanos
<https://www.youtube.com/watch?v=uCnLKEOtbf&list=FLUbD2HTCbMuLu2rMErEEiJQ&index=56&t=508s>

Remontar a origem da discussão a partir da Grécia Antiga

Vídeo/Direitos humanos:



O que são os direitos humanos? Glenda Mezarobba

<https://www.youtube.com/watch?v=fMBNL4HFEOQ>

Livro/filosofia:



Gênese dos direitos humanos na antiga filosofia grega, de William Couto Gonçalves, Ed. Lumen&Juris.

Vídeo/School of Life:



PHILOSOPHY - Plato

The School of Life

<https://www.youtube.com/watch?v=VDivQub6vpw&t=29s>

Mitologia:



Apolo: também conhecido com Febo (brilhante), na mitologia grega é considerado o deus da juventude e da luz, identificado primordialmente como uma divindade solar, uma das divindades mais ecléticas da mitologia greco-romana. Representa também a razão, a moral tradicional,

A geração deve ser pensada tanto no plano natural como no cultural. Os seres vivos estão em permanente transformação, tornando-se constantemente outros, perdendo o que têm e fabricando-se novamente. No plano biológico, a geração de outro ser é preservação da espécie; na dimensão cultural, a geração dá-se no plano da significação e do conhecimento. Um ato justo, uma atitude significativa, a produção de bens culturais são modos de constituir eroticamente a rede de valores e significações que o mundo humano é. **Seja como preservação da espécie, seja como fabricação da cultura, amar significa buscar recursos para lidarmos com nossa mortalidade. Como indivíduos, nascemos carentes e morremos sozinhos**, mas, como membros de uma espécie e parte integrante da comunidade humana, reunimo-nos aos nossos iguais e sobrevivemos, ou seja, permanecemos como sentido humano maior.

O amor é loucura e filosofia

No mito dos seres **andróginos**, contado por **Aristófanes**, quando dois seres cortados encontram suas metades, perdem a noção das coisas, ou seja, ficam agarrados, numa busca enlouquecida de saciedade. Por isso, param de cuidar de suas vidas, não se alimentam e acabam por morrer de amor, uma metade acoplada à outra.

A ideia de que o amor seja um tipo de loucura aparece também em outro diálogo platônico, chamado **Fedro**, no qual **Sócrates** discute os benefícios e os prejuízos de uma relação amorosa. Haveria tipos diferentes de delírios divinos, dependendo do deus responsável pela possessão: ser possuído pela Musa leva-nos a fazer poesia; ser possuído por **Apolo** permite-nos prever o futuro; ser possuído por **Dionísio** torna-nos iniciados em certos mistérios; ser possuído por Eros torna-nos filósofos. Mas, se filosofia é amor pelo conhecimento, não pode ser um desvario irracional. Deuses e ignorantes não filosofam, porque se creem sábios. **A maioria dos humanos ignora sua própria ignorância, por isso age irrefletidamente.** Quem toma consciência da ignorância estrutural da humanidade são os que filosofam, buscando nas coisas toda a racionalidade de que são capazes. **No horizonte dessa busca, o filósofo postula um máximo de inteligibilidade, chamado de “ideia”, “forma” ou “essência” inteligível.**

Por ideal, em Platão, não devemos entender algo idealizado, mas um modo de ser radical, cujas determinações sejam puramente inteligíveis. Esse

a cultura dominante e a civilização. Filho de Zeus e da titã Latona (Leto).

Dionísio: Na mitologia grega, Dionísio era o deus do vinho, pois possuía os conhecimentos e segredos do plantio e colheita da uva. Possuía também os segredos da produção do vinho. Era também associado às festas e atividades relacionadas ao prazer carnal: sexo e comidas. Era filho de Zeus (deus dos deuses) com a princesa Sêmele.

"Só sei
que nada
sei". - Sócrates



Vídeo/TED-ED:



Mito da Caverna

<https://www.youtube.com/watch?v=1RWO-pQXTtA&list=FLUBD2HTCbMuLu2rMErEEIJO&index=105>

Quadrinhos:



<https://www.youtube.com/watch?v=MhLiWC11WxU>

Mito da Caverna:



- **Caverna** = ignorância, aparência, ilusão, senso comum.
- **Sombras** = ignorância
- **Objetos utilizados para gerar sombra** = ideias pré-fabricadas, ideologias
- **Sair da caverna** = liberdade
- **Luz** = conhecimento
- **Sol** = conhecimento da ideia de bem
- **Retorno à caverna** = ajudar ao próximo, ação prática do conhecimento da ideia de bem

máximo de ideação é mais uma aposta e uma exigência do que uma constatação; aquele que filosofa parte da precariedade e da finitude das coisas e dos homens. Para compreendê-los e educá-los (pensá-los no seu melhor), é levado a postular algo que não conhece, mas entende dever existir, apesar de invisível. **A essência, então, é alguma coisa à qual temos acesso por meio da inteligência.** À medida que é pensada e desenvolvida reflexivamente (diálogo), passa a ser posta como referência; algo divino, porque para além da mortalidade humana; objeto que atrai e orienta o amor e a linguagem humana.

Assim, o objeto dito "ideal" não é um objeto perfeito imaginado nem mera projeção gerada pela carência. **O objeto inteligível é proposto como algo a ser pensado, conhecido e amado.** Se o amor é o filósofo, ele é construção racional e progressiva desse objeto. Não é a idealização ingênua da figura do ser amado, mas é abertura para o outro e, progressivamente, para uma alteridade inteligível; ele implica a relação entre corpos e almas, sempre em movimento, rumo a algum tipo de imortalidade.

O movimento do amor não pode parar: além dos belos corpos, das belas ocupações, do bem comum, dos valores políticos, da convivência na cidade (pólis), ele é exigência máxima de racionalidade, buscando a causa de tudo o que é bom e de toda beleza.

Busca de consciência e conhecimento máximos, o amor filosófico é exigência de beleza pura, mas sabe-se finito e limitado, mesmo que desejando sempre mais.

Fonte: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/05/amor-platonico/>

Atividade 1 : Tema transversal

Projeto Vida - Humanística

Vamos falar sobre amor, sexualidades e direitos humanos?

Leia o texto abaixo, **assista** aos vídeos e **prepare-se** para uma aula debate sobre o tema.



"A **orientação sexual** de uma pessoa indica por quais gêneros ela sente-se atraída, seja física, romântica e/ou emocionalmente. Ela pode ser **assexual** (nenhuma - ou raros, ou específicos momentos de - atracção sexual), **bissexual** (atracção por mais de um gênero - ou, por dois gêneros e outros gêneros), **heterossexual** (atracção pelo gênero oposto), **homossexual** (atracção pelo mesmo gênero ou **pansexual** (atracção por todos os gêneros)."

Fonte: Adrian Coman (2003). *Orientação Sexual e Direitos Humanos*. Human Rights Education Associates (HREA). Consultado em 11 de julho de 2012

Vídeo:



PLATO ON: The Allegory of the Cave

<https://www.youtube.com/watch?v=SWIUKJIMge4&t=163s>

Vídeo /Mito da caverna:



<https://www.youtube.com/watch?v=Rf13s0bGi78>

Andrógeno retratado em vaso da Grécia Antiga:



Sexualidade – Minutos psíquicos



<https://www.youtube.com/watch?v=XsJTCKzL-Gg>

Leandro Karnal – Entrevista sobre sexualidade



<https://www.youtube.com/watch?v=TMXatfTxe7c>

Gênero e Sexualidade, além do Rótulo – Laerte Coutinho e Benilton Bezerra Jr.



https://www.youtube.com/watch?v=f8ktBCM_KDI

A homofobia deve ser criminalizada?



<https://www.youtube.com/watch?v=KXYtmju2mkw&feature=youtu.be>

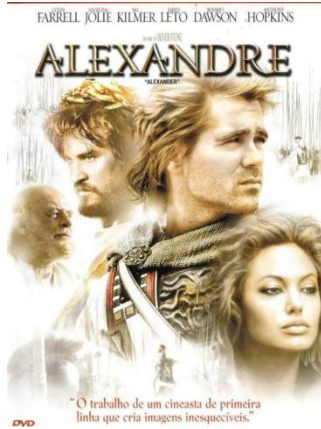
História:



Alexandre, o Grande (356-323 a.C.)

Foi rei do reino grego antigo da Macedônia, passou a maior parte de seu reinado em campanhas militares. Um de seus valores reside em difundir a cultura helênica para outras regiões do mundo.

Filme:



Alexander (2004)

Direção: Oliver Stone

Filme duramente avaliado pelos críticos e historiadores. O cinema não retrata a verdade, mas talvez, apenas uma parte dela. É fundamental que tenhamos senso crítico para analisar a produção cinematográfica refletindo suas aproximações e distanciamentos com a história.

Vídeo:



<https://www.youtube.com/watch?v=NlWYnholvo>

Alexandre, o Grande

Abril Coleções – Mistérios da Antiguidade

TEXTO 4 – FILOSOFIAS HELENÍSTICAS

Organização do material: Fábio Mesquita

1) Helenismo:

Na história da filosofia, as teorias platônica e aristotélica dão lugar ao helenismo, que ganha força a partir das expedições de **Alexandre Magno** ao Oriente que, após realizar grandes conquistas, põe em cheque o *status quo* da *Pólis* (Cidade-Estado).



Fonte: <http://explorethemed.com/Images/Maps/Alex936Pt.jpg> (consultado em 04/07/2017)

Mudança de paradigma

O ideal da *Pólis* (tudo girava ao redor da Cidade-Estado) é substituído pelo ideal “cosmopolita”, em que o mundo inteiro é uma *Pólis*. O **homem-cidadino** perde a sua capacidade de intervenção na vida política e é substituído pelo **homem-indivíduo**, aquele que cuida apenas da vida privada, apenas de si mesmo.

Da cultura helênica à cultura helenística

Com exceção da filosofia socrática, que incentiva o ser humano a voltar-se para si mesmo, todas as outras perderam substância, tornaram-se desatualizadas. Havia a exigência de novas filosofias mais eficazes quanto ao aspecto prático. Estas, ao se formarem, difundiram-se em vários lugares, transformando-se em **cultura helenística**. O centro da cultura passou de Atenas para Alexandria. O epicurismo, o estoicismo e o ceticismo surgem dentro desse novo contexto.

2) Epicurismo:

Epicurismo é um sistema filosófico, que prega a procura dos prazeres moderados para atingir um estado de tranquilidade e de libertação do medo, com a ausência de sofrimento corporal pelo conhecimento do funcionamento do mundo e da limitação dos desejos.

No entanto, quando os desejos são exacerbados podem ser fonte de perturbações constantes, dificultando o encontro da felicidade que é manter a

Vocabulário:

Pólis: modelo das antigas cidades gregas, desde o período arcaico até o período clássico, vindo a perder importância a partir do domínio romano. Devido às suas características, o termo pode ser usado como sinônimo de cidade-estado. As *poleis*, definindo um modo de vida urbano que seria a base da civilização ocidental, mostraram-se um elemento fundamental na constituição da cultura grega, a ponto de se dizer que o homem é um "animal político".

Cosmopolita: ou cidadão do mundo é uma pessoa que deseja transcender a divisão geopolítica que é inerente às cidadanias nacionais dos diferentes Estados e países soberanos. Ao negar-se a aceitar a identidade patriótica ditada pelos governos nacionais e afirmar-se cada cidadão como representante de si mesmo, os cidadãos do mundo afirmam sua independência como cidadãos da Terra, do mundo, ou do cosmo.

Cidades cosmopolitas:

São Paulo



Londres



Nova Iorque



Tóquio

saúde do corpo e a serenidade do espírito.

Epicurismo é um sistema criado por um filósofo ateniense chamado **Epicuro de Samos** no século IV a.C. Existem vários fundamentos básicos do Epicurismo, porém, se distingue o desejo para encontrar a felicidade, buscar a saúde da alma, lembrando que o sentido da vida é o prazer, objetivo imediato de cada ação humana considerando sem sentido as angústias em relação à morte, e a preocupação com o destino.

Os seguidores do epicurismo são chamados de epicuristas e, de acordo com o sistema filosófico, devem procurar evitar a dor e as perturbações, levar uma vida longe das multidões (mas não solitário), dos luxos excessivos, se colocando em harmonia com a natureza e desfrutando da paz.

Outro valor defendido pelo epicurismo e seus defensores é a amizade. A amizade traz uma grande felicidade para as pessoas, já que a convivência pode ocasionar uma troca saudável de pensamentos e opiniões enriquecedoras.

Segundo Epicuro, o criador do epicurismo, as pessoas não podem viver de forma agradável se não forem prudentes, gentis com os outros e justas em suas atitudes e pensamentos sem viver prazerosamente. As virtudes então devem ser praticadas como garantia dos prazeres.

3) Estoicismo

Estoicismo é um movimento filosófico que surgiu na Grécia Antiga e que preza a fidelidade ao conhecimento, desprezando todos os tipos de sentimentos externos, como a paixão, a luxúria e demais emoções.

Este pensamento filosófico foi criado por **Zenão de Cício**, na cidade de Atenas, e defendia que todo o universo seria governado por uma lei natural divina e racional.

Para o ser humano alcançar a verdadeira felicidade, deveria depender apenas de suas "virtudes" (ou seja, o conhecimento, de acordo com os ensinamentos de **Sócrates**), abdicando totalmente o "vício", que é considerado para os estoicos um mal absoluto.

Para a filosofia estoica, a paixão é considerada sempre má, e as emoções um vício da alma, seja o ódio, o amor ou a piedade. Os sentimentos externos tornariam o homem um ser irracional e não imparcial.

Um verdadeiro sábio, segundo o estoicismo, não

Filosofia/Matemática:



Hipácia (350 d.C. – 415 d. C.)

Filósofa neoplatonista, matemática e astrônoma do “Egito Romano”. É considerada a **primeira mulher da matemática e a última intelectual de destaque da Alexandria**. Foi morta de forma brutal, acusada de bruxaria.

Filmes/Cinema:

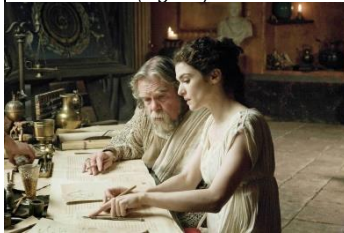


Alexandria (Ágora) – 2009

Direção: Alejandro Amenábar.



A atriz britânica Rachel Weisz interpretou a filósofa Hipácia na superprodução espanhola *Alexandria (Ágora)*.



deveria sofrer de emoções externas, pois estas influenciariam em suas decisões e raciocínios.

Etimologicamente, o termo estoicismo surgiu a partir da expressão grega *stoà poikile*, que significa “Pórtico das Pinturas”, o local onde o fundador desta doutrina filosófica ensinava os seus discípulos em Atenas.

Características do estoicismo:

- **Indivíduo deve negar os sentimentos externos;**
- **O prazer é um inimigo do homem sábio;**
- **Universo governado por uma razão universal natural;**
- **Valorização da apatia (indiferença);**
- **Virtude é o único bem e caminho para a felicidade.**

4) Ceticismo:

Ceticismo é um estado de quem **duvida de tudo**, de quem é descrente. Um indivíduo cético caracteriza-se por ter predisposição constante para a dúvida, para a incredulidade.

O ceticismo é um sistema filosófico fundado pelo filósofo grego **Pirro** (318 a.C.-272 a.C.), que tem por base a afirmação de que o homem não tem capacidade de atingir a certeza absoluta sobre uma verdade ou conhecimento específico. No extremo oposto ao **ceticismo** como corrente filosófica encontra-se o **dogmatismo**.

O cético questiona tudo o que lhe é apresentado como verdade e não admite a existência de dogmas, fenômenos religiosos ou metafísicos.

O cético pode usar o pensamento crítico e o método científico (ceticismo científico) como tentativa de comprovar a veracidade de alguma tese. No entanto, o recurso ao método científico não é uma necessidade imperiosa para o cético, podendo muitas vezes preferir a evidência empírica para atestar a validade das suas ideias.

5) Cinismo:

Cinismo, palavra com origem no termo grego *kynismós*, é um sistema e doutrina filosófica dos cínicos. Em sentido figurado o cinismo tem uma conotação pejorativa, sendo que designa um homem agudo e mordaz que não respeita os sentimentos e valores estabelecidos nem as convenções sociais.

Alguém considerado cínico também pode ser alguém que é desavergonhado, descarado, imprudente, impassível ou obsceno.

Vocabulário:

Dogmatismo: pressuposto teórico, comum a diversas doutrinas filosóficas, que considera o conhecimento humano apto à obtenção de verdades absolutamente certas e seguras.

Ceticismo: doutrina segundo a qual o espírito humano não pode atingir nenhuma certeza a respeito da verdade, o que resulta em um procedimento intelectual de dúvida permanente e na abdicação, por inata incapacidade, de uma compreensão metafísica, religiosa ou absoluta do real.

Autarcia: para Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) e teóricos posteriores, situação em que o Estado controla todos os recursos necessários a sua subsistência de forma autônoma, afirmando sua independência diante de qualquer interferência estrangeira; autarquia. Situação de independência e autossuficiência econômica de um Estado.

Arte:

Arte helenística é o termo aplicado à arte e arquitetura gregas ou de inspiração grega a partir do final do século IV até o final do século I a.C. Um grande número de conhecidas obras de arte gregas, tais como Laocoonte e seus filhos, a Vênus de Milo e a Vitória de Samotrácia, são deste período.



Grupo de Laocoonte, aprox. 40 a. C.. Escultura, 210x160, Museu do Vaticano.

O cinismo foi uma escola filosófica grega, fundada por Antístenes, discípulo de Sócrates. O seu nome deriva, segundo vários testemunhos, do fato de alguns membros da escola se reunirem no Cinosargo, ginásio situado perto de Atenas. Segundo outros, a sua origem vem da palavra grega *kýon* (que significa "cão"), pelo fato de Diógenes de Sinope dormir no local que era usado frequentemente como abrigo para cães, para assim demonstrar o seu desacordo com o modo de viver dos homens.

A maior virtude para eles era a **autarcia**, o que se basta a si mesmo, e renunciar os bens e prazeres terrenos até conseguir uma total independência das necessidades vitais e sociais. O autodomínio permitia alcançar a felicidade, entendida como o não ser afetado pelas coisas más da vida, pelas leis e convencionalismos, que eram valorizados de acordo com o seu grau de conformidade com a razão.

O ideal do sábio era a indiferença perante o mundo. As origens da escola, que remontam aos séculos III e II A.C., com um ressurgimento posterior, nos séculos I e II d.C., foram objeto de discussão. Alguns filósofos a classificam como escola socrática, na linha de Sócrates-Antístenes-Diógenes. Outros negam a relação Antístenes-Diógenes, não a consideram uma escola socrática e vêm em Diógenes o seu fundador e inspirador.

Provavelmente, Diógenes foi o mais folclórico dos filósofos. São inúmeras as histórias que se contavam sobre ele já na Antiguidade. É famosa, por exemplo, a história de que ele saía em plena luz do dia com uma lamparina acesa procurando por homens verdadeiros (ou seja, homens auto-suficientes e virtuosos). Igualmente famosa é sua história com Alexandre, o Grande, que, ao encontrá-lo, ter-lhe-ia perguntado o que poderia fazer por ele. Acontece que devido à posição em que se encontrava, Alexandre fazia-lhe sombra. Diógenes, então, olhando para Alexandre, disse: "Não me tires o que não me podes dar!" (variante: "deixa-me ao meu sol"). Essa resposta impressionou vivamente Alexandre, que, na volta, ouvindo seus oficiais zombarem de Diógenes, disse: "Se eu não fosse Alexandre, queria ser Diógenes."

Diógenes de Sinope, em particular, foi referido como o *cão*, ao ter afirmado que **"os outros cães mordem seus inimigos, eu mordo meus amigos para salvá-los"**. Mais tarde, os cínicos também buscaram transformar a palavra a seu favor, como um comentarista explicou:



A Vitória de Samotrácia, escultura, A obra-prima, encontrada em 1863, foi criada por volta de 190 a.C e possui 3,28 metros de altura. Ela embeleza uma das entradas de um dos três pavilhões abertos à visitação pública do Museu do Louvre: o Sully. Juntamente com a Mona Lisa (no pavilhão Denon) e a **Vênus de Milo** (também no pavilhão Sully), ela é ponto obrigatório de visita para aqueles que vão ao Museu.



Vênus de Milo, aprox. II a.C., autor desconhecido, Escultura, mármore, 202 cm, Museu do Louvre.

Arte:

“Há quatro razões de por que os "cínicos" são assim chamados. Primeiro por causa da indiferença de seu modo de vida, pois fazem um culto à indiferença e, assim como os cães, comem e fazem amor em público, andam descalços e dormem em barris nas encruzilhadas. A segunda razão é que o cão é um animal sem pudor, e os cínicos fazem um culto à falta de pudor, não como sendo falta de modéstia, mas como sendo superior a ela. A terceira razão é que o cão é um bom guarda e eles guardam os princípios de sua filosofia. A quarta razão é que o cão é um animal exigente que pode distinguir entre os seus amigos e inimigos. Portanto, eles reconhecem como amigos aqueles que são adequados à filosofia, e os recebem gentilmente, enquanto os inaptos são afugentados por ele, como os cães fazem, ladrando contra eles.” - Escólio na Retórica de Aristóteles, citado em Dudley 1937, p. 5

6) Hedonismo:

Hedonismo é uma concepção que prega o uso dos prazeres para alcançar a felicidade, inclusive e principalmente, os prazeres imediatos, sem adiar a satisfação do desejo. Entre estes prazeres estariam por exemplo os sexuais, que seriam experienciados sem qualquer restrição moral ou de costumes (e às vezes nem de saúde). Podemos também associar ao hedonismo o consumo de substâncias tóxicas (drogas) que alteram nossas sensações, nos gerando a imediata e intensa sensação de satisfação. **O hedonismo de forma exagerada diz que os prazeres são o supremo bem da vida humana, porém nem Epicuro pensava assim, e os estoicos então, condenavam totalmente.** Por pregar o uso dos prazeres, muitas pessoas o confundiam com o epicurismo, fazendo isso de forma errada. Como dissemos, hoje em dia, por exemplo, o uso de drogas, por trazer prazer instantâneo e imediato, seria aprovado pelos hedonistas, mas seria desaprovado pelos epicuristas, por fazer mal a nosso corpo então nos trazendo dor e sofrimento, impossibilitando um usufruir prolongado.

7) Carpe diem:

Carpe diem é uma expressão em latim que significa "**aproveite o dia**". Essa é a tradução literal, e não significa aproveitar um dia específico, mas tem o sentido de aproveitar ao máximo o agora, apreciar o presente.

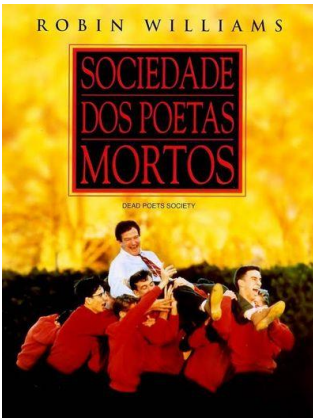
O termo foi escrito pelo poeta latino Horácio (65 a.C.-8 a.C.), no Livro I de "Odes", em que aconselha a sua amiga Leucone na frase: "...*carpe diem, quam*



Mosaico de Alexandre, mostrando o confronto do jovem conquistador e o Grande Rei Dario III na Batalha de Issos, um mosaico que adorna as paredes da Casa do Fauno, em Pompeia. Acredita-se ser uma cópia da pintura descrita por Plínio, o Velho. No mosaico, admira-se a escolha das cores, a composição do conjunto com o movimento e a expressividade facial. Descobertas arqueológicas recentes trouxeram à luz algumas obras originais, como por exemplo, a tumba que parece ser de Felipe II. O Período Helenístico é igualmente a época do desenvolvimento do mosaico.



Filme:



Sociedade dos poetas mortos (1989)
Direção: Peter Weir

Atividade 2
Conversam com seus pais sobre suas experiências escolares: sonhos, medos, bullying, professores, amigos, etc.

minimum credula postero". Uma tradução possível para a frase seria "...colha o dia de hoje e confie o mínimo possível no amanhã".

O significado de *Carpe Diem* é um convite para que se aproveite o tempo presente, usufruindo os momentos intensamente sem pensar muito no que o futuro reserva.

Horácio segue a linha do epicurismo e defende que a vida é breve e a beleza perecível. Sendo a morte a única certeza, o presente deve ser aproveitado antes que seja tarde.

Carpe Diem é viver o hoje sem preocupações com o amanhã. É desfrutar a vida e os prazeres do momento em que se vive. Esta expressão tem o objetivo de lembrar que a vida é breve e efêmera e por isso cada instante deve ser aproveitado. Este tema é muito popular no âmbito da literatura, e teve grande importância na altura do Renascimento e do maneirismo.

No filme **"A Sociedade dos Poetas Mortos"**, a mensagem de **"carpe diem"** é transmitida em determinado momento aos jovens estudantes para lhes lembrar a brevidade da vida e que, por isso, deveriam vivê-la de forma extraordinária.

O conceito *Carpe diem* atingiu uma grande popularidade e por isso muitas pessoas fazem tatuagens com essa expressão em latim.

Fonte: <http://www.significados.com.br/> (consultado em 30/06/2016)

Atividade 1

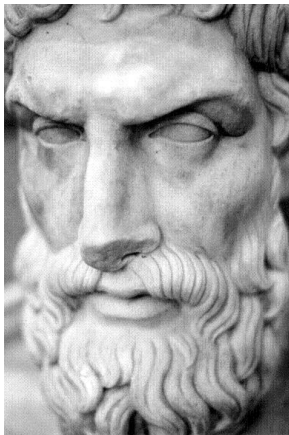
Vamos conhecer Colégio? Ver as fotos dos antigos alunos? O que eles tem a nos dizer? Carpe ... carpe ... Carpe Diem.



<https://www.youtube.com/watch?v=ZjOr-TTA0QQ>

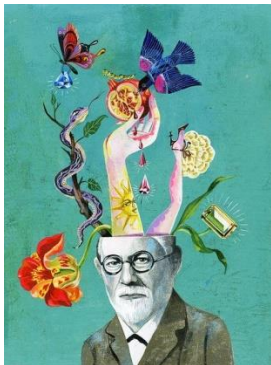
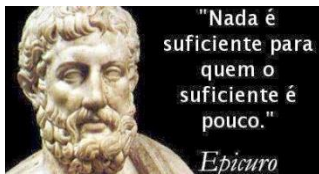


Fonte: <http://www.ensinarhistoriajoelza.com.br/fonte-historica/>



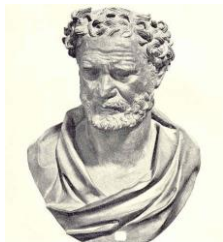
Epicuro (341-270 a.C.)

Foi um filósofo grego do período helenístico. Seu pensamento foi muito difundido e numerosos centros epicuristas que se desenvolveram na Jônia, no Egito e, a partir do século I, em Roma, onde Lucrécio foi seu maior divulgador.



Sigmund Freud (1856-1939)

Foi um médico neurologista criador da psicanálise.



Demócrito (460-370 a.C.)

Foi discípulo e depois sucessor de Leucipo de Mileto. A fama de Demócrito decorre do fato de ele ter sido o maior expoente da teoria atômica ou do atomismo.

Texto 5: Epicuro - Homens que você deveria conhecer

A felicidade epicúrea, morte e negação do além-mundo, além do pensamento do filósofo grego na realidade contemporânea

Autor: Fabio J. Rocha

Fonte: <https://papodehomem.com.br/epicuro-or-homens-que-voce-deveria-conhecer-48/>

Há um fragmento de Epicuro que continua absolutamente atual que diz:

“Devemos começar a filosofar desde a mocidade, porém sem deixarmos de o fazer, cansados, na velhice. Para realizar algo em prol da saúde espiritual, ninguém é demasiado moço nem muito velho; mas quem, porventura, supuser que, para filosofar, está moço ou velho, em demasia, dirá do mesmo modo que o instante exato da sua felicidade ainda não chegou ou já se foi.” (1)

O ser humano contemporâneo está distante dessa compreensão. Vivemos a procura de algo que não sabemos bem o que é, aceitando a possibilidade de ser uma “felicidade”. Não a felicidade como era vista por Epicuro, mas uma felicidade inatingível, que buscamos por meio de conquistas a serem alcançadas: fama, dinheiro, ou qualquer coisa que ainda não temos, futura, difícil, e, se pensarmos bem, quase sempre inalcançável por estar sempre distante do momento presente. O lugar do desejo real de cada indivíduo (ponto chave da teoria psicanalítica de **Freud**) é preenchido com o que nos mostra a mídia, a família, os padrões de comportamento ou até as empresas com suas propagandas de produtos. Além disso, vivemos numa época em que o senso crítico é raro e o homem vive cercado de medos, que muitas vezes os levam ao refúgio das religiões tradicionais e seus dogmas. **Este cenário mostra a importância da filosofia de Epicuro hoje.**

Vida

Epicuro viveu já no período de decadência da pólis grega. A conquista macedônica enfraquecia os ideais de coletividade e de cidadania. Assim, **toda a filosofia de Epicuro volta-se para a busca de uma felicidade baseada muito mais no indivíduo do que na coletividade.**

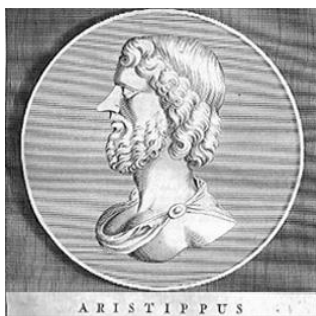
O elitismo do conhecimento também sofreu um abalo com a perda da independência grega, o que acabou proporcionando uma concepção mais igualitária do saber.

Epicuro aceitava em seu jardim a todos: homens, mulheres e escravos. Assim, inaugura uma **ética igualitária**, acessível à inteligência de todos os homens capazes de se abrir para uma nova forma de ver a realidade, sem superstições, dogmas ou preconceitos. Epicuro foi influenciado pela física atomística de **Leucipo e Demócrito** e a **ética hedonista dos Sofistas e Cirenaicos**, tendo em comum com estes o prazer como bem maior, mas criticando o prazer sem controle e desmedido da ética deles.

Sua tentativa de compreender a natureza se mistura à



Sofistas: Os filósofos sofistas se compunham de grupos de mestres que viajavam de cidade em cidade realizando aparições públicas (discursos, etc) para atrair estudantes, de quem cobravam taxas para oferecer-lhes educação. O foco central de seus ensinamentos concentrava-se no logos ou discurso, com foco em estratégias de argumentação.



Cirenaicos: A escola cirenaica de filosofia, assim denominada devido à cidade de Cirene na qual foi fundada, floresceu entre 400 a.C. e 300 a.C., e tinha como a sua característica distintiva principal o hedonismo, ou a doutrina de que o prazer é o bem supremo. Aristipo foi um dos seus principais precursores.

Vocabulário:

Ataraxia: para os pensadores cétricos, epicuristas e estoicos, completa ausência de perturbações ou inquietações da mente.

Aponia: é um conceito filosófico que significa a ausência de dor, e foi considerado pelos epicuristas ser o ápice do prazer corporal.

Ágora: é um termo grego que significa a reunião de qualquer natureza, geralmente empregada por Homero como uma reunião geral de pessoas. A ágora parece ter sido uma parte essencial da constituição dos primeiros estados gregos, entendidas como um espaço de uso público, praças públicas.

Vídeo:

criação de uma ética para o homem, ou seja, sua condição plena de realização. O equilíbrio, no interior do homem, geraria o prazer, o sumo bem, tranquilidade, liberdade e felicidade. A busca desse equilíbrio se dava a partir da **eustatheia** (boa disposição), **aponia** (ausência de dor) e **ataraxia** (ausência de perturbações na alma). É interessante notar que Epicuro sofreu de crises renais por toda a vida e o que ele afirmava sobre suportar a dor era experiência própria. Além disso, viveu em uma Grécia invadida e dominada. Esses fatores podem ter sido decisivos para a sua visão de felicidade baseada nas situações mais simples (e apesar de dor e sofrimentos).

O jardim de Epicuro era o local de uma nova prática de existência comunitária entre amigos verdadeiros. Seus moradores cultivavam hortas, na busca da auto-suficiência. Segundo **Sêneca**, havia a seguinte inscrição na entrada do jardim:

“Hóspede, aqui serás feliz; o soberano bem aqui é o prazer.”

Epicuro não praticava um hedonismo vulgar. Para ele, um corpo pode ficar saturado de prazer quando tem pão e água: “[...] Para nós, prazer significa: não ter dores no âmbito físico e não sentir falta de serenidade no âmbito da alma. Pois uma vida cheia de ventura não é formada por uma sequência infinita de bebedeiras e banquetes [...]”(3) . Assim, a ética de Epicuro desloca o local do filósofo da **Ágora**, onde se discursava para toda a cidade, para o jardim, onde conversava com amigos. Numa época em que pátria, cidadania e coletividade perdiam o sentido, Epicuro coloca o novo lugar do sábio no jardim, mais recolhido, com amigos escolhidos apenas: **“De todos os bens que a sabedoria nos proporciona para a felicidade de toda nossa vida, o da amizade é de longe o maior.”**(4) Assim, a **amizade** passa a ser o vínculo primordial na comunidade agora sem concidadãos e sem compatriotas. É interessante notar também que o jardim não era apenas um centro de debates e reflexões, como a Academia de Platão ou o Liceu de Aristóteles. Esse modelo inspirou vários movimentos sociais pela história, como o dos **hippies**. Em suma, a filosofia epicúrea tem como base quatro fundamentos que trazem uma forma de viver da melhor maneira possível, com menos medos e perturbações na alma, o chamado **tetraphármakon**:

1. Não há nada a temer quanto aos Deuses (que não interferem na vida humana de um modo geral);
2. Não há nada a temer quanto à morte (quando a morte chega, cessa a existência);
3. O prazer é fácil de se obter (se for difícil, não é necessário);
4. A dor é suportável (se for insuportável, não dura muito).

Epicuro teve uma vastíssima produção mas, infelizmente, muito de sua obra se perdeu.

A felicidade epicúrea



Epicurus on Happiness -
Epicuro e a Felicidade - Alain de Botton

<https://www.youtube.com/watch?v=KFYr2jvTm98>

Ótimo vídeo para entender algumas ideias do pensamento epicurista.



Happiness not included

Arte:



A Dança (1909)
Henri Matisse (1869-1954)

As intensas cores quentes chocam-se contra a frieza do fundo verde e azul, criando uma sensação rítmica através da sucessão de nós dançantes e transmitindo os sentimentos de libertação emocional e hedonismo.



Dança dos aldeões italianos
(1636)
Peter Paul Rubens (1577-1640)

Sociedade/comportamento:



Ecovila: é uma comunidade de 50 a 2.000 pessoas, unidas por um propósito comum. Este propósito varia de local para local, mas usualmente é baseado numa visão ecológica, social e espiritual.

A felicidade epicúrea tem como base o **equilíbrio** e a **harmonia** como a da **natureza**, sempre considerando a **medida racional**: “Por isso eu afirmo que o prazer é a essência de uma vida venturosa. A ele conhecemos como nosso primeiro bem inato, por ele nos deixamos guiar em todos os nossos anelos e abstenções, e por ele nos governamos, medindo todos os outros bens pela sua norma. E, justamente porque o prazer é o nosso primeiro bem, aquele que recebemos pela própria natureza, não zelamos pela obtenção de qualquer prazer, mas deixamos de lado muitos, dos quais finalmente poderia resultar-nos um mal-estar maior ainda. [...]”(7) . Para Epicuro, o sábio tem a capacidade de viver de acordo com a natureza: “Eu, que dedico incessantemente minhas energias à investigação da natureza, e através desse modo de viver exerço principalmente o meu equilíbrio.”(8) . Assim, a filosofia de Epicuro, como ele mesmo definiu, é um **saber para a vida**, em que **o mais sábio é o mais tranquilo, mais livre e mais feliz**. E esse equilíbrio é fonte de prazer. Trata-se de uma filosofia baseada na **serenidade e sensatez**: “No princípio de tudo, porém, encontra-se a **razão**, o maior dos nossos bens. Dela resultam por si só todas as outras **virtudes**; na verdade, é mais valiosa ainda que a filosofia, porque nos ensina que é impossível viver prazerosamente, sem que se viva uma vida cheia de **razão** [...]”(9) .

Sua ética fundamenta-se no **corde de tudo o que não é natural nem necessário ao indivíduo (incluindo aí normas e valores da sociedade)**. Epicuro tenta aqui nos libertar dos grilhões dos padrões da maioria, da multidão que posteriormente **Nietzsche** vem a chamar de “rebanho”, e que **Heráclito** bem antes dele já chama de “*hoi polo!*” (muitos, a maioria). O homem sábio, o homem feliz de Epicuro, ao tentar compreender a natureza e seus fenômenos, percebendo seu equilíbrio cheio de conflitos e amores, pode conseguir dominar seus desejos, paixões e ações **tendo como base apenas a si mesmo**, sem se prender a nenhum dogma ou padrão externo que não lhe sirva. Sem se forçar a aceitar qualquer forma de agir como melhor ou correta, baseando-se apenas no número de homens que assim age e pensa. **A vida feliz resulta desse agir livre**.

Na época de Epicuro, a visão do homem intervencionista na natureza não existia. **Sua filosofia buscava a compreensão e não a intervenção na natureza. O homem devia melhorar sua vida ao estudar a natureza, e não corrigir a natureza para melhorar sua vida.**

Negação do além-mundo

Epicuro fundamenta seus estudos na **physis**, a partir da observação da natureza:
“Prefiro proclamar abertamente aos homens, baseando-me no meu conhecimento da natureza, aquilo que lhes seja útil, ainda que ninguém o compreenda, a dar, sob caloroso aplauso da multidão, o meu acordo em tolices.”(13)

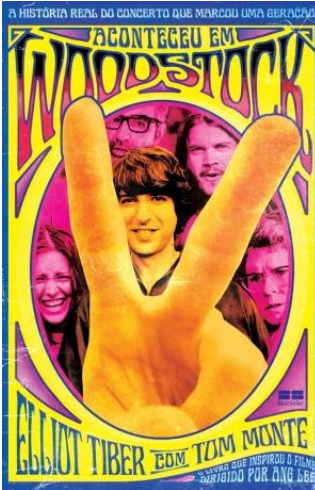


Sociedade:

Hippies: Hippie é um substantivo masculino que descreve um movimento cultural que surgiu na década de 60 teve grande popularidade. Além disso, hippie também serve para descrever um indivíduo que segue este movimento. A palavra hippie deriva do adjetivo hip, que indica uma pessoa ou coisa que é sofisticada, legal, informada.



Filmes:



Aconteceu em Woodstock (2009)

Direção: Ang Lee

No verão de 1969, no estado de Nova York, Elliot divide seu tempo entre Greenwich Village e o motel de seus pais nas montanhas, que está falindo. Quando organizadores do festival de Woodstock planejam o histórico evento musical de uma geração, Elliot se envolve e oferece o motel e terrenos na cidade para a organização do evento, mas sem imaginar a proporção gigantesca que o festival iria tomar.

Neste ponto o Epicurismo se iguala à Filosofia **imanente** do Estoicismo, de sua lei ética que tem como base a busca da felicidade, negação da metafísica e de qualquer possibilidade de **transcendência** fora da **imanência**.

A morte

“A morte nada é para nós, pois aquilo que já foi dissolvido não possui mais sentimentos. Aquilo, porém, que não possui mais sentimentos, não nos importa.”(19)

Para Epicuro, a alma é um princípio corpóreo, ligado às sensações e aos sentidos, e não haveria motivo para pensá-la possível com o fim do corpo:

“[...] a alma contém em si a causa principal de nossa percepção pelos sentidos [...]”(20)

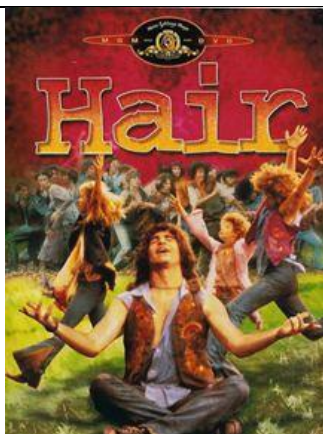
“Quando a massa total dos átomos do corpo se dissolve, então também a alma se dispersa [...].”(21)

A ideia de alma eterna deriva de um mito órfico, que, segundo alguns, Platão aceita (não quero aprofundar esta questão aqui, apenas registrar que há controvérsias) e que, posteriormente, o **cristianismo** usará como base de sua doutrina. Epicuro também fala belamente da morte na **carta a Meneceu**:

“Além disso, acostuma-te à ideia de que a **morte**, para nós, é um nada. Todo bem e todo mal residem na faculdade de sentir; a morte, porém, é a privação desse sentimento. Assim, o conhecimento de que a **morte** nada é torna deliciosa a nossa vida efêmera. Evidentemente, esse saber não modifica o limite temporal da nossa vida, contudo **livra-nos do desejo de ser imortais**, pois para quem ficou ciente de que nada de terrível existe na ausência de vida, nenhum terror pode haver no viver. Mas se alguém argumentar que não teme a morte por causa da pena que ela trará quando vier, mas sim porque o simples fato da sua vinda já lhe é doloroso, é um tolo; pois é doidice que algo que não nos cause receio quando acontecer, possa trazer-nos pena, durante a espera, pelo fato de ser esperado!

Assim a **morte**, o mais temível de todos os males, **é para nós um nada: enquanto nós existirmos, não existirá ela, e quando ela chegar, nada mais seremos**. Desse modo, a morte não toca nem os vivos nem os mortos, porque onde estão os primeiros não se encontra ela, e os últimos já não existem mais.

É verdade que a **grande massa do povo evita a morte como o mais terrível dos males**, mas deseja-a, por outro lado, como se fosse o descanso das labutas da vida. **O sábio, porém, nem nega a vida nem tem temores de não mais viver**, pois aquela não lhe é repugnante, e ele não considera o não-mais-viver como se fosse um mal. Do mesmo modo que, na refeição, ele não faz questão



Hair (1979)

O filme conta a história de um jovem do interior dos Estados Unidos convocado para a Guerra do Vietnã, que chega a Nova York para apresentar-se ao exército e encontra e se torna amigo de uma grupo de hippies cabeludos da cidade, adeptos do pacifismo e contrários à guerra.

Vídeos:



Filosofando: Epicuro e a Importância da Felicidade - Parte 1

<https://www.youtube.com/watch?v=AvOrt5dkrrg>



PHILOSOPHY – Epicurus (em inglês)

https://www.youtube.com/watch?v=Kg_47J6sv3A



As delícias do jardim de Epicuro

<https://www.youtube.com/watch?v=7DqdPYkoRkA>

absoluta da quantidade desmesurada, **mas dá maior valor à preparação gostosa, igualmente na vida não se preocupa com o tempo que esta dura, mas sim com a delícia da colheita que ela lhe traz.**”(22)

Epicuro vai além, tentando mostrar racionalmente o quanto o **medo da morte** pode atrapalhar a nossa vida:

“Nascemos uma única vez; uma segunda vez não nos é dada, e não nasceremos mais por toda a eternidade. Apesar disso, adias constantemente o instante certo e não és dono do dia vindouro. Nessa vacilação, porém, desvanece-se a vida e muitos morrem sem jamais se terem permitido um verdadeiro descanso.”(23)

Podemos pensar aqui em Epicuro como talvez o **primeiro psicanalista da História**: ele não fala diretamente do conceito de inconsciente, mas antecipa essa percepção contemporânea, ao perceber que as pessoas carregam consigo um temor constante da morte, que pode se apresentar em manifestações disfarçadas tais como **acumular riquezas, poder ou honrarias**. Ou seja, consomem em excesso, tentam se eternizar através de obras de arte, se **apegam a religiões ou crenças no pós-vida**, no fundo, **por causa do temor da finitude**:

“Alguns procuram fama e prestígio acreditando conseguir com isso segurança perante os homens. Se viverem em segurança, receberão então também esse bem natural. Se, porém, a sua vida não for segura, nem sequer possuem aquilo pelo que anseiam em primeiro lugar, obedecendo à sua natureza.”(24)

O pensamento de Epicuro na realidade contemporânea

Hoje, **a indústria do medo alimenta o consumismo**. O jornalismo, mantendo-se no padrão de sempre, **reduzindo o mundo às catástrofes do dia**, é um dos principais fortalecedores do **medo na população**. A violência, as desgraças, as falcaturas e os esportes para finalizar os telejornais, são apresentados como realidade, **como se o mundo se resumisse a essa percepção distorcida que convence bilhões de pessoas diariamente**. De que forma, na prática, isso alimenta o consumismo? Com medo, ficamos mais em casa. Em casa, para a população de mais alta renda (os que mais interessam para as vendas), com TV a cabo, videogames, entregas à domicílio, internet etc.

Vendo o mundo por intermédio de telas, mas “protegidos”.

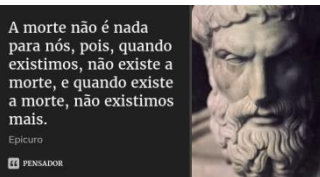
E o que as telas nos mostram? Mais violência e tragédias, gerando um desejo de ainda mais proteção, para evitar essa parte sinistra, ruim da vida. A opção para se sair de casa com segurança nas grandes cidades acaba sendo só uma: **shoppings centers** – os **templos do consumo**, onde podemos comprar aquilo tudo que pensamos desejar. Esquecendo, assim, da sabedoria de Epicuro: **o que realmente precisamos para a felicidade é**



Prazer da amizade



Prazeres da mesa



A morte não é nada para nós, pois, quando existimos, não existe a morte, e quando existe a morte, não existimos mais.

Epicuro
OS PENSADORES



Blog no Jornal Folha de São Paulo: **Morte sem tabu**, escrito por Camila Apple. <http://mortesemtabu.blogfolha.uol.com.br/>

simples e fácil de obter (“A riqueza exigida pela natureza é limitada e facilmente arranjada; aquela, pelo contrário, que ambicionamos possuir num tolo desejo, chega ao infinito.”(27)).

Isso graças à avalanche de propagandas com que somos bombardeados constante e ininterruptamente. O filósofo suíço **Alain de Botton**, em um de seus belos programas da série **“Filosofia para o dia-a-dia”**, coloca uma equipe de Marketing para fazer propagandas (ou seriam anti-propagandas?) com as ideias epicuristas. Achei marcante um outdoor que inventaram com uma bela casa à venda, com uma linda paisagem e todos os recursos da propaganda utilizáveis, porém, em letras pequenas, no canto da imagem, a frase: **“Felicidade não incluída”**. Voltando ao tema do medo, ele gera uma vontade de certezas, de algo firme, que muitas vezes leva as pessoas a procurarem **refúgios nas religiões e seus dogmas**. Vivemos uma indústria de igrejas enriquecendo também com o medo de seus fiéis, no Brasil e em boa parte do mundo. Epicuro desenvolveu sua filosofia contra o medo (e o consumismo que dele resulta).

Sua filosofia produz um homem equilibrado, que usa a razão e é livre dos padrões das majorias. **Esse tipo de homem é cada vez mais raro em nosso tempo.**

Bibliografia

- ARENDDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1988. 2ª ed.
- ARISTÓTELES. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1973 (Os Pensadores).
- BENJAMIN, Walter. A modernidade e os modernos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- BELEBONI, R. C. Jean-Pierre Vernant e as Ciências sociais: a busca pela compreensão do universo mental do homem grego, entrevista com Jean-Pierre Vernant. Campinas: Boleim do CPA (UNICAMP), 2000 n° 8/9
- BERNAL, M. The image of Ancient Greece as a tool for colonialism and European hegemony. Social construction of the past. Londres: Routledge, 1994.
- BRAUDEL, F. Escritos sobre a História. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BURCKHARDT, H. História da cultura grega. Barcelona: Obras maestras, 1974. 5vs
- CASSIN, Bárbara (org.) Nuestros griegos y sus modernos. Estratégias contemporâneas de apropiación de la Antigüedad. Buenos Aires: Manantial, 1994.
- COLLINGWOOD, R. G. Idea de la Historia. Mexico: Fondo de cultura Económica, 1996.
- COSTA, Alexandre. Heráclito: Fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- CUNHA, Maria Helena Lisboa da. Nietzsche: espírito artístico. Londrina: CEFIL, 2003.
- DOMINGUES, I. O fio da trama: reflexões sobre o tempo e a história. São Paulo: Iuminuras, 1996.
- COULANGES, F. A cidade Antiga. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CROUZET, Maurice. História geral das civilizações. São Paulo: Difel.
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1990. 2 vs
- EPICURO. Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2008.
- FALCON, F. RODRIGUES, A. A formação do mundo moderno: a construção do Ocidente. 2ª ed. Rio de Janeiro: Eseevier, 2006.
- FRANCO Jr., Hilário. A Idade Média – Nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- GLÉNISON, Jean. Iniciação aos estudos históricos. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- HAUSER, Arnold. História Social da Arte e da Literatura. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- HEGEL. Introdução à História da Filosofia. Lisboa: Edições 70, 1991.
- _____. Lecciones sobre la historia de la filosofia. México: Fondo de Cultura Económica, 1985. 3 vs
- _____. Filosofia de la historia. Buenos Aires: Claridad, 2005.
- HERDER, J.G. von. Também uma Filosofia da História. Lisboa: Antígona, 1995.
- KOSELLECK, R. Le future passé: contribution à la sémantique des temps historiques. Paris: Ed Eness, 1990
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- _____. La vieja Europa y el mundo moderno. Madrid: Alianza, 1995.
- MORAES, João Quartim de. Epicuro: as luzes da ética. São Paulo: Moderna, 1998.
- NIETZSCHE, F. A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos. Trad. Maria Inês Vieira de Andrade. Lisboa: Edições 70, 2002.
- _____. A gaia ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. Assim falou Zaratustra. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.
- _____. Aurora. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. Crepúsculo dos Ídolos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. Ecce homo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. Humano, demasiado humano. São Paulo: Ed. Rideel, 2004.
- _____. O anticristo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. O livro do filósofo. São Paulo: Centauro, 2004.
- _____. Segunda consideração intempestiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. Nietzsche. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores).
- ORTEGA Y GASSET. O que é Filosofia? Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1961.
- _____. Uma interpretación de la historia universal. Madrid: Alianza Editorial, 1984.
- _____. História como sistema. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- _____. Em torno a Galileu – Esquema das crises. Petrópolis: Vozes, 1989.
- _____. Meditação da técnica. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1963.
- OS PENSADORES ORIGINÁRIOS. Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Trad. Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis: Vozes, 1991.
- PLATÃO. A República. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- _____. Diálogos: O Banquete, Fédon, Sofista, Político. Coleção “Os Pensadores”, SP: Abril cultural, 1972.
- _____. Fedro. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- ROMANO, R. & TENENTI, A. Los fundamentos Del mundo moderno. Madrid: Siglo Vientiuno Ed., 1989.
- SANTO AGOSTINHO. Confissões. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores)
- SCHOPENHAUER, A. Da morte, metafísica do amor, do sofrimento do mundo. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- SILVA, Markus Figueira da. Epicuro: sabedoria e jardim. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- TOBIA, Ana Maria G. (org.) Los griegos: Otros y nosotros. La Plata: Ediciones Al Margen, 2001.
- Toulmin, J. e GOODFIELD, J. El descubrimiento del tiempo. Buenos Aires: Paidós, 1968.
- VIDAL-NAQUET, Pierre. Os gregos, os historiadores, a democracia. O grande desvio. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- VERNANT, J. P. Mito e pensamento entre os gregos. São Paulo: Difel, 1973
- _____. Mito e sociedade na Grécia Antiga. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999. 2ª ed.
- _____. VERNANT e VIDAL-NAQUET. Mito e tragédia na Grécia Antiga. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

Referências

- (1) EPICURO, Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2005. Carta a Meneceu, parágrafo 2.
- (2) EPICURO, Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2005. Carta a Heródoto, parágrafo 83.
- (3) EPICURO, Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2005. Carta a Meneceu, parágrafo 15.
- (4) EPICURO, As luzes da ética. São Paulo: Moderna, 1998. Aforismos de Diógenes Laércio, máxima 27.
- (5) NIETZSCHE, F. A Gaia Ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Aforismo 45, p. 87.
- (6) NIETZSCHE, F. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. Aforismo 200, p. 86.
- (7) EPICURO, Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2005. Carta a Meneceu, parágrafo 12.

Atividade 2

Vamos falar sobre a forma que consumimos? O que consumimos? Para que consumismo? Somos consumistas alienados? O que podemos fazer a respeito?



Vocabulário:

Consumismo refere-se a um modo de vida orientado por uma crescente propensão ao **consumo** de bens ou serviços, em geral supérfluos, em razão do seu significado simbólico (prazer, sucesso, felicidade), frequentemente atribuído pelos meios de comunicação de massa.

(8) DL, X, 37.

(9) EPICURO, Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2005. Carta a Meneceu, parágrafo 16.

(10) NIETZSCHE, F. A Gaia Ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Aforismo 276, ps. 187 e 188.

(11) NIETZSCHE, F. O Anticristo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 10.

(12) EPICURO, Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2005. Aforismo retirado do Codex Vaticanus graec. 1950 do século XIV, ou Gnomologium Vaticanum.

(13) EPICURO, Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2005. Aforismo retirado do Codex Vaticanus graec. 1950 do século XIV, ou Gnomologium Vaticanum.

(14) EPICURO, Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2005. Aforismo retirado do Codex Vaticanus graec. 1950 do século XIV, ou Gnomologium Vaticanum.

(15) EPICURO, Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2005. Aforismos de Diógenes Laércio, máxima 13.

(16) EPICURO, Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2005. Carta a Meneceu, parágrafo 3.

(17) NIETZSCHE, F. Crepúsculo dos ídolos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 31.

(18) NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratustra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 43.

(19) EPICURO, Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2005. Aforismos de Diógenes Laércio, máxima 2.

(20) EPICURO, Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2005. Carta a Heródoto, parágrafo 64.

(21) EPICURO, Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2005. Carta a Heródoto, parágrafo 66.

(22) EPICURO, Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2005. Carta a Meneceu, parágrafos 4, 5 e 6.

(23) EPICURO, Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2005. Aforismo retirado do Codex Vaticanus graec. 1950 do século XIV, ou Gnomologium Vaticanum.

(24) EPICURO, Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2005. Aforismos de Diógenes Laércio. Máxima 7.

(25) NIETZSCHE, F. A Gaia Ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Aforismo 341, p. 230.

(26) NIETZSCHE, F. Genealogia da Moral. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 73.

(27) EPICURO, Pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 2005. Aforismos de Diógenes Laércio. Máxima 15.

Fonte: <http://papodehomem.com.br/epicuro-or-homens-que-voce-deveria-conhecer-48/> (consultado em 30/06/2016)

Atividade 1: Relacione a obra de Bosch com o Epicurismo.

Leitura complementar:

O Jardim das Delícias Terrenas

Autor: Hieronymus **Bosch**, 1504, Óleo sobre madeira, 220x389, Museu do Prado, Madrid.



O Jardim das Delícias Terrenas é um tríptico de Hieronymus **Bosch**, que descreve a história do Mundo a partir da criação, apresentando o paraíso terrestre e o Inferno nas asas laterais. Ao centro aparece um Bosch que celebra os prazeres da carne, com participantes desinibidos, sem sentimento de culpa. A obra expõe ainda símbolos e atividades sexuais com vividez. Especula-se sobre seus financiadores, que poderiam ser adeptos do amor livre, já que parece improvável que alguma igreja tradicional a tenha encomendado.

Ligada à "utopia" por um lado, mas representando o lugar da vida humana por outro, Bosch revela uma atualidade do seu tempo, dado que essa vida está entre o paraíso e o inferno como se conta no Gênesis. O tríptico, quando fechado, tem uma citação transcrita desse livro "*Ele mesmo ordenou e tudo foi criado*". Entre o bem e o mal está o pecado, preposição cristã. No jardim, painel central, estão representações da luxúria, mensagem de fragilidade nas envoltórias do vidro e das flores, refletem um carácter

efêmero da vida, passagem etérea do gozo, do prazer.

Enquanto "utopia", porque transcreve de modo imaginário na imagem um "real", que mais se aproxima do surreal, e representa, mesmo que toda a sociedade e a cultura ocidental esteja marcada por essa estrutura, uma história "utópica" do seu tempo. Entre um "bem" e um "mal" está a vida e o pecado, de certo foi aplicado, mas no início seria apenas uma projeção.

Trítico fechado



O trítico fechado: *A Criação do mundo*, óleo sobre tábua,

O quadro fechado na sua parte exterior alude ao terceiro dia da criação do mundo. Representa um globo terráqueo, com a Terra dentro de uma esfera transparente, símbolo, segundo Tolnay, da fragilidade do universo. Há apenas formas vegetais e minerais, não há animais nem pessoas. Está pintado em tons grises, branco e preto, o que se corresponde a um mundo sem o Sol nem a Lua embora também seja

uma forma de conseguir um dramático contraste com o colorido interior, entre um

mundo antes do homem e outro povoado por infinidade de seres.

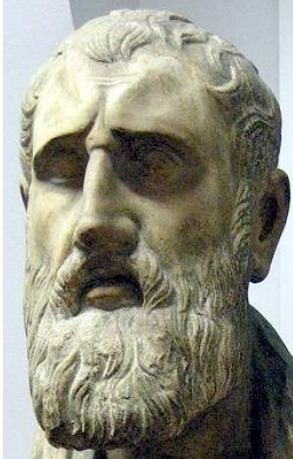
Tradicionalmente, a imagem que amostra o trítico fechado interpretou-se como o *terceiro dia da criação*. O número três era considerado um número completo, perfeito, já que em si mesmo encerra o princípio e o fim. E aqui, ao se fechar, transforma-se, no número um, no círculo: de novo nos permite vislumbrar a perfeição absoluta e, talvez, a trindade divina. No canto superior esquerdo aparece uma pequena imagem de Deus, com uma tiara e a Bíblia sobre os joelhos. Na parte superior pode-se ler a frase, extraída do salmo 33, *IPSE DIXIT ET FACTA S(OU)NT / IPSE MAN(N)DAVIT ET CREATA S(OU)NT*, que significa "Ele o diz, e todo foi feito. Ele o mandou, e tudo foi criado". Outros interpretam que pudera representar a Terra após o dilúvio.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Jardim_das_Del%C3%ADcias_Terrenas (consultado em 30/06/2016).

Vocabulário:

Estoicismo: doutrina fundada por **Zenão de Cítio** (335-264 a.C.), e desenvolvida por várias gerações de filósofos, que se caracteriza por uma ética em que a imperturbabilidade, a extirpação das paixões e a aceitação resignada do destino são as marcas fundamentais do homem sábio, o único apto a experimentar a verdadeira felicidade. O estoicismo exerceu profunda influência na ética cristã.

Filosofia:



Zenão de Cítio (333-263 a.C. – 70 anos): fundou o estoicismo por volta de 300 a.C. que enfatizava a paz de espírito, conquistada através de uma vida plena de virtude, razão e de acordo com as leis da natureza.



Sêneca (4 a.C. – 65 d.C. – 69 anos): foi um dos mais célebres advogados, escritores e intelectuais do Império Romano. Sua obra literária e filosófica é tida como modelo do pensador estoico.

Texto 6: Para saber mais sobre o Estoicismo

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Estoicismo>
(consultado em 30/06/2016)

O **estoicismo** foi uma escola de filosofia helenística fundada em Atenas por **Zenão de Cítio** no início do século III a.C. Os estoicos ensinaram que as **emoções destrutivas resultavam de erros de julgamento, a relação ativa entre determinismo cósmico e liberdade humana e a crença de que é virtuoso manter uma vontade que está de acordo com a natureza**. Devido a isso, os estoicos apresentaram sua filosofia como um modo de vida e pensavam que a melhor indicação da filosofia de um indivíduo não era o que uma pessoa diz, mas como essa pessoa se comporta. **Para viver uma boa vida, era preciso entender as regras da ordem natural, uma vez que ensinavam que tudo estava enraizado na natureza**.

Mais tarde os estoicos - tais como **Sêneca** e **Epiteto** - enfatizaram que, porque "a virtude é suficiente para a felicidade", um sábio era imune ao infortúnio. Essa crença é semelhante ao significado da frase "**calma estoica**", embora a frase não incluía as visões dos "radicais éticos" estoicos onde somente um sábio pode ser considerado verdadeiramente livre e que todas as corrupções morais são igualmente perversas. O estoicismo desenvolveu-se como um sistema integrado pela lógica, pela física e pela ética, articuladas por princípios comuns, **a ética estoica que teve maior influência no desenvolvimento da tradição filosófica chegou a influenciar os primórdios do cristianismo**.

Desde a sua fundação, a doutrina estoica era popular com seguidores na Grécia romana e por todo o Império Romano - incluindo o imperador romano **Marco Aurélio**, até o fechamento de todas as escolas de filosofia pagã em 529 d.C. por ordem do imperador **Justiniano**, que os percebeu como em desacordo com a fé cristã. O neoestoicismo foi um movimento filosófico sincrético, juntando-se o estoicismo e o cristianismo, influenciado por **Justus Lipsius**.

A escola estoica preconizava a indiferença à dor de ânimo causada pelos males e agruras da vida. Reunia seus discípulos sob **pórticos ("stoa", em grego)** situados em templos, mercados e ginásios. Foi bastante influenciada pelas doutrinas cínica e epicurista, além da influência de Sócrates.

"A filosofia não visa a assegurar qualquer coisa externa ao homem. Isso seria admitir algo que está além de seu próprio objeto. Pois assim como o material do

Vídeo:



Sêneca e a raiva – por Alain de Botton

https://www.youtube.com/watch?v=If0_xu1_JgI

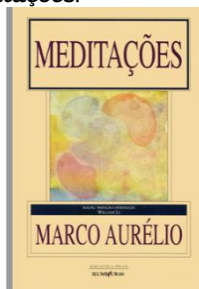
Filosofia:



Epiteto (55-135 d.C. – 80 anos): foi um filósofo grego estoico que viveu a maior parte de sua vida em Roma, como escravo a serviço de Epafrodito, o cruel secretário de Nero.



Marco Aurélio (121-180 d.C.) – Foi imperador de Roma de 161 até sua morte. Foi o último dos cinco bons imperadores, e é lembrado como um governante bem-sucedido e culto. Dedicou-se à filosofia, especialmente ao estoicismo e escreveu uma obra que até hoje é lida, **Meditações**.



Vídeos:



PHILOSOPHY - The Stoics (em inglês)

<https://www.youtube.com/watch?v=yu7n0XzqtFA>

carpinteiro é a madeira, e o do estatuário é o bronze, a matéria-prima da arte de viver é a própria vida de cada pessoa.”

Os estoicos apresentavam uma visão unificada do mundo consistindo de uma lógica formal, uma física não dualista e uma ética naturalista. Dentre estes, eles enfatizavam a ética como o foco principal do conhecimento humano, embora suas teorias lógicas fossem de mais interesse para os filósofos posteriores.

O estoicismo ensina o desenvolvimento do autocontrole e da firmeza como um meio de superar emoções destrutivas. Defende que tornar-se um pensador claro e imparcial permite compreender a razão universal (*logos*). Um aspecto fundamental do estoicismo envolve a melhoria da ética do indivíduo e de seu bem-estar moral: "A virtude consiste em um desejo que está de acordo com a natureza". Este princípio também se aplica ao contexto das relações interpessoais; "libertar-se da raiva, da inveja e do ciúme" e **aceitar** até mesmo os escravos como "iguais aos outros homens, porque todos os homens são igualmente produtos da natureza".

A ética estoica defende uma perspectiva **determinista**. Com relação àqueles que não têm a virtude estoica, **Cleanto** uma vez opinou que o homem ímpio (sem fé, não respeita os valores admitidos) é "**como um cão amarrado a uma carroça, obrigado a ir para onde ela vai**". Já um estoico de virtude, por sua vez, alteraria a sua vontade para se adequar ao mundo e permanecer, nas palavras de **Epicteto**, "doente e ainda feliz, em perigo e ainda assim feliz, morrendo e ainda assim feliz, no exílio e feliz, na desgraça e feliz", assim afirmando um desejo individual "completamente autônomo" e, ao mesmo tempo, um universo que é "**um todo rigidamente determinista**".

O estoicismo tornou-se a filosofia mais popular entre as elites educadas do mundo helenístico e do **Império Romano**, a ponto de, nas palavras de Gilbert Murray, "**quase todos os sucessores de Alexandre [...] declararem-se estoicos.**"

Princípios estoicista:

- Virtude é o único bem e caminho para a felicidade;
- Indivíduo deve negar os sentimentos externos;
- O prazer é um inimigo do homem sábio;
- Universo governado por uma razão universal natural;
- Valorização da apatia (indiferença);

Fases do Estoicismo

O estoicismo está dividido em três períodos, a saber:

Vídeos:



Stoicism – Meditations by Marcus Aurelius animated book review.

<https://www.youtube.com/watch?v=IM6OtqGzINA>



Stoicism in 6 Minutes

<https://www.youtube.com/watch?v=3QztdN4hUKA>

Filme:



São 13 filmes já produzidos e 6 séries televisivas. As histórias de *Star Trek* normalmente mostram as aventuras de humanos e alienígenas que servem a Frota Estelar, uma armada pacífica que serve a Federação Unida dos Planetas. Os personagens são essencialmente altruístas, cujos ideais são aplicados nos dilemas apresentados na série. Os conflitos apresentados em *Star Trek* às vezes representam uma alegoria para conflitos contemporâneos: a série original discute questões da década de 1960, assim como seus spin-offs refletem as questões de suas respectivas décadas. Questões refletidas nas séries incluem: guerra e paz, lealdade, autoritarismo, imperialismo, economia, racismo, religião, direitos humanos, sexismo, feminismo e o papel da tecnologia.



Spock: personagem de *Star Trek* com valores semelhantes aos defendidos pelos filósofos estoicos.

- **Estoicismo Antigo** (*stoá antiga*): período mais focado na doutrina ética. Os maiores representantes do período foram os filósofos Zênon de Cítion, Cleantes de Assos e Crisipo de Soli.

- **Estoicismo Helenístico Romano** (*stoá média*): período mais eclético, donde se destacaram os filósofos Panécio de Rodes, Posidônio de Apameia e Cícero.

- **Estoicismo Imperial Romano** (*stoá nova*): de cunho mais religioso, sendo seus principais representantes os filósofos Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Estoicismo> (consultado em 30/06/2016)

Atividade 1

Leitura complementar:

Algumas ideias estoicas presentes na cultura contemporânea

1) Spock – Vulcano (alienígena da série Star Trek)

Os **vulcanos** são uma espécie humanóide do universo fictício do seriado *Star Trek*, proveniente do planeta Vulcano. **Conhecidos pelo seu comportamento frio e racional devido à repressão de emoções**, os vulcanos foram a primeira raça alienígena com quem os humanos fizeram contato em 2063 — quando Zefram Cochrane, criador do Motor de Dobra fez seu primeiro voo mais rápido que a luz.

Seu sangue é verde, pois sua hemoglobina é baseada em cobre. Eles podem escutar ultra e infra-sons e enxergam num espectro maior (infravermelho e ultravioleta).

A filosofia vulcana baseia-se nos ensinamentos do **filósofo Surak** que pregam a **lógica e o uso da mesma para guiar a vida, reprimindo totalmente as emoções**. Sem isto, os vulcanos perdem o controle de si mesmos e se transformam em bárbaros novamente. Os vulcanos valorizam muito a família apesar de não demonstrar amor/afeto.

A lógica vulcana é mantida por um ritual de meditação feito todos os dias, a não ser que o vulcano tenha a síndrome de Bendii (pronuncia-se Bendai), uma doença que atinge vulcanos com mais de 200 anos, de cura ainda desconhecida.

Fontes diversas do site: <https://pt.wikipedia.org/> (consultado em 30/06/2016)



2) Filosofia Jedi é a quarta maior religião no Reino Unido

Filmes:



Star Wars é o título de uma franquia de ópera espacial estadunidense criada pelo cineasta George Lucas. A franquia conta com uma série de sete filmes de fantasia científica e um spin-off. O primeiro filme da série foi lançado apenas com o título Star Wars em 25 de maio de 1977, e se tornou um sucesso inesperado e fenômeno mundial de cultura popular.

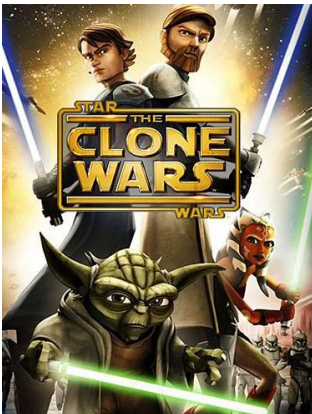
Código Jedi: foi um código de conduta que estabelecia modos e regras de comportamento para os Jedi. Embora tenha sido alterada ao longo dos anos, todas as versões continham o mesmo significado e a mesma mensagem a transmitir.

Fonte: http://pt.starwars.wikia.com/wiki/C%C3%B3digo_Jedi



Símbolo Jedi

Desenho:



Star Wars: The Clone Wars foi uma série de animação em 3D produzida pela empresa estadunidense Lucasfilm. A série foi baseada no filme homônimo lançado em 2008 e destacou-se como uma grande série original do Cartoon Network. A última e sexta temporada foi publicada pela Netflix.



2001 e revelou que 390 mil pessoas declararam o “Jedi” ou “cavaleiro Jedi” como sua religião, tornando-a a quarta maior do Reino Unido. O número é maior que a quantidade de habitantes de Florianópolis. Ela só perde para o Cristianismo, com 42 milhões de seguidores, Islamismo, com 1,5 milhão, e Hinduísmo, com 559 mil.

A nova religião é conhecida como **Jediísmo**, e segue o **código Jedi** presente na história de **Star Wars**, um dos principais filmes de ficção científica da história. Apesar de ganhar status de movimento religioso, o **Jediísmo** não inclui a ideia de um Deus ou vários deuses.

Além do Reino Unido, existe um número estimado de 70 mil cavaleiros Jedi na Austrália, 53 mil na Nova Zelândia e 20 mil no Canadá. Mesmo com a quantidade expressiva de integrantes, a religião ainda não foi oficializada por nenhum desses países e, portanto, não é considerada como tal por seus governos. Todos os que relataram serem da religião Jedi foram incluídos pelo censo na porcentagem dos que declararam não possuir nenhuma religião.

Mas alguns de seus integrantes querem transformar o “Dia Internacional para a Tolerância” (data criada pela ONU para “reafirmar a fé nos Direitos Humanos fundamentais”) no “Dia Interestelar para a Tolerância”. O objetivo é “refletir o aspecto religioso da civilização no século XXI”. Será preciso muita “Força” para convencer os funcionários da ONU a aceitarem a mudança.

Fonte: <http://www.tecmundo.com.br/da-ficcao-para-a-realidade/15628-filosofia-jedi-e-a-quarta-maior-religiao-no-reino-unido.htm> (consultado em 30/06/2016)

3) Mestre Yoda

Quase 400 mil pessoas no Reino Unido estão **unidas pela “Força”**, compartilhando um mesmo ideal filosófico: elas declararam seguir a **filosofia Jedi** como religião. Os dados foram divulgados por um censo feito na nação, que é formada por Inglaterra, Irlanda do Norte, Escócia e País de Gales.

O censo foi realizado em



Personagem de Star Wars:



Mestre Yoda: o mais sábio e famoso dos cavaleiros Jedis.



Frases do Mestre Yoda:

“Faça ou não faça. A tentativa não existe.”

“O medo é o caminho para o lado escuro. O medo leva à raiva, raiva leva ao ódio; o ódio leva ao sofrimento.”

“Apego leva ao ciúmes. Sombra da ganância, isso é.”

“Treine a si mesmo a deixar partir tudo que teme perder.”

“O medo da perda é um caminho para o lado negro.”

“Guerras não faz grande ninguém.”

“Tamanho importa não. Olhe para mim. Você julga a mim pelo tamanho?”

“Muitas das verdades que temos dependem de nosso ponto de vista.”

“Sempre passar aos outros o que você aprendeu.”

“Que a força esteja com você”.

O que as ideias do Mestre Yoda têm a nos ensinar? "Muito", diriam os filósofos. É partindo dessa premissa que o artigo destaca 8 frases ditas por um dos personagens mais queridos do universo Star Wars e as analisa sob uma visão filosófica, comparando-as com os pensamentos de grandes filósofos, como **Sêneca**, Sun Tzu, Platão e Nietzsche.

“Fear is the path to the dark side. Fear leads to anger, anger leads to hate, hate leads to suffering” (O medo é o caminho para o lado negro. O medo leva a raiva, a raiva leva ao ódio, o ódio leva ao sofrimento)

Para o filósofo **Sêneca** (4 a.C. – 65), “uma ira desmedida acaba em loucura; por isso, evita a ira, para conservares não apenas o domínio de ti mesmo, mas também a tua própria saúde”.

A **filosofia estoica** de **Sêneca** nos ensina a ter moderação e aceitar que não temos o controle de tudo que acontece e que aceitar este fato e tentar mudar as coisas que podemos mudar é essencial para termos tranquilidade. Quanto mais cedo entendermos isso, mais cedo alcançaremos a **ataraxia** (tranquilidade da alma), segundo **Sêneca**.

Ainda segundo o filósofo “a maldade bebe a maior parte do veneno que produz”.

Fonte: http://obviousmag.org/renato_collyer/2015/06/a-filosofia-do-mestre-yoda-em-8-frases.html (consultado em 30/06/2016)



De Anakin Skywalker à Darth Vader : **“O medo é o caminho para o lado escuro. O medo leva à raiva, raiva leva ao ódio; o ódio leva ao sofrimento.”**

Filosofia:

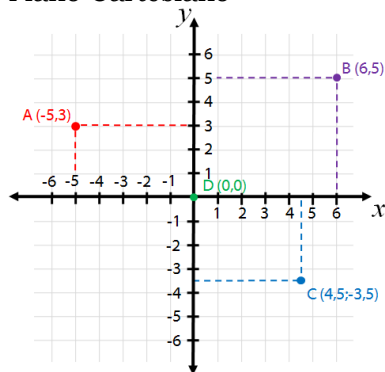
Meditações Metafísicas: “menos conhecidas pelo grande público do que o *Discurso do Método*, para os filósofos, porém, *Meditações Metafísicas* constituem a obra mestra de Descartes, livro em torno do qual se articulam todos os outros textos. E mais: um pilar e um eixo para toda a história da filosofia.” In HUISMAN, Denis. *Dicionário de Obras Filosóficas*, Martins Fontes, 2002, p. 363

Filosofia/Matemática:

René Descartes (1596-1650) Foi um filósofo, físico e matemático francês. É conhecido também por seu nome latino Rensatus Cartesius.

Matemática:

Plano Cartesiano



Criado por René Descartes, o plano cartesiano consiste em dois eixos perpendiculares, sendo o horizontal chamado de eixo das abscissas e o vertical de eixo das ordenadas. O plano cartesiano foi desenvolvido por Descartes no intuito de localizar pontos num determinado espaço.

Vocabulário filosófico:

Dúvida metódica: método utilizado por Descartes para eliminar todas as pretensas verdades, buscando-se

Texto 7 - Meditações (1ª. e 2ª.)

DESCARTES, René. Meditações. (Os Pensadores) São Paulo, Abril Cultural, 1983.

MEDITAÇÃO PRIMEIRA1**Das Coisas que se Podem Colocar em Dúvida**

1. Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão muito duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências. Mas, parecendo-me ser muito grande essa empresa, aguardei atingir uma idade que fosse tão madura que não pudesse esperar outra após ela, na qual eu estivesse mais apto para executá-la; o que me fez diferi-la por tão longo tempo que doravante acreditaria cometer uma falta se empregasse ainda em deliberar o tempo que me resta para agir.

2. Agora, pois, que meu espírito está livre de todos os cuidados, e que consegui um repouso assegurado numa pacífica solidão, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade em destruir em geral todas as minhas antigas opiniões. Ora, não será necessário, para alcançar esse desígnio, provar que todas elas são falsas, o que talvez nunca levasse a cabo; mas, uma vez que a razão já me persuade de que não devo menos cuidadosamente impedir-me de dar crédito às coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis, do que às que nos parecem manifestamente ser falsas, o menor motivo de dúvida que eu nelas encontrar bastará para me levar a rejeitar todas². E, para isso, não é necessário que examine cada uma em particular, o que seria um trabalho infinito; mas, visto que a ruína dos alicerces carrega necessariamente consigo todo o resto do edifício, dedicar-me-ei inicialmente aos princípios sobre os quais todas as minhas antigas opiniões estavam apoiadas.

3. Tudo o que recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez³.

4. Mas, ainda que os sentidos nos enganem às vezes, no que se refere às coisas pouco sensíveis e muito distantes, encontramos talvez muitas outras, das quais não se pode razoavelmente duvidar, embora as conhecêssemos por intermédio deles: por exemplo, que eu esteja aqui, sentado junto ao fogo, vestido com

assim, uma verdade indubitável e inquestionável.

Ceticismo: doutrina segundo a qual o espírito humano não pode atingir nenhuma certeza a respeito da verdade.

Dogmatismo: pressuposto teórico, comum a diversas doutrinas filosóficas, que considera o conhecimento humano apto à obtenção de verdades absolutamente certas e seguras.

Racionalismo: qualquer doutrina que privilegia a razão como meio de conhecimento e explicação da realidade.

Empirismo: doutrina segundo a qual todo conhecimento provém unicamente da experiência, limitando-se ao que pode ser captado do mundo externo, pelos sentidos.

Filme/Cinema:

A origem / Inception (2010)



Direção: Christopher Nolan
Ficção-científica que explora a dúvida entre o sonho e a realidade.

um chambre, tendo este papel entre as mãos e outras coisas desta natureza. E como poderia eu negar que estas mãos e este corpo sejam meus? A não ser, talvez, que eu me compare e esses insensatos, cujo cérebro está de tal modo perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bile que constantemente asseguram que são reis quando são muito pobres; que estão vestidos de ouro e de púrpura quando estão inteiramente nus; ou imaginam ser cântaros ou ter um corpo de vidro. Mas quê? São loucos e eu não seria menos extravagante se me guiasse por seus exemplos.

5. Todavia, devo aqui considerar que sou homem⁴ e, por conseguinte, que tenho o costume de dormir e de representar, em meus sonhos, as mesmas coisas, ou algumas vezes menos verossímeis, que esses insensatos em vigília. Quantas vezes ocorreu-me sonhar, durante a noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse inteiramente nu dentro de meu leito? Parece-me agora que não é com olhos adormecidos que contemplo este papel; que esta cabeça que eu mexo não está dormente; que é com desígnio e propósito deliberado que estendo esta mão e que a sinto: o que ocorre no sono não parece ser tão claro nem tão distinto quanto tudo isso. Mas, pensando cuidadosamente nisso, lembro-me de ter sido muitas vezes enganado, quando dormia, por semelhantes ilusões. E, detendo-me neste pensamento, vejo tão manifestamente que não há quaisquer indícios concludentes, nem marcas assaz certas por onde se possa distinguir nitidamente a vigília do sono, que me sinto inteiramente pasmado: e meu pasmo é tal que é quase capaz de me persuadir de que estou dormindo.

6. Suponhamos, pois, agora, que estamos adormecidos e que todas essas particularidades, a saber, que abrimos os olhos que mexemos a cabeça, que estendemos as mãos, e coisas semelhantes, não passam de falsas ilusões; e pensemos que talvez nossas mãos, assim como todo o nosso corpo, não são tais como os vemos. Todavia, é preciso ao menos confessar que as coisas que nos são representadas durante o sono são como quadros e pinturas, que não podem ser formados senão à semelhança de algo real e verdadeiro; e que assim, pelo menos, essas coisas gerais, a saber, olhos, cabeça, mãos e todo o resto do corpo, não são coisas imaginárias, mas verdadeiras e existentes. Pois, na verdade, os pintores, mesmo quando se empenham com o maior artifício em representar sereias e sátiros por formas estranhas e extraordinárias, não lhes podem, todavia, atribuir formas e naturezas inteiramente novas, mas apenas fazem certa mistura e composição dos membros de diversos animais; ou então, se porventura sua imaginação for assaz extravagante para inventar algo de tão novo, que jamais tenhamos visto coisa semelhante e que assim sua obra nos represente uma coisa puramente fictícia e absolutamente falsa, certamente ao menos as cores com que eles a compõem devem ser verdadeiras.

Filme/Cinema:
Interstellar (2014)



Direção: Christopher Nolan
Ficção-científica aclamada pela crítica e pelo público que explora diversas reflexões sobre a veracidade do real.

Filosofia:

“As perguntas em filosofia são mais essenciais que as respostas e cada resposta transforma-se numa nova pergunta.” K. Jaspers in *Introdução ao pensamento filosófico*, 1971, Cultrix, São paulo, p. 140



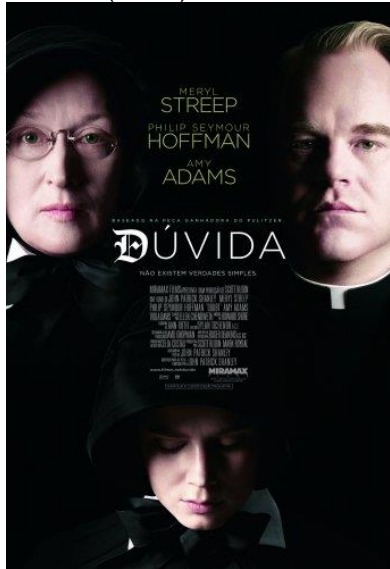
Karl Jaspers (1883-1969)

7. E pela mesma razão, ainda que essas coisas gerais, a saber, olhos, cabeça, mãos e outras semelhantes, possam ser imaginárias, é preciso, todavia, confessar que há coisas ainda mais simples e mais universais, que são verdadeiras e existentes; de cuja mistura, nem mais nem menos do que da mistura de algumas cores verdadeiras, são formadas todas essas imagens das coisas que residem nesse pensamento, quer verdadeiras e reais, quer fictícias e fantásticas. **Desse gênero de coisas é a natureza corpórea em geral, e sua extensão;** juntamente com a figura das coisas extensas, sua quantidade, ou grandeza, e seu número; como também o lugar em que estão, o tempo que mede sua duração e outras coisas semelhantes⁵.

8. **Eis por que, talvez, daí nós não concluamos mal se dissermos que a Física, a Astronomia, a Medicina e todas as outras ciências dependentes da consideração das coisas compostas são muito duvidosas e incertas;** mas que a Aritmética, a Geometria e as outras ciências desta natureza, que não tratam senão de coisas muito simples e muito gerais, sem cuidarem muito em se elas existem ou não na natureza, contêm alguma coisa de certo e indubitável. **Pois, quer eu esteja acordado, quer esteja dormindo, dois mais três formarão sempre o número cinco e o quadrado nunca terá mais do que quatro lados; e não parece possível que verdades tão patentes possam ser suspeitas de alguma falsidade ou incerteza.**

9. Todavia, há muito que tenho no meu espírito certa opinião⁶ de que há um Deus que tudo pode e por quem fui criado e produzido tal como sou. **Ora, quem me poderá assegurar que esse Deus não tenha feito com que não haja nenhuma terra, nenhum céu, nenhum corpo extenso, nenhuma figura, nenhuma grandeza, nenhum lugar e que, não obstante, eu tenha os sentimentos de todas essas coisas e que tudo isso não me pareça existir de maneira diferente daquela que eu vejo?** E, mesmo, como julgo que algumas vezes os outros se enganam até nas coisas que eles acreditam saber com maior certeza, **pode ocorrer que Deus tenha desejado que eu me engane todas as vezes em que faço a adição de dois mais três, ou em que enumero os lados de um quadrado, ou em que julgo alguma coisa ainda mais fácil, se é que se pode imaginar algo mais fácil do que isso.** Mas pode ser que Deus não tenha querido que eu seja decepcionado desta maneira, pois ele é considerado soberanamente bom. Todavia, **se repugnasse à sua bondade fazer-me de tal modo que eu me enganasse sempre, pareceria também ser-lhe contrário permitir que eu me engane algumas vezes e, no entanto, não posso duvidar de que ele me permita⁷.**

10. Haverá talvez aqui pessoas que preferirão negar a existência de um Deus tão poderoso a acreditar que todas as outras coisas são incertas. Mas não lhes resistamos no momento e suponhamos, em favor delas, que tudo quanto aqui é dito de um Deus seja uma

Filme/cinema:*Dúvida* (2008)

Diretor: John P. Shanley

Filme ambientado em escola católica do bairro novaiorquino do Bronx que recebe seu primeiro aluno negro. Inicia-se o sermão do padre Flynn sobre a dúvida, tema que norteará todo a trama.

**HUMANÍSTICA – CSL
PROJETO VIDA
PROJETO DEMOCRACIA E
PARTICIPAÇÃO**

Transversalidade:

Existem 106 milhões de pretos e pardos no Brasil 53,6% (Fonte IBGE-2015). Quantos existem na sua sala de aula?

Vamos falar sobre racismo? O que podemos fazer?



fábula. Todavia, de qualquer maneira que suponham ter eu chegado ao estado e ao ser que possuo, quer o atribuam a algum destino ou fatalidade, quer o refiram ao acaso, quer queiram que isto ocorra por uma contínua série e conexão das coisas, é certo que, já que falhar e enganar-se é uma espécie de imperfeição, quanto menos poderoso for o autor a que atribuírem minha origem tanto mais será provável que eu seja de tal modo imperfeito que me engane sempre. Razões às quais nada tenho a responder, mas sou obrigado a confessar que, de todas as opiniões que recebi outrora em minha crença como verdadeiras, não há nenhuma da qual não possa duvidar atualmente, não por alguma inconsideração ou leviandade, mas por razões muito fortes e maduramente consideradas: de sorte que é necessário que interrompa e suspenda doravante meu juízo sobre tais pensamentos, e que não mais lhes dê crédito, como faria com as coisas que me parecem evidentemente falsas, se desejo encontrar algo de constante e de seguro nas ciências⁸.

11. Mas não basta ter feito tais considerações, é preciso ainda que cuide de lembrar-me delas; pois essas antigas e ordinárias opiniões ainda me voltam amiúde ao pensamento, dando-lhes a longa e familiar convivência que tiveram comigo o direito de ocupar meu espírito mau grado meu e de tornarem-se quase que senhoras de minha crença. E jamais perderei o costume de aquiescer a isso e de confiar nelas, enquanto as considerar como são efetivamente, ou seja, como duvidosas de alguma maneira, como acabamos de mostrar, e todavia muito prováveis, de sorte que se tem muito mais razão em acreditar nelas do que em negá-las. Eis por que penso que me utilizarei delas mais prudentemente se, tomando partido contrário, empregar todos os meus cuidados em enganar-me a mim mesmo, fingindo que todos esses pensamentos são falsos e imaginários; até que, tendo de tal modo sopesado meus prejuízos, eles não possam inclinar minha opinião mais para um lado do que para o outro, e meu juízo não mais seja doravante dominado por maus usos e desviado do reto caminho que pode conduzi-lo ao conhecimento da verdade. Pois estou seguro de que, apesar disso, não pode haver perigo nem erro nesta via e de que não poderia hoje aceder demasiado à minha desconfiança, posto que não se trata no momento de agir, mas somente de editar e de conhecer.

12. Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno⁹ não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos são apenas ilusões e enganos de que ele se serve para surpreender minha credulidade. Considerar-me-ei a mim mesmo absolutamente desprovido de mãos, de olhos, de carne, de sangue, desprovido de quaisquer sentidos, mas dotado da falsa crença de ter todas essas coisas. Permanecerei obstinadamente apegado a

Arte:



A condição humana, (1933)

Autor: René Magritte

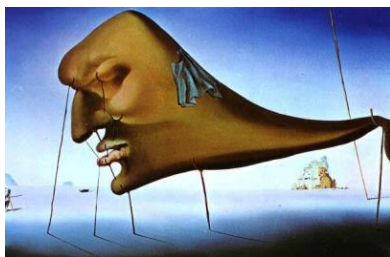
O real é maior do que o quadro ou o real é uma construção contínua composta por infinitos quadros, nos quais a realidade é tecida?



The Treachery of Images (Isso não é um cachimbo) (1948)

Autor: René Magritte

“Se eu tivesse escrito sob meu quadro ‘isto é um cachimbo’, eu estaria mentindo”.



Sono (1937)

Autor: Salvador Dalí.

Esse sono que é um verdadeiro monstro "crisálido", cuja morfologia e nostalgia são apoiadas por onze muletas principais. Trata-se de uma representação visual do colapso do corpo durante o sono.

esse pensamento; e se, por esse meio, não está em meu poder chegar ao conhecimento de qualquer verdade, ao menos está ao meu alcance suspender meu juízo. Eis por que cuidarei zelosamente de não receber em minha crença nenhuma falsidade, e prepararei tão bem meu espírito a todos os ardis desse grande enganador que, por poderoso e ardiloso que seja, nunca poderá impor-me algo.

13. Mas esse desígnio é árduo e trabalhoso¹⁰ e certa preguiça arrasta-me insensivelmente para o ritmo de minha vida ordinária. E, assim como um escravo que gozava de uma liberdade imaginária, quando começa a suspeitar de que sua liberdade é apenas um sonho, teme ser despertado e conspira com essas ilusões agradáveis para ser mais longamente enganado, assim eu reincido insensivelmente por mim mesmo em minhas antigas opiniões e evito despertar dessa sonolência, de medo de que as vigílias laboriosas que se sucederiam à tranquilidade de tal repouso, em vez de me propiciarem alguma luz ou alguma clareza no conhecimento da verdade, não fossem suficientes para esclarecer as trevas das dificuldades que acabam de ser agitadas.

MEDITAÇÃO SEGUNDA¹¹

Da Natureza do Espírito Humano; e de como Ele é Mais Fácil de Conhecer do que o Corpo

1. A Meditação que fiz ontem encheu-me o espírito de tantas dúvidas, que doravante não está mais em meu alcance esquecê-las. E, no entanto, não vejo de que maneira poderia resolvê-las; e, como se de súbito tivesse caído em águas muito profundas, estou de tal modo surpreso que não posso nem firmar meus pés no fundo, nem nadar para me manter à tona. Esforçar-me-ei, não obstante, e seguirei novamente a mesma via que trilhei ontem, afastando-me de tudo em que poderia imaginar a menor dúvida, da mesma maneira como se eu soubesse que isto fosse absolutamente falso; e continuarei sempre nesse caminho até que tenha encontrado algo de certo, ou, pelo menos, se outra coisa não me for possível, até que tenha aprendido certamente que não há nada no mundo de certo.

2. Arquimedes, para tirar o globo terrestre de seu lugar e transportá-lo para outra parte, não pedia nada mais **exceto um ponto que fosse fixo e seguro. Assim, terei o direito de conceber altas esperanças, se for bastante feliz para encontrar somente uma coisa que seja certa e indubitável**¹².

3. Suponho, portanto, que todas as coisas que vejo são falsas; persuado-me de que jamais existiu de tudo quanto minha memória referta de mentiras me representa; penso não possuir nenhum sentido; creio que o corpo, a figura, a extensão, o



Mão com esfera refletora

(1935) Autor: Escher

O pintor faz sua imagem refletida na esfera, o que possibilita detalhar o ambiente inteiro, mas, por curiosidade: com que mão ele segura a esfera: com a direita ou com a esquerda?

Matemática:

ARCHIMEDES PHILOSOPHE
Graec. Chap. 23.



Arquimedes

(287 a.C. – 212 a.C.)

Foi um matemático, físico, engenheiro e astrônomo grego.

**COGITO = DUBITO, ERGO
COGITO, ERGO SUM
(DUVIDO, LOGO PENSO,
LOGO EXISTO).**

movimento e o lugar são apenas ficções de meu espírito. O que poderá, pois, ser considerado verdadeiro? Talvez nenhuma outra coisa a não ser que nada há no mundo de certo.

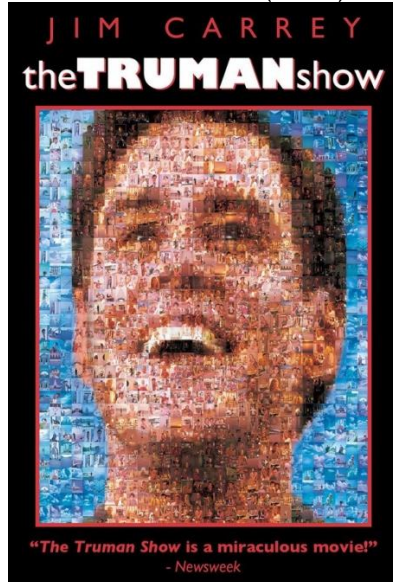
4. Mas que sei eu, se não há nenhuma outra coisa diferente das que acabo de julgar incertas, da qual não se possa ter a menor dúvida? Não haverá algum Deus, ou alguma outra potência, que me ponha no espírito tais pensamentos? Isso não é necessário; pois talvez seja eu capaz de produzi-los por mim mesmo. Eu então, pelo menos, não serei alguma coisa? Mas já neguei que tivesse qualquer sentido ou qualquer corpo. Hesito, no entanto, pois que se segue daí? Serei de tal modo dependente do corpo e dos sentidos que não possa existir sem eles? Mas eu me persuadi de que nada existia no mundo, que não havia nenhum céu, nenhuma terra, espíritos alguns, nem corpos alguns: não me persuadi também, portanto, de que eu não existia¹³? Certamente não, eu existia sem dúvida, se é que eu me persuadi, ou, apenas, pensei alguma coisa. Mas há algum, não sei qual, enganador muito poderoso e mui artiloso que emprega toda a sua indústria em enganar-me sempre. Não há, pois, dúvida alguma de que sou, se ele me engana; e, por mais que me engane, não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa¹⁴. De sorte que, após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, **eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito**¹⁵.

5. Mas não conheço ainda bastante claramente o que sou, eu que estou certo de que sou; de sorte que doravante é preciso que eu atente com todo cuidado, para não tomar imprudentemente alguma outra coisa por mim, e assim para não equivocar-me neste conhecimento que afirmo ser mais certo e mais evidente do que todos os que tive até agora¹⁶.

6. Eis por que considerarei de novo o que acreditava ser, antes de me empenhar nestes últimos pensamentos; e de minhas antigas opiniões suprimirei tudo o que pode ser combatido pelas razões que aleguei há pouco, de sorte que permaneça apenas precisamente o que é de todo indubitável. O que, pois, acreditava eu ser até aqui? Sem dificuldade, pensei que era um homem. Mas que é um homem? Direi que é um animal racional? Certamente não: pois seria necessário em seguida pesquisar o que é animal e o que é racional e assim, de uma só questão, cairíamos insensivelmente numa infinidade de outras mais difíceis e embaraçosas, e eu não quereria abusar do pouco tempo e lazer que me resta empregando-o em deslindar semelhantes sutilezas¹⁷. Mas, antes, deter-me-ei em considerar aqui os pensamentos que anteriormente nasciam por si mesmos em meu espírito e que eram inspirados apenas por minha natureza, quando me aplicava à consideração de meu ser. Considerava-me, inicialmente, como

Filme/Cinema:

O Show de Truman (1998)

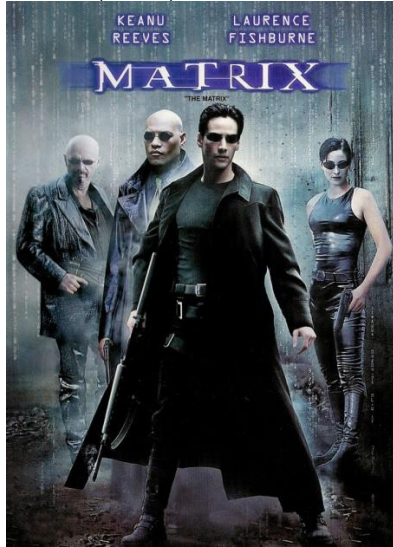


Direção: Peter Weir

O filme mostra a vida de Truman Burbank, um homem que não sabe que está vivendo numa realidade simulada por um programa da televisão.

Filme/Cinema:

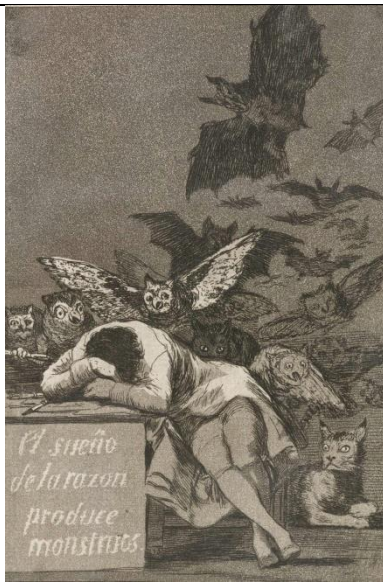
Matrix (1999)



Direção: irmãs Wachowski
Ficção-científica que aborda a dúvida entre o virtual e o real.

provido de rosto, mãos, braços e toda essa máquina composta de ossos e carne, tal como ela aparece em um cadáver, a qual eu designava pelo nome de corpo. Considerava, além disso, que me alimentava, que caminhava, que sentia e que pensava e relacionava todas essas ações à alma¹⁸; mas não me detinha em pensar em que consistia essa alma, ou, se o fazia, imaginava que era algo extremamente raro e sutil, como um vento, uma flama ou um ar muito tênue, que estava insinuado e disseminado nas minhas partes mais grosseiras. No que se referia ao corpo, não duvidava de maneira alguma de sua natureza; pois pensava conhecê-la mui distintamente e, se quisesse explicá-la segundo as noções que dela tinha, tê-la-ia descrito desta maneira: **por corpo entendo tudo o que pode ser limitado por alguma figura; que pode ser compreendido em qualquer lugar e preencher um espaço de tal sorte que todo outro corpo dele seja excluído; que pode ser sentido ou pelo tato, ou pela visão, ou pela audição, ou pelo olfato; que pode ser movido de muitas maneiras, não por si mesmo, mas por algo de alheio pelo qual seja tocado e do qual receba a impressão.** Pois não acreditava de modo algum que se devesse atribuir à natureza corpórea vantagens como ter de si o poder de mover-se, de sentir e de pensar; ao contrário, espantava-me antes ao ver que semelhantes faculdades se encontravam em certos corpos¹⁹.

7. Mas eu, o que sou eu, agora que suponho²⁰ que há alguém que é extremamente poderoso e, se ousar dizê-lo, malicioso e ardiloso, que emprega todas as suas forças e toda a sua indústria em enganar-me? Posso estar certo de possuir a menor de todas as coisas que atribuí há pouco à natureza corpórea? Detenho-me em pensar nisto. Com atenção, passo e repasso todas essas coisas em meu espírito, e não encontro nenhuma que possa dizer que exista em mim. Não é necessário que me demore a enumerá-las. Passemos, pois, aos atributos da alma e vejamos se há alguns que existam em mim. Os primeiros são alimentar-me e caminhar; mas, se é verdade que não possuo corpo algum, é verdade também que não posso nem caminhar nem alimentar-me. Um outro é sentir; mas não se pode também sentir sem o corpo; além do que, pensei sentir outrora muitas coisas, durante o sono, as quais reconheci, ao despertar, não ter sentido efetivamente. **Um outro é pensar; e verifico aqui que o pensamento é um atributo que me pertence; só ele não pode ser separado de mim. Eu sou, eu existo: isto é certo; mas por quanto tempo? A saber, por todo o tempo em que eu penso²¹; pois poderia, talvez, ocorrer que, se eu deixasse de pensar, deixaria ao mesmo tempo de ser ou de existir. Nada admito agora que não seja necessariamente verdadeiro: nada sou, pois, falando precisamente, senão uma coisa que pensa, isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão, que são termos cuja significação me era anteriormente²² desconhecida. Ora, eu sou uma coisa verdadeira e verdadeiramente existente; mas que coisa? Já o disse: uma coisa que pensa. E que mais? Excitarei ainda minha imaginação para procurar saber se não sou algo mais. Eu não sou essa reunião de membros que se chama o corpo humano;**



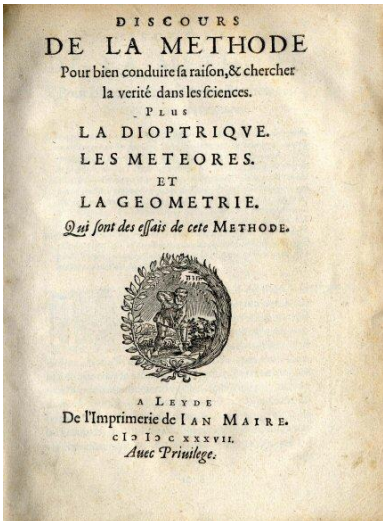
Arte/História:

O sonho da razão produz monstros (1799)

Autor: Francisco de Goya

Este quadro faz parte da série de 80 gravuras denominada *Caprichos* – Uma crítica à nobreza e ao clero europeu.

Filosofia:



Discurso do método (1637)

Autor: René Descartes

Publicado em Leiden, Holanda, apresenta a base da epistemologia de Descartes. Nele é proposto um modelo quase matemático para conduzir o pensamento humano.

Vocabulário:

Método dedutivo (dedução):

raciocínio lógico que faz uso da dedução para obter uma conclusão a respeito de

não sou um ar tênue e penetrante, disseminado por todos esses membros; não sou um vento, um sopro, um vapor, nem algo que posso fingir e imaginar, posto que supus que tudo isso não era nada e que, sem mudar essa suposição, verifico que não deixo de estar seguro de que sou alguma coisa²³.

8. Mas também pode ocorrer que essas mesmas coisas, que suponho não existirem, já que me são desconhecidas, não sejam efetivamente diferentes de mim, que eu conheço? Nada sei a respeito; não o discuto atualmente, não posso dar meu juízo senão a coisas que me são conhecidas: reconheci que eu era, e procuro o que sou, eu que reconheci ser. Ora, é muito certo que essa noção e conhecimento de mim mesmo, assim precisamente tomada, não depende em nada das coisas cuja existência não me é ainda conhecida²⁴; nem, por conseguinte, e com mais razão de nenhuma daquelas que são fingidas e inventadas pela imaginação. E mesmo esses termos fingir e imaginar advertem-me de meu erro; pois eu fingiria efetivamente se imaginasse ser alguma coisa, posto que **imaginar nada mais é do que contemplar a figura ou a imagem de uma coisa corporal**. Ora, sei já certamente que eu sou, e que, ao mesmo tempo, pode ocorrer que todas essas imagens e, em geral, todas as coisas que se relacionam à natureza do corpo sejam apenas sonhos ou quimeras. Em seguimento disso, vejo claramente que teria tão pouca razão ao dizer: excitarei minha imaginação para conhecer mais distintamente o que sou, como se dissesse: estou atualmente acordado e percebo algo de real e de verdadeiro; mas, visto que não o percebo ainda assaz nitidamente, dormiria intencionalmente a fim de que meus sonhos me representassem com maior verdade e evidência. E, assim, reconheço certamente que nada, de tudo o que posso compreender por meio da imaginação, **pertence a este conhecimento que tenho de mim mesmo e que é necessário lembrar e desviar o espírito dessa maneira de conceber a fim de que ele próprio possa reconhecer muito distintamente sua natureza**²⁵.

9. Mas o que sou eu, portanto? Uma coisa que pensa. Que é uma coisa que pensa? É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente²⁶. Certamente não é pouco se todas essas coisas pertencem à minha natureza. Mas por que não lhe pertenceriam? Não sou eu próprio esse mesmo que duvida de quase tudo, que, no entanto, entende e concebe certas coisas, que assegura e afirma que somente tais coisas são verdadeiras, que nega todas as demais, que quer e deseja conhecê-las mais, que não quer ser enganado, que imagina muitas coisas, mesmo mau grado seu, e que sente também muitas como que por intermédio dos órgãos do corpo? Haverá algo em tudo isso que não seja tão verdadeiro quanto é certo que sou e que existo, mesmo se dormisse sempre e ainda quando aquele que me deu a existência se servisse de todas as suas forças para enganar-me? Haverá, também, algum desses atributos que possa ser distinguido de meu pensamento, ou que se

determinada premissa. Ex.:
A=B; b=C; logo, por dedução
lógica e racional, A=C.

Método indutivo (indução):

raciocínio que, após
considerar um número
suficiente de casos
particulares, conclui uma
verdade geral. Ex.:
experiências científicas.

Vídeo/internet:



1º. Passo: faça uma conta no
TED-Ed. Entre no site:
<http://ed.ted.com/>
Coloque o seu nome
completo para que eu
consiga identificá-lo.

2º. Passo: Entre no link
<http://ed.ted.com/on/31ZdzSDY>. Assista o vídeo em
(WATCH), pense respondendo
as questões em (THINK) e
responda/participe da
discussão em (DISCUSS).

Música:

Até Pensei (1968)

Autor: Chico Buarque

Junto à minha rua havia um
bosque
Que um muro alto proibia
Lá todo balão caia, toda
maçã nascia
E o dono do bosque nem via
Do lado de lá tanta aventura
E eu a espreitar na noite
escura
A dedilhar essa modinha
A felicidade morava tão
vizinha
Que, de tolo, até pensei que
fosse minha
Junto a mim morava a
minha amada
Com olhos claros como o dia
Lá o meu olhar vivia
De sonho e fantasia
E a dona dos olhos nem via
Do lado de lá tanta ventura

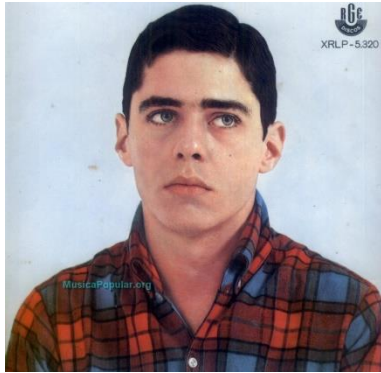
possa dizer que existe separado de mim mesmo? Pois é por si tão e
somente que sou eu quem duvida, que entende e quem deseja que
não é necessário nada acrescentar aqui para explicá-lo. E tenho
também certamente poder de imaginar; pois, ainda que possa
ocorrer (como supus anteriormente) que as coisas que imagino não
sejam verdadeiras, este poder de imagnar não deixa, no entanto, de
existir realmente em mim e faz parte do meu pensamento. Enfim,
sou o mesmo que sente, isto é, que recebe e conhece; coisas como
que pelos órgãos dos sentidos, posto que, com efeito, vejo a luz,
ouço o ruído, sinto o calor. Mas dir-me-ão que essas aparências
são falsas, e que eu durmo. Que assim seja; todavia, ao menos, é
muito certo que me parece que vejo, que ouço e que me aqueço; e é
propriamente aquilo que em mim se chama sentir e isto, tomado
assim precisamente, nada é senão pensar. Onde, começo a
conhecer o que sou, com um pouco mais de luz e de distinção do
que anteriormente²⁷.

10. Mas não me posso impedir de crer que as coisas corpóreas²⁸,
cujas imagens se formam pelo meu pensamento, e que se
apresentam aos sentidos, sejam mais distintamente conhecidas do
que essa não sei que parte de mim mesmo que não se apresenta
imaginação: *embora, com efeito, seja uma coisa bastante estranha
que coisas que considero duvidosas e distantes sejam mais claras
e mais facilmente conhecidas por mim do que aquelas que são
verdadeiras e certas e que pertencem à minha própria natureza.*
Mas vejo bem o que seja: meu espírito apraz-se em extraviar-se e
não pode ainda conter-se nos justos limites da verdade. Soltemos-
lhe, pois, ainda uma vez, as rédeas a fim de que, vindo, em
seguida, a libertar-se delas suave e oportunamente, possamos
mais facilmente dominá-lo e conduzi-lo²⁹.

11. Comecemos pela consideração das coisas mais comuns e que
acreditamos compreender mais distintamente, a saber, os corpos
que tocamos e que vemos. Não pretendo falar dos corpos em geral,
pois essas noções gerais são ordinariamente mais confusas, porém
de qualquer corpo em particular. Tomemos, por exemplo, este
pedaço de cera que acaba de ser tirado da colmeia: ele não perdeu
ainda a doçura do mel que continha, retém ainda algo do odor das
flores de que foi recolhido; sua cor, sua figura, sua grandeza, são
patentes; é duro, é frio, tocamos-lo e, se nele batermos, produzirá
algum som. Enfim, todas as coisas que podem distintamente fazer
conhecer um corpo encontram-se neste.

12. Mas eis que, enquanto falo, é aproximado do fogo: o que nele
restava de sabor exala-se, o odor se esvai, sua cor se modifica, sua
figura se altera, sua grandeza aumenta, ele toma-se líquido,
esquenta-se, mal o podemos tocar e, embora nele batamos,
nenhum som produzirá. A mesma cera permanece após essa
modificação? Cumpre confessar que permanece: e ninguém o pode
negar. O que é, pois, que se conhecia deste pedaço de cera com
tanta distinção? Certamente não pode ser nada de tudo o que

E eu a esperar pela ternura
Que a enganar nunca me
vinha
Eu andava pobre, tão pobre
de carinho
Que, de tolo, até pensei que
fosses minha
Toda a dor da vida me
ensinou essa modinha
Que de tolo até pensei que
fosse minha.



Vocabulário:

Res extensas

Coisas extensas – materiais,
sensíveis, perceptíveis.

Res cogitans

Coisas pensantes –
abstrações, racionais,
intuídas.

Filme/Cinema:

*A Ilha do medo / Shutter
Island (2010)*

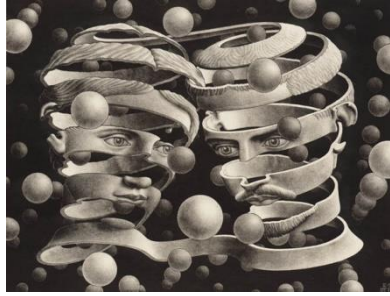


Direção: Martin Scorsese
Qual a definição de loucura?
Como saber quem é louco e
quem é são?

notei nela por intermédio dos sentidos, posto que todas as coisas que se apresentavam ao paladar, ao olfato, ou à visão, ou ao tato, ou à audição, encontram-se mudadas e, no entanto, a mesma cera permanece. Talvez fosse como penso atualmente, a saber, que a cera não era nem essa doçura do mel, nem esse agradável odor das flores, nem essa brancura, nem essa figura, nem esse som, mas somente um corpo que um pouco antes me aparecia sob certas formas e que agora se faz notar sob outras. Mas o que será, falando precisamente, que eu imagino quando a concebo dessa maneira? Consideremo-lo atentamente e, afastando todas as coisas que não pertencem à cera, vejamos o que resta. Certamente nada permanece senão algo de extenso, flexível e mutável. Ora, o que é isto: flexível e mutável? Não estou imaginando que esta cera, sendo redonda, é capaz de se tornar quadrada e de passar do quadrado a uma figura triangular? Certamente não, não é isso, posto que a concebo capaz de receber uma infinidade de modificações similares e eu não poderia, no entanto, percorrer essa infinidade com minha imaginação e, por conseguinte, essa concepção que tenho da cera não se realiza através da minha faculdade de imaginar³⁰.

13. E, agora, que é essa extensão? Não será ela igualmente desconhecida, já que na cera que se funde ela aumenta e fica ainda maior quando está inteiramente fundida e muito mais ainda quando o calor aumenta? E eu não conceberia claramente e segundo a verdade o que é a cera, se não pensasse que é capaz de receber mais variedades segundo a extensão do que jamais imaginei. É preciso, pois, que eu concorde que não poderia mesmo conceber pela imaginação o que é essa cera e que somente meu entendimento é quem o concebe³¹; digo este pedaço de cera em particular, pois para a cera em geral é ainda mais evidente. Ora, qual é esta cera que não pode ser concebida senão pelo entendimento ou pelo espírito? Certamente é a mesma que vejo, que toco, que imagino e a mesma que conhecia desde o começo. Mas o que é de notar é que sua percepção, ou a ação pela qual é percebida, não é uma visão, nem um tatear, nem uma imaginação, e jamais o foi, embora assim o parecesse anteriormente, mas somente uma inspeção do espírito, que pode ser imperfeita e confusa, como era antes, ou clara e distinta, como é, presentemente, conforme minha atenção se dirija mais ou menos às coisas que existem nela e das quais é composta.

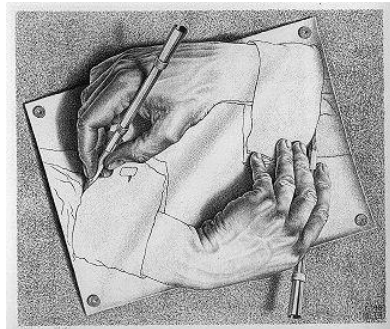
14. Entretanto, eu não poderia espantar-me demasiado ao considerar o quanto meu espírito tem de fraqueza e de pendor que o leva insensivelmente ao erro. Pois, ainda que sem falar eu considere tudo isso em mim mesmo, as palavras detêm-me, todavia. Sou quase enganado pelos termos da linguagem comum; pois nós dizemos que vemos a mesma cera, se a apresentam, e não que julgamos que é a mesma, pelo fato de ter a mesma cor e a mesma figura: donde desejaria quase concluir que se conhece a cera pela visão dos olhos e não pela tão-só inspeção do espírito, se

Museu/internet:*Laços/Bond of union* (1956)

Maurits Cornelis Escher

<http://www.mcescher.com>

Site oficial do artista holandês Escher (1898-1972), conhecido por suas construções inusitadas e fascinantes. O Museu do Escher fica em Haia, Holanda.

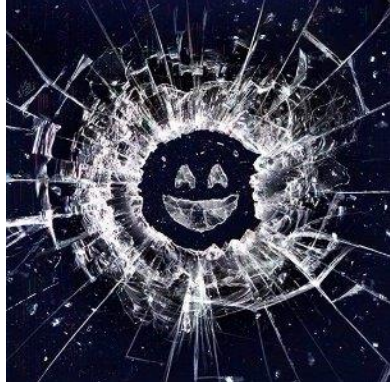
Arte:*Drawing hands*, (1948)

Autor: Escher

Televisão/série:

Black Mirror – Terceira temporada – episódio 2

Direção: Dan Trachtenberg



Um jovem norte-americano, em busca de novas experiências em Londres e necessitado de dinheiro, aceita participar como cobaia de um novo e revolucionário sistema de jogos virtuais que funciona através de um implante no cérebro.

por acaso não olhasse pela janela homens que passam pela rua, à vista dos quais não deixo de dizer que vejo homens da mesma maneira que digo que vejo a cera; e, entretanto, que vejo desta janela, senão chapéus e casacos que podem cobrir espectros ou homens fictícios que se movem apenas por molas? **Mas julgo que são homens verdadeiros e assim compreendo, somente pelo poder de julgar que reside em meu espírito, aquilo que acreditava ver com meus olhos.**

15. Um homem que procura elevar seu conhecimento para além do comum deve envergonhar-se de aproveitar ocasiões para duvidar das formas e dos termos do falar do vulgo; prefiro passar adiante e considerar se eu concebia com maior evidência e perfeição o que era a cera, quando a percebi inicialmente e acreditei conhecê-la por meio dos sentidos exteriores, ou ao menos por meio do senso comum, como o chamam, isto é, por meio do poder imaginativo, do que a concebo presentemente, após haver examinado mais exatamente o que ela é e de que maneira pode ser conhecida. Por certo, seria ridículo colocar isso em dúvida. Pois, que havia nessa primeira percepção que fosse distinto e evidente e que não pudesse cair da mesma maneira sob os sentidos do menor dos animais? **Mas quando distingo a cera de suas formas exteriores e, como se a tivesse despedido de suas vestimentas, considero-a inteiramente nua³², é certo que, embora se possa ainda encontrar algum erro em meu juízo, não a posso conceber dessa forma sem um espírito humano³³.**

16. **Mas, enfim, que direi desse espírito, isto é, de mim mesmo³⁴? Pois até aqui não admiti em mim nada além de um espírito.** Que declararei, digo, de mim, que pareço conceber com tanta nitidez e distinção este pedaço de cera? Não me conheço a mim mesmo não só com muito mais verdade e certeza, mas também com muito maior distinção e nitidez? Pois, se julgo que a cera é ou existe pelo fato de eu a ver, sem dúvida segue-se bem mais evidentemente que eu próprio sou, ou que existo pelo fato de eu a ver. Pois pode acontecer que aquilo que eu vejo não seja, de fato, cera; pode também dar-se que eu não tenha olhos para ver coisa alguma; mas não pode ocorrer, quando vejo ou (coisa que não mais distingo) quando penso ver, que eu, que penso, não seja alguma coisa. Do mesmo modo, se julgo que a cera existe, pelo fato de que a toco, seguir-se-á ainda a mesma coisa, ou seja, que eu sou; e se o julgo porque minha imaginação disso me persuade, ou por qualquer outra causa que seja, concluirei sempre a mesma coisa. E o que notei aqui a respeito da cera pode aplicar-se a todas as outras coisas que me são exteriores e que se encontram fora de mim.

17. Ora, se a noção ou conhecimento da cera parece ser mais nítido e mais distinto após ter sido descoberto não somente pela visão ou pelo tato, mas ainda por muitas outras causas, com quão maior evidência, distinção e nitidez não deverei eu conhecer-me³⁵,

Vídeo/internet:

Filosofia da Educação –
Descartes – Univesp TV

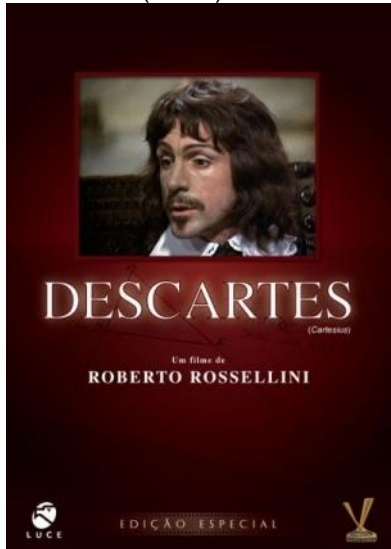


<https://www.youtube.com/watch?v=M3oLEGlzs6k>

Vídeo didático, bem humorado que explica a obra e a vida do filósofo.

Filme/cinema:

Descartes (1974)



Direção: Roberto Rossellini
Rossellini extrai trechos inteiros de algumas das obras fundamentais do pensador, como O Discurso do Método (1637) e as Meditações Metafísicas (1641), para compor as ações “dramáticas” do personagem. São procedimentos teóricos de Descartes, cuja função seria fundar a autonomia do pensamento racional diante da fé. Vale dizer que, naquela época, toda démarche racionalista tinha de ser, também, uma negociação com a autoridade religiosa. Onde, nas Meditações, Descartes precisa, primeiro, ocupar-se das provas da existência de Deus, para apenas depois afirmar que o Cogito (a Razão) se sustenta por si só. “Eu sou, eu existo”,

posto que todas as razões que servem para conhecer e conceber a natureza da cera, ou qualquer outro corpo, **provam muito mais fácil e evidentemente a natureza de meu espírito? E encontram-se ainda tantas outras coisas no próprio espírito que podem contribuir ao esclarecimento de sua natureza, que aquelas que dependem do corpo (como esta) não merecem quase ser enumeradas.**

18. Mas, enfim, eis que insensivelmente cheguei aonde queria; pois, já que é coisa presentemente conhecida por mim que, propriamente falando, só concebemos os corpos pela **faculdade de entender em nós existente e não pela imaginação nem pelos sentidos, e que não os conhecemos pelo fato de vê-los ou de tocá-las, mas somente por concebê-los pelo pensamento, reconheço com evidência que nada há que me seja mais fácil de conhecer do que meu espírito.** Mas, posto que é quase impossível desfazer-se tão prontamente de uma antiga opinião, será bom que eu me detenha um pouco neste ponto, a fim de que, pela amplitude de minha meditação, eu imprima mais profundamente em minha memória este novo conhecimento.

1 A primeira Meditação tem como peculiaridade o fato de não se tratar aí de “estabelecer verdade alguma, mas apenas de me desfazer desses antigos prejuízos”. (Sétimas Respostas.)

Sua composição é a seguinte:

§§ 1-3: o princípio da dúvida hiperbólica;

§§ 3-13: argumentos que estendem e radicalizam a dúvida.

(§3): argumento dos erros dos sentidos; (§§ 4-9): argumento do sonho;

(§§ 9-13): argumento que estende a dúvida ao valor objetivo das essências matemáticas, em duas etapas: - o Deus enganador; o Gênio Maligno

2 A dúvida assim posta em ação: a) distinguir-se-á da dúvida vulgar pelo fato de ser engendrada não por experiência, mas por uma decisão; b) será “hiperbólica”, isto é, sistemática e generalizada; c) consistirá, pois, em tratar como falso o que é apenas duvidoso, como sempre enganador o que alguma vez me enganou.

3 Argumento do erro do sentido, primeiro grau da dúvida. É insuficiente para nos fazer duvidar sistematicamente de nossas percepções sensíveis.

4 Aqui começa o argumento do sonho, segundo grau da dúvida, que irá estendê-la a todo conhecimento sensível, ou pelo menos a seu conteúdo.

5 O segundo argumento encontra, pois, o seu limite: ele não me permite pôr em dúvida os componentes de minhas percepções, a saber, as “naturezas simples”, indecomponíveis (figura, quantidade, espaço, tempo), que são o objeto da Matemática. Tais elementos “escapam, contrariamente aos objetos sensíveis, a todas as razões naturais de duvidar”: sublinha Guérout, apoiando-se no texto da Meditação Quinta: “A natureza de meu espírito é tal que eu não me poderia impedir de julgá-las verdadeiras enquanto as concebo clara e distintamente”. Daí a necessidade de recorrer ao terceiro argumento que abalará esta certeza “natural”.

6 Essa “opinião” é sustentada pelos teólogos das Segundas Objeções: Deus, dada sua onipotência, pode nos enganar. Não é o parecer de Descartes: o engano em Deus constituiria não só um sinal de malignidade, mas de não-ser. (Col. com Burman.) Isso redundaria em afirmar o valor tão somente metodológico dessa suposição antinatural.

7 A consideração da bondade, por si SÓ, não basta para invalidar a suposição. Cf. a nota precedente.

8 A dúvida é agora universalizada.

9 A função do Deus enganador e do Gênio Maligno é a mesma: porém o Gênio Maligno é um artifício psicológico que, impressionando mais a minha imaginação, levar-me-á a tomar a dúvida mais a sério e a inscrevê-la melhor em minha memória (“é preciso ainda que cuide de lembrar-me dela”).

10 Esta insistência na dificuldade de exercer uma dúvida tão radical não é enfática; quanto mais a dúvida for vivida como radical, mais as certezas que se impuserem, em seguida, se apresentarão como inabaláveis. Tomar a dúvida levemente é expor-se a nada compreender da sequência das Meditações. A este propósito, cf. 203. - “Não há erro mais grave”, diz Alain, “do que julgar que esta dúvida é fingida. Não há também erro mais comum, porque poucos homens jogam este jogo seriamente.”

11 Plano da Meditação:

A) §§ 1-9: da natureza do espírito humano... :

§§ 1-4: conquista da primeira certeza:

(§ 1-3): procura de uma primeira certeza;

(§4): “Eu sou, eu existo”;

§§ 5-9: reflexão sobre esta primeira certeza e conquista da segunda:

(§ 5-8): quem sou eu, eu que estou certo que sou? Uma coisa pensante. Determinação da essência do Eu;

(§9): descrição da “coisa pensante” e distinção entre o pensamento (atributo principal desta substância) e suas outras faculdades;

B) §§ 10-18: ... e de como ele é mais fácil de conhecer do que o corpo:

Contraprova da segunda certeza (o pedaço de cera) e conquista da terceira certeza.

12 A primeira certeza adquirida não será, pois, a mais alta; deve apenas inaugurar a cadeia das razões.

13 Retomemos o raciocínio. No ponto em que estou, não poderia eu ter a certeza da existência de “algum Deus”? Não, nada o exige (e um dos princípios da análise dos géometras é o de não remontar a uma verdade superior àquela com que posso me contentar). Irei invocar a certeza de minha existência como indivíduo, sujeito concreto? Não, nada o permite. visto que pus em dúvida a existência de tudo o que há “no mundo” ... Mas cuidado! A “hesitação” aqui é ditada pelo medo de uma confusão: fiel à regra da dúvida, não tenho motivo de abrir exceção em

deduz, pelo simples fato de pensar. A conclusão entrou para a história do conhecimento como a frase famosa “Penso, logo existo”.

Televisão/Filosofia:

Programa Ser ou não Ser – Fantástico – TV Globo



<https://www.youtube.com/watch?v=Tjl9sGHkKWU&t=41s>

O vídeo apresenta algumas das principais ideias do filósofo, de modo didático e claro.

Áudio/Internet:



<https://www.youtube.com/watch?v=wrKQJIm5p8>

Áudio de Mário Sérgio Cortella sobre a filosofia de René Descartes.

Vídeo/internet:



<https://www.youtube.com/watch?v=CAjWUrwvx4>

Philosophy – René Descartes
Canal: The School of Life
Vídeo animado, didático e esclarecedor sobre as principais ideias de Descartes.

favor do homem concreto que sou; mas, quem deste, há algo que irá resistir à dúvida. E doravante o Eu não será mais este Eu de chambre e ao pé do fogo que a Primeira Meditação evocava (como indica Goldschmidt, Congresso Descartes de Royaumont, p. 53).)

14 Essa frase evidencia bem o papel do "Grande Embusteiro": impor a meus pensamentos uma prova de tal ordem que aquele que lhe resistir seja, quando não garantido como verdadeiro (é impossível antes da prova da existência de Deus), pelo menos recebido como certo. Se não fosse arrancado, extorquido ao Gênio Maligno, o Cogito não passaria de uma banalidade. Sobre a originalidade do Cogito, cf. o fim do opúsculo de Pascal: *De l'Esprit Géométrique*.

15 O fim da frase indica que ela só é verdadeira cada vez que penso nela atualmente. É também uma transição, pois permitirá responder à pergunta que agora haverá de colocar-se: qual é a natureza deste Eu - existente que acabo de afirmar?

16 Eu não conheço, ainda, o conteúdo desta existência que acabo de afirmar. Importa, pois, encontrá-lo pela exclusiva análise dos dados do problema, isto é, por determinação, levando em conta tudo o que é dado, mas excluindo tudo o que não o é (a referência à Regra XII é aqui indispensável). Notar a frase "é preciso que eu atente com todo cuidado para não tomar imprudentemente alguma outra coisa por mim", que seria absurdo no plano da Psicologia e que se justifica apenas ao nível de uma Álgebra das noções, comparável à "Álgebra dos comprimentos" das *Regulae*.

17 Sobre este método de determinação do problema por segregação, cf. o diálogo: *Recherche de La Vérité* (Pléiade, págs. 892-94). Ao interlocutor aturdido que acaba de responder: "Diria, portanto, que sou um homem", o cartesiano replica: "Não prestais atenção ao que perguntei e a resposta que apresentais, embora vos pareça simples, lançar-vos-ia em questões muito árduas e muito embaraçosas, se eu quisesse apertá-las por menos que seja... Não entendestes bem a minha pergunta e respondeis a mais coisas do que vos perguntei... Dizei-me, pois, o que sois propriamente, na medida em que duvidais"

18 Cf. Respostas, 508.

19 Este conhecimento "natural" que eu tenho de mim mesmo antes da prova da dúvida será inteiramente falso? Não. Se a alma é concebida à maneira dos escolásticos, em troca a distinção entre o corpo e o espírito (indispensável à Física) está aí presente, mas a título de opinião provável, sem fundamento. Cf. Respostas, 204.

20 Mudança de plano. Do pensamento inspirado por "minha natureza" passamos à só ideia de mim mesmo compatível com a instauração da dúvida, da indeterminação psicológica à determinação metafísica.

21 Entre todas as faculdades: 1) do corpo - 2) da alma, uma SÓ, o pensamento, resiste à exclusão. Vemos aqui a importância do fim do § 4: "Esta proposição - eu sou, eu existo - é necessariamente verdadeira sempre que eu a pronuncio ou que eu a concebo em meu espírito". E ao refletir sobre esta inseparabilidade - único dado que se encontra em minha posse - que obtenho imediatamente a natureza "daquilo que sou". Trata-se da primeira verdade da cadeia de razões.

22 "Anteriormente", isto é, no plano em que nos colocava o parágrafo precedente, eu podia proferir estas palavras, mas sem lhes ter determinado o sentido, portanto sem conhecê-lo.

23 Sobre o fim desse parágrafo, cf. 505 e segs. Não há necessidade alguma de ir procurar em outra parte uma resposta, visto que dei a única resposta que respeitava os dados do problema: "Eu sou uma coisa que pensa". Mas "o homem natural" sente-se tentado a recorrer à imaginação a fim de completar esta resposta. Há nisso uma inclinação que o parágrafo seguinte irá desenraizar.

24 O contraditor que retorquisse haver talvez em mim alguma outra faculdade desconhecida situar-se-ia no plano da Psicologia e não das razões metafísicas. Um dos princípios da análise é que não tenho o direito de arguir propriedades ainda desconhecidas para combater as que se acham agora estabelecidas.

25 Em virtude desse princípio, não me é dado absolutamente o direito de recorrer à imaginação, pois "tudo quanto posso compreender por seu meio" foi excluído pela dúvida. Por aí eu sei, ao mesmo tempo, que minha natureza é puro pensamento exclusivo de todo elemento corporal. E a segunda verdade, a qual não se deve confundir com a distinção real entre a alma e o corpo, estabelecida somente na Meditação Sexta. Cf. 5 10.

26 Cumpre observar a diferença relativamente à definição do § 7: "Isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão". Aí se determinava a essência da substância "coisa pensante"; aqui ela é descrita revestida de seus diferentes modos. Desse novo Ponto de vista, reintegra-se na "coisa pensante" o que fora excluído de sua essência. Todos esses modos (imaginar, sentir, querer), embora não pertençam à minha natureza, não podem ser postos em dúvida, na medida em que se beneficiam da certeza do *Cogito*.

27 A saber, um pensamento: a) distinto do corpo se os houver; b) distinto das faculdades não propriamente intelectuais, como a imaginação, que só pertencem porque implicam este pensamento puro.

28 Novo assalto do pensamento imaginativo inerente à "minha natureza" e do qual não posso ainda me desprender: estou convencido, mas não persuadido. Daí a necessidade de uma contraprova que servirá para estabelecer a terceira verdade. Todas as figuras de retórica das *Meditações*, esta integra-se na ordem.

29 Em outros termos: façamos de conta que interrompemos a ordem a fim de seguir o senso comum em seu próprio terreno. Sobre o fato de ser esta transgressão apenas aparente, cf. o importantíssimo § 5 15 das Respostas.

30 Raciocínio em duas partes: 1º. o que me permite reconhecer a mesma cera é sua identidade na medida em que a cera é coisa extensa; 2º. Mas este conteúdo só pode ser ideia e não imagem da extensão que o corpo ocupa atualmente ou daquelas (em número finito) que poderia ocupar em seguida. CF. Quintas Respostas: "As faculdades de entender e de imaginar diferem não só segundo o mais e o menos, porém como duas maneiras de agir totalmente diferentes".

31 Por onde fica provado não só que a imaginação não pode me dar a conhecer a natureza dos corpos que se lhe apresentam (o que era o objetivo da contraprova), mas ainda que o pensamento puro é o único capaz de fazê-lo.

32 Cf. 513, onde Descartes se defende de ter pretendido "abstrair o conceito da cera de seus acidentes". "Os acidentes são contingentes em relação à substância, mas não a accidentalidade", especifica Guérout. (Descartes, I, pág. 56.)

33 Tal é o sentido exato do "pedaço de cera": eu nada posso conhecer através da percepção ou da imaginação sem compreender (ou reconhecer), através do pensamento, a essência da coisa. Tenho ou não razão de reconhecer esta essência? Não sei ainda. Pois não se trata aqui de saber se eu disponho efetivamente do conhecimento da essência do corpo, mas de saber em quais condições posso estar seguro de possuir a ideia clara e distinta de corpo. Cf. Guérout, op. cit., pp. 144-45.

34 Passamos, com este parágrafo, à confirmação da segunda verdade: quando percebo o pedaço de cera, seja compreendendo clara e distintamente sua natureza, seja apenas imaginando-o ou tocando-o, só uma coisa é certa, no ponto em que me encontro. É que eu penso percebê-lo... Mostrando que este "pensamento" era indispensável ao conhecimento da coisa, a análise precedente deu confirmação a esta verdade.

35 É a terceira verdade: o espírito é mais fácil de conhecer do que o corpo. Com efeito, obtenho imediatamente o conhecimento da existência e da natureza de meu espírito, ao passo que o meu pensamento me proporciona apenas a ideia clara e distinta dos corpos cuja existência ainda é problemática. Guérout comenta: "Quando Descartes declara que o conhecimento da alma é o mais fácil dos conhecimentos, quer dizer que é a mais fácil das verdades científicas e o primeiro dos conhecimentos na ordem da ciência. Não quer dizer que a ciência é mais fácil do que o conhecimento vulgar. A passagem do senso comum à ciência é, com efeito, a mais difícil das ascensões". (Op. cit., p. 128.)

**HUMANÍSTICA
PROJETO VIDA**

A nossa vida virtual



<https://www.youtube.com/watch?v=6SFmY-vTpWQ&t=257s>

ATIVIDADE 2

Assista ao vídeo acima
(Inveja nas redes sociais)

Vamos falar sobre a nossa vida virtual nas redes sociais? Quem sou eu no mundo virtual? Quem sou eu no mundo real? O que sinto quando vejo a felicidade do meu amigo? **Quanto tempo da minha vida passo vendo a vida dos outros no facebook? Por que tenho a necessidade de postar instantaneamente tudo aquilo que faço?** (Retomada de Guy Debord – 1ª. Série EM) Quais são as diferenças, semelhanças e interferências entre o real e o virtual? Alguns problemas começam no mundo virtual, nas redes sociais e migram para a vida real? Aquilo que eu escrevo nas redes sociais é aquilo que eu sou/penso? Relatos de experiências pessoais podem e devem ser escritas aqui.

ATIVIDADE 1

1. (Ufu 2013) Suporei, portanto, que há não um Deus ótimo, fonte soberana da verdade, mas algum gênio maligno, e ao mesmo tempo, sumamente poderoso e manhoso, que põe toda a sua indústria em que me engane: pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas externas nada mais são do que ludibrios dos sonhos, ciladas que ele estende à minha credulidade. DESCARTES, R. *Meditações sobre Filosofia Primeira*. Primeira Meditação / 12/, Tradução de Fausto Castilho. Campinas: IFCH-Unicamp, 1999, p. 25

- a) Qual é, para Descartes, a relação existente entre o gênio maligno e a coisa pensante (*Res cogitans*)?
- b) Que argumento é utilizado por Descartes para afirmar a existência do Mundo?

2. (Ufmg 2012) Leia este trecho:

Eis por que, talvez, daí nós não concluamos mal se dissermos que a Física, a Astronomia, a Medicina, e todas as outras ciências dependentes da consideração das coisas compostas são muito duvidosas e incertas; mas que a Aritmética, a Geometria, e as outras ciências desta natureza, que não tratam senão de coisas muito simples e muito gerais, sem cuidarem muito em se elas existem ou não na natureza, contêm alguma coisa de certo e indubitável. Pois, quer eu esteja acordado, quer esteja dormindo, dois mais três formarão sempre o número cinco e o quadrado nunca terá mais do que quatro lados; e não parece possível que verdades tão patentes possam ser suspeitas de alguma falsidade ou incerteza.

DESCARTES. *Meditações*, Meditação Primeira. Trad. de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983. p. 87. (*Os Pensadores*)

Nesse trecho, o autor encontra nas matemáticas - aritmética e geometria - um conjunto de crenças que, à primeira vista, resistem à sua resolução de se desfazer de todas as antigas convicções, submetendo-as ao preceito metódico de tomar por falso tudo o que não seja absolutamente indubitável. Por meio de uma suposição, entretanto, Descartes será capaz de colocar em dúvida também as verdades matemáticas.

- a) Apresente essa suposição.
- b) Explique por que tal suposição é necessária para se estender a dúvida ao conhecimento matemático.

Filosofia:



John Locke (1632-1704) Foi um filósofo inglês e ideólogo do liberalismo, sendo considerado o principal representante do empirismo britânico e um dos principais teóricos do contrato social.

Vocabulário:



Tábula rasa: o conceito será aplicado ao intelecto, na tese epistemológica que fundamenta o empirismo - vertente filosófica do século XVII, segundo a qual não existem ideias inatas, sendo que todo conhecimento se baseia em dados da experiência empírica.

HUMANÍSTICA – CSL PROJETO VIDA

Vamos falar sobre gênero?

ATIVIDADE 2

Se todos somos iguais ao nascermos (tábula rasa), qual a origem de tantas distinções entre homens e mulheres?

Texto 8 – Ensaio acerca do entendimento humano.

LOCKE, John. In Coleção Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1973. P. 165.

Todas as ideias derivam da sensação ou reflexão. Suponhamos que a mente é, como dissemos, um papel em branco, desprovida de todos os caracteres, sem quaisquer ideias; como ela será suprida? De onde lhe provém este vasto estoque, que a ativa e que a ilimitada fantasia do homem pintou nela com uma variedade quase infinita? De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra, da experiência. Todo o nosso conhecimento está nela fundamentalmente o próprio conhecimento. Empregada tanto nos objetos sensíveis externos como nas operações internas de nossas mentes, que são por nós mesmos percebidas e refletidas, nossa observação supre nossos entendimentos com todos os materiais do pensamento. Dessas duas fontes de conhecimento jorram todas as nossas ideias, ou as que possivelmente teremos.

ATIVIDADE 1

Responda a questão abaixo

1 - (UNESP - 2010) Segundo John Locke, filósofo britânico do século XVII, a mente humana é como uma tábula rasa, uma folha em branco na qual a experiência deixa suas marcas. Responda a qual escola filosófica ele pertenceu e explique duas de suas características.

Filme/cinema:

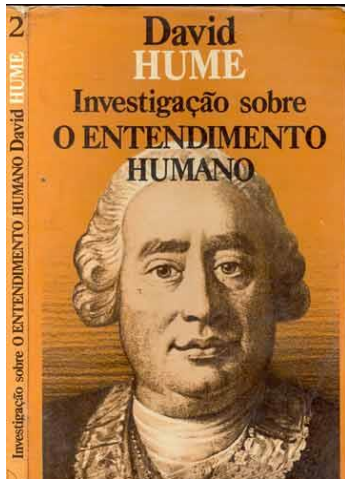


A garota dinamarquesa (2015)
Direção: Tom Hooper
O filme retrata a história de Lili Elbe, uma das primeiras transexuais a se submeter a uma cirurgia.

Revista/Educação:



Capa da revista nova escola.

Filosofia:

Investigação Acerca do Entendimento Humano é um livro de epistemologia (Teoria do conhecimento) do filósofo escocês David Hume, publicado em 1748. Nele Hume apresenta sua teoria empirista e a valorização ao ceticismo.

Filosofia:

Epicteto (55d.C. - 135 d.C.) Foi um filósofo grego estoico que viveu a maior parte de sua vida em Roma, como escravo, durante o governo de Nero.

Vocabulário:

Estoicos: filosofia helenística que pregava a virtude e a razão como guia para uma vida feliz e sem perturbações.

Azáfama: excesso de pressa, afobação na realização de algum trabalho.

Fadiga: sensação de enfraquecimento resultante de esforço físico ou mental.

Vocabulário:

Ceticismo: doutrina segundo a qual o espírito humano não pode atingir

Texto 9: Investigação Acerca do Entendimento Humano
Autor: David Hume. In Coleção os Pensadores, pp.59-64.

SEÇÃO V - SOLUÇÃO CÉTICA DESTAS DÚVIDAS
 PRIMEIRA PARTE

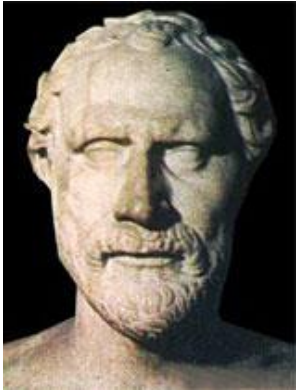
Tanto a paixão filosófica como a paixão religiosa parecem expostas — embora procurem extirpar nossos vícios e corrigir nossos hábitos — ao inconveniente, quando manejadas com imprudência, de servirem apenas para encorajar uma inclinação predominante e conduzir o espírito resolutamente na direção que previamente mais o atraia, devido às tendências e inclinações do temperamento natural. Certamente, enquanto aspiramos à magnânima firmeza do saber filosófico e tentamos encerrar nossos prazeres nos limites de nosso próprio espírito, podemos, finalmente, tornar nossa filosofia, como aquela de Epicteto e outros estoicos, num sistema mais refinado de egoísmo e persuadir-nos racionalmente de nos desligar de toda virtude como também de todos os prazeres sociais. Enquanto refletimos a propósito da vaidade da vida humana e pensamos na natureza fútil e transitória das riquezas e das honras, estamos, talvez, durante todo este tempo, lisonjeando nossa indolência natural que, por aversão à azáfama do mundo e à fadiga dos negócios, procura um pretexto racional para entregar-se completa e livremente à preguiça. Há, contudo, uma corrente filosófica que parece menos exposta a este inconveniente, pois ela não se liga a nenhuma paixão desordenada do espírito e nem se alia a qualquer tendência ou propensão natural: é a filosofia acadêmica ou cética. Os acadêmicos falam sempre da dúvida e da suspensão do juízo, do risco das resoluções apressadas, em confinar as investigações do entendimento a estreitos limites e em renunciar a todas as especulações que transbordam as fronteiras da vida e da prática cotidianas. Nada, por conseguinte, pode ser mais contrário a tal filosofia do que a indolente letargia do espírito, sua atrevida arrogância, suas elevadas pretensões e sua credulidade supersticiosa. Toda paixão é mortificada por ela, exceto o amor à verdade; e esta paixão não é jamais, nem pode ser, elevada a um grau demasiado alto. É surpreendente, todavia, que esta filosofia, que em quase todos os aspectos deve ser inofensiva e inocente, seja o objeto de tantas acusações e de tantas censuras infundadas. Mas, talvez, a própria circunstância que a torna tão inocente seja justamente o que a expõe ao ódio e ao ressentimento públicos. Porque ela não adula nenhuma paixão desordenada, não obtém muitos adeptos; porque ela se opõe a tantos vícios e tantas tolices, levanta contra si um grande número de adversários, que a estigmatizam como profana, libertina e irreligiosa.

Não temos necessidade de recluir que esta filosofia, enquanto trata de limitar nossas investigações à vida diária,

nenhuma certeza a respeito da verdade.

Empirismo: doutrina segundo a qual todo conhecimento provém unicamente da experiência, limitando-se ao que pode ser captado do mundo externo, pelos sentidos.

Filosofia:



Pirro de Élis (360-270 a.C.)
Filósofo grego nascido em Élis. É considerado o primeiro filósofo cético e fundador do pirronismo, corrente que assegurava a impossibilidade do conhecimento sobre qualquer coisa.

História:



Não confundir o Pirro cético com o Pirro rei de Épiro e da Macedônia, conhecido pela expressão **“vitória de Pirro”** utilizada para se referir a uma vitória obtida a alto preço.

solape os raciocínios da vida diária e estenda suas dúvidas até o ponto de destruir toda ação como também toda especulação. **A natureza manterá eternamente seus direitos e prevalecerá sobre todos os raciocínios abstratos.**¹ Embora devêssemos concluir, a exemplo da seção anterior, que em todos os raciocínios derivados da experiência o espírito avança sem apoiar-se em argumentos ou processo do entendimento, não há perigo que estes raciocínios, dos quais depende quase todo conhecimento, sejam afetados por tal descoberta. Se o espírito não é levado a dar este passo por um argumento, deve ser persuadido por outro princípio de igual peso e autoridade; e este princípio manterá sua influência contanto que a natureza humana permaneça invariável. Vale a pena investigar qual é a natureza deste princípio.

Suponde que um homem, dotado das mais poderosas faculdades racionais, seja repentinamente transportado para este mundo; certamente, notaria de imediato a existência de uma contínua sucessão de objetos e um evento acompanhado por outro, mas seria incapaz de descobrir algo a mais. De início, não seria capaz, mediante nenhum raciocínio, de chegar à ideia de causa e efeito, visto que os poderes particulares que realizam todas as operações naturais jamais se revelam aos sentidos; nem é razoável concluir, apenas porque um evento em determinado caso precede outro, que um é a causa e o outro, o efeito. Esta conjunção pode ser arbitrária e acidental. Não há base racional para inferir a existência de um pelo aparecimento do outro. **E, numa palavra, aquele homem, desprovido de experiência, jamais poderia conjeturar ou raciocinar sobre qualquer questão de fato, nem teria segurança de algo que não estivesse imediatamente presente à sua memória ou aos seus sentidos.**

Suponde de novo que o mesmo homem tenha adquirido mais experiência e que tenha vivido o suficiente no mundo para observar que os objetos ou eventos familiares estão constantemente ligados; qual é a consequência desta experiência? Imediatamente infere a existência de um objeto pelo aparecimento do outro. Entretanto, não adquiriu, com toda a sua experiência, nenhuma ideia ou conhecimento do poder oculto, mediante o qual um dos objetos produziu o outro; e não será um processo do raciocínio que o obriga a tirar esta inferência. Mas ele se encontra determinado a tirá-la; e mesmo se ele fosse persuadido de que seu entendimento não participa da operação, continuaria pensando o mesmo, porquanto há um outro princípio que o determina a tirar semelhante conclusão.

Este princípio é o costume ou o hábito. Visto que todas as vezes que a repetição de um ato ou de uma determinada operação produz uma propensão a renovar o mesmo ato ou a mesma operação, sem ser impelida por nenhum raciocínio ou processo do entendimento, dizemos sempre que esta propensão é o efeito do costume. Utilizando

Filosofia:

“(…) de sua postura cética, a filosofia se pode pensar sob o prisma da comunicação, da conversa, do diálogo, do consenso e ... da relatividade. E, assim pensada, pode contribuir – e muito – para favorecer o entendimento entre os homens: tendo destruído as suas verdades, ela poderá eventualmente ensiná-los a conviver com suas diferenças”.

PORCHAT PEREIRA,
Oswaldo. Vida comum e ceticismo. São Paulo, Brasiliense, 1993, p. 252.

Vocabulário:**Método dedutivo (dedução):**

raciocínio lógico que faz uso da dedução para obter uma conclusão a respeito de determinada premissa. Ex.: $A=B$; $b=C$; logo, por dedução lógica e racional, $A=C$.

Inferência: operação intelectual mediante a qual se afirma a verdade de uma proposição em decorrência de sua ligação com outras proposições já reconhecidas como verdadeiras. Nesse sentido, inferir é o mesmo de deduzir.

Método indutivo (indução):

raciocínio que, após considerar um número suficiente de casos particulares, conclui uma verdade geral. Ex.: experiências científicas.

Vocabulário:

Costumes: são a maneira cultural de uma sociedade manifestar-se. A partir da repetição, constituem regras que, embora não escritas como as leis, tornam-se observáveis pela própria constituição de fato da vida social.

este termo, não supomos ter dado a razão última de tal propensão. Indicamos apenas um princípio da natureza humana, que é universalmente reconhecido e bem conhecido por seus efeitos. Talvez não possamos levar nossas investigações mais longe e nem aspiramos dar a causa desta causa; porém, devemos contentar-nos com que o costume é o último princípio que podemos assinalar em todas as nossas conclusões derivadas da experiência. Já é, contudo, satisfação suficiente poder chegar até aqui sem irritar-nos com nossas estreitas faculdades, estreitas porque não nos levam mais adiante. Certamente, temos aqui ao menos uma proposição bem inteligível, senão uma verdade, quando afirmamos que, depois da conjunção constante de dois objetos, por exemplo, calor e chama, peso e solidez, **unicamente o costume nos determina a esperar um devido ao aparecimento do outro.** Parece que esta hipótese é a única que explica a dificuldade que temos de, em mil casos, tirar uma conclusão que não somos capazes de tirar de um só caso, que não discrepa em nenhum aspecto dos outros. A razão não é capaz de semelhante variação. As conclusões tiradas por ela, ao considerar um círculo, são as mesmas que formaria examinando todos os círculos do universo. Mas ninguém, tendo visto somente um corpo se mover depois de ter sido impulsionado por outro, poderia inferir que todos os demais corpos se moveriam depois de receberem impulso igual. **Portanto, todas as inferências tiradas da experiência são efeitos do costume e não do raciocínio.**²

O costume é, pois, o grande guia da vida humana. E o único princípio que torna útil nossa experiência e nos faz esperar, no futuro, uma série de eventos semelhantes àqueles que apareceram no passado. Sem a influência do costume, ignoraríamos completamente toda questão de fato que está fora do alcance dos dados imediatos da memória e dos sentidos. Nunca poderíamos saber como ajustar os meios em função dos fins, nem como empregar nossas faculdades naturais para a produção de um efeito. Seria, ao mesmo tempo, o fim de toda ação como também de quase toda especulação.³

Mas aqui deve ser conveniente notar que, embora nossas conclusões derivadas da experiência nos levem além de nossa memória e de nossos sentidos e nos assegurem da realidade de fatos que ocorreram em lugares mais distantes e em épocas remotas, é necessário que um fato esteja sempre presente aos sentidos e à memória, do qual podemos de início partir para tirar essas conclusões. Se um homem encontrasse num país deserto os remanescentes de edifícios suntuosos, concluiria que o país, em tempos remotos, tinha sido cultivado por habitantes civilizados; mas, se nada desta natureza lhe ocorresse, jamais poderia chegar a semelhante inferência. **Pela história, conhecemos os eventos de épocas passadas; todavia, devemos prosseguir consultando os livros que contêm estes**

Hábito: ação que se repete com frequência e regularidade; comportamento que alguém aprende e repete frequentemente.

Vídeo/Internet:



https://www.youtube.com/watch?v=HS52H_CqZLE

PHILOSOPHY - David Hume
The School of Life

Ídeo/ Internet:



DAVID HUME
(Século XVIII)

<https://www.youtube.com/watch?v=2IVPZZ3iUq0&t=28s>

David Hume
Unboxing Philosophy



Transversalidade:

Vamos falar sobre *Bullying*? Explicitá-lo? Denunciá-lo?

PROJETO VIDA HUMANÍSTICA – CSL
Você não está sozinho!

Vocabulário:

BULLYING: Termo da língua inglesa (bully = “valentão”) que se refere a

ensinamentos e, a partir daí, remontar nossas inferências de um testemunho a outro até chegar às testemunhas oculares e aos espectadores desses eventos remotos. Numa palavra, se não partirmos de um fato presente à memória ou aos sentidos, nossos raciocínios serão puramente hipotéticos; e seja qual for o modo como estes elos particulares estejam ligados entre si, toda a cadeia de inferência não teria nada que lhe servisse de apoio e jamais por meio dela poderíamos chegar ao conhecimento de uma existência real. Se vos perguntasse por que acreditais em determinado fato que relatais, deveis indicar-me alguma razão; e esta razão será um outro fato em conexão com o primeiro. Entretanto, como não podeis proceder desta maneira *in infinitum*, deveis finalmente terminar por um fato presente a vossa memória ou aos vossos sentidos, ou deveis admitir que vossa crença é inteiramente sem fundamento.

Qual é, portanto, a conclusão de toda a questão? É simples; no entanto, deve-se confessar que ela se acha muito distante das teorias filosóficas correntes. Toda crença, em matéria de fato e de existência real, procede unicamente de um objeto presente à memória ou aos sentidos e de uma conjunção costumeira entre esse e algum outro objeto. Ou, em outras palavras, como o espírito tem encontrado em numerosos casos que dois gêneros quaisquer de objetos — a chama e o calor, a neve e o frio — sempre têm estado em conjunção, se, de novo, a chama ou a neve se apresentassem aos sentidos, o espírito é levado pelo costume a esperar calor ou frio, e a acreditar que esta qualidade existe realmente e que se manifestaria se estivesse mais próxima de nós.⁴ Esta crença é o resultado necessário de colocar o espírito em determinadas circunstâncias. É uma operação da alma tão inevitável como quando nos encontramos em determinada situação para sentir a paixão do amor quando recebemos benefícios; ou a de ódio quando nos defrontamos com injustiças. Todas estas operações são uma espécie de instinto natural que nenhum raciocínio ou processo do pensamento e do entendimento é capaz de produzir ou de impedir.⁵

A esta altura, poderíamos perfeitamente terminar nossas pesquisas filosóficas. Na maioria dos problemas jamais poderíamos adiantar um único passo; e em todas as questões deveríamos terminar aqui, depois das mais incessantes e curiosas investigações. Mas ainda nossa curiosidade será perdoável, talvez digna de elogio, se nos levar a investigações mais avançadas e nos fizer examinar com maior exatidão a natureza desta crença e desta conjunção costumeira, isto é, de onde ela procede. Por este meio podemos encontrar explicações e analogias que satisfarão, ao menos, àqueles que amam as ciências abstratas e se contentam com especulações que, por mais rigorosas que sejam, ainda podem conservar certo grau de dúvida e de incerteza. Quanto aos leitores de gosto diverso, o resto desta seção não lhes é destinada, e, se eles não a

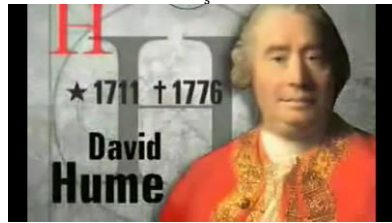
todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder.

<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>

Televisão/Internet:

Ser ou não ser – Fantástico – Rede Globo

Rótulos – A força do hábito.



[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZQLRENPFVFU](https://www.youtube.com/watch?v=ZQLRENPFVFU)

ATIVIDADE 2

Vamos falar sobre Bullying? Explicitá-lo? Denunciá-lo? Pensar a respeito do tema?

ASSISTA AO VÍDEO



<https://www.youtube.com/watch?v=ONfefeKZqOU>

Escreva aqui experiências vividas sobre o assunto **(opcional)**. Vamos falar sobre Bullying? Vamos encontrar soluções em

lerem, ainda assim podem compreender perfeitamente as investigações posteriores.

NOTAS:

1 A filosofia acadêmica ou cética designa a forma de filosofia da última Academia, que floresceu a partir do século IV a.C. Hume a distingue do ceticismo pirrônico (veja-se seção XII), que é extremo e, segundo ele, um tipo de dogmatismo negativista, pois, embora todos os argumentos racionais se mostrem defeituosos e inconclusos, o homem deve decidir e tomar posição na vida prática. Os escritos filosóficos de Cícero, profundamente marcados por esse tipo de ensino, exerceram considerável influência na educação da maioria dos filósofos modernos, especialmente de Locke, Berkeley e Hume. (Veja-se de Hume, *An Inquiry concerning Human Understanding*, ed. Hendel, Liberal Arts, 1955, p. 54, nota 1) [N. do T.] 2 Nada é mais útil aos escritores, mesmo os que escrevem a respeito de temas morais, políticos ou físicos, do que distinguir entre a razão e a experiência e supor que estas classes de argumentação são inteiramente diferentes entre si. As primeiras são consideradas meros resultados de nossas faculdades intelectuais, as quais, ao considerarem a priori a natureza das coisas e examinarem os efeitos, que devem resultar de sua operação, estabelecem princípios particulares à ciência e à filosofia. As últimas são supostas derivar inteiramente dos sentidos e da observação, por meio dos quais sabemos o que é que resultou de fato da operação de objetos particulares e assim somos capazes de inferir o que resultará deles no futuro. Assim, por exemplo, as limitações e restrições do governo civil e de sua constituição legal podem ser defendidas tanto mediante a razão, que refletindo sobre a debilidade e corrupção da natureza humana nos ensina que a nenhum homem se pode confiar uma autoridade ilimitada, como mediante a experiência e a história, que nos informam dos enormes abusos que a ambição tem cometido em toda época e país, devido a uma confiança tão imprudente.

A mesma distinção entre razão e experiência se verifica em todas as nossas deliberações acerca da conduta na vida. Deste modo, o estadista, o general, o médico e o mercador experientes são seguidos e inspiram confiança, enquanto o novato inexperiente é, por mais bem-dotado de talentos naturais, desprezado e desconsiderado. Embora se admita que a razão pode formular conjecturas mais plausíveis sobre determinada conduta em determinadas condições, supõe-se, todavia, que ela é imperfeita sem o auxílio da experiência, pois esta é a única via capaz de conferir estabilidade e certeza às máximas deduzidas mediante estudo e reflexão.

Apesar da aceitação universal desta distinção, tanto nas etapas da vida ativa como especulativa, não terei escrúpulos em afirmar que é uma atitude errônea ou, ao menos, superficial.

Se examinarmos os argumentos em uma das ciências acima mencionadas e supormos que eles são meros efeitos do raciocínio e da reflexão, verificaremos que terminam pelo menos em alguma conclusão ou princípio geral, aos quais não podemos alegar outra razão a não ser a observação e a experiência. A única diferença entre as máximas racionais e experimentais (estas vulgarmente consideradas resultantes da mera experiência) consiste em que as primeiras não podem ser estabelecidas sem algum processo do pensamento e alguma reflexão sobre o que foi observado, a fim de distinguir suas circunstâncias e traçar suas consequências; nas máximas experimentais, o evento experienciado é exata e completamente similar ao que inferimos como resultado de uma situação particular qualquer. A história de um Nero ou de um Tibério nos levaria a temer semelhante tirania se nossos monarcas estivessem livres das restrições do Senado e da Lei. Mas a constatação de qualquer fraude ou crueldade na vida privada é suficiente, com o auxílio de alguma experiência, para alertar-nos do mesmo temor, porque serve de exemplo da corrupção geral da natureza humana e nos mostra o perigo que poderíamos correr se depositássemos inteira confiança na humanidade.

Nos dois casos a experiência é, em última análise, o fundamento de nossa inferência e conclusão.

Não há homem tão jovem e inexperiente que não tenha formado muitos e corretos princípios sobre os assuntos humanos e a conduta na vida. Mas é preciso admitir que, quando um homem procura exercê-los, está mais propenso a errar, até que o tempo e experiências posteriores lhe ampliem estes princípios e lhe ensinem seu uso adequado e aplicação. Em toda situação ou incidente há várias circunstâncias particulares, aparentemente sem importância, que o homem mais bem-dotado está inclinado a princípio a desdenhar, embora dependam delas a exatidão de suas conclusões e, por conseguinte, a prudência de sua conduta. Sem mencionar que, para um jovem principiante, os princípios e as operações gerais nem sempre se manifestam em ocasiões adequadas e nem podem ser imediatamente aplicados com a devida calma e distinção. A verdade é que um homem que raciocina sem experiência não poderia raciocinar se olvidasse inteiramente a experiência; quando designamos alguém com esta característica, fazemo-lo somente em sentido comparativo e supomos que possui experiência em grau mais ou menos imperfeito (Hume).

3 Em outra passagem desta Investigação, Hume manifesta a esperança de que 'a filosofia, se cuidadosamente cultivada e encorajada pela atenção do público, possa levar suas indagações ainda mais longe (isto é, da geografia mental) e descubra, pelo menos em parte, as fontes e os princípios secretos que impulsionam o espírito humano em suas operações (seção I, p. 68). A descoberta da função indispensável do costume em todo conhecimento da experiência pode ser, talvez, classificada como o avanço mais significativo naquela direção. (Veja-se Flew, ob. cit., p. 77.) [N. do T.]

4 O costume é, portanto, o fator que nos faculta a antecipar que o futuro será semelhante ao passado e nos leva a inferir de uma causa presente um efeito ausente. O costume compreende também mais alguma coisa. As ideias introduzidas por ele são inferências' e não meras sugestões. A experiência que temos da conjunção constante' entre, por exemplo, chama e calor, ou neve e frio, determina-nos, quando revemos a chama ou a neve, pelo "costume a esperar calor ou frio, e a acreditar que esta realidade existe realmente e que se manifestaria se estivesse mais próxima de nós". Revela-se, assim, como o costume envolve e condiciona a crença. [N. do T.]

5 Hume escreve no Tratado que a "crença é mais propriamente um ato sensitivo do que um aspecto cogitativo de nossa natureza" (I, IV, 1, p. 183). [N. do T.]

ATIVIDADE 1

Responda as questões abaixo

1. (Uel 2013 -adaptada) Leia o texto a seguir.

Hume considerou não haver nenhuma razão para supor que, dado o que se chama um "efeito", deva haver uma causa

conjunto?

invariavelmente unida a ele. Observamos sucessões de fenômenos: à noite sucede o dia, ao dia, a noite etc.; sempre que se solta um objeto, ele cai no chão etc. Diante da regularidade observada, concluímos que certos fenômenos são causas e outros, efeitos. Entretanto, podemos afirmar somente que um acontecimento sucede a outro – não podemos compreender que haja alguma força ou poder pelo qual opera a chamada “causa”, e não podemos compreender que haja alguma conexão necessária entre semelhante “causa” e seu suposto “efeito”.

(FERRATER-MORA, J. *Dicionário de Filosofia*, Tomo I, São Paulo: Loyola, 2000, p.427.)

Explicitite a leitura que Hume faz do empirismo.

2. (Ufu 2000 - adaptada) "O *hábito* é, pois, o grande guia da vida humana. É aquele princípio único que faz com que nossa experiência nos seja útil e nos leve a esperar, no futuro, uma sequência de acontecimentos semelhantes às que se verificaram no passado."

(Hume, São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 146)

Comente, acerca do conhecimento verdadeiro, a crítica que Hume fez aos limites da experiência sensível e ao princípio da causalidade vigente na filosofia moderna.

ASSISTA TAMBÉM:



<https://www.youtube.com/watch?v=KKS hIZAYF4I> (ANIMAÇÃO)

Que papo é esse: **BULLYING**
Todos nós somos responsáveis



<https://www.youtube.com/watch?v=XZzhpY1Rtas>

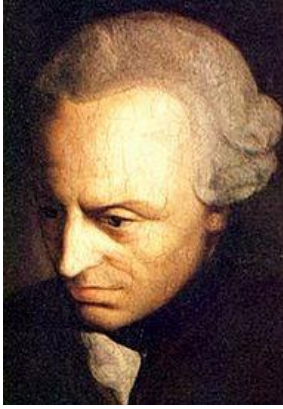
Borboletas em vôo
Relato de uma mulher que sofreu *bullying*



<https://www.youtube.com/watch?v=M6EQh7WeVHI>

Globo repórter - **BULLYING**

Filosofia:



Immanuel Kant (1724 — 1804)

Foi um filósofo prussiano, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna.

Sapere aude!

Arte:



O navio dos loucos (1490-1500) Autor: Hieronymus Bosch - óleo sobre madeira 58x33 Museu do Louvre, Paris

“O homem em sua menoridade”

Vocabulário:

Esclarecimento: tradução para o conceito alemão *Aufklärung*, também

Texto 10: Que é esclarecimento (*Aufklärung*)? 1784

Autor: Immanuel Kant

Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* (Ouse saber!) Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento.

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha (*naturaliter maiorennis*), continuam, no entanto de bom grado menores durante toda a vida. São também as causas que explicam por que é tão fácil que os outros se constituam em tutores deles. É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a respeito de minha dieta, etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis. A imensa maioria da humanidade (inclusive todo o belo sexo) considera a passagem à maioridade difícil e além do mais perigosa, porque aqueles tutores de bom grado tomaram a seu cargo a supervisão dela. Depois de terem primeiramente embrutecido seu gado doméstico e preservado cuidadosamente estas tranquilas criaturas a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerraram, mostram-lhes, em seguida, o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas. Ora, este perigo na verdade não é tão grande, pois aprenderiam muito bem a andar finalmente, depois de algumas quedas. Basta um exemplo deste tipo para tornar tímido o indivíduo e atemorizá-lo em geral para não fazer outras tentativas no futuro.

É difícil, portanto, para um homem em particular desvencilhar-se da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza. Chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder. Preceitos e fórmulas, estes instrumentos mecânicos do uso racional, ou, antes, do abuso de seus dons naturais, são os grilhões de uma perpétua menoridade. Quem deles se livrasse só seria capaz de dar um salto inseguro mesmo sobre o mais estreito fosso, porque não está habituado a este movimento livre. Por isso são muito poucos aqueles que conseguiram, pela transformação do próprio espírito, emergir da menoridade e empreender então uma marcha segura.

traduzido como iluminismo, século das luzes, ilustração. Foi um movimento cultural da elite europeia no século 18.

Arte:



A liberdade guiando o povo (1830)
autor: Eugène Delacroix
Óleo sobre tela
260x325
Louvre-Lens, Lens

“O homem em estado de maioria corta os fios invisíveis que o regem.”

KANT: FILOSOFIA E FILOSOFAR

“(…) não é possível aprender qualquer filosofia; (…) só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os”.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1980, p.407.

Vocabulário:

Títtere – Fantoche –

Marionete: boneco que se move por cordéis e engonços, imitando gestos humanos.

Que, porém, um público se esclareça a si mesmo é perfeitamente possível; mais que isso, se lhe for dada a liberdade, é quase inevitável. Pois, encontrar-se-ão sempre alguns indivíduos capazes de pensamento próprio, até entre os tutores estabelecidos da grande massa, que, depois de terem sacudido de si mesmos o jugo da menoridade, espalharão em redor de si o espírito de uma avaliação racional do próprio valor e da vocação de cada homem em pensar por si mesmo. O interessante nesse caso é que o público, que anteriormente foi conduzido por eles a este jugo, obriga-os daí em diante a permanecer sob ele, quando é levado a se rebelar por alguns de seus tutores que, eles mesmos, são incapazes de qualquer esclarecimento. Vê-se assim como é prejudicial plantar preconceitos, porque terminam por se vingar daqueles que foram seus autores ou predecessores destes. Por isso, um público só muito lentamente pode chegar ao esclarecimento. Uma revolução poderá talvez realizar a queda do despotismo pessoal ou da opressão ávida de lucros ou de domínios, porém nunca produzirá a verdadeira reforma do modo de pensar. Apenas novos preconceitos, assim como os velhos, servirão como cintas para conduzir a grande massa destituída de pensamento.

Para este esclarecimento, porém, nada mais se exige senão LIBERDADE. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um *uso público* de sua razão em todas as questões. Ouço, agora, porém, exclamar de todos os lados: *não raciocineis!* O oficial diz: não raciocineis, mas exercitai-vos! O financista exclama: não raciocineis, mas pagai! O sacerdote proclama: não raciocineis, mas crede! (Um único senhor no mundo diz: *raciocinai*, tanto quanto quiserdes, e sobre o que quiserdes, *mas obedecei!*). *Eis aqui por toda a parte a limitação da liberdade. Que limitação, porém, impede o esclarecimento? Qual não o impede, e até mesmo favorece? Respondo: o uso público de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento entre os homens. O uso privado da razão pode, porém, muitas vezes, ser muito estreitamente limitado, sem contudo por isso impedir notavelmente o progresso do esclarecimento. Entendo, contudo, sob o nome de uso público de sua própria razão aquele que qualquer homem, enquanto SÁBIO, faz dela diante do grande público do mundo letrado.* Denomino uso privado aquele que o sábio pode fazer de sua razão em um certo *cargo público* ou função a ele confiado. Ora, para muitas profissões que se exercem no interesse da comunidade, é necessário um certo mecanismo, em virtude do qual alguns membros da comunidade devem comportar-se de modo exclusivamente passivo para serem conduzidos pelo governo, mediante uma unanimidade artificial, para finalidades públicas, ou pelo menos devem ser contidos para não destruir essa finalidade. Em casos tais, não é sem dúvida permitido raciocinar, mas deve-se obedecer. Na medida, porém, em que esta parte da



Religião:

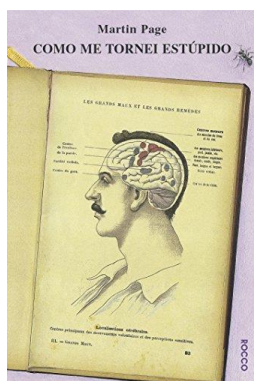


Vídeo para assistir

<https://www.youtube.com/watch?v=CQmQEuELaWM>

A religião como controle social. “O homem em estado de menoridade”

Literatura:



Como me tornei estúpido

Autor: Martin Page.

Para o jovem Antoine, a inteligência e a consciência crítica se transformam em empecilhos para alcançar a felicidade na sociedade atual. Por isso, o anti-herói criado pelo autor francês decide investir na idiotice como forma de sobrevivência.

máquina se considera ao mesmo tempo membro de uma comunidade total, chegando até a sociedade constituída pelos cidadãos de todo o mundo, portanto na qualidade de sábio que se dirige a um público, por meio de obras escritas de acordo com seu próprio entendimento, pode certamente raciocinar, sem que por isso sofram os negócios a que ele está sujeito em parte como membro passivo. Assim, seria muito prejudicial se um oficial, a que seu superior deu uma ordem, quisesse pôr-se a raciocinar em voz alta no serviço a respeito da conveniência ou da utilidade dessa ordem. Deve obedecer. Mas, razoavelmente, não se lhe pode impedir, enquanto homem versado no assunto, fazer observações sobre os erros no serviço militar, e expor essas observações ao seu público, para que as julgue. O cidadão não se recusa a efetuar o pagamento dos impostos que sobre ele recaem; até mesmo a desaprovação impertinente dessas obrigações, se devem ser pagas por ele, pode ser castigada como um escândalo (que poderia causar uma desobediência geral). Exatamente, apesar disso, não age contrariamente ao dever de um cidadão se, como homem instruído, expõe publicamente suas ideias contra a inconveniência ou a injustiça dessas imposições. **Do mesmo modo também o sacerdote está obrigado a fazer seu sermão aos discípulos do catecismo ou à comunidade, de conformidade com o credo da Igreja a que serve, pois foi admitido com esta condição. Mas, enquanto sábio, tem completa liberdade, e até mesmo o dever, de dar conhecimento ao público de todas as suas ideias, cuidadosamente examinadas e bem intencionadas, sobre o que há de errôneo naquele credo, e expor suas propostas no sentido da melhor instituição da essência da religião e da Igreja.** Nada existe aqui que possa constituir um peso na consciência. Pois aquilo que ensina em decorrência de seu cargo como funcionário da Igreja, expõe-no como algo em relação ao qual não tem o livre poder de ensinar como melhor lhe pareça, mas está obrigado a expor segundo a prescrição de um outro e em nome deste. Poderá dizer: nossa igreja ensina isto ou aquilo; estes são os fundamentos comprobatórios de que ela se serve.

Tira então toda utilidade prática para sua comunidade de preceitos que ele mesmo não subscreveria, com inteira convicção, em cuja apresentação pode contudo se comprometer, porque não é de todo impossível que em seus enunciados a verdade esteja escondida. Em todo caso, porém, pelo menos nada deve ser encontrado aí que seja contraditório com a religião interior. Pois se acreditasse encontrar esta contradição não poderia em sã consciência desempenhar sua função, teria de renunciar. Por conseguinte, o uso que um professor empregado faz de sua razão diante de sua comunidade é unicamente um uso privado, porque é sempre um uso doméstico, por grande que seja a assembleia. Com relação a esse uso ele, enquanto padre, não é livre nem tem o direito de sê-lo, porque executa uma incumbência estranha. Já

Poesia:

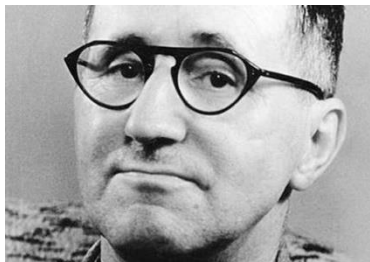
Nós vos pedimos com insistência:
Nunca digam - Isso é natural
diante dos acontecimentos de cada dia.
Numa época em que reina a confusão,
em que escorre o sangue,
em que se ordena a desordem,
em que o arbítrio tem força de lei,
em que a humanidade se desumaniza....
Não digam nunca - Isso é natural!
Para que nada passe a ser imutável.

Eu peço com insistência
Não diga nunca - Isso é natural

Sob o familiar,
Descubra o insólito,
Sob o cotidiano, desvele o inexplicável.

Que tudo o que é considerado habitual
Provoque inquietação,
Na regra, descubra o abuso,
E sempre que o abuso for encontrado,
Encontre o remédio.

Bertolt Brecht (1898-1956)
“Maioridade humana”



como sábio, ao contrário, que por meio de suas obras fala para o verdadeiro público, isto é, o mundo, o sacerdote, no uso público de sua razão, goza de ilimitada liberdade de fazer uso de sua própria razão e de falar em seu próprio nome. Pois o fato de os tutores do povo (nas coisas espirituais) deverem ser eles próprios menores constitui um absurdo que dá em resultado a perpetuação dos absurdos.

Mas não deveria uma sociedade de eclesiásticos, por exemplo, uma assembleia de clérigos, ou uma respeitável classe (como a si mesma se denomina entre os holandeses) estar autorizada, sob juramento, a comprometer-se com um certo credo invariável, a fim de por este modo de exercer uma incessante super tutela sobre cada um de seus membros e por meio dela sobre o povo, e até mesmo a perpetuar essa tutela? Isto é inteiramente impossível, digo eu. Tal contrato, que decidiria afastar para sempre todo ulterior esclarecimento do gênero humano, é simplesmente nulo e sem validade, mesmo que fosse confirmado pelo poder supremo, pelos parlamentos e pelos mais solenes tratados de paz. Uma época não pode se aliar e conjurar para colocar a seguinte em um estado em que se torne impossível para esta ampliar seus conhecimentos (particularmente os mais imediatos), purificar-se dos erros e avançar mais no caminho do esclarecimento. Isto seria um crime contra a natureza humana, cuja determinação original consiste precisamente neste avanço. E a posteridade está portanto plenamente justificada em repelir aquelas decisões, tomadas de modo não autorizado e criminoso. Quanto ao que se possa estabelecer como lei para um povo, a pedra de toque está na questão de saber se um povo se poderia ter ele próprio submetido a tal lei. Seria certamente possível, como se à espera de lei melhor, por determinado e curto prazo, e para introduzir certa ordem. Ao mesmo tempo, se franquearia a qualquer cidadão, especialmente ao de carreira eclesiástica, na qualidade de sábio, o direito de fazer publicamente, isto é, por meio de obras escritas, seus reparos a possíveis defeitos das instituições vigentes. Estas últimas permaneceriam intactas, até que a compreensão da natureza de tais coisas se tivesse estendido e aprofundado, publicamente, a ponto de tornar-se possível levar à consideração do trono, com base em votação, ainda que não unânime, uma proposta no sentido de proteger comunidades inclinadas, por sincera convicção, a normas religiosas modificadas, embora sem detrimento dos que preferissem manter-se fiéis às antigas. Mas é absolutamente proibido unificar-se em uma constituição religiosa fixa, de que ninguém tenha publicamente o direito de duvidar, mesmo durante o tempo de vida de um homem, e com isso por assim dizer aniquilar um período de tempo na marcha da humanidade no caminho do aperfeiçoamento, e torná-lo infecundo e prejudicial para a posteridade. Um homem sem dúvida pode, no que respeita à sua pessoa, e mesmo assim só por algum tempo, na parte que lhe incumbe, adiar o



Música/Arte:

Retrato de um Playboy (Juventude Perdida) Gabriel o Pensador

<https://www.youtube.com/watch?v=4dZpvh0c1UM>

Trechos da música:

“Não sei o que é a vida, não penso não
Sonho, praia, surfe e chopp essa é
minha realidade,
Não saio disso porque me falta
personalidade
Não tenho cérebro, apenas me
enquadro no sistema,
Ser tapado é minha sina, ser playboy é
meu problema
Faço só o que os outros fazem, acho
isso legal”

“Eu não sei nada dessa vida e desse
mundo onde estou,
E quando eu saio na rua que eu vejo o
merda que eu sou
Sem ter o que fazer, sem ter o que
pensar,
Eu encho a cara de bebida até vomitar
E os meus falsos amigos que vão lá me
carregar
São os mesmos que depois só vão me
sacanear
Mas na cabeça da galera também não
tem nada,
Somos um monte de merda dentro da
mesma privada,”

Retrato de um
Playboy: “o homem
em seu estado de
menoridade”

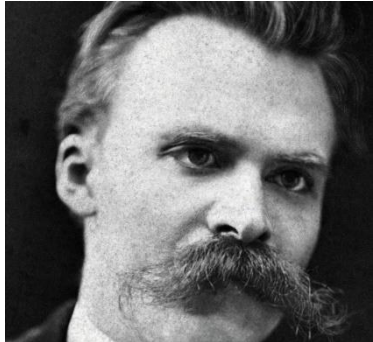
esclarecimento. Mas renunciar a ele, quer para si mesmo quer ainda mais para sua descendência, significa ferir e calcar aos pés os sagrados direitos da humanidade. O que, porém, não é lícito a um povo decidir com relação a si mesmo, menos ainda um monarca poderia decidir sobre ele, pois sua autoridade legislativa repousa justamente no fato de reunir a vontade de todo o povo na sua. Quando cuida de toda melhoria, verdadeira ou presumida, coincide com a ordem civil, pode deixar em tudo o mais que seus súditos façam por si mesmos o que julguem necessário fazer para a salvação de suas almas. Isto não lhe importa, mas deve apenas evitar que um súdito impeça outro por meios violentos de trabalhar, de acordo com toda sua capacidade, na determinação e na promoção de si. Causa mesmo dano a sua majestade quando se imiscui nesses assuntos, quando submete à vigilância do seu governo os escritos nos quais seus súditos procuram deixar claras suas concepções. O mesmo acontece quando procede assim não só por sua própria concepção superior, com o que se expõe à censura: *Ceaser non est supra grammaticos*, mas também e ainda em muito maior extensão, quando rebaixa tanto seu poder supremo que chega a apoiar o despotismo espiritual de alguns tiranos em seu Estado contra os demais súditos.

Se for feita então a pergunta: "vivemos agora uma época esclarecida"?, a resposta será: "não, vivemos em uma época de esclarecimento. Falta ainda muito para que os homens, nas condições atuais, tomados em conjunto, estejam já numa situação, ou possam ser colocados nela, na qual em matéria religiosa sejam capazes de fazer uso seguro e bom de seu próprio entendimento sem serem dirigidos por outrem. Somente temos claros indícios de que agora lhes foi aberto o campo no qual podem lançar-se livremente a trabalhar e tornarem progressivamente menores os obstáculos ao esclarecimento geral ou à saída deles, homens, de sua minoridade, da qual são culpados. Considerada sob este aspecto, esta época é a época do esclarecimento ou o século de *Frederico*.

Um príncipe que não acha indigno de si dizer que considera um *dever* não prescrever nada aos homens em matéria religiosa, mas deixar-lhes em tal assunto plena liberdade, que, portanto, afasta de si o arrogante nome de *tolerância*, é realmente esclarecido e merece ser louvado pelo mundo agradecido e pela posteridade como aquele que pela primeira vez libertou o gênero humano da minoridade, pelo menos por parte do governo, e deu a cada homem a liberdade de utilizar sua própria razão em todas as questões da consciência moral. Sob seu governo os sacerdotes dignos de respeito podem, sem prejuízo de seu dever funcional expor livre e publicamente, na qualidade de súditos, ao mundo, para que os examinasse, seus juízos e opiniões num ou noutro ponto discordantes do credo admitido. Com mais forte razão isso se dá com os outros, que não são limitados por nenhum

Filosofia:

“Por vezes, as pessoas não querem ouvir a verdade, porque não desejam que suas ilusões sejam destruídas.”



NIETZSCHE

(1844-1900)

Foi um filósofo alemão do século 19.

Vocabulário:

Autonomia: segundo Kant 1724-1804, capacidade da vontade humana de se autodeterminar segundo uma legislação moral por ela mesma estabelecida, livre de qualquer fator estranho ou exógeno com uma influência subjugante, tal como uma paixão ou uma inclinação afetiva incoercível.

gr. *autonomia* 'direito de reger-se segundo leis próprias'

ATIVIDADE 2

Transversalidade:

VAMOS FALAR SOBRE DROGAS?

Há uma relação entre o homem da menoridade com aqueles que utilizam drogas para se sentirem melhores, superiores? Caso sintasse a vontade, relate suas experiências com

dever oficial. Este espírito de liberdade espalha-se também no exterior, mesmo nos lugares em que tem de lutar contra obstáculos externos estabelecidos por um governo que não se compreende a si mesmo. Serve de exemplo para isto o fato de num regime de liberdade a tranquilidade pública e a unidade da comunidade não constituírem em nada motivo de inquietação. Os homens se desprendem por si mesmos progressivamente do estado de selvageria, quando intencionalmente não se requinta em conservá-los nesse estado.

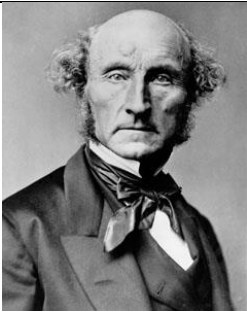
Acentuei preferentemente em *matéria religiosa* o ponto principal do esclarecimento, a saída do homem de sua menoridade, da qual tem a culpa. Porque no que se refere às artes e ciências nossos senhores não têm nenhum interesse em exercer a tutela sobre seus súditos, além de que também aquela menoridade é de todas a mais prejudicial e a mais desonrosa. Mas o modo de pensar de um chefe de Estado que favorece a primeira vai ainda além e compreende que, mesmo no que se refere à sua *legislação*, não há perigo em permitir a seus súditos fazer *uso público* de sua própria razão e expor publicamente ao mundo suas ideias sobre uma melhor compreensão dela, mesmo por meio de uma corajosa crítica do estado de coisas existentes. Um brilhante exemplo disso é que nenhum monarca superou aquele que reverenciamos.

Mas também somente aquele que, embora seja ele próprio esclarecido, não tem medo de sombras e ao mesmo tempo tem à mão um numeroso e bem disciplinado exército para garantir a tranquilidade pública, pode dizer aquilo que não é lícito a um Estado livre ousar: *raciocinais tanto quanto quiserdes e sobre qualquer coisa que quiserdes; apenas obedece!* Revela-se aqui uma estranha e não esperada marcha das coisas humanas; como, aliás, quando se considera esta marcha em conjunto, quase tudo nela é um paradoxo. Um grau maior de liberdade civil parece vantajoso para a liberdade de *espírito* do povo e, no entanto, estabelece para ela limites intransponíveis; um grau menor daquela dá a esse espaço o ensejo de expandir-se tanto quanto possa. *Se, portanto, a natureza por baixo desse duro envoltório desenvolveu o germe de que cuida delicadamente, a saber, a tendência e a vocação ao pensamento livre, este atua em retorno progressivamente sobre o modo de sentir do povo (com o que este se torna capaz cada vez mais de agir de acordo com a liberdade), e finalmente até mesmo sobre os princípios do governo, que acha conveniente para si próprio tratar o homem, que agora é mais do que simples máquina, de acordo com a sua dignidade.*

Fonte: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/b47.pdf>

ATIVIDADE 1

Crie, escreva, invente a letra de uma música, que aborde a



John Stuart Mill (1806-1873)

Foi um filósofo e economista inglês. Defensor do liberalismo e utilitarismo.

Vocabulário

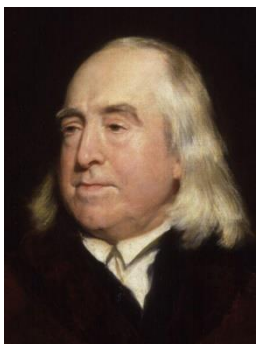
Utilitarismo: doutrina ética defendida principalmente por Jeremy Bentham e John Stuart Mill que afirma que as ações são boas quando tendem a promover a felicidade e más quando tendem a promover o oposto da felicidade.

Voluptuosa: Que prefere ou busca os prazeres através dos sentidos, principalmente os prazeres sexuais; que se entrega aos prazeres.



Epicuro (341-270 a.C.)

Foi um filósofo da Grécia antiga do período helenístico. Sua filosofia pauta-se na busca pelo prazer e afastamento da dor. Os prazeres defendidos por Epicuro são, principalmente, àqueles relacionados ao intelecto, vida social e simplicidade material.



Jeremy Bentham (1748-1832)

Foi um filósofo iluminista e jurista inglês. Considerado um dos criadores e defensores do utilitarismo.

Texto 11: O que o utilitarismo é, in *Utilitarismo* (2005), Ed.

Gradiva, pp. 49-52. ISBN: 989-616-042-2

Autor: **John Stuart Mill**

Uma referência de passagem é quanto basta para responder à enormidade ignorante de supor que aqueles que defendem a utilidade como o teste do correto e do incorreto, **usam o termo no sentido restrito e meramente coloquial no qual a utilidade se opõe ao prazer**. É devido um pedido de desculpas aos oponentes filosóficos do **utilitarismo** pela aparência, mesmo se momentânea, de os confundir com alguém susceptível de um erro tão absurdo; erro esse que é ainda mais extraordinário na medida em que a acusação contrária, **a de que o utilitarismo remete tudo para o prazer (e esta acusação também na sua forma mais grosseira), é outra das acusações habituais contra o utilitarismo**. E, como foi assinalado de forma incisiva por um autor talentoso, o mesmo tipo de pessoas, e por vezes exatamente as mesmas pessoas, denunciam a teoria como “**impraticavelmente austera quando a palavra utilidade precede a palavra prazer, e demasiado voluptuosa, na prática quando a palavra prazer precede a palavra utilidade**”. Quem conhece o assunto está ciente de que todos os autores, de **Epicuro** a **Bentham**, que defenderam a teoria da utilidade, **não entendem por utilidade algo que se opõe e distingue do prazer, mas o prazer em si, aliado à ausência de dor; e em vez de oporem o útil ao agradável ou ao ornamental, sempre declaram que o útil se refere a estas coisas, entre outras**. No entanto, a **população**, incluindo a **população** de autores, está permanentemente a cair neste erro primário, não apenas em jornais e revistas, mas igualmente em livros de grande peso e ambição. Tendo ouvido a palavra **utilitarista**, embora nada sabendo sobre ela além do som, exprimem habitualmente com ela a rejeição, ou o menosprezo, do prazer em algumas das suas formas: da beleza, do ornamento ou da diversão. E o termo não é usado desta

Video:



* "Happiness not included."

Epicurus on Happiness – Epicuro e a Felicidade – Alain de Botton

<https://youtu.be/KFYr2jvTm98>

Vocabulário:

População: O povo das classes baixas; plebe, ralé.

Frivolidade: Aquilo que não tem valor; o que não vale nada; ninharia.

Compelido: Forçado; que foi obrigado a ter determinado comportamento; que age sob coação: país compelido a participar da guerra.

Degradação: Ação de destruir ou estragar; destruição: degradação social.

Inerente: Que se encontra ligado de modo íntimo e necessário; inseparável: responsabilidade inerente à função.

Filme:



Batman - "O Cavaleiro das Trevas" (2008) apresenta alguns dos dilemas mais intrigantes **de Kant e de Mill**. No filme, Batman enfrenta a difícil decisão de ter de escolher entre salvar o amor de sua vida, Rachel Dawes, ou a pessoa que pode ter a capacidade de se tornar o verdadeiro "salvador" de Gotham, Harvey Dent. Sua escolha em salvar Dent define uma cadeia de eventos o tornam vilão alegando vingança contra Batman. O Coringa representa a antítese da **ética kantiana**. Suas ações e intenções são simplesmente destinadas a provocar o caos em toda a cidade.

forma ignorante e errada apenas para desacreditar, mas ocasionalmente também para elogiar; como se implicasse superioridade face à **frivolidade** e aos meros prazeres do momento. E este uso pervertido é o único no qual a palavra é conhecida popularmente, e aquele a partir do qual as novas gerações estão a adquirir a única noção que têm do seu significado. Quem introduziu a expressão, mas que durante muitos anos a abandonou como designação característica, pode sentir-se **compelido** a utilizá-la de novo, se ao fazê-lo puder esperar contribuir em alguma coisa para a resgatar desta total **degradação**.

A doutrina que aceita como fundamento da moral a utilidade, ou o princípio da maior felicidade, defende que as ações são corretas na medida em que tendem a promover a felicidade, e incorretas na medida em que tendem a gerar o contrário da felicidade. Por felicidade entendemos o prazer, e a ausência de dor; por infelicidade, a dor, e a privação de prazer. Para dar uma perspectiva clara do padrão moral estabelecido pela teoria é preciso dizer muito mais; em particular, que coisas se incluem nas ideias de dor e prazer; e até que ponto isto é deixado como questão em aberto. Mas estas explicações suplementares não afetam a teoria da vida na qual esta teoria da moralidade se baseia – nomeadamente, que o prazer, e a ausência de dor, são as únicas coisas desejáveis como fins; e que todas as coisas desejáveis (que são tão numerosas no esquema utilitarista como em qualquer outro) são desejáveis ou pelo prazer **inerente** a si mesmas, ou como meios para a promoção do prazer e a prevenção da dor.

Ora, tal teoria provoca em muitos espíritos, e entre eles alguns dos mais estimáveis em sentimento e determinação, uma **repulsa inveterada**. Supor que a vida não tem (como eles dizem) um fim mais elevado do que o prazer – nada que seja um melhor e mais nobre objeto de desejo e **prossecução** – é considerado mesquinho e **abjeto**; uma doutrina digna apenas

Filme:



A Escolha de Sofia (1982)

Direção: Alan J. Pakula

Trata do dilema de "Sofia", uma mãe polaca, filha de pai anti-semita, presa num campo de concentração durante a Segunda Guerra e que é forçada por um soldado nazista a escolher um de seus dois filhos para ser morto. Se ela se recusasse a escolher um, ambos seriam mortos.

Vocabulário:

Repulsa: sentimento de repugnância, de aversão.

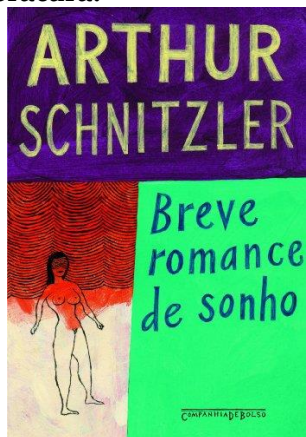
Inveterada: arraigado, fixado pelo tempo ou pela insistência.

Abjeto: aquilo que é vil, baixo, desprezível, torpe, degradante.

Prossecação: ato de dar prosseguimento, continuação.

Degradante: infame, danifica, desonrante, deteriorante.

Literatura:



Breve Romance de Sonho (1926)

Autor: Arthur Schnitzler

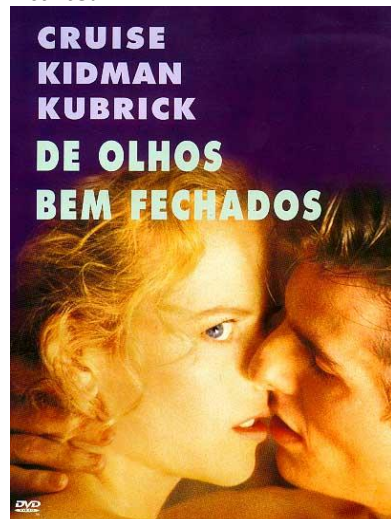
Livro que inspirou Kubrick a fazer o filme De olhos bem Fechados. Tanto o livro quanto

de porcos, aos quais os seguidores de Epicuro foram, desde muito cedo, comparados com desprezo; e os defensores modernos da doutrina são ocasionalmente objeto de comparações igualmente delicadas por parte dos seus críticos alemães, franceses e ingleses.

Quando atacados desta forma, os epicuristas sempre responderam que não são eles, mas os seus acusadores, quem representa a natureza humana a uma luz degradante; uma vez que a acusação supõe que os seres humanos são incapazes de prazeres além daqueles de que os porcos são capazes. Se esta suposição fosse verdadeira, a acusação não poderia ser contestada, mas deixaria então de ser uma censura; pois, se as fontes de prazer fossem precisamente as mesmas para os seres humanos e os porcos, a regra de vida que é suficientemente boa para uns seria boa também para os outros. A comparação da vida epicurista com a dos animais é sentida como **degradante precisamente porque os prazeres dos animais não satisfazem as concepções de felicidade de um ser humano. Os seres humanos têm faculdades mais elevadas do que os apetites animais e, quando ganham consciência delas, nada encaram como felicidade que não inclua a satisfação das mesmas.** Não considero de modo algum, na verdade, que os epicuristas não tenham cometido erros ao derivar o seu esquema de consequências a partir do princípio utilitarista. Para fazer isto de uma forma satisfatória é necessário incluir muitos elementos **estoicos** e **cristãos**. Mas não se conhece qualquer teoria epicurista da vida que não atribua aos prazeres do intelecto, das emoções e da imaginação, e aos sentimentos morais, um valor muito maior, enquanto prazeres, do que aos da mera sensação. Tem de se admitir, no entanto, que os autores utilitaristas localizaram em geral a superioridade dos prazeres mentais sobre os corporais sobretudo na maior permanência, segurança, economia etc., dos primeiros – isto é, nas suas vantagens circunstanciais em vez de na sua natureza **intrínseca**. E em

o filme tratam dilemas morais que passam pela fidelidade, traição e relacionamento.

Filme:



De Olhos bem Fechados

Título original: Eyes Wide Shut (1999)

Um dos filmes mais estranhos e filosóficos de **Kubrick**. Conta a história de um médico que, ao descobrir as possíveis traições da sua esposa, embarca em uma jornada para explorar seus próprios desejos reprimidos. A obra é interessante porque levanta questões relativas aos desejos e contrasta as consequências dessas ações.

Vocabulário:

Intrínseca: que faz parte, que constitui a essência, que é próprio do ser, inerente.

Senciente: que percebe pelos sentidos, que recebe impressões.

Hedonismo: uma das doutrinas que concordam na determinação do prazer como o bem supremo, finalidade e fundamento da vida moral, embora se afastem no momento de explicitar o conteúdo e as características da plena fruição, assim como os meios para obtê-la.

Vocabulário:

Deontológicas: faz parte da filosofia moral contemporânea, que significa ciência do dever e da obrigação. A deontologia é um tratado dos deveres e da

todos estes pontos os utilitaristas demonstraram por completo o seu ponto de vista; mas poderiam ter tomado o outro caminho, a que poderemos chamar mais elevado, com inteira consistência. É perfeitamente compatível com o princípio de utilidade reconhecer o facto de **alguns tipos de prazer serem mais desejáveis e valiosos do que outros**. Seria absurdo que a avaliação dos prazeres dependesse apenas da quantidade, dado que ao avaliar todas as outras coisas consideramos a qualidade a par da quantidade.

Máxima utilitarista: *Agir sempre de forma a produzir a maior quantidade de bem-estar (Princípio do bem-estar máximo)*

Complemento: Para entender o utilitarismo de Stuart Mill

A teoria utilitarista de Mill:

1 – O bem último é a felicidade.

2 – Produzir a maior felicidade para o maior número é o que faz uma ação ser correta.

Argumentos e ideias da teoria utilitarista de Mill:

1) **Princípio da maior felicidade** – Um ato ser certo ou errado depende de um único fator: **a sua contribuição para a felicidade ou bem-estar**. Se um curso de ação previsivelmente produzir mais felicidade do que infelicidade, então é correto. Pelo contrário, se previsivelmente gerar mais infelicidade do que felicidade, então é errado.

a) O padrão utilitarista da maior felicidade não se refere apenas à maior felicidade do próprio agente (egoísmo ético); mas sim **à maior felicidade no todo, na sua máxima extensão** (o que inclui os seres **sencientes**). Assim, aquilo que importa promover não é a felicidade do próprio agente, mas a **felicidade geral ou bem-estar de todos os envolvidos** numa determinada ação.

b) **Sacrificar o bem pessoal só tem sentido se for em prol do bem dos outros**, ou seja, se aumentar (ou tender a aumentar) a quantidade total de felicidade.

c) O utilitarismo exige que **o agente seja imparcial** (ou seja, devemos dar a mesma importância à felicidade e bem-estar de todos os indivíduos).

d) Mas, por que razão teremos que promover a felicidade geral?

• Existe uma **base natural** de sentimento para a moralidade utilitarista.

• Existem **sentimentos sociais da humanidade**.

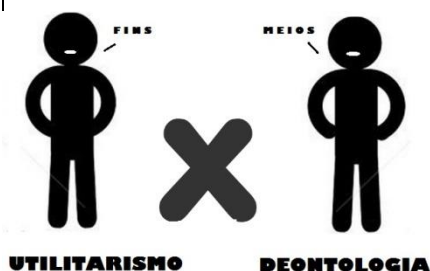
• **A natureza humana é constituída de forma a desejar a felicidade geral**.

2) **Hedonismo** – **A felicidade ou bem-estar de um indivíduo consiste unicamente no prazer** (experiências apazíveis) e na ausência de dor ou sofrimento. **A felicidade, entendida como prazer, é intrinsecamente valiosa e constitui o bem supremo**.

a) Mill defende que **alguns tipos de prazeres são qualitativamente superiores a outros**. Ou seja, há prazeres intrinsecamente melhores do que outros. E, para vivermos melhor, **é preciso dar uma forte preferência aos prazeres superiores**, recusando-nos a trocá-los por uma quantidade idêntica, ou mesmo maior, de prazeres inferiores.

• Os **prazeres superiores** são preferíveis pelas pessoas que tenham uma

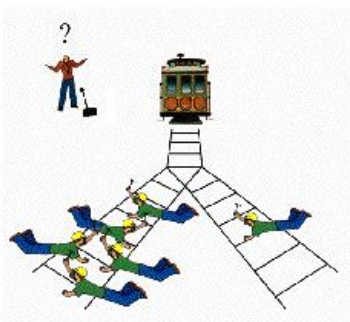
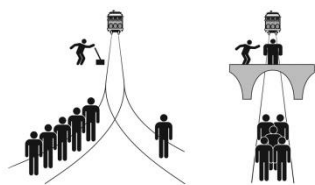
moral. É uma teoria sobre as escolhas dos indivíduos, o que é moralmente necessário e serve para nortear o que realmente deve ser feito.



Filosofia:

Estoicos: estoicismo – escola filosófica helenística fundada na Grécia Antiga no início do século III a. C.. Se caracteriza por uma ética em que a imperturbabilidade, a extirpação das paixões e a aceitação resignada do destino são as marcas fundamentais do homem sábio, o único apto a experimentar a verdadeira felicidade [O estoicismo exerceu profunda influência na ética cristã.].

Dilema moral:



experiência de ambos os tipos de prazer, pois estes produzem qualitativamente mais felicidade que os prazeres mais baixos.

- Os **prazeres inferiores** dizem respeito à satisfação das **necessidades primárias** (comida, água, sexo, sono etc.). Os **prazeres superiores** dizem respeito à satisfação das **necessidades mentais sofisticadas** (como leitura, reflexão, deleite estético, consciência e estudo).
- Ainda que os prazeres de um porco fossem mais intensos e duradouros do que os de um ser humano, os de um ser humano seriam preferíveis aos de um porco, pois o porco apenas pode ter prazeres inferiores.
- O hedonismo de Mill distingue-se do hedonismo de Bentham. Pois, para **Bentham o hedonismo é puramente quantitativo**, ou seja, o valor de um prazer depende apenas da sua **duração e intensidade**; enquanto que para **Mill o hedonismo é quantitativo e qualitativo**, isto é, há prazeres que, pela sua natureza intrínseca, são superiores a outros.

3) **Maximização do bem** – Se queremos saber se um dado ato é certo ou errado, tudo o que precisamos de saber é em que medida, comparado com atos alternativos, este contribui para a felicidade geral.

a) A melhor escolha será aquela que, de um ponto de vista imparcial, mais beneficia e promove a felicidade ou bem-estar de todos os envolvidos numa determinada ação.

b) É importante analisar, num determinado ato, **qual é o maior benefício**.

4) **Consequencialismo** – O utilitarista avalia as ações atendendo somente às suas consequências. **Assim, em qualquer situação, o melhor ato é aquele que, comparado com os atos alternativos, tem consequências mais valiosas. Ou seja, o correto é agir de tal modo que geremos o melhor estado de coisas possível.**

a) Para se determinar o valor das consequências de um ato basta ponderar-se imparcialmente os prejuízos e benefícios que a sua realização trará a todos os indivíduos.

b) Na avaliação de um ato, o que interessa são as consequências (o que resultará desse ato); sendo irrelevante o motivo do agente (a razão pela qual queremos fazer algo).

As objecções à ética utilitarista de Mill:

1) **O utilitarismo parece demasiado permissível** – Pois, não admite restrições **deontológicas**. **Para um utilitarista é correto matar ou torturar inocentes se isso resultar numa maior felicidade geral.** Mas, parece que atos desse tipo não são justificáveis pelo simples fato de produzirem as melhores consequências.

a) Porém, os utilitaristas (cf. Sidgwick) alegam que a sua teoria não é demasiado permissível fazendo notar que esta não deve ser usada sistematicamente para tomar decisões, e que existem outras motivações úteis para agir.

2) **O utilitarismo parece demasiado exigente** – Pois, diz-nos que é sempre errado fazer algo que não contribua para a felicidade geral no maior grau possível. **Nunca é aceitável fazer menos do que maximizar a felicidade geral por maiores que sejam os sacrifícios pessoais que isso implique.**

Fonte deste resumo: <http://blog.domingosfaria.net/2012/03/sintese-etica-utilitarista-de-stuart.html>

Atividade 1 – Dilemas morais – Debate em grupo

O que você faria?

Fonte: Revista Super Interessante

Link: <http://super.abril.com.br/cultura/dilemas-morais-o-que-voce-faria/>

Consultado em 20/06/2017, às 23h00.

Série/televisão:

House of Cards (2013 - ...)



House of Cards possui diversos dilemas éticos em que seus personagens lutam entre si em busca de dinheiro e poder. Tudo pode ser feito para se atingir seus objetivos?

Jornalismo/Mundo:

Campos de concentração para gays na Chechênia: o novo velho pesadelo da Federação Russa

A perseguição aos homossexuais não é um resíduo de uma sociedade tradicional de cunho medieval, mas sim o mais recente capítulo dos abusos sofridos pelos cidadãos russos

Para saber mais - Fonte:

<http://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/internacional/1492511300510497.html>



Rússia declara ilegal compartilhar esta imagem de Putin maquiado.

Fonte:

<http://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/internacional/1491565697732808.html?rel=mas>

Jornalismo/Brasil:

Um retrato do torturador comandante Brilhante Ustra,

Dilema 1: O trem descontrolado (1)

Um trem vai atingir 5 pessoas que trabalham desprevenidas sobre a linha. Mas você tem a chance de evitar a tragédia acionando uma alavanca que leva o trem para outra linha, onde ele atingirá apenas uma pessoa. Você mudaria o trajeto, salvando as 5 e matando 1?

() Mudaria

() Não mudaria

Numa pesquisa feita pela revista Time, 97% dos leitores salvariam os 5.

Dilema 2: O trem descontrolado (2)

Imagine a mesma situação anterior: um trem em disparada irá atingir 5 trabalhadores desprevenidos nos trilhos. Agora, porém, há uma linha só. O trem pode ser parado por algum objeto pesado jogado em sua frente. Um homem com uma mochila muito grande está ao lado da ferrovia. Se você empurrá-lo para a linha, o trem vai parar, salvando as 5 pessoas, mas liquidando uma. Você empurraria o homem da mochila para a linha?

() Empurraria

() Não empurraria

Avaliando pela lógica pura, esse dilema não tem diferença em relação ao anterior. Continua sendo uma questão de trocar 1 indivíduo por 5. Apesar disso, a maioria das pessoas (75% nos estudos de Joshua Greene, 60% no teste da Time) não empurraria o homem. Estamos dispostos a matar com máquinas, mas não matariamos com as mãos.

Dilema 3: Totem e tabu

No seu país, a tortura de prisioneiros de guerra é proibida. Você é tenente do Exército e recebe um prisioneiro recém-capturado que grita: “Alguns de vocês morrerão às 21h35”. Suspeita-se que ele sabe de um ataque terrorista a uma boate. Para saber mais e salvar civis, você o torturaria?

() Torturaria

() Não torturaria

Recentemente, Israel e os EUA foram duramente criticados pela prática de tortura de terroristas árabes em prisões e pelas tentativas de legalizá-la em forma de “pressão psicológica” ou “pressão física moderada”. Na defesa, os países usaram dilemas como esse. Se você achar que o correto é torturar o prisioneiro, vai legitimar carcerações sangrentas. Por outro lado, caso se recusasse a torturá-lo, poderá deixar inocentes morrer.

Dilema 4: Os limites da promessa

Um amigo quer lhe contar um segredo e pede que você prometa não contar a ninguém. Você dá sua palavra. Ele conta que atropelou um pedestre e, por

segundo as suas vítimas

Cérebro da repressão na ditadura não poupava crianças e apreciava comandar violações de mulheres. Foi essa ferida do passado que Jair Bolsonaro reabriu com seu voto no último domingo



Fonte:

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/20/politica/1461180363_636737.html

Charge:



1-“Tudo coberto menos os olhos ... O que é uma cultura machista, cruel e dominadora”

2-“Tudo descoberto, menos os olhos!!! O que é uma cultura machista, cruel e dominadora.”

Jornalismo/Brasil:

Infanticídio põe em xeque respeito à tradição indígena



No Xingu, Paltu Kamaiurá segura seu filho, Mayutá, que foi salvo da morte a que estava destinado por sua tribo; seu irmão gêmeo foi morto, como manda a tradição

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc060420081>

isso, vai se refugiar na casa de uma prima. Quando a polícia o procura querendo saber do amigo, o que você faz?

() Conta à polícia

() Não conta à polícia

O antropólogo holandês Fonz Trompenaars realizou pesquisas em diversos países com dilemas como esse. O mais interessante é que as respostas variaram de acordo com o povo. A maioria dos russos acusaria o amigo na lata. Outros mentiriam para protegê-lo, dando dicas ambíguas à polícia, como os americanos. Já os brasileiros inventariam histórias malucas para dizer que a culpa não era do amigo, mas do pedestre, que era um suicida.

Dilema 5: Choque cultural

Você é um funcionário da Funai, trabalhando na Amazônia sob ordem expressa de jamais intervir na cultura indígena. Passeando perto de uma clareira, nota que ianomâmis estão envenenando o bebê de uma índia, que está aos prantos. Você impediria a morte do bebê?

() Impediria

() Não impediria

No começo de abril, a Folha de S.Paulo contou a história do índio Mayutá, de 2 anos, que nasceu de uma gravidez de gêmeos. Como os índios camaiurás acreditam que gêmeos trazem maldição, Mayutá deveria ser envenenado. O irmão dele já havia sido assassinado quando o pai interveio. Com ajuda da ong Atini, que tenta acabar com o infanticídio entre os índios brasileiros, o pai retirou a criança da tribo.

Filosofia:

Immanuel Kant
(1724 — 1804)

Foi um filósofo prussiano / alemão, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna.

Crítica ao utilitarismo:

Uma das mais relevantes críticas ao utilitarismo foi aquela levada a cabo pelo filósofo alemão Immanuel Kant, ao formular seu conceito de **Imperativo Categórico**, de acordo com Kant, a maximização do bem para os envolvidos, premissa básica do utilitarismo no que concerne a ação moral em sociedade, é irrelevante do ponto de vista daqueles indivíduos que preocupam-se com a maximização do bem, ou do resultado positivo de suas ações, apenas para si mesmos, sem importar-se com as demais pessoas. Isto aconteceria, segundo Kant, pois o utilitarismo seria capaz de postular apenas imperativos hipotéticos, aqueles com a forma "se desejo X devo fazer Y", e não máximas morais que deveriam ser seguidas independente das inclinações pessoais.

Vocabulário filosófico:

Imperativo categórico: "Age somente em concordância com aquela máxima através da qual tu possas ao mesmo tempo querer que ela venha a se tornar uma lei universal".

Texto 12: Lei fundamental da razão pura prática, in *Crítica da Razão Prática* (1788), pp. 32 e 33. Icone Editora, Coleção Fundamentos do Direito, tradução Paulo Barrera (2005).

Autor: **Immanuel Kant**.

Imperativo Categórico:

Age de tal modo que a máxima de tua vontade possa valer-te sempre como princípio de uma legislação universal

Escólio:

A geometria pura tem postulados que são proposições práticas, os quais só contêm, todavia, a suposição de que se pode fazer alguma coisa quando se exigir que se deve fazer, sendo estas as únicas proposições da geometria pura concernentes a uma existência. São, conseqüentemente, regras práticas recalçadas sob uma condição problemática da vontade. Entretanto, a regra diz aqui que deve proceder de certo modo absoluto. A regra prática é, portanto, incondicionada, sendo, por consequência, representada a priori como uma proposição categoricamente prática, em virtude da qual a vontade é determinada, objetiva, absoluta e imediatamente (pela mesma regra prática que aqui evidentemente é lei). Com efeito, a razão pura em si mesma aqui resulta imediatamente legisladora. A vontade é concebida como independente de condições empíricas e, por conseguinte, como vontade pura, determinada mediante a simples forma da lei, sendo esse motivo de determinação considerado como a suprema condição de todas as máximas. O caso é bastante singular, e não disponho de um equivalente no restante do conhecimento prático. O pensamento a priori de uma legislação universal possível resulta, tal qual é, simplesmente problemático, apresentando-se diante de nós como lei incondicional, sem tomar nada de empréstimo à experiência ou a uma vontade exterior qualquer. Não é,

Filmes:**O informante (2005)**

Direção: Michael Mann

De acordo com Kant um indivíduo tem dever para com o bem comum. No filme, o trabalhador enfrenta a questão do que é mais importante, o dever de alertar os consumidores ou a sua obrigação como um empregado de permanecer em silêncio.

Vocabulário:

Colorário: proposição que deriva, em um encadeamento dedutivo, de uma asserção precedente, produzindo um acréscimo de conhecimento por meio da explicitação de aspectos que, no enunciado anterior, se mantinham latentes ou obscuros.

Escólio: breve anotação sobre algum texto com a finalidade de explicá-lo ou torná-lo mais claro, mais compreensível.

também, um preceito segundo o qual uma ação deva ocorrer, mediante a qual fosse possível um efeito desejado (porque, então, a regra seria sempre condicionada fisicamente), mas, sim, uma regra que determina apenas a vontade a priori em relação à forma de suas máximas, sendo então uma lei que só serve para a forma subjetiva dos princípios ao menos possível, salvo se for concebida como motivo determinante por meio da forma objetiva de uma lei geral. A consciência dessa lei fundamental pode ser denominada um ato da razão, porque não podemos inferi-la de dados antecedentes da razão, como seja da consciência da liberdade (porque essa consciência não se revela anteriormente) impondo-se por si mesma a nós como proposição sintética a priori, a qual não se fundamenta em qualquer intenção, seja pura ou empírica, ainda que fosse analítica quando propuséssemos a liberdade da vontade, para o que, todavia, seria exigível, como conceito positivo, uma intuição intelectual que aqui não pode ser admitida de modo algum. Entretanto, para considerar essa lei como dada, sem resvalar à falsa interpretação, deve-se ter em conta que ela não é uma lei empírica, mas um caso exclusivo da razão pura, a qual se manifesta por meio dele como de origem legisladora.

Corolário:

A razão pura é por si mesma prática, facultando (ao homem) uma lei universal que denominamos lei moral.

Escólio:

É inegável o que acabamos de dizer. Resta apenas por analisar os juízos que os homens articulam sobre a correlação de suas ações à lei. Deduzir-se-á sempre que, seja o que for o aduzido pela inclinação, a razão, incorruptível e por si mesma obrigada, compara sempre a máxima da vontade em uma ação com a vontade pura, isto é, consigo mesma, quando a consideramos como prática a priori. Agora, convenhamos: este

Filmes:



Até o último homem (2016)

Direção: Mel Gibson

Em defesa do imperativo categórico “não matar”, o filme narra a história de Desmond T. Doss, que se recusa a pegar em armas e matar outros seres humanos durante a 2ª. Guerra Mundial.



O Jardineiro Fiel (2005)

Direção: Fernando Meirelles.

The Constant Gardener apresenta a trajetória de Justin Quayle, um diplomata britânico lotado em Nairóbi, no Quênia, que decide investigar as razões do assassinato de sua esposa Tessa, uma ativista de direitos humanos.

Ao persistir na investigação do assassinato de sua esposa, mesmo recebendo ameaças e "avisos" de amigos, Justin descobre-se em meio a uma teia de revelações mais profunda: sua esposa estava envolvida numa investigação sigilosa sobre uma conspiração internacional envolvendo governos e multinacionais do setor farmacêutico e testes de medicamentos em seres humanos. Segundo a investigação, sob o pretexto de ajudar a prevenir a

princípio da moralidade, precisamente pela universalidade legislativa, que o torna fundamento determinante formal da vontade, independente de todas as diferenças subjetivas dessa vontade, declarando-o a razão, ao mesmo tempo, lei para todos os seres racionais conquanto tenham uma vontade, ou seja, uma faculdade capaz de determinar a sua própria causalidade mediante a representação de regras e, conseqüentemente, enquanto capazes de produzir ações segundo princípios e, portanto, também conformes com princípios práticos a priori (dado que só esses apresentam aquela necessidade que a razão exige em todos os princípios). Isso não se limita apenas ao homem: torna-se extensivo aos seres finitos dotados de razão e vontade, incluindo até o ser infinito como inteligência suprema. Todavia, no homem, a lei possui, no primeiro caso, a forma de um imperativo, porque, na qualidade de ser racional, pode-se supor nele uma vontade pura; mas, por outro lado, sendo afetado por necessidade e por causas motoras sensíveis, não se pode supor nele uma vontade santa, isto é, tal que não lhe fosse possível esboçar qualquer máxima em contraposição à lei moral. Para aqueles seres, a lei moral, portanto, é um imperativo que manda categoricamente, porque a lei é incondicionada.

Leitura complementar:

A filosofia moral de Kant

Kant desenvolve a sua filosofia moral em três obras: *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785), *Crítica da razão prática* (1788) e *Metafísica dos costumes* (1798).

Nesta área, Kant é provavelmente mais bem conhecido pela sua teoria sobre uma obrigação moral única e geral, que explica todas as outras obrigações morais que temos: o imperativo categórico.

O imperativo categórico, em termos gerais, é uma obrigação incondicional, ou uma obrigação que temos independentemente da nossa vontade ou desejos (em contraste com o imperativo hipotético).

As nossas obrigações morais podem ser resultantes do imperativo categórico. O imperativo categórico pode ser formulado em três formas, que ele acreditava serem mais ou menos equivalentes (apesar de opinião contrária de muitos comentadores):

* A primeira formulação (a fórmula da lei universal) diz: "**Age somente em concordância com aquela máxima através da qual tu possas ao mesmo tempo querer que ela venha a se tornar uma lei universal**".

* A segunda fórmula (a fórmula da humanidade) diz: "**Age por forma a que uses a humanidade, quer na tua pessoa como de qualquer outra,**

disseminação da AIDS e distribuir gratuitamente medicamentos para seu tratamento no Quênia, uma grande empresa testava um novo medicamento contra a tuberculose e ocultando, pela manipulação dos testes, seus severos efeitos colaterais.

"A boa vontade é condição indispensável para sermos dignos de felicidade".

-Immanuel, Kant.



Feitiço do tempo (1993)

Direção: Harold Ramis

Este filme apresenta as duas pontas das **ética kantiana**. Phil Connors, um homem egoísta, começa a experimentar o mesmo dia uma e outra vez na aldeia Punxsutawney no dia de Groundhog. A resposta inicial de Connors às novas circunstâncias é repleto de hedonismo. Ele rouba, bebe em excesso, dirige imprudentemente, seduz mulheres da cidade, e tentar manipular seus colegas de trabalho. Connors finalmente conclui que não pode continuar a vida que ele leva. Connors toma uma decisão que alinha com ética kantiana. Sua nova vida e novas ações refletem um imperativo categórico de Kant, pelo qual uma pessoa age sem interesse pessoal para tornar a vida das pessoas ao seu redor melhor. Através de sua nova perspectiva de vida, consegue escapar o ciclo repetitivo.

sempre ao mesmo tempo como fim, nunca meramente como meio".

* A terceira fórmula (a fórmula da autonomia) **é uma síntese das duas prévias**. Diz que deveremos agir por forma a que possamos pensar de nós próprios como leis universais legislativas através das nossas máximas. Podemos pensar em nós como tais legisladores autônomos apenas se seguirmos as nossas próprias leis.

Atividade 1

Vamos falar sobre nossos **pequenos atos de corrupções diários**? No dia a dia, quando alguém burla regras ou até leis para obter alguma vantagem isso também é corrupção? Quais são os problemas gerados a partir desses pequenos delitos?

Leia os dois textos abaixo (A e B), **assista os três vídeos** indicados (Filosofia Pop – Corrupção, Prof. Leandro Karnal – “Corrupção é um mal social” e *JC Debates* – Pequenas Corrupções, depois **converse com seus pais** sobre o tema. Por fim, **prepare-se para uma aula-debate** com os seus colegas de sala.



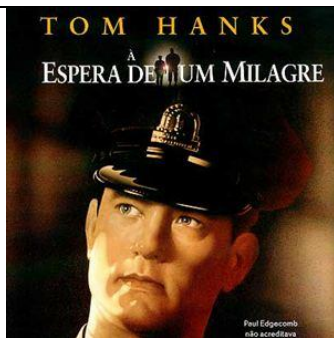
Texto A

“É preciso ensinar esses jovens a ter ética, transparência e também a exercer cidadania.”

Quase um em cada quatro brasileiros (23%) afirma que dar dinheiro a um guarda para evitar uma multa não chega a ser um ato corrupto, de acordo com uma pesquisa realizada pela Universidade Federal de Minas Gerais e o Instituto Vox Populi. Os números refletem o quanto atitudes ilícitas, como essa, de tão enraizadas em parte da sociedade brasileira, acabam sendo encarados como parte do cotidiano.

“Muitas pessoas não enxergam o desvio privado como corrupção, só levam em conta a corrupção no ambiente público”, diz o promotor de Justiça Jairo Cruz Moreira. Ele é coordenador nacional da campanha do Ministério Público “O que você tem a ver com a corrupção”, que pretende mostrar como atitudes que muitos consideram normal são, na verdade, um desvirtuamento ético (...).

Aceitar essas pequenas corrupções legitima aceitar grandes corrupções”, afirma o promotor. “Seguindo esse raciocínio, seria algo como um menino que hoje não vê problema em colar na prova ser mais propenso



A espera de um milagre (1999)

Direção: Frank Darabont

Este filme baseado no romance de Stephen King de mesmo nome, levanta questões sobre a **ideia de dever de Kant**. O filme conta a história de um homem no corredor da morte com poderes de cura. Quando os guardas descobriram os "seus poderes", seu dever para com o seu trabalho e o dever moral de entrar conflito uns com os outros. Kant diria que seu dever para com o bem moral deve sempre triunfar, no entanto, o filme mostra como é difícil quando a decisão que se baseia na realidade.



Laranja Mecânica (1971)

Direção: Stanley Kubrick

Em uma Inglaterra do futuro, Alex e seu Droogs passam as noites se drogando no Korova Milkbar. Depois que ele é preso por contundir Lady Cat à morte, Alex se submete à técnica de modificação de comportamento para ganhar sua liberdade. Ele é condicionado a abominar a violência. Quando volta indefeso para o mundo, Alex se torna vítima de suas vítimas anteriores.

TV/SESC:

Filosofia POP
CORRUPÇÃO



<https://www.youtube.com/watch?v=5vUQkows4eo>

Márcia Tiburi conversa com o juiz de direito Marcelo Semer e o professor e psicanalista Tales Ab'Saber sobre o limite entre nossas escolhas e a esfera criminal, a tentação de culpar os outros e a dificuldade de reconhecer a representação do mal.

a, mais pra frente, subornar um guarda sem achar que isso é corrupção.”

Segundo a pesquisa da UFMG, 35% dos entrevistados dizem que algumas coisas podem ser um pouco erradas, mas não corruptas, como sonegar impostos quando a taxa é cara demais.

Otimismo: Mas a sondagem também mostra dados positivos, como o fato de 84% dos ouvidos afirmar que, em qualquer situação, existe sempre a chance de a pessoa ser honesta.

A psicóloga Lizete Verillo, diretora da ONG Amarríbo (representante no Brasil da Transparência Internacional), afirma que em 12 anos trabalhando com ações anti-corrupção ela nunca esteve tão otimista – e justamente por causa dos jovens. “Quando começamos, havia um distanciamento do jovem em relação à política”, diz Lizete. “Aliás, havia pouco engajamento em relação a tudo, queriam saber mais é de festas. A corrupção não dizia respeito a eles.” “Há dois anos, venho percebendo uma grande mudança entre os jovens. Estão mais envolvidos, cobrando mais, em diversas áreas, não só da política.”

Para Lizete, esse cenário animador foi criado por diversos fatores, especialmente pela explosão das redes sociais, que são extremamente populares entre os jovens e uma ótima maneira de promover a fiscalização e a mobilização.

Mas se a internet está ajudando os jovens, na opinião da psicóloga, as escolas estão deixando a desejar na hora de incentivar o engajamento e conscientizá-los sobre a corrupção. “Em geral, a escola é muito omissa. Estão apenas começando nesse assunto, com iniciativas isoladas. O que é uma pena, porque agora, com o mensalão, temos um enorme passo para a conscientização, mas que pouco avança se a educação não seguir junto”, diz a diretora. “É preciso ensinar esses jovens a ter ética, transparência e também a exercer cidadania.”

Adaptado de http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/11/121024_corrupcao_lista_mdb.shtml em 19/02/2014.

TEXTO B

A campanha (O que você tem a ver com a corrupção?) se justifica pela necessidade de se educar a sociedade por meio do estímulo à ética, à moralidade e à honestidade, construindo um processo cultural de formação de consciência e de responsabilidade dos cidadãos a partir de três tipos de responsabilidades (...): 1) a responsabilidade para com os próprios atos, ou responsabilidade individual; 2) a responsabilidade para com os atos de terceiros, ou responsabilidade social ou coletiva e; 3) a responsabilidade para com as gerações futuras a partir de um agir consciente. Dessa forma, pretende-se contribuir com a prevenção da ocorrência de novos atos de corrupção e com a consequente diminuição dos processos judiciais e extrajudiciais, por meio da educação das gerações futuras, estimulando, ainda, o encaminhamento de denúncias populares e a efetiva punição de corruptos e corruptores. Além disso, é dever institucional do Ministério Público combater a corrupção, repressiva e preventivamente, estimulando, inclusive, o desempenho das atribuições e das atividades extrajudiciais.

Objetivos: Reduzir a impunidade nacional, ou seja, cobrar a efetiva punição dos corruptos e dos corruptores, abrindo um canal real para oferecimento e encaminhamento de denúncias; educar e estimular as gerações novas através da construção, em longo prazo, de um Brasil mais justo e mais sério, destacando o papel fundamental de nossas próprias condutas diárias; aproveitar momentos do cotidiano infanto-juvenil (família, escola e comunidade) para propiciar a vivência de atividades que os levem a conhecer esses princípios, estimulando-os a praticá-los no seu ambiente de convívio social; divulgar a ideia em locais e acontecimentos informais

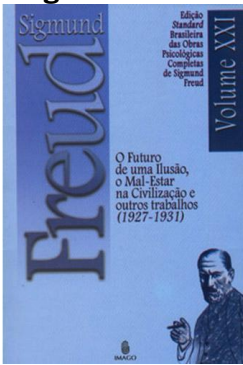
Psicologia:



Sigmund Freud (1856-1939)

Foi um médico neurologista criador da psicanálise.

Psicologia:



SUGESTÃO DE LEITURA

O mal-estar na civilização é um texto do médico e fundador da psicanálise Sigmund Freud que discute o fato da cultura - termo que o autor iguala à civilização - produzir um mal-estar nos seres humanos, pois que existe uma dicotomia entre os impulsos pulsionais e a civilização. Portanto, para o bem da civilização, o indivíduo é oprimido em suas pulsões e vive em mal-estar.

Vocabulário:

Psicologia: ciência que trata dos estados e processos mentais, do comportamento do ser humano e de suas interações com um ambiente físico e social.

Libido: é o desejo ou impulso sexual de um homem ou mulher. No âmbito da psicologia, a libido é fundamental para entender o comportamento humano, porque o condiciona e é vista como a energia que direciona os instintos vitais.

Texto 13: O mal-estar na civilização

Autor: Sigmund Freud

Capítulo V

O trabalho psicanalítico nos mostrou que as frustrações da vida sexual são precisamente aquelas que as pessoas conhecidas como neuróticas não podem tolerar. O neurótico cria em seus sintomas satisfações substitutivas para si, e estas ou lhe causam sofrimento em si próprios, ou se lhe tornam fontes de sofrimento pela criação de dificuldades em seus relacionamentos com o meio ambiente e a sociedade a que pertence. Esse último fato é fácil de compreender; o primeiro nos apresenta um novo problema. **A civilização, porém, exige outros sacrifícios, além do da satisfação sexual.**

Abordamos a dificuldade do desenvolvimento cultural como sendo uma dificuldade geral de desenvolvimento, fazendo sua origem remontar à inércia da libido, à falta de inclinação desta para abandonar uma posição antiga por outra nova. Dizemos quase a mesma coisa quando fazemos a antítese entre civilização e sexualidade derivar da circunstância de o **amor sexual constituir um relacionamento entre dois indivíduos**, no qual um terceiro só pode ser supérfluo ou perturbador, ao passo que **a civilização depende de relacionamentos entre um considerável número de indivíduos**. Quando um relacionamento amoroso se encontra em seu auge, não resta lugar para qualquer outro interesse pelo ambiente; **um casal de amantes se basta a si mesmo**; sequer necessitam do filho que têm em comum para torná-los felizes. Em nenhum outro caso, **Eros revela tão claramente o âmago do seu ser, o seu intuito de, de mais de um, fazer um único**; contudo, quando alcança isso da maneira proverbial, ou seja, através do amor de dois seres humanos, recusa-se a ir além.

Até aqui, podemos imaginar perfeitamente uma comunidade cultural que consista em indivíduos duplos como este, que, **libidinalmente satisfeitos em si mesmos**, se vinculem uns aos outros através dos elos do trabalho comum e dos interesses comuns. Se assim fosse, a civilização não teria que extrair energia alguma da sexualidade. Contudo, esse desejável estado de coisas não existe, nem nunca existiu. A realidade nos mostra que a civilização não se contenta com as ligações que até agora lhe concedemos. **Visa a unir entre si os membros da comunidade também de maneira libidinal e, para tanto, emprega todos os meios. Favorece todos os caminhos pelos quais identificações fortes possam ser estabelecidas entre os membros da comunidade e, na mais ampla escala, convoca a libido inibida em sua finalidade, de modo a fortalecer o vínculo comunal através das relações de amizade.** Para que esses objetivos sejam realizados, faz-se inevitável uma restrição à vida sexual. Não conseguimos, porém, entender qual necessidade força a civilização a tomar esse caminho, necessidade que provoca o seu antagonismo à sexualidade. Deve haver algum

Arte:



Golconda (1953), de René Magritte. Nessa tela a provável intenção do pintor foi denunciar a massificação. Todos são iguais ao flutuarem sobre a cidade, representada, igualmente, de forma massificada.

Psicologia/diálogo:

Quem somos nós?
CASA DO SABER



<https://www.youtube.com/watch?v=EdxnL5Lf8wY&t=4067s>

FREUD por Felipe Pondé

**“Ame o seu próximo como a ti mesmo”
(Levítico, 19:18)**

Documentário:



<https://www.youtube.com/watch?v=IRxBoCKZZXk>

Freud – Para além da alma
Documentário didático e esclarecedor sobre a vida e a obra de Freud.

fator de perturbação que ainda não descobrimos.

A pista pode ser fornecida por uma das exigências ideais, tal como as denominamos, da sociedade civilizada. Diz ela: ‘Amarás a teu próximo como a ti mesmo.’ Essa exigência, conhecida em todo o mundo, é, indubitavelmente, mais antiga que o cristianismo, que a apresenta como sua reivindicação mais gloriosa. No entanto, ela não é decerto excessivamente antiga; mesmo já em tempos históricos, ainda era estranha à humanidade. Se adotarmos uma atitude ingênua para com ela, como se a estivéssemos ouvindo pela primeira vez, não poderemos reprimir um sentimento de surpresa e perplexidade. Por que deveremos agir desse modo? Que bem isso nos trará? Acima de tudo, como conseguiremos agir desse modo? Como isso pode ser possível? Meu amor, para mim, é algo de valioso, que eu não devo jogar fora sem reflexão. A máxima me impõe deveres para cujo cumprimento devo estar preparado e disposto a efetuar sacrifícios. Se amo uma pessoa, ela tem de merecer meu amor de alguma maneira. (Não estou levando em consideração o uso que dela posso fazer, nem sua possível significação para mim como objeto sexual, de uma vez que nenhum desses dois tipos de relacionamento entra em questão onde o preceito de amar meu próximo se acha em jogo.) Ela merecerá meu amor, se for de tal modo semelhante a mim, em aspectos importantes, que eu me possa amar nela; merecê-lo-á também, se for de tal modo mais perfeita do que eu, que nela eu possa amar meu ideal de meu próprio eu (self). Terei ainda de amá-la, se for o filho de meu amigo, já que o sofrimento que este sentiria se algum dano lhe ocorresse seria meu sofrimento também – eu teria de partilhá-lo. Mas, se essa pessoa for um estranho para mim e não conseguir atrair-me por um de seus próprios valores, ou por qualquer significação que já possa ter adquirido para a minha vida emocional, me será muito difícil amá-la. Na verdade, eu estaria errado agindo assim, pois meu amor é valorizado por todos os meus como um sinal de minha preferência por eles, e seria injusto para com eles, colocar um estranho no mesmo plano em que eles estão. Se, no entanto, devo amá-lo (com esse amor universal) meramente porque ele também é um habitante da Terra, assim como o são um inseto, uma minhoca ou uma serpente, receio então que só uma pequena quantidade de meu amor caberá à sua parte – e não, em hipótese alguma, tanto quanto, pelo julgamento de minha razão, tenho o direito de reter para mim. Qual é o sentido de um preceito enunciado com tanta solenidade, se seu cumprimento não pode ser recomendado como razoável?

Através de um exame mais detalhado, descubro ainda outras dificuldades. Não meramente esse estranho é, em geral, indigno de meu amor; honestamente, tenho de confessar que ele possui mais direito a minha hostilidade e, até mesmo, meu ódio. Não parece apresentar o mais leve traço de amor por mim e não demonstra a mínima consideração para comigo. Se disso ele puder auferir uma vantagem qualquer, não hesitará em me

Cinema/Filme:

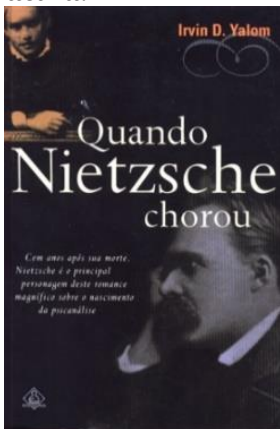


<https://www.youtube.com/watch?v=3g2D6Dmc-no&t=1565s>

VALSA COM BASHIR

Filme israelita de 2008 escrito e dirigido por Ari Folman. No formato de documentário animado, o filme retrata as tentativas de Folman, um veterano da Guerra do Líbano de 1982, de recuperar as suas memórias perdidas dos eventos que marcaram o massacre de Sabra e Shatila. O filme foi lançado a 13 de maio de 2008 durante o *Festival de Cannes* e foi um dos cinco indicados ao Oscar de melhor filme estrangeiro, além de ter sido escolhido como Melhor Filme do Ano, pela *Sociedade Nacional dos Críticos dos Estados Unidos*.

Literatura:



Quando Nietzsche chorou (1992)

Romance do psicoterapeuta e professor Irvin D. Yalom que mescla elementos reais com a ficção. Obra que traça paralelo entre ficção e realidade e apresenta personagens históricos como Josef Breuer, professor do futuro pai da psicanálise: Sigmund Freud, e o filósofo Friedrich Nietzsche.

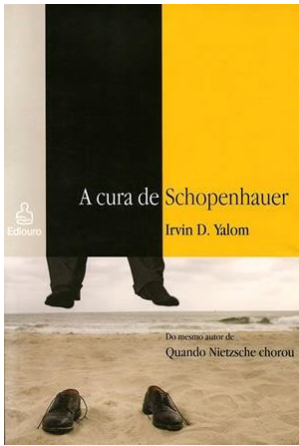
prejudicar; tampouco pergunta a si mesmo se a vantagem assim obtida contém alguma proporção com a extensão do dano que causa em mim. Na verdade, não precisa nem mesmo auferir alguma vantagem; se puder satisfazer qualquer tipo de desejo com isso, não se importará em escarnecer de mim, em me insultar, me caluniar e me mostrar a superioridade de seu poder, e, quanto mais seguro se sentir e mais desamparado eu for, mais, com certeza, posso esperar que se comporte dessa maneira para comigo. Caso se conduza de modo diferente, caso mostre consideração e tolerância como um estranho, estou pronto a tratá-lo da mesma forma, em todo e qualquer caso e inteiramente fora de todo e qualquer preceito. Na verdade, se aquele imponente mandamento dissesse 'Ama a teu próximo como este te ama', eu não lhe faria objeções. E há um segundo mandamento que me parece mais incompreensível ainda e que desperta em mim uma oposição mais forte ainda. Tratasse do mandamento 'Ama os teus inimigos'. Refletindo sobre ele, no entanto, percebo que estou errado em considerá-lo como uma imposição maior. No fundo, é a mesma coisa.

Acho que agora posso ouvir uma voz solene me repreendendo: 'É precisamente porque teu próximo não é digno de amor, mas, pelo contrário, é teu inimigo, que deves amá-lo como a ti mesmo'. Compreendo então que se trata de um caso semelhante ao do *Credo quia absurdum* (*Creio porque é absurdo*).

Ora, é muito provável que meu próximo, quando lhe for prescrito que me ame como a si mesmo, responda exatamente como o fiz e me rejeite pelas mesmas razões. Espero que não tenha os mesmos fundamentos objetivos para fazê-lo, mas terá a mesma ideia que tenho. Ainda assim, o comportamento dos seres humanos apresenta diferenças que a ética, desprezando o fato de que tais diferenças são determinadas, classifica como 'boas' ou 'más'. Enquanto essas inegáveis diferenças não forem removidas, a obediência às elevadas exigências éticas acarreta prejuízos aos objetivos da civilização, por incentivar o ser mau. Não podemos deixar de lembrar um incidente ocorrido na câmara dos deputados francesa, quando a pena capital estava em debate. Um dos membros acabara de defender apaixonadamente a abolição dela e seu discurso estava sendo recebido com tumultuosos aplausos, quando uma voz vinda do plenário exclamou: '*Que messieurs les assassins commencent!* (*Que os senhores assassinos comecem!*)

O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de

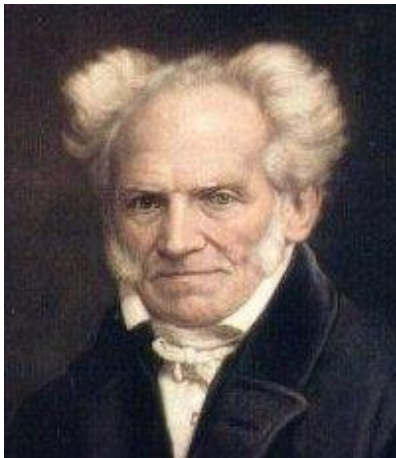
Literatura:



A cura de Schopenhauer (2005)

Romance de Irvin D. Yalom. A história se passa em torno das terapias em grupo coordenadas por Julius Hertzfeld, e a influência e participação de um antigo paciente, Philip Slate. O Livro utiliza de atualidades no mundo da psiquiatria e psicologia fazendo um enredo com a filosofia de Arthur Schopenhauer, filósofo do século XIX que afirma "viver é sofrer".

Filosofia:



Schopenhauer (1789-1860) Foi um filósofo alemão do século XIX. Ele é mais conhecido pela sua obra principal *O mundo como vontade e representação* (1818). Foi a filosofia de Schopenhauer que serviu de base para toda a obra psicanalítica de Sigmund Freud.

trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. – *Homo homini lúpus (O homem é o lobo do homem)*. Quem, em face de toda sua experiência da vida e da história, terá a coragem de discutir essa asserção? Via de regra, essa cruel agressividade espera por alguma provocação, ou se coloca a serviço de algum outro intuito, cujo objetivo também poderia ter sido alcançado por medidas mais brandas. Em circunstâncias que lhe são favoráveis, quando as forças mentais contrárias que normalmente a inibem se encontram fora de ação, ela também se manifesta espontaneamente e revela o homem como uma besta selvagem, a quem a consideração para com sua própria espécie é algo estranho. Quem quer que relembre as atrocidades cometidas durante as migrações raciais ou as invasões dos hunos, ou pelos povos conhecidos como mongóis sob a chefia de Gengis Khan e Tamerlão, ou na captura de Jerusalém pelos piedosos cruzados, ou mesmo, na verdade, os horrores da recente guerra mundial, quem quer que relembre tais coisas terá de se curvar humildemente ante a verdade dessa opinião.

A existência da inclinação para a agressão, que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio [de energia]. Em consequência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração. O interesse pelo trabalho em comum não a manteria unida; as paixões instintivas são mais fortes que os interesses razoáveis. A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas. Daí, portanto, o emprego de métodos destinados a incitar as pessoas a identificações e relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, daí a restrição à vida sexual e daí, também, o mandamento ideal de amar ao próximo como a si mesmo, mandamento que é realmente justificado pelo fato de nada mais ir tão fortemente contra a natureza original do homem. Apesar de todos os esforços, esses empenhos da civilização até hoje não conseguiram muito. Espera-se impedir os excessos mais grosseiros da violência brutal por si mesma, supondo-se o direito de usar a violência contra os criminosos; no entanto, a lei não é capaz de deitar a mão sobre as manifestações mais cautelosas e refinadas da agressividade humana. Chega a hora em que cada um de nós tem de abandonar, como sendo ilusões, as esperanças que, na juventude, depositou em seus semelhantes, e aprende quanta dificuldade e sofrimento foram acrescentados à sua vida pela má vontade deles. Ao mesmo tempo, seria injusto censurar a civilização por tentar eliminar da atividade humana a luta e a competição. Elas são

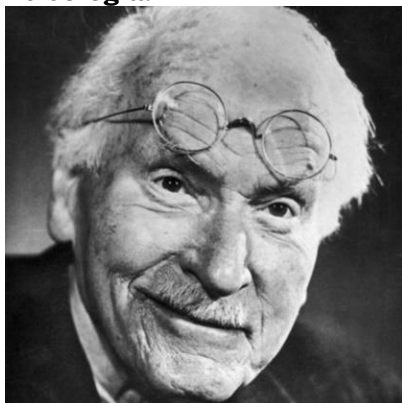
Cinema/Filme:



UM MÉTODO PERIGOSO (2012)

Direção: David Cronenberg
O filme revela um episódio pouco conhecido, mas muito marcante na vida dos dois mais importantes psicólogos de todos os tempos. O jovem psicanalista Carl Jung começa um tratamento inovador na histórica Sabina Spielrein (Keira Knightley), sob influência de seu mestre e futuro colega, Sigmund Freud. Disposto a penetrar mais a fundo nos mistérios da mente humana, Jung verá algumas de suas ideias se chocarem com as teorias de Freud ao mesmo tempo em que se entrega a um romance alucinante e perigoso com a bela Sabina.

Psicologia:



Carl Jung (1875-1961)

Foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica.

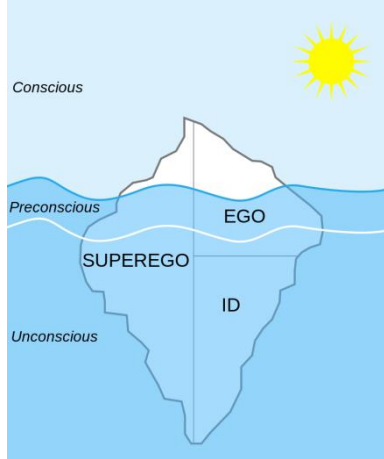
indubitavelmente indispensáveis. Mas oposição não é necessariamente inimizada; simplesmente, ela é mal empregada e tornada uma ocasião para a inimizada.

Os comunistas acreditam ter descoberto o caminho para nos livrar de nossos males. Segundo eles, o homem é inteiramente bom e bem disposto para como seu próximo, mas a instituição da propriedade privada corrompeu-lhe a natureza. A propriedade da riqueza privada confere poder ao indivíduo e, com ele, a tentação de maltratar o próximo, ao passo que o homem excluído da posse está fadado a se rebelar hostilmente contra seu opressor.

Se a propriedade privada fosse abolida, possuída em comum toda a riqueza e permitida a todos a partilha de sua fruição, a má vontade e a hostilidade desapareceriam entre os homens. Como as necessidades de todos seriam satisfeitas, ninguém teria razão alguma para encarar outrem como inimigo; todos, de boa vontade, empreenderiam o trabalho que se fizesse necessário. Não estou interessado em nenhuma crítica econômica do sistema comunista; não posso investigar se a abolição da propriedade privada é conveniente ou vantajosa. Mas sou capaz de reconhecer que as premissas psicológicas em que o sistema (comunista) se baseia são uma ilusão insustentável. Abolindo a propriedade privada, privamos o amor humano da agressão de um de seus instrumentos, decerto forte, embora, decerto também, não o mais forte; de maneira alguma, porém, alteramos as diferenças em poder e influência que são mal empregadas pela agressividade, nem tampouco alteramos nada em sua natureza. A agressividade não foi criada pela propriedade. Reinou quase sem limites nos tempos primitivos, quando a propriedade ainda era muito escassa, e já se apresenta no quarto das crianças, quase antes que a propriedade tenha abandonado sua forma anal e primária; constitui a base de toda relação de afeto e amor entre pessoas (com a única exceção, talvez, do relacionamento da mãe com seu filho homem). Se eliminamos os direitos pessoais sobre a riqueza material, ainda permanecem, no campo dos relacionamentos sexuais, prerrogativas fadadas a se tornarem a fonte da mais intensa antipatia e da mais violenta hostilidade entre homens que, sob outros aspectos, se encontram em pé de igualdade. Se também removermos esse fator, permitindo a liberdade completa da vida sexual, e assim abolirmos a família, célula germinal da civilização, não podemos, é verdade, prever com facilidade quais os novos caminhos que o desenvolvimento da civilização vai tomar; uma coisa, porém, podemos esperar; é que, nesse caso, essa característica indestrutível da natureza humana seguirá a civilização.

Evidentemente, não é fácil aos homens abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressão. Sem ela, eles não se sentem confortáveis. A vantagem que um grupo cultural, comparativamente pequeno, oferece, concedendo a esse instinto um escoadouro sob a forma de hostilidade contra intrusos, não

Psicologia:



<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Structural-Iceberg.svg>

Vocabulário:

Ego: Eu consciente

Superego: eu referente à sociedade internalizada

Id: eu selvagem

Arte:



Narciso
Caravaggio, 1594-1596
Galeria Nacional de Arte Antiga

Televisão:

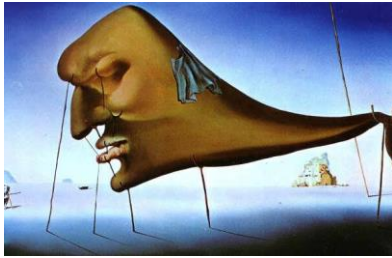


<https://www.youtube.com/watch?v=17NpumQibGk>
FREUD –GLOBO CIÊNCIA
Programa didático e esclarecedor.

é nada desprezível. É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade. Em outra ocasião, examinei o fenômeno no qual são precisamente comunidades com territórios adjacentes, e mutuamente relacionadas também sob outros aspectos, que se empenham em rixas constantes, ridicularizando-se umas às outras, como os espanhóis e os portugueses por exemplo, os alemães do Norte e os alemães do Sul, os ingleses e os escoceses, e assim por diante. Dei a esse fenômeno o nome de 'narcisismo das pequenas diferenças', denominação que não ajuda muito a explicá-lo. Agora podemos ver que se trata de uma satisfação conveniente e relativamente inócua da inclinação para a agressão, através da qual a coesão entre os membros da comunidade é tornada mais fácil. Com respeito a isso, o povo judeu, espalhado por toda a parte, prestou os mais úteis serviços às civilizações dos países que os acolheram; infelizmente, porém, todos os massacres de judeus na Idade Média não bastaram para tornar o período mais pacífico e mais seguro para seus semelhantes cristãos. Quando, outrora, o Apóstolo Paulo postulou o amor universal entre os homens como o fundamento de sua comunidade cristã, uma extrema intolerância por parte da cristandade para com os que permaneceram fora dela tornou-se uma consequência inevitável. Para os romanos, que não fundaram no amor sua vida comunal como Estado, a intolerância religiosa era algo estranho, embora, entre eles, a religião fosse do interesse do Estado e este se achasse impregnado dela. Tampouco constituiu uma possibilidade inexequível que o sonho de um domínio mundial germânico exigisse o antissemitismo como seu complemento, sendo, portanto, compreensível que a tentativa de estabelecer uma civilização nova e comunista na Rússia encontre o seu apoio psicológico na perseguição aos burgueses. Não se pode senão imaginar, com preocupação, sobre o que farão os soviéticos depois que tiverem eliminado seus burgueses.

Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização. Na realidade, o homem primitivo se achava em situação melhor, sem conhecer restrições de instinto. Em contrapartida, suas perspectivas de desfrutar dessa felicidade, por qualquer período de tempo, eram muito tênues. O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança. Não devemos esquecer, contudo, que na família primeva (relativo aos tempos primitivos) apenas o chefe desfrutava da liberdade instintiva; o resto vivia em opressão servil. Naquele período primitivo da civilização, o contraste entre uma minoria que gozava das vantagens da civilização e uma maioria privada dessas vantagens era, portanto, levada a seus extremos. Quanto aos povos primitivos que ainda hoje existem, pesquisas cuidadosas

Arte:



Sono (1937)

Salvador Dalí (1904-1989)

O surrealismo do pintor está em consonância com as ideias de Freud. Seu trabalho chama a atenção pela incrível combinação de imagens bizarras, oníricas, com excelente qualidade plástica.



Cain (1880). Autor: Fernand A. Piestre Cormon (1845-1924)

mostraram que sua vida instintiva não é, de maneira alguma, passível de ser invejada por causa de sua liberdade. Está sujeita a restrições de outra espécie, talvez mais severas do que aquelas que dizem respeito ao homem moderno.

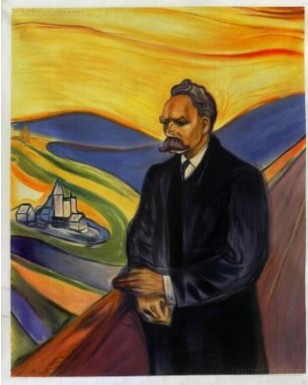
Quando, com toda justiça, consideramos falho o presente estado de nossa civilização, por atender de forma tão inadequada às nossas exigências de um plano de vida que nos torne felizes, e por permitir a existência de tanto sofrimento, que provavelmente poderia ser evitado; quando, com crítica impiedosa, tentamos pôr à mostra as raízes de sua imperfeição, estamos indubitavelmente exercendo um direito justo, e não nos mostrando inimigos da civilização. Podemos esperar efetuar, gradativamente, em nossa civilização alterações tais, que satisfaçam melhor nossas necessidades e escapem às nossas críticas. Mas talvez possamos também nos familiarizar com a ideia de existirem dificuldades, ligadas à natureza da civilização, que não se submeterão a qualquer tentativa de reforma. Além e acima das tarefas de restringir os instintos, para as quais estamos preparados, reivindica nossa atenção o perigo de um estado de coisas que poderia ser chamado de 'pobreza psicológica dos grupos'. Esse perigo é mais ameaçador onde os vínculos de uma sociedade são principalmente constituídos pelas identificações dos seus membros uns com os outros, enquanto que indivíduos do tipo de um líder não adquirem a importância que lhes deveria caber na formação de um grupo. O presente estado cultural dos Estados Unidos da América nos proporcionaria uma boa oportunidade para estudar o prejuízo à civilização, que assim é de se temer. Evitarei, porém, a tentação de ingressar numa crítica da civilização americana; não desejo dar a impressão de que eu mesmo estou empregando métodos americanos.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume XXI, Imago Editora, Rio de Janeiro, pp. 112-120.

ATIVIDADE 1

- 1) Qual é a principal ideia defendida no capítulo V do livro *O Mal estar da Civilização*? Utilize fragmentos do texto para compor a sua resposta.

Arte:



Nietzsche (1906)

Autor: Edvard Munch

Período: Expressionismo



Vocabulário:

Águia: lenda sobre a troca do bico da águia após 40 anos. Ideia de renovação, renascimento, transformação. Apesar de essa informação ser falsa, vale o simbolismo que tal ideia carrega. A filosofia de Nietzsche baseia-se no devir, na transformação, por essa razão, a águia junto a Zaratustra na montanha possui o sentido de alguém que se modificou, renasceu e está mais forte.

Serpente: as cobras trocam a pele periodicamente. O processo, chamado tecnicamente de ecdise, ocorre para que o réptil possa expandir o seu corpo, crescer.

Enfastiado: enjoado, entediado, aborrecido.

Afável: amável, agradável.

Filme:



2001: Uma Odisseia no Espaço

(1968) Direção: Stanley Kubrick

Sobre a trajetória da espécie humana.

TEXTO 14 – Preâmbulo de Zaratustra, primeira parte, in *Assim falava Zaratustra, (Also sprach Zarathustra).*

Primeira parte

Preâmbulo (Prólogo) de Zaratustra

Aos trinta anos apartou-se Zaratustra da sua pátria e do lago da sua pátria, e foi-se até a montanha. Durante dez anos gozou por lá do seu espírito e da sua solidão sem se cansar. Variaram, porém, os seus sentimentos, e uma manhã, erguendo-se com a aurora, pôs-se em frente do sol e falou-lhe deste modo:

“Grande astro! Que seria da tua felicidade se te faltassem aqueles a quem iluminas? **Faz dez anos que te abeiraste da minha caverna, e, sem mim, sem a minha águia e a minha serpente, haver-te-ias cansado da tua luz e deste caminho.**

Nós, porém, esperávamos-te todas as manhãs, tomávamos-te o supérfluo e bem dizíamos-te.

Pois bem: já estou tão **enfastiado** da minha sabedoria, como a abelha que acumulasse demasiado mel. Necessito mãos que se estendam para mim.

Quisera dar e repartir até que os sábios tornassem a gozar da sua loucura e os pobres da sua riqueza.

Por isso devo descer às profundidades, como tu pela noite, astro exuberante de riqueza quando transpões o mar para levar a tua luz ao mundo inferior.

Eu devo descer, como tu, segundo dizem os homens a quem me quero dirigir.

Abençoa-me, pois, olho **afável**, que podes ver sem inveja até uma felicidade demasiado grande!

Abençoa a taça que quer transbordar, para que dela manem as douradas águas, levando a todos os lábios o reflexo da tua alegria!

Olha! Esta taça quer de novo esvaziar-se, e Zaratustra quer tornar a ser homem”.

Assim principiou o caso de Zaratustra.

II

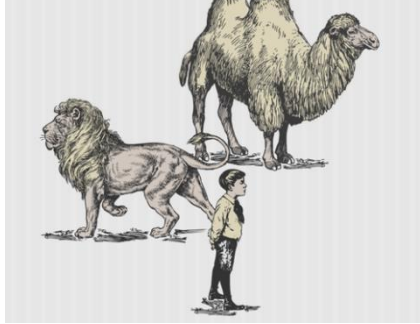
Zaratustra desceu sozinho das montanhas sem encontrar ninguém. Ao chegar aos bosques deparou-se de repente um velho de cabelos brancos que saíra da sua santa cabana para procurar raízes na selva. E o velho falou a Zaratustra desta maneira:

“Este viandante não me é desconhecido: passou por aqui há anos. Chamava-se Zaratustra, mas mudou.

Nesse tempo levava as suas cinzas para a montanha. Querera levar hoje o seu fogo para os vales? Não terá medo do castigo que se reserva aos incendiários?

Sim; reconheço Zaratustra. O seu olhar, porém, e a sua boca não revelam nenhum enfado. Parece que se dirige para aqui como um **bailarino!**

**Filosofia Nietzscheana:
Camelo / Leão / Criança**



Uma das tarefas centrais da filosofia de Nietzsche é a **luta contra os valores** vigentes — contra o pretensso objetivismo do homem de ciência, contra o espírito decadente do cristianismo. Como alternativa a esses valores, Nietzsche propõe a vida como norma e valor supremos. Esta vontade de viver supõe, por um lado, a crítica dos referidos falsos valores e, por outro, a superação do Homem (da “vergonha” que é o Homem) e a ereção de um novo modelo de Homem, o **super-Homem**. O super-Homem é o fruto de **três transformações do espírito** (em camelo, em leão e em criança), tal como são descritas no seu livro *Assim Falava Zaratustra*.

Arte:



Autor: Alex Cherry (1986-...)
In <http://alexcherry.com/>

Zaratustra mudou, Zaratustra **tornou-se menino**, Zaratustra está acordado. Que vais fazer agora entre os que dormem?

Como no mar vivias, no isolamento, e o mar te levava. Desgraçado! Queres saltar em terra? Desgraçado! Queres tornar a arrastar tu mesmo o teu corpo?”

Zaratustra respondeu: **“Amo os homens”**.

“Pois por que — disse o santo — vim eu para a solidão? Não foi por amar demasiadamente os homens?

Agora, amo a Deus; não amo os homens.

O homem é, para mim, coisa sobremaneira incompleta. O amor pelo homem matar-me-ia”.

Zaratustra respondeu: “Falei de amor! Trago uma dádiva aos homens”.

“Nada lhes dê — disse o santo. — Pelo contrário, tira-lhes qualquer coisa e eles logo te ajudarão a levá-la. Nada lhes convirá melhor, de que quanto a ti te convenha.

E se queres dar não lhes dê mais do que uma esmola, e ainda assim espera que te peçam”.

“Não — respondeu Zaratustra; — eu não dou esmolas. Não sou bastante pobre para isso”.

O santo pôs-se a rir de Zaratustra e falou assim: “Então vê lá como te arranjas para te aceitarem os tesouros. Eles desconfiam dos solitários e não acreditam que tenhamos força para dar.

As nossas passadas soam solitariamente demais nas ruas. E, ao ouvi-las perguntam assim como de noite, quando, deitados nas suas camas, ouvem passar um homem muito antes do alvorecer: Aonde irá o ladrão?

Não vás para os homens! Fica no bosque!

Prefere à deles a companhia dos animais! Por que não queres ser como eu, urso entre os ursos, ave entre as aves?”.

“E que faz o santo no bosque?” — perguntou Zaratustra.

O santo respondeu: “Faço cânticos e canto-os, e quando faço cânticos rio, choro e murmuro.

Assim louvo a Deus.

Com cânticos, lágrimas, risos e murmúrios louvo ao Deus que é meu Deus. Mas, deixa ver: que presente nos trazes?”.

Ao ouvir estas palavras, Zaratustra cumprimentou o santo e disse-lhe: **“Que teria eu para vos dar? O que tens a fazer é deixar-me caminhar, correndo, para vos não tirar coisa nenhuma”**.

E assim se separaram um do outro, o velho e o homem, rindo como riem duas criaturas.

Quando, porém, Zaratustra se viu só, falou assim, ao seu coração: **“Será possível que este santo ancião ainda não ouvisse no seu bosque que Deus já morreu?”**

III

Chegando à cidade mais próxima, enterrada nos bosques, Zaratustra encontrou uma grande multidão na praça pública, porque estava anunciado o espetáculo de um **bailarino de**

Série/televisão/Netflix:



Merlí (2015)

Merlí é uma série de televisão produzida pela TV3 sobre um professor de filosofia que, usando alguns métodos pouco ortodoxos, incentiva seus alunos a pensar livremente - dividindo as opiniões de alunos, professores e famílias.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Merlí%C3%AD_%C3%A9rie#Temporada_2_282016.29

Vocabulário:

Super-homem: ou Além-Homem é o termo originado do alemão **Übermensch**, descrito no livro *Assim Falou Zaratustra*, em que explica os passos através dos quais o Homem pode tornar um '**Além-Homem**' (*homos superior*):

- Através da transvaloração de todos os valores do indivíduo;
- Através da sede de poder (vontade de potência), manifestado criativamente em superar o nihilismo e em reavaliar ideais velhos ou em criar novos.
- E, de um processo contínuo de superação.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Al%C3%A9m-Homem>



corda.

E Zaratustra falou assim ao povo:

“Eu vos anuncio o **Super-homem (Além-homem)**”.

“O homem é superável. Que fizestes para o superar?”

Até agora todos os seres têm apresentado alguma coisa superior a si mesmos; e vós, quereis o refluxo desse grande fluxo, prefere tornar ao animal, em vez de superar o homem?

Que é o macaco para o homem? Uma irrisão ou uma dolorosa vergonha. Pois é o mesmo que deve ser o homem para Super-homem: uma irrisão ou uma dolorosa vergonha.

Percorrestes o caminho que medeia do verme ao homem, e ainda em vós resta muito do verme. Noutro tempo fostes macaco, e hoje o homem é ainda mais macaco do que todos os macacos.

Mesmo o mais sábio de todos vós não passa de uma mistura híbrida de planta e de fantasma. Acaso vos disse eu que vos torneis planta ou fantasma?

Eu anuncio-vos o Super-homem!

O **Super-homem** é o **sentido da terra**. Diga a vossa vontade: seja o Super-homem, o sentido da terra.

Exorto-vos, meus irmãos, a **permanecer fiéis à terra** e a **não acreditar** naqueles que vos falam de esperanças supra-terrestres.

São envenenadores, quer o saibam ou não.

São menosprezadores da vida, moribundos que estão, por sua vez, envenenados, seres de quem a terra se encontra fatigada; vão-se por uma vez!

Noutros tempos, blasfemar contra Deus era a maior das blasfêmias; mas Deus morreu, e com ele morreram tais blasfêmias. Agora, o mais espantoso é blasfemar da terra, e ter em maior conta as entranhas do impenetrável do que o sentido da terra.

Noutros tempos a alma olhava o corpo com desdém, e então nada havia superior a esse desdém: queria a alma um corpo fraco, horrível, consumido de fome! Julgava deste modo libertar-se dele e da terra.

Ó! Essa mesma alma era uma alma fraca, horrível e consumida, e para ela era um deleite a crueldade!

Irmãos meus,izei-me: que diz o vosso corpo da vossa alma? Não é a vossa alma, pobreza, imundície e conformidade lastimosa?

O homem é um rio turvo. É preciso ser um mar para, sem se toldar, receber um rio turvo.

Pois bem; eu vos anuncio o Super-homem; é ele esse mar; nele se pode abismar o vosso grande menosprezo.

Qual é a maior coisa que vos pode acontecer? Que chegue a hora do grande menosprezo, a hora em que vos enfastie a vossa própria **felicidade**, de igual forma que a vossa razão e a vossa virtude.

A hora em que digais: “Que importa a minha **felicidade?** É pobreza, imundície e conformidade lastimosa.

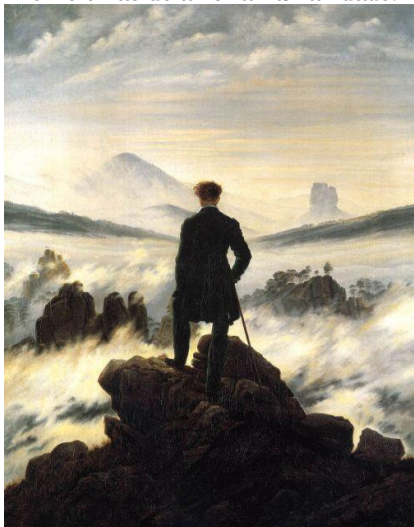
Arte:



Artista desconhecido.

Figuras (camelo, leão e criança) presentes na obra *Assim falava Zaratustra*, de Nietzsche. Fonte: <http://m.joyceproject.com/>

Übermensch: aceitar a vida não é o mesmo que aceitar o homem. O super-homem é a vontade de poder, determinando a nova ordem de valores. É o líder guerreiro, altamente disciplinado. É o novo homem que quebrará as velhas cadeias e criará um novo sentido na terra. É o homem que vai além do homem. O cristianismo e o platonismo doma o espírito, a alma e enfraquece a vontade de poder, da conquista, da paixão, do corpo. Para Nietzsche, o santo é o resultado do medo do inferno e não do amor à humanidade.



Caminhante sobre o mar de névoa (1818)

Autor: Caspar David Friedrich

A pintura encarna a essência dos princípios da estética romântica de paisagem, mostrando uma figura solitária contemplando uma imponente paisagem alpina de cima de um pico rochoso. Nos arredores da paisagem os cumes próximos assomam no mar de névoa que se dissolve, além de uma montanha distante que se eleva sobre a cena,

A minha felicidade, porém, deveria justificar a própria existência!”

A hora em que digais: “**Que importa minha razão?** Anda atrás do saber como o **leão** atrás do alimento. A minha razão é pobreza, imundície e conformidade lastimosa!”

A hora em que digais: “**Que importa a minha virtude?** Ainda me não enervou. **Como estou farto do meu bem e do meu mal.** Tudo isso é pobreza, imundície e conformidade lastimosa!”

A hora em que digais: “**Que importa a minha justiça?** Não vejo que eu seja fogo e carvão! O justo, porém, é fogo e carvão!”

A hora em que digais: “**Que importa a minha piedade?** Não é a piedade a cruz onde se crava aquele que ama os homens? Pois a minha piedade é uma crucificação”.

Já falaste assim? Já gritaste assim? Ah! Não vos ter eu ouvido a falar assim!

Não são os vossos pecados, é a vossa parcimônia que clama ao céu! A vossa mesquinhez até no pecado, isso é que clama ao céu!

Onde está, pois, o raio que vos lamba com a sua língua? Onde está o delírio que é mister inocular-vos?

Vede; eu anuncio-vos o **Super-homem**: “É ele esse **raio!** É ele esse **delírio!**”

Assim que Zaratustra disse isto, um da multidão exclamou: “Já ouvimos falar demasiado do que **dança na corda; mostrá-lo agora**”. **E toda a gente se riu de Zaratustra.** Mas o dançarino da corda, julgando que tais palavras eram com ele, pôs-se a trabalhar.

IV

Entretanto, Zaratustra olhava a multidão, e assombrava-se. Depois falava assim:

“O homem é corda estendida entre o animal e o Super-homem: uma corda sobre um abismo; perigosa travessia, perigoso caminhar, perigoso olhar para trás, perigoso tremer e parar.

O grande do homem é ele ser uma ponte, e não uma meta; o que se pode amar no homem é ele ser uma passagem e um acabamento.

Eu só amo aqueles que sabem viver como que se extinguindo, porque são esses os que atravessam de um para outro lado.

Amo os grandes desdenhosos, porque são os grandes adoradores, as setas do desejo ansiosas pela outra margem.

Amo os que não procuram por detrás das estrelas uma razão para morrer e oferecer-se em sacrifício, mas se sacrificam pela terra, para que a terra pertença um dia ao Super-homem.

Amo o que vive para conhecer, e que quer conhecer, para que um dia viva o Super-homem, porque assim quer o seu acabamento.

contra um céu luminoso. O autor usa um nevoeiro denso para obscurecer o que está entre as montanhas e, dessa maneira, criar um ar de mistério. Ao se observar a natureza imensa, dá-se a sensação de perda no infinito.



“O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem. Uma corda sobre um abismo. Perigosa para percorrê-la, é perigoso ir por esse caminho, perigoso olhar para trás, perigoso tremer e parar.”

- Friedrich Nietzsche

Conceitos e ideias de Nietzsche:

Superação de si: Ele nega a moral vigente e busca valores autênticos e originais, relacionados a sua interioridade, relacionados a vida, a terra. Os problemas da minha vida não são culpa de Deus, dos meus pais, da religião, da filosofia, do professor, dos meus amigos, mas de mim mesmo. Eu devo superar minhas limitações e problemas a partir do encontro comigo mesmo. O homem que se supera é ético e responsável, vive de acordo com sua vontade de potência, sua natureza, sua vida.

Vontade de potência: “E sabeis... o que é pra mim o mundo”?... Este mundo: uma monstruosidade de força, sem princípio, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de força... uma economia sem despesas e perdas, mas também sem acréscimos, ou rendimento,... mas antes como força ao mesmo tempo um e múltiplo,... eternamente mudando, eternamente recorrentes... partindo do mais simples ao mais múltiplo, do quieto, mais rígido, mais frio, ao mais ardente, mais selvagem, mais contraditório consigo mesmo, e depois outra vez... esse meu mundo dionisíaco do eternamente-criar-a-si-próprio, do eternamente-destruir-a-si-próprio, sem alvo, sem vontade... Esse mundo é a vontade de potência — e nada além disso! E também vós próprios sois essa vontade de potência — e nada além disso!”

Conceitos e ideias de Nietzsche:

Apolíneo: relativo ou pertencente a Apolo (jovem deus da mitologia grega); relacionado à razão, saber, luz, inteligência, civilização e moralidade.

Amo o que trabalha e inventa, a fim de exigir uma morada ao Super-homem e preparar para ele a terra, os animais e as plantas, porque assim quer o seu acabamento.

Amo o que ama a sua virtude, porque a virtude é vontade de extinção e uma seta do desejo.

Amo o que não reserva para si uma gota do seu espírito, mas que quer ser inteiramente o espírito da sua virtude, porque assim atravessa a ponte como espírito.

Amo o que faz da sua virtude a sua tendência e o seu destino, pois assim, por sua virtude, quererá viver ainda e deixar de viver.

Amo o que não quer ter demasiadas virtudes. Uma virtude é mais virtude do que duas, porque é mais um nó a que se aferra o destino.

Amo o que prodigaliza a sua alma, o que não quer receber agradecimentos nem restitui, porque dá sempre e se não quer preservar.

Amo o que se envergonha de ver cair o dado a seu favor e que pergunta ao ver tal: “Serei um jogador fraudulento?” porque quer submergir-se.

Amo o que solta palavras de ouro perante as suas obras e cumpre sempre com usura o que promete, porque quer perecer.

Amo o que justifica os vindouros e redime os passados, porque quer que o combatam os presentes.

Amo o que castiga o seu Deus, porque ama o seu Deus, pois a cólera do seu Deus o confundirá.

Amo aquele cuja alma é profunda, mesmo na ferida, e ao que pode aniquilar um leve acidente, porque assim de bom grado passará a ponte.

Amo aquele cuja alma transborda, a ponto de se esquecer de si mesmo e quanto esteja nele, porque assim todas as coisas se farão para sua ruína.

Amo o que tem o espírito e o coração livres, porque assim a sua cabeça apenas serve de entranhas ao seu coração, mas o seu coração, o leva a sucumbir.

Amo todos os que são como gotas pesadas que caem uma a uma da sombria nuvem suspensa sobre os homens, anunciam o relâmpago próximo e desaparecem como anunciadores.

Vede: eu sou um anúncio do raio e uma pesada gota procedente da nuvem; mas este raio chama-se o Super-homem”.

V

Pronunciadas estas palavras, Zaratustra tornou a olhar o povo, e calou-se. “Riem-se — disse o seu coração. — Não me compreendem; a minha boca não é a boca que estes ouvidos necessitam.

Terei que principiar por lhes destruir os ouvidos para que aprendam a ouvir com os olhos? Terei que atroar à maneira de timbales ou de pregadores de Quaresma? Ou só acreditarão nos gagos?

De qualquer coisa se sentem orgulhosos. Como se chama

Dionisiaco: relativo ao deus grego Dioniso ou Dionísio, também conhecido, entre os romanos, pelo nome de Baco, de simbologia ampla mas ger. ligada às festas campestres, ao vinho, aos ciclos vitais (nascimento, morte, renascimento) e da fecundidade humana, animal e vegetal.



Representação de Apolo e Dionísio

Filosofia:



Schopenhauer (1788-1860)

Schopenhauer que motivou **Friedrich Nietzsche** a ingressar no mundo da filosofia e que mais tarde serviu de base para toda a obra psicanalítica de **Sigmund Freud**, tendo também fortemente influenciado o pensamento e teorias de **Carl Gustav Jung**.

Vocabulário:

Último homem: o último homem, esse humano impotente, doente, cansado da vida. Os últimos homens representam a pequenez no humano, e aparecem na fala de Zaratustra, como a antítese do super-homem. Os últimos homens são “últimos” porque

então, isso de que estão orgulhosos? Chama-se **civilização:** é o que se distingue dos cabreiros.

Isto, porém, não gostam eles de ouvir, porque os ofende a palavra “desdém”.

Falar-lhes-ei, portanto, ao orgulho.

Falar-lhes-ei do mais desprezível que existe, do **último homem**.

E Zaratustra falava assim ao povo:

“É tempo que o homem tenha um objetivo.

É tempo que o homem cultive o germe da sua mais elevada esperança.

O seu solo é ainda bastante rico, mas será pobre, e nele já não poderá medrar nenhuma árvore alta.

Ai! Aproxima-se o tempo em que o homem já não lançará por sobre o homem a seta do seu ardente desejo e em que as cordas do seu arco já não poderão vibrar.

Eu vos digo: é preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela cintilante.

Eu vos digo: tendes ainda um caos dentro de vós outros.

Ai! Aproxima-se o tempo em que o homem já não dará a luz às estrelas; aproxima-se o tempo do mais desprezível dos homens, do que já se não pode desprezar a si mesmo.

Olhai! Eu vos mostro o **último homem**.

Que vem a ser isso de amor, de criação, de ardente desejo, de estrela? — pergunta o **último homem**, revirando os olhos.

A terra tornar-se-á então pequena, e sobre ela andará aos pulos o **último homem**, que tudo apouca. A sua raça é indestrutível como a da pulga; o **último homem** é o que vive mais tempo.

“Descobrimos a felicidade” — dizem os **últimos homens**, e piscam os olhos.

Abandonaram as comarcas onde a vida era rigorosa, porque uma pessoa necessita calor. Ainda se quer ao vizinho e se roçam pelo outro, porque uma pessoa necessita calor.

Enfraquecer e desconfiar parece-lhes pecaminoso; anda-se com cautela. Insensato aquele que ainda tropeça com as pedras e com os homens!

Algum veneno uma vez por outra, é coisa que proporciona agradáveis sonhos. E muitos venenos no fim para morrer agradavelmente.

Trabalha-se ainda porque o trabalho é uma distração; mas faz-se de modo que a distração não debilite.

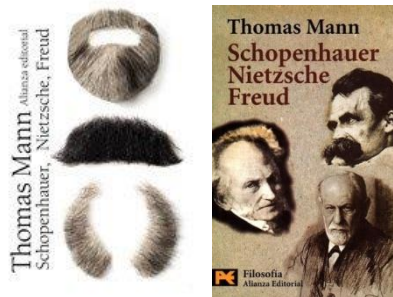
Já uma pessoa se não torna nem pobre nem rica; são duas coisas demasiado difíceis. Quem quererá ainda governar? Quem quererá ainda obedecer? São duas coisas demasiado custosas.

Nenhum pastor, e só um rebanho! Todos querem o mesmo, todos são iguais: o que pensa de outro modo vai por seu pé para o manicômio.

“Noutro tempo toda a gente era doida” — dizem os

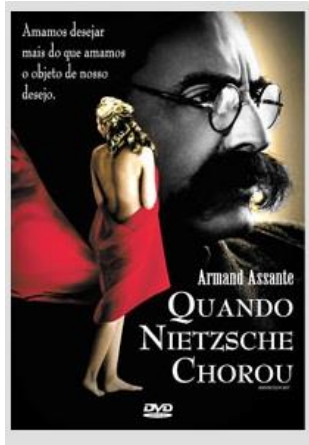
não almejam nada para além da preservação de sua vida: eles não querem se superar, mas apenas viver sem sofrimentos, maximizar seu “bem-estar”. Por isso, eles “deixaram as regiões onde era duro viver” e “inventaram a felicidade”.

Literatura/psicologia/filosofia:



Livro escrito por Thomas Mann (1875-1955) sobre Schopenhauer Nietzsche e Freud. “Pode-se com todo o direito ver na psicanálise, esse notável rebento do espírito científico-cultural, algo de grande e admirável, uma descoberta”.

Filme/Literatura/Filosofia:



Quando Nietzsche Chorou é o primeiro romance do psicoterapeuta e professor Irvin D. Yalom que mescla elementos reais com a ficção. Obra que traça paralelo entre ficção e realidade e apresenta personagens históricos como Josef Breuer, influenciador do futuro pai da psicanálise: Sigmund Freud, e o filósofo Friedrich Nietzsche.

perspicazes, e reviram os olhos.

É-se prudente, e está-se a par do que acontece: desta maneira pode-se zombar sem cessar. Questiona-se ainda, mas logo se fazem as pazes; o contrário altera a digestão.

Não falta um pouco de prazer para o dia e um pouco de prazer para a noite; mas respeita-se a saúde.

“Descobrimos a felicidade” — dizem os **últimos homens** — e reviram os olhos.

Aqui acabou o primeiro discurso de Zaratustra, — que também se chama preâmbulo — porque neste ponto foi interrompido pelos gritos e pelo alvoroço da multidão. **“Dá-nos esse último homem, Zaratustra — exclamaram — torna-nos semelhantes a esses últimos homens! perdoar-te-emos o Super-homem”.**

E todo o povo era alegria. Zaratustra entristeceu e disse consigo:

“Não me compreendem; não. Não é da minha boca que estes ouvidos necessitam.

Vivi demais nas montanhas, escutei demais os arroios e as árvores, e agora lhes falo como um pastor.

A minha alma é sossegada e luminosa como o monte pela manhã; mas eles julgam que sou um frio e astuto chocareiro.

Ei-los olhando-me e rindo-se, e enquanto se riem, continuam a odiar-me. **Há gelo em seus risos”.**

VI

Sucedeu, porém, qualquer coisa que fez emudecer todas as bocas e atraiu todos os olhares.

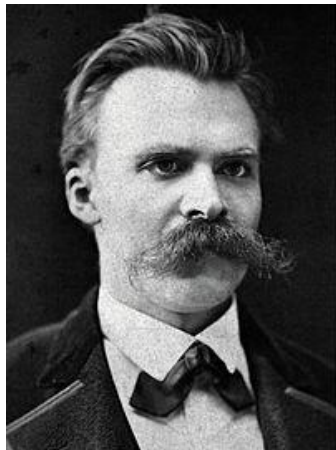
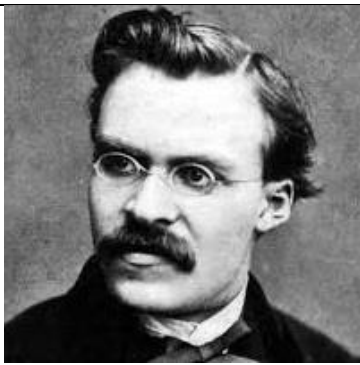
Entrementes pusera-se a trabalhar o volteador; saíra de uma pequena porta e andava pela corda presa a duas torres sobre a praça pública e a multidão.

Quando estava justamente na metade do caminho abriu-se outra vez a portinhola, donde saltou o segundo acrobata que parecia um palhaço com as suas mil cores, o qual seguiu rapidamente o primeiro. “Depressa, bailarino! — gritou a sua horrível voz. — Depressa, mandrião, manhoso, cara deslavada! Olha que te piso os calcanhares!

Que fazes aqui entre estas torres? Na torre devias tu estar metido; obstruis o caminho a outro mais ágil do que tu!” E a cada palavra se aproximava mais, mas, quando se encontrou a um passo, sucedeu essa coisa terrível que fez calar todas as bocas e atraiu todos os Olhares; lançou um grito diabólico e saltou por cima do que lhe interceptava o caminho.

Este, ao ver o rival vitorioso, perdeu a cabeça e a corda, largou o balancim e precipitou-se no abismo como um remoinho de braços e pernas. A praça pública e a multidão pareciam o mar quando se desencadeia a tormenta. Todos fugiram atropeladamente, em especial do sítio onde deveria cair o corpo.

Zaratustra permaneceu imóvel, e junto dele caiu justamente o corpo, destroçado, mas vivo ainda. Passado um momento o ferido recuperou os sentidos e viu Zaratustra



Fotos de Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900). Filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor prussiano do século XIX, nascido na atual Alemanha. Sua filosofia central é a ideia de "**afirmação da vida**", que envolve questionamento de qualquer doutrina que drene uma expansiva de energias, não importando o quão socialmente predominante essas ideias poderiam ser. Nietzsche começou sua carreira como filólogo clássico— um estudioso da crítica textual grega e romana— antes de se voltar para a filosofia. Em 1869, aos vinte e quatro anos, foi nomeado para a cadeira de Filologia Clássica na Universidade de Basileia, a pessoa mais jovem a ter alcançado esta posição. Em 1889, com quarenta e quatro anos de idade, sofreu um colapso e uma perda completa de suas faculdades mentais. A composição foi posteriormente atribuída a parestia

ajoelhado junto de si. “Que fazes aqui? — lhe disse. Já há tempo que eu sabia que o diabo me havia de derrubar. Agora arrasta-me para o inferno. Queres impedi-lo?”

“Amigo — respondeu Zaratustra — palavra de honra que tudo isso de que falas não existe, não há diabo nem inferno. A tua alma ainda há de morrer mais depressa do que o teu corpo; nada temas”.

O homem olhou receoso. “Se dizes a verdade — respondeu — nada perco ao perder a vida. Não passo de uma besta que foi ensinada a dançar a poder de pancadas e de fome”.

“Não — disse Zaratustra — fizeste do perigo o teu ofício, coisa que não é para desprezar.

Agora por causa do teu ofício sucumbes e atendendo a isso vou enterrar-te por minha própria mão”.

O moribundo já não respondeu, mas moveu a mão como se procurasse a de Zaratustra para lhe agradecer.

VII

Abeirava-se a noite, e a praça sumia-se nas trevas. Então a multidão dispersou-se porque até a curiosidade e o pavor se cansam. Sentado ao pé do cadáver, Zaratustra encontrava-se tão abismado nas suas reflexões que se esqueceu do tempo. Fez-se noite e sobre o solitário soprou um vento frio. Zaratustra ergueu-se então, e disse consigo:

“Na verdade, Zaratustra fez hoje uma boa pesca! Não alcançou um homem, mas um cadáver!

Coisa para nos preocupar é a vida humana, e sempre vazia de sentido: um trovão lhe pode ser fatal!

Quero ensinar aos homens o sentido da sua existência, que é o Super-homem, o relâmpago que brota da sombria nuvem homem.

Estou, porém, longe deles, e o meu sentido nada diz aos seus sentidos. Para os homens sou uma coisa intermediária entre o doido e o cadáver.

Escura é a noite, escuros são os caminhos de Zaratustra. **Vem, companheiro frio e rígido! Levar-te-ei ao sítio onde por minha mão te enterrarei”.**

VIII

Dito isto ao seu coração, Zaratustra deitou o cadáver às costas e pôs-se a caminho. Ainda não andara cem passos quando se lhe acercou furtivamente um homem e lhe falou baixinho ao ouvido. O que falava era o palhaço da torre. Eis o que lhe dizia: — “Sai desta cidade, Zaratustra, — há aqui demasiada gente que te odeia. Os bons e os justos odeiam-te e chamam-te seu inimigo e desprezador; os fiéis da verdadeira crença odeiam-te e dizem que és o perigo da multidão. Ainda tiveste sorte em zombarem de ti, e na verdade falavas como um truão. Tiveste sorte em te associar a esse vilão desse morto; rebaixando-te, por essa forma salvaste-te por hoje; mas sai

geral atípica devido a sífilis terciária, mas este diagnóstico vem entrado em questão. Nietzsche viveu seus últimos anos sob os cuidados de sua mãe até a morte dela em 1897, depois ele caiu sob os cuidados de sua irmã, Elisabeth Förster-Nietzsche, até falecer, em 1900. Como sua cuidadora, sua irmã assumiu o papel de curadora e editora de seus manuscritos. Förster-Nietzsche era casada com um proeminente nacionalista e antisemita alemão, Bernhard Förster, e retrabalhou escritos inéditos de Nietzsche para se adequar a ideologia de seu marido, muitas vezes de maneiras contrárias às suas opiniões expressas, que estavam fortemente e explicitamente opostas ao antisemitismo e nacionalismo. Através de edições de Förster-Nietzsche, o nome de Friedrich tornou-se associado com o militarismo alemão e o nazismo, mas estudiosos posteriores do século XX vêm tentando neutralizar esse equívoco de suas ideias.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Nietzsche

MPB / Música:

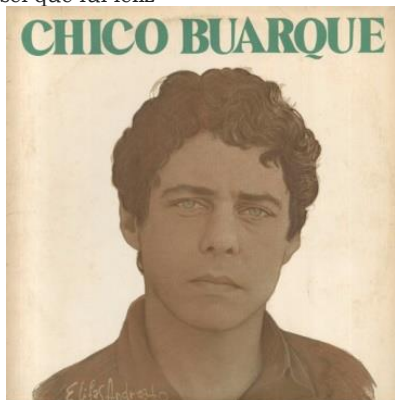
Chico Buarque

Vida (1980)

Vida, minha vida / Olha o que é que eu fiz / Deixei a fatia / Mais doce da vida / Na mesa dos homens / De vida vazia / Mas, vida, ali / Quem sabe, eu fui feliz / Vida, minha vida / Olha o que é que eu fiz / Verti minha vida / Nos cantos, na pia / Na casa dos homens / De vida vadia / Mas, vida, ali / Quem sabe, eu fui feliz

Luz, quero luz, / Sei que além das cortinas / São palcos azuis / E infinitas cortinas / Com palcos atrás / Arranca, vida / Estufa, veia / E pulsa, pulsa, pulsa, / Pulsa, pulsa mais / Mais, quero mais / Nem que todos os barcos / Recolham ao cais / Que os faróis da costeira / Me lancem sinais / Arranca, vida / Estufa, vela / Me leva, leva longe / Longe, leva mais

Vida, minha vida / Olha o que é que eu fiz / Toquei na ferida / Nos nervos, nos fios / Nos olhos dos homens / De olhos sombrios / Mas, vida, ali / Eu sei que eu fui feliz



Vida é um álbum do músico brasileiro Chico Buarque, lançado em 1980.

desta cidade, ou amanhã salto eu por cima de ti, um vivo por cima de um morto”. E o homem desapareceu, e Zaratustra seguiu o seu caminho pelas escuras ruas.

À porta da cidade encontrou os coveiros.

Estes aproximaram-lhe da cara as enxadas, e conheceram Zaratustra e troçaram muito dele. “Zaratustra leva o indigno morto! Bravo! Zaratustra tornou-se coveiro! As nossas mãos são puras demais para tocar nessa peça! Com que então Zaratustra quer roubar o pitéu ao demônio! Bom proveito! Isto se o diabo não for melhor ladrão que Zaratustra e os não roubar aos dois!” E riam entre si, cochichando.

Zaratustra não respondeu palavra e seguiu seu caminho. Passadas duas horas a andar à beira de bosques e de lagoas; já ouvira latir os lobos esfomeados, e também a ele o atormentava a fome. Por esse motivo parou diante de uma casa isolada onde brilhava uma luz.

“Apodera-se de mim a fome como um salteador — disse Zaratustra: — no meio dos bosques e das lagoas e na escura noite me surpreende.

A minha fome tem estranhos caprichos. Em geral só me aparece depois de comer, e hoje em todo o dia não me apareceu. Onde se entreteria então?”

Assim dizendo, Zaratustra bateu à porta da casa. Logo apareceu um velho com uma luz e perguntou: “Quem se abeira de mim e do meu fraco sono?”

“Um vivo e um morto — respondeu Zaratustra. — Dá-me de comer e de beber; esqueci-me de o fazer durante o dia. Quem dá de comer ao faminto reconforta a sua própria alma: assim falava a sabedoria”.

O velho retirou-se; mas tornou no mesmo instante e ofereceu a Zaratustra pão e vinho. “Ruim terra é esta para os que têm fome — disse ele — por isso eu habito nela. Homens e animais de mim se aproximam, de mim, o solitário. Mas chama também o teu companheiro para comer e beber; está mais cansado do que tu”. Zaratustra respondeu: “O meu companheiro está morto; não é fácil decidi-lo a comer”. “Nada tenho com isto — resmungou o velho. — O que bate à minha porta deve receber o que lhe ofereço. Come, e passa bem”.

Zaratustra tornou a andar outras duas horas, confiando-se ao caminho e à luz das estrelas, porque estava acostumado às caminhadas noturnas e gostava de contemplar tudo quanto dorme. Quando principiou a raiar a aurora encontrava-se num espesso bosque e já não via nenhum caminho. Então colocou o cadáver no côncavo de uma árvore à altura da sua cabeça — pois queria livrá-lo dos lobos — e deitou-se no solo sobre a relva. No mesmo instante adormeceu cansado de corpo, mas com a alma tranquila.

IX

Zaratustra dormiu muito tempo e por ele passou não só a aurora mas toda a manhã. Por fim abriu os olhos, e olhou

MPB / Música:

Gilberto Gil

Super-Homem – A canção

Um dia / Vivi a ilusão de que ser homem bastaria

Que o mundo masculino tudo me daria / Do que eu quisesse ter

Que nada / Minha porção mulher, que até então se resguardara

É a porção melhor que trago em mim agora

É que me faz viver

Quem dera / Pudesse todo homem compreender, oh, mãe, quem dera

Ser o verão o apogeu da primavera / E só por ela ser / Quem sabe / O Superhomem venha nos restituir a glória / Mudando como um deus o curso da história

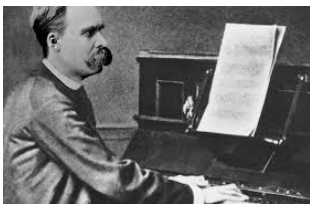
Por causa da mulher.



Caetano Veloso e Gilberto Gil

"Sem a música, a vida seria um erro."

Friedrich Nietzsche



"Demore o tempo que for para decidir o que você quer da vida, e depois que decidir não recue ante nenhum pretexto, porque o mundo tentará te dissuadir."

Friedrich Nietzsche

admirado no meio do bosque e do silêncio; **admirado olhou para dentro de si mesmo.** Ergueu-se precipitado, como navegante que de súbito avista terra, e **soltou um grito de alegria porque vira uma verdade nova.** E falou deste modo ao seu coração:

"Um raio de luz me atravessa a alma: preciso de companheiros, mas vivos, e não de companheiros mortos e cadáveres, que levo para onde quero.

Preciso de companheiros, mas vivos, que me sigam — porque desejem seguir-se a si mesmos — para onde quer que eu vá.

Um raio de luz me atravessa a alma: não é à multidão que Zaratustra deve falar, mas a companheiros! Zaratustra não deve ser pastor e cão de um rebanho!

Para apartar muitos do rebanho, foi para isso que vim. O povo e o rebanho irritam-se comigo. Zaratustra quer ser acoimado de ladrão pelos pastores.

Eu digo pastores, mas eles a si mesmos se chamam os fiéis da verdadeira crença!

Vede os bons e os justos! a quem odeiam mais? A quem lhes despedaça as tábuas de valores, ao infrator, ao destruidor. É este, porém, o criador.

O criador procura companheiros, não procura cadáveres, rebanhos, nem crentes; procura colaboradores que inscrevam valores novos ou tábuas novas.

O criador procura companheiros para seguir com ele; porque tudo está maduro para a ceifa. Faltam-lhe, porém, as cem foices, e por isso arranca espigas, contrariado.

Companheiros que saibam afiar as suas foices, eis o que procura o criador. Chamar-lhes-ão destruidores e desprezadores do bem e do mal, mas eles hão de ceifar e descansar.

Colaboradores que ceifem e descansem com ele, eis o que busca Zaratustra. Que se importa ele com rebanhos, pastores e cadáveres?

E tu, primeiro companheiro meu, descansa em paz! Enterrei-te bem, na tua árvore oca, deixo-te bem defendido dos lobos.

Separo-me, porém, de ti; já passou o tempo. Entre duas auroras me iluminou uma nova verdade.

Não devo ser pastor nem coveiro. Nunca mais tornarei a falar ao povo; pela última vez falei com um morto.

Quero unir-me aos criadores, aos que colhem e se divertem; mostrar-lhes-ei o arco-íris e todas as escadas que levam ao Super-homem.

Entoarei o meu cântico aos solitários e aos que se encontram juntos na solidão; e a quem quer que tenha ouvidos para as coisas inauditas esmagarei lhes o coração com a minha ventura.

Caminho para o meu fim; sigo o meu caminho; saltarei por cima dos negligentes e dos retardados. Desta maneira será a minha marcha o seu fim!"

Vídeos para entender Nietzsche:

1) Nietzsche – Filosofia Para o Dia a Dia com Alain de Botton



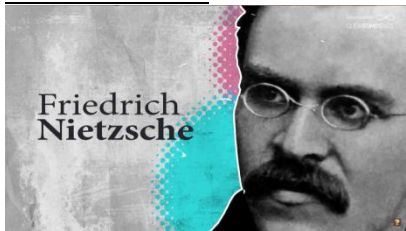
<https://youtu.be/1dQjnrTb3Jc>

2) Café Filosófico – Nietzsche – com Viviane Mosé



<https://youtu.be/wszgKT2zS-c>

3) **Friedrich Nietzsche** por Scarlett Marton



Friedrich Nietzsche por Scarlett Marton (temas que você irá encontrar no vídeo: prazer, razão, vontade de potência, mitologia, Apolo, Dionísio, superação de si, natureza, cultura, transvaloração dos valores, morais, moral do senhor/nobre, moral do escravo, religião, cristianismo, bondade, maldade, nazismo, falsificações de textos, história do filósofo, problemas contemporâneos, etc).

<https://www.youtube.com/watch?v=5L2K6HKrEyA>

X

Assim falava Zaratustra ao seu coração quando o sol ia em meio do seu curso; depois dirigiu para as alturas um olhar interrogador porque ouvia por cima de si o grito penetrante de uma ave. E viu uma **águia** que pairava nos ares traçando largos rodeios e sustentando uma **serpente** que não parecia uma presa, mas um aliado, porque se lhe enroscava ao pescoço.

“São os meus animais! — disse Zaratustra, e regozijou-se intimamente.

O animal mais arrogante que o sol cobre e o animal mais astuto que o sol cobre saíram em exploração.

Queriam descobrir se Zaratustra ainda vivia. Ainda viverei, de veras?

Encontrei mais perigos entre os homens do que entre os animais; perigosas sendas segue Zaratustra. Guiem-me os meus animais.”

Depois de dizer isto, Zaratustra recordou-se das palavras do santo do bosque, suspirou e falou assim ao seu coração:

“Devo ser mais judicioso! Devo ser tão profundamente astuto como a minha serpente.

Peço, porém, o impossível; rogo, portanto, a minha altivez que me acompanhe sempre a prudência!

E se um dia a prudência me abandonar — ai! agrada-lhe tanto fugir! — possa sequer a minha altivez voar com a minha loucura!”

Assim começou o caso de Zaratustra.

Atividade 1

Assista os três vídeos da página anterior para entender o pensamento de Nietzsche. Prepare-se para uma aula para explicar aquilo que aprendeu para seus colegas.

Filosofia:



Jean-Paul Sartre (1905-1980) – Foi um filósofo, escritor e crítico francês. Recusou em 1964 o prêmio Nobel de Literatura.

Vocabulário

Existencialismo: Filosofia criada no séc. 19 e desenvolvida no séc. 20. Possui como ideia central a tese de que o homem começa por sua existência, uma vida concebida como um absurdo, sem sentido, sem pre-determinismo. O ser humano é livre para escolher aquilo que fará da sua existência. Angústia, alienação, tédio são questões colocadas pelos existencialistas.

Imobilismo do desespero: diante do desespero da vida, não sei o que fazer, qual caminho tomar.

Burguesia: pensada aqui como uma classe social, caracterizada por suas propriedades de capitais, detentora dos meios de produção de riqueza e que possuem como foco a manutenção de seus privilégios, capital e propriedades.

Ignomínia: caráter daquilo que degrada, humilha; ação, palavra que desonra, que envergonha.

Filosofia:

Cogito: Conceito concebido por René Descartes, filósofo francês. O cogito é a primeira verdade, inquestionável, marco da certeza. É certo que eu existo, um ser que duvida e pensa. Cogito = Dubito, ergo cogito, ergo sum (Duvido, logo penso, logo sou/existo).

Literatura:

Naturalismo - escola literária concebida como o extremo do Realismo, **baseia-se na teoria evolucionista de Charles Darwin, evolucionismo e determinismo científico**. Nesse sentido, o indivíduo é determinado pelo ambiente e pela hereditariedade. Émile Zola é um dos expoentes do naturalismo francês. No Brasil, um exemplo de uma obra naturalista é *O Cortiço*, de Aluizio de Azevedo.

Texto 15: Existencialismo é um Humanismo

Autor: Jean-Paul Sartre

Tradutora: Rita Correia Guedes

Fonte: *L'Existentialisme est un Humanisme*, Les Éditions Nagel, Paris, 1970.

Gostaria de defender, aqui, o existencialismo de uma série de críticas que lhe foram feitas.

Em primeiro lugar, acusaram-no de incitar as pessoas a permanecerem no **imobilismo do desespero**; todos os caminhos estando vedados, seria necessário concluir que a ação é totalmente impossível neste mundo; tal consideração desembocaria, portanto, numa **filosofia contemplativa** – o que, aliás, nos reconduz a uma **filosofia burguesa**, visto que a contemplação é um luxo. São estas, fundamentalmente, as **críticas dos comunistas**.

Por outro lado, acusaram-nos de enfatizar a **ignomínia humana**, de sublinhar o sórdido, o equívoco, o viscoso, e de negligenciar certo número de belezas radiosas, o lado luminoso da natureza humana; por exemplo, **segundo a senhorita Mercier, crítica católica, esquecemos o sorriso da criança**. Uns e outros nos acusam de haver **negado a solidariedade humana**, de considerar que o homem vive isolado; **segundo os comunistas, isso se deve, em grande parte, ao fato de nós partirmos da pura subjetividade, ou seja, do *penso* cartesiano, ou seja ainda, do momento em que o homem se apreende em sua solidão – o que me tornaria incapaz de retornar, em seguida, à solidariedade com os homens que existem fora de mim e que eu não posso alcançar no *cogito***.

Na perspectiva cristã, somos acusados de negar a realidade e a seriedade dos empreendimentos humanos, já que, **suprindo os mandamentos de Deus e os valores inscritos na eternidade, resta apenas a pura gratuidade**; cada qual pode fazer o que quiser, sendo incapaz, a partir de seu ponto de vista, de condenar os pontos de vistas e os atos alheios. **Tais são as várias acusações a que procuro hoje responder e a razão que me levou a intitular esta pequena exposição de: “O Existencialismo é um Humanismo”**. Muitos poderão estranhar que falemos aqui de humanismo. Tentaremos explicitar em que sentido o entendemos. De qualquer modo, o que podemos desde já afirmar é que **concebemos o existencialismo como uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana**. A crítica básica que nos fazem é, como se sabe, **de enfatizarmos o lado negativo da vida humana**. Contaram-me, recentemente, o caso de uma senhora que, tendo deixado escapar, por nervosismo, uma palavra vulgar, se desculpou dizendo: “Acho que estou ficando existencialista”. A feiura é, por conseguinte, assimilada ao existencialismo e é por isso que dizem sermos **naturalistas**. Se o somos, é estranho que

Literatura:



Émile Zola (1840-1902)

Escritor francês considerado o criador e o representante mais expressivo do **naturalismo**.

Filosofia:



Karl Jaspers (1883-1969). Foi um filósofo e psiquiatra alemão.



Gabriel Marcel (1889-1973)

Foi um filósofo, dramaturgo e compositor francês.



Martin Heidegger (1889-1976)

Foi um dos mais importantes filósofos do século XX. **O Ser e o tempo** é uma das obras de referência do autor.



Leibniz (1646-1716). Foi um filósofo e cientista alemão. Conhecido por sua teoria das **mônadas** (conceito metafísico, equiparado a representação dos átomos para os físicos). As **mônadas** geral uma harmonia preestabelecida no universo.

assustemos e escandalizemos muito mais do que o **naturalismo** propriamente dito assusta ou escandaliza hoje em dia. Aqueles que digerem tranquilamente um romance de **Zola**, como *A Terra*, ficam repugnados quando leem um romance existencialista; outros, que se utilizam da sabedoria das nações – profundamente tristes –, acham-nos mais tristes ainda. Mas será que existe algo mais desesperançado do que o provérbio: “**A caridade bem dirigida começa por si próprio**”, ou “**Ama quem te serve e serás desprezado; castiga quem te serve e serás amado**”? São notórios os lugares-comuns que podem ser utilizados neste assunto e que significam sempre a mesma coisa: não se deve lutar contra os poderes estabelecidos, não se deve lutar contra a força, não se deve dar passos maiores do que as pernas, toda ação que não se insere numa tradição é romantismo, toda ação que não se apoia numa experiência comprovada está destinada ao fracasso; e **a experiência mostra que os homens tendem sempre para o mais baixo e que são necessários freios sólidos para detê-los, caso contrário instala-se a anarquia**. No entanto, as pessoas que ficam repetindo esses tristes provérbios são as mesmas que acham muito humano todo e qualquer ato mais ou menos repulsivo, as mesmas que se deleitam com canções realistas: são estas as pessoas que **acusam o existencialismo de ser demasiado sombrio, a tal ponto que eu me pergunto se elas não o censuram, não tanto pelo seu pessimismo, mas, justamente pelo seu otimismo**. Será que, no fundo, o que amedronta na doutrina que tentarei expor não é fato de que **ela deixa uma possibilidade de escolha para o homem**? Para sabê-lo, precisamos recolocar a questão no plano estritamente filosófico. **O que é o existencialismo?**

A maioria das pessoas que utilizam este termo ficaria bastante embaraçada se tivesse de justificá-lo: hoje em dia a palavra está na moda e qualquer um afirma sem hesitação que tal músico ou tal pintor é existencialista. Um cronista de *Clartés* assina o *Existencialista*. Na verdade, esta palavra assumiu atualmente uma amplitude tal e uma tal extensão que já não significa rigorosamente nada. Está parecendo que, na ausência de uma doutrina de vanguarda análoga ao surrealismo, as pessoas, ávidas de escândalo e de agitação, estão se voltando para esta filosofia, que, aliás, não pode ajudá-la em nada nesse campo; o existencialismo, na realidade, é a doutrina menos escandalosa e a mais austera; ela destina-se exclusivamente aos técnicos e aos filósofos. Todavia, pode ser facilmente definida. O que torna as coisas complicadas é a existência de dois tipos de existencialistas: por um lado, os cristãos – entre os quais colocarei Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica – e, por outro, os ateus – entre os quais há que situar Heidegger, assim como os existencialistas franceses e eu mesmo. O que eles têm em comum é simplesmente o fato de todos considerarem que a existência precede a essência, ou, se se preferir, que é necessário partir da subjetividade. **O que significa isso exatamente?**



René Descartes (1596-1650)

Foi um filósofo e matemático francês. Importante por sua contribuição ao racionalismo e famoso por sua emblemática frase “*Cogito, ergo sum*”.



Denis Diderot (1713-1784). Foi um filósofo francês, representante do iluminismo e um dos responsáveis da **Enciclopédia**.



Voltaire (1694-1778). Filósofo e ensaísta iluminista francês. Inspirador da Revolução francesa, defensor da liberdade e valoroso crítico social. Uma de suas obras mais significativas é **Cândido ou o Otimismo**.



Immanuel Kant (1724-1804)

Um dos mais importantes filósofos de todos os tempos. A totalidade de sua obra é um marco para o pensamento humano sob diversos aspectos.

Vocabulário:

Responsabilidade: obrigação de responder pelas ações próprias e/ou dos outros. Na filosofia existencialista somos responsáveis por nós mesmos e por toda humanidade. Somos um exemplo, uma referência, escolhemos aquilo que julgamos correto e melhor, nesse sentido, nos tornamos referências para os outros. Escolhemos sempre aquilo que julgamos ser o correto, o bem, por isso, impomos um modo de ser no mundo: casado, solteiro, desonesto, justo, etc. Além de sermos um exemplo para todos os demais, é fundamental termos consciência que nossas ações afetam toda a humanidade de alguma forma. Eis o

Consideremos um objeto fabricado, como, por exemplo, um livro ou um corta-papel; esse objeto foi fabricado por um artifice que se inspirou num conceito; tinha, como referencias, o conceito de corta-papel assim como determinada técnica de produção, que faz parte do conceito e que, no fundo, é uma receita. Desse modo, o corta-papel é, simultaneamente, um objeto que é produzido de certa maneira e que, por outro lado, tem uma utilidade definida: seria impossível imaginarmos um homem que produzisse um corta-papel sem saber para que tal objeto iria servir. Podemos assim afirmar que, no caso do corta-papel, **a essência – ou seja, o conjunto das técnicas e das qualidades que permitem a sua produção e definição – precede a existência**; e desse modo, também, a presença de tal corta-papel ou de tal livro na minha frente é determinada. Eis aqui uma visão técnica do mundo em função da qual podemos afirmar que **a produção precede a existência**.

Ao concebermos um Deus criador, identificamo-lo, na maioria das vezes, com um artifice superior, e, qualquer que seja a doutrina que considerarmos – quer se trate de uma doutrina como a de **Descartes** ou como a de **Leibniz** –, admitimos sempre que a vontade segue mais ou menos o entendimento ou, no mínimo, que o acompanha, e que Deus, quando cria, sabe precisamente o que está criando. Assim, o conceito de homem, no espírito de Deus, é assimilável ao conceito de corta-papel, no espírito do industrial; e Deus produz o homem segundo determinadas técnicas e em função de determinada concepção, exatamente como o artifice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica. Desse modo, o homem individual materializa certo conceito que existe na inteligência divina. No século XVIII, o ateísmo dos filósofos elimina a noção de Deus, porém não suprime a ideia de que a essência precede a existência. Essa é uma ideia que encontramos com frequência: encontramos-la em **Diderot**, em **Voltaire** e mesmo em **Kant**. O homem possui uma natureza humana; essa natureza humana, que é o conceito humano, pode ser encontrada em todos os homens, o que significa que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal: o homem. Em **Kant**, resulta de tal universalidade que o homem da selva, o homem da Natureza, tal como o burguês, devem encaixar-se na mesma definição, já que possuem as mesmas características básicas. **Assim, mais uma vez, a essência do homem precede essa existência histórica que encontramos na Natureza.**

O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal

<p>peso/dificuldade em ser existencialista.</p> <p>Angústia: estado de ansiedade, inquietude, sofrimento, tormento. No existencialismo, todos aqueles que possuem consciência de suas ações, percebem as consequências de seus atos, ficarão angustiados diante das possibilidades de escolhas. Qual o melhor caminho? O que é certo fazer para mim e para os outros?</p> <p>Desespero: estado de consciência que julga uma situação sem saída, desesperança.</p> <p>Existência humana: forma do ser humano no mundo. Primeiro ele existe, depois se constrói, a partir daquilo que escolhe. Essa existência nunca será a nossa essência. Note que aquilo que é para um animal, determinado e limitado por sua própria natureza, não é para um ser humano, alguém que pode negar ou afirmar aquilo que lhe foi dado.</p> <p>Essência humana: construída a posteriori, a partir das escolhas de cada um. Não existe uma essência pré-determinada, nós é que escolhemos aquilo que seremos. Certamente, essa escolha pode se dar de diversas formas, por exemplo, consciente ou inconscientemente.</p> <p>Engajamento: ações que almejam uma causa, um ideal. “Escolhendo o casamento estou engajando não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade, na trilha da monogamia.”</p> <p>Projeto: aquilo que se faz e se quer de si mesmo. “O homem é um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente ao invés de musgo, podridão ou couve-flor; nada existe antes desse projeto.”</p> <p>Desemparo: O fato de não existir um Deus ou outro alguém para que possamos dividir as consequências de nossos atos, alguém que possamos responsabilizar por nossas frustrações. O fato de não existir uma natureza humana para que possamos nos justificar. O fato de não existir uma sociedade que não me imponha o que devo fazer. Sempre haverá escolhas, sempre será possível recusar a sociedade</p>	<p>como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la. O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo. É também a isso que chamamos de subjetividade: a subjetividade de que nos acusam. Porém, nada mais queremos dizer senão que a dignidade do homem é maior do que a da pedra ou da mesa. Pois queremos dizer que o homem, antes de mais nada, existe, ou seja, o homem é, antes de mais nada, aquilo que se projeta num futuro, e que tem consciência de estar se projetando no futuro. De início, o homem é um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente ao invés de musgo, podridão ou couve-flor; nada existe antes desse projeto; não há nenhuma inteligibilidade no céu, e o homem será apenas o que ele projetou ser. Não o que ele quis ser, pois entendemos vulgarmente o querer como uma decisão consciente que, para quase todos nós, é posterior àquilo que fizemos de nós mesmos. Eu quero aderir a um partido, escrever um livro, casar-me, tudo isso são manifestações de uma escolha mais original, mais espontânea do que aquilo a que chamamos de vontade. Porém, se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens. A palavra subjetivismo tem dois significados, e os nossos adversários se aproveitaram desse duplo sentido. Subjetivismo significa, por um lado, escolha do sujeito individual por si próprio e, por outro lado, impossibilidade em que o homem se encontra de transpor os limites da subjetividade humana. É esse segundo significado que constitui o sentido profundo do existencialismo. Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se, por outro lado, a existência precede a essência, e se nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda a nossa</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

em que se vive ou a natureza que nos foi dada. Sempre haverá escolhas.

Arte:



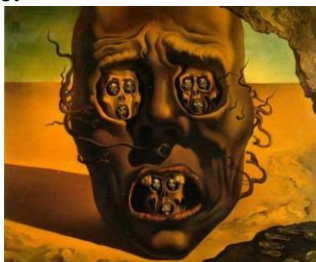
Edvard Munch, O Grito (1893).

A obra representa uma figura andrógina num momento de profunda angústia e desespero existencial

Diário de Munch:

“Passeava com dois amigos ao pôr-do-sol – o céu ficou de súbito vermelho-sangue – eu parei, exausto, e inclinei-me sobre a mureta– havia sangue e línguas de fogo sobre o azul escuro do fjord e sobre a cidade – os meus amigos continuaram, mas eu fiquei ali a tremer de ansiedade – e senti o grito infinito da Natureza.”

Arte:



Salvador Dalí – A face da Guerra (1940). O desespero e a angústia da existência estão retratados nessa obra de Dalí.

Sartre critica uma “mentalidade humana” – semelhante crítica faz Max Gonzaga na música classe

Música

Classe Média – Max Gonzaga

Sou classe média / Papagaio de todo telejornal / Eu acredito / Na imparcialidade da revista semanal / Sou classe média / Compro roupa e gasolina no cartão / Odeio “coletivos” / E vou de carro que comprei a prestação / Só pago impostos / Estou sempre no limite do meu cheque especial / Eu viajo pouco, no máximo um pacote cvc tri-anual / Mas eu “to nem ai” / Se o traficante é quem manda na favela / Eu não “to nem

época. Portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois **ela engaja a humanidade inteira**. Se eu sou um operário e se escolho aderir a um sindicato cristão em vez de ser comunista, e se, por essa adesão, quero significar que a resignação é, no fundo, a solução mais adequada ao homem, que o reino do homem não é sobre a terra, não estou apenas engajando a mim mesmo: quero resignar-me por todos e, portanto, a minha decisão engaja toda a humanidade. Numa dimensão mais individual, se quero casar-me, ter filhos, ainda que esse casamento dependa exclusivamente de minha situação, ou de minha paixão, ou de meu desejo, escolhendo o casamento estou engajando não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade, na trilha da monogamia. **Sou, desse modo, responsável por mim mesmo e por todos e crio determinada imagem do homem por mim mesmo escolhido; por outras palavras: escolhendo-me, escolho o homem.**

Tudo isso permite-nos compreender o que subjaz a palavras um tanto grandiloquentes como **angústia, desamparo, desespero**. Como vocês poderão constatar, é extremamente simples. Em primeiro lugar, **como devemos entender a angústia? O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade.** É fato que muitas pessoas não sentem ansiedade, porém nós estamos convictos de que estas pessoas mascaram a ansiedade perante si mesmas, evitam encará-la; certamente muitos pensam que, ao agir, estão apenas engajando a si próprios e, quando se lhes pergunta: **mas se todos fizessem o mesmo?, eles encolhem os ombros e respondem: nem todos fazem o mesmo.** Porém, na verdade, devemos sempre perguntar-nos: o que aconteceria se todo mundo fizesse como nós? e não podemos escapar a essa pergunta inquietante a não ser através de uma espécie de má fé. Aquele que mente e que se desculpa dizendo: **nem todo mundo faz o mesmo, é alguém que não está em paz com sua consciência, pois o fato de mentir implica um valor universal atribuído à mentira.** Mesmo quando ela se disfarça, a angústia aparece. É esse tipo de angústia que **Kierkegaard** chamava de **angústia de Abraão**. Todos conhecem a história: um anjo ordena a Abraão que sacrifique seu filho. Está tudo certo se foi realmente um anjo que veio e disse: tu és Abraão e sacrificarás teu filho. Porém, para começar, cada qual pode perguntar-se: será que era verdadeiramente um anjo? ou: será que sou mesmo Abraão? Que provas tenho? Havia uma louca que tinha alucinações: falavam-lhe pelo telefone dando-lhe ordens. O médico pergunta: “Mas afinal, quem fala com você?” Ela responde: “Ele diz que é Deus”. Que provas tinha ela que, de fato, era Deus? Se um anjo aparece, como saberei que é um

aqui" / Se morre gente ou tem enchente em Itaquera / Eu quero é que se exploda a periferia toda / Mas fico indignado com estado quando sou incomodado / Pelo pedinte esfomeado que me estende a mão / O pára-brisa ensaboadado / É camelo, biju com bala / E as peripécias do artista malabarista do farol / Mas se o assalto é em moema / O assassinato é no "jardins" / A filha do executivo é estuprada até o fim / Ai a mídia manifesta a sua opinião regressa / De implantar pena de morte, ou reduzir a idade penal / E eu que sou bem informado concordo e faço passeata / Enquanto aumenta a audiência e a tiragem do jornal / Porque eu não "to nem ai" / Se o traficante é quem manda na favela / Eu não "to nem aqui" / Se morre gente ou tem enchente em Itaquera / Eu quero é que se exploda a periferia toda / Toda tragédia só me importa quando bate em minha porta / Porque é mais fácil condenar quem já cumpre pena de vida /

Vídeo/música:



Animação da música Classe Média de Max Gonzaga.

<https://www.youtube.com/watch?v=kAHWQgK11tY>

Literatura:



Fiódor **Dostoiévski** (1821-1881)

Foi um escritor russo, considerado um dos maiores romancistas da história e um dos inovadores artistas de todos os tempos. O livro **Notas do Subterrâneo** é marcado pela filosofia existencialista.

Televisão/Youtube:



Globo Ciência – Sartre e Beauvoir

<https://www.youtube.com/watch?v=xzAtSv18Cm0>

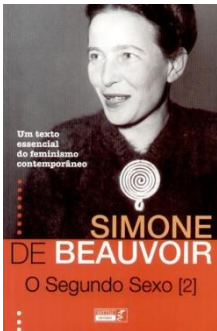
anjo? E se escuto vozes, o que me prova que elas vêm do céu e não do inferno, ou do subconsciente ou de um estado patológico? O que prova que elas se dirigem a mim? Quem pode provar-me que fui eu, efetivamente, o escolhido para impor a minha concepção do homem e a minha própria escolha à humanidade? Não encontrei jamais prova alguma, nenhum sinal que possa convencer-me. Se uma voz se dirige a mim, sou sempre eu mesmo que terei de decidir que essa voz é a voz do anjo; se considero que determinada ação é boa, sou eu mesmo que escolho afirmar que ela é boa e não má. Nada me designa para ser Abraão, e, no entanto, sou a cada instante obrigado a realizar atos exemplares. **Tudo se passa como se a humanidade inteira estivesse de olhos fixos em cada homem e se regresse por suas ações. E cada homem deve perguntar a si próprio: sou eu, realmente, aquele que tem o direito de agir de tal forma que os meus atos sirvam de norma para toda a humanidade?** E, se ele não fazer a si mesmo esta pergunta, é porque estará mascarando sua angústia. Não se trata de uma angústia que conduz ao quietismo, à inação. **Trata-se de uma angústia simples, que todos aqueles que um dia tiveram responsabilidades conhecem bem.** Quando, por exemplo, um chefe militar assume a responsabilidade de uma ofensiva e envia para a morte certo número de homens, ele escolhe fazê-lo, e, no fundo, escolhe sozinho. Certamente, algumas ordens vêm de cima, porém são abertas demais e exigem uma interpretação: é dessa interpretação – responsabilidade sua – que depende a vida de dez, catorze ou vinte homens. Não é possível que não exista certa angústia na decisão tomada. Todos os chefes conhecem essa angústia. Mas isso não os impede de agir, muito pelo contrário: é a própria angústia que constitui a condição de sua ação, pois ela pressupõe que eles encarem a pluralidade dos possíveis e que, ao escolher um caminho, eles se deem conta de que ele não tem nenhum valor a não ser o de ter sido escolhido. Veremos que esse tipo de angústia – a que o existencialismo descreve – se explica também por uma responsabilidade direta para com os outros homens engajados pela escolha. Não se trata de uma cortina entreposta entre nós e a ação, mas parte constitutiva da própria ação.

Quando falamos de desamparo, expressão cara a Heidegger, queremos simplesmente dizer que **Deus não existe e que é necessário levar esse fato às últimas consequências.** O existencialista opõe-se frontalmente a certo tipo de moral laica que gostaria de eliminar Deus com o mínimo de danos possível. Quando, por volta de 1880, os professores franceses tentaram constituir uma moral laica, disseram mais ou menos o seguinte: Deus é uma hipótese inútil e dispendiosa; vamos suprimi-la: porém, é necessário – para que exista uma moral, uma sociedade, um mundo policiado – que certos valores sejam respeitados e considerados como existentes *a priori*; é preciso que seja obrigatório, *a priori*, ser honesto, não mentir, não bater na mulher, fazer filhos etc., etc. Vamos portanto realizar uma

Literatura/Filosofia:



Simone de Beauvoir (1908-1986)
Foi uma escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política e feminista francesa. Em sua obra **Segundo Sexo** ela detalha a situação da mulher na sociedade contemporânea.



Filosofia:



Kierkegaard (1813-1855)
Foi um filósofo e teólogo dinamarquês. Em sua filosofia encontramos a origem do existencialismo.

Filme/cinema:



Os amantes do café Flore (2006)
Direção: Ilan Duran Cohen
O filme apresenta a relação amorosa entre Beauvoir e Sartre.

pequena manobra que nos permitirá demonstrar que esses valores existem, apesar de tudo, inscritos num céu inteligível, se bem que, como vimos, Deus não exista. É essa, creio eu, a tendência de tudo o que é chamado na França de radicalismo: **por outras palavras, a inexistência de Deus não mudará nada; reencontramos as mesmas normas de honestidade, de progresso, de humanismo e teremos assim transformado Deus numa hipótese caduca, que morrerá tranquilamente por si própria.** O existencialista, pelo contrário, pensa que é extremamente incômodo que Deus não exista, pois, junto com ele, desaparece toda e qualquer possibilidade de encontrar valores num céu inteligível; não pode mais existir nenhum bem *a priori*, já que não existe uma consciência infinita e perfeita para pensá-lo; não está escrito em nenhum lugar que o bem existe, que devemos ser honestos, que não devemos mentir, já que nos colocamos precisamente num plano em que só existem homens. **Dostoiévski** escreveu: “**Se Deus não existisse, tudo seria permitido**”. Eis o ponto de partida do existencialismo. **De fato, tudo é permitido se Deus não existe, e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dela nada a que se agarrar.** Para começar, não encontra desculpas. Com efeito, **se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade.** Por outro lado, se Deus não existe, não encontramos, já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta. Assim, não teremos nem atrás de nós, nem na nossa frente, no reino luminoso dos valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que **o homem está condenado a ser livre.** Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz. O existencialismo não acredita no poder da paixão. Ele jamais admitirá que uma bela paixão é uma corrente devastadora que conduz o homem, fatalmente, a determinados atos, e que, conseqüentemente, **é uma desculpa.** Ele considera que **o homem é responsável por sua paixão.** O existencialista não pensará nunca, também, que o homem pode conseguir o auxílio de um sinal qualquer que o oriente no mundo, pois considera que é o próprio homem quem decifra o sinal como bem entende. Pensa, portanto, que o homem, sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante. Ponge escreveu, num belíssimo artigo: “O homem é o futuro do homem”. É exatamente isso. Apenas, se por essas palavras se entender que o futuro está inscrito no céu, que Deus pode vê-lo, então a afirmação está errada, já que, assim, nem sequer seria um futuro. Se se entender que, qualquer que seja o homem que surja no mundo, ele tem um futuro a construir, um futuro virgem que o espera, então a expressão está correta. Porém, nesse caso, estamos desamparados. Tentarei dar-lhes um

Vídeo/Youtube:



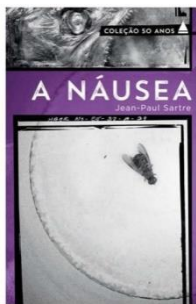
The School of Life - Sartre
<https://www.youtube.com/watch?v=3bQsZxDQgzU>

Vídeo/Youtube:



Crash Course - Existentialism
<https://www.youtube.com/watch?v=YaDvRdLMkHs>

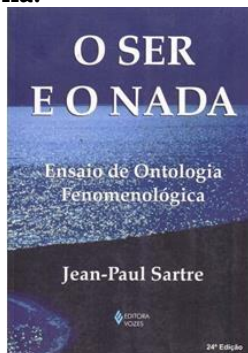
Literatura/Filosofia:



A Náusea (1938)

Autor: Jean-Paul Sartre
Romance existencialista, nele estão presentes de modo ficcional princípios de sua filosofia. O texto foi escrito sob a forma de diário íntimo, observações banais de Antoine Roquentin sobre a vida humana, seu absurdo, dúvidas e problemas.

Filosofia:



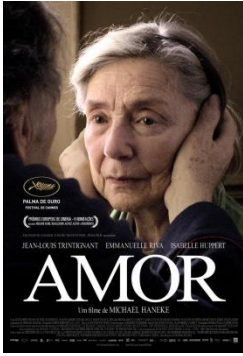
O Ser e o Nada (1943)

Autor: Jean-Paul Sartre
Principal obra do filósofo que reflete sobre apresenta a análise do Ser em sua mais pura essência, existindo apenas para a consciência.

exemplo que permita compreender melhor o desamparo; contarei o caso de um dos meus alunos, que veio procurar-me nas seguintes circunstâncias: o pai estava brigando com a mãe e tinha tendências colaboracionistas; o irmão mais velho morrerá durante a ofensiva alemã de 1940; e esse jovem, com sentimentos um pouco primitivos mas generosos, desejava vingá-lo. A mãe vivia só com ele, muito perturbada pela semitraição do pai e pela morte do filho mais velho, e ele era seu único consolo. Esse jovem tinha, naquele momento, a seguinte escolha: partir para a Inglaterra e alistar-se nas Forças Francesas Livres, ou seja, abandonar a mãe, ou permanecer com a mãe e ajudá-la a viver. Ele tinha consciência de que a mãe só vivia em função dele e que o seu desaparecimento, talvez a sua morte, a mergulharia no desespero. Tinha também consciência de que, no fundo, cada ato que ele fazia em relação à mãe tinha uma resposta concreta, no sentido de que ele a ajudava a viver, enquanto cada ato que ele fizesse para partir e combater seria ambíguo, poderia perder-se na areia, não servir para nada; por exemplo: partindo para a Inglaterra, ele poderia permanecer indefinidamente num campo espanhol ao passar pela Espanha; poderia chegar à Inglaterra, ou a Argel, e ser colocado num escritório preenchendo papéis. Encontrava-se, assim, perante dois tipos de ação muito diferentes; uma delas concreta, imediata, porém dirigida a um só indivíduo; a outra, dirigida a um conjunto infinitamente mais vasto, uma coletividade nacional, mas, por isso mesmo, ambígua, e podendo ser interrompida a meio caminho. Simultaneamente, ele hesitava entre dois tipos de moral. De um lado, uma moral da simpatia, da devoção individual; e, de outro lado, uma moral mais ampla, mas de uma eficácia mais contestável. Precisava escolher uma das duas. Quem poderia ajudá-lo a escolher? A doutrina cristã? Não. A doutrina cristã diz: sede caridosos, amai o próximo, sacrificai-vos por vosso semelhante, escolhei o caminho mais árduo etc., etc. Mas qual é o caminho mais árduo? Quem devemos amar como irmão, o combatente ou a mãe? Qual a utilidade maior: aquela, vaga, de participar de um corpo de combate, ou a outra, precisa, de ajudar um ser específico a viver? **Quem pode decidir a priori? Ninguém.** Nenhuma moral estabelecida tem uma resposta. A moral kantiana diz-nos: nunca trate os outros como um meio, trate-os como um fim. Muito bem; se eu ficar junto de minha mãe, estarei tratando-a como um fim e não como um meio, mas, por isso mesmo, estarei correndo o risco de tratar como meio aqueles que combatem à minha volta, e, vice-versa, se eu me juntar àqueles que combatem, estarei tratando-os como fim e, pelas mesmas razões, posso estar tratando minha mãe como meio.

Já que os valores são vagos e que eles são sempre amplos demais para o caso preciso e concreto que consideramos, só nos resta confiar em nosso instinto. Foi o que o jovem tentou fazer; e, quando nos encontramos, ele dizia: no fundo, o que conta é o

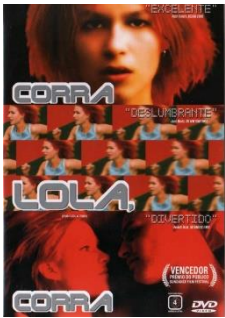
Filmes/Cinema:



Amor (2012)

Direção: Michael Haneke.

Esse filme francês trata sobre o amor presente na velhice. Aborda de modo natural a vida, seus problemas, escolhas, abandonos, desesperos e angústias.



Corra Lola, Corra (1998)

Direção: Tom Tykwer

Filme alemão que apresenta de modo frenético a teoria do caos (processo estocástico) na vida de uma jovem alemã. Uma escolha muda tudo.



O Grupo Baader Meinhof (2008)

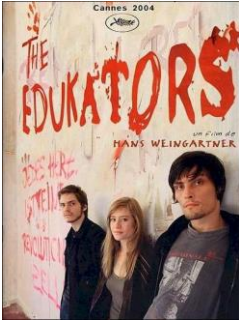
Direção: Uli Edel

Filme alemão que apresenta a história do polêmico e bélico grupo de jovens alemães que se engajaram em prol de uma causa e tiveram graves consequências em suas vidas.

sentimento; eu deveria escolher aquilo que verdadeiramente me impele em determinada direção. Se eu sentir que gosto da minha mãe o bastante para lhe sacrificar todo o resto – meu desejo de vingança, meu desejo de ação, meu desejo de aventuras –, fico com ela. Se, pelo contrário, eu sentir que meu amor por minha mãe não é suficiente, então eu parto. Mas como determinar o valor de um sentimento? O que é que constituía o valor do sentimento que ele tinha por sua mãe? Precisamente o fato de que ele permanecera, por ela. Posso dizer: amo tal amigo o suficiente para lhe sacrificar tal soma de dinheiro; mas só poderei dizê-lo se o fizer. Posso dizer: amo minha mãe o bastante para ficar junto dela; mas não posso determinar o valor dessa afeição a não ser, precisamente, que eu pratique um ato que a confirme e a defina. Ora, como eu desejo que esse afeto justifique os meus atos, acabo sendo arrastado num círculo vicioso.

Por outro lado, **Gide** disse, e muito bem, que um sentimento representado e um sentimento vivido são duas coisas quase indiscerníveis: decidir que amo minha mãe ficando junto dela, ou representar uma comédia que me levará a ficar, por causa de minha mãe, é mais ou menos a mesma coisa. Por outras palavras: o sentimento constrói-se através dos atos praticados; não posso, portanto, pedir-lhe que me guie. O que significa que não posso nem procurar em mim mesmo a autenticidade que me impele a agir, nem buscar numa moral os conceitos que me autorizam a agir. Vocês dirão: pelo menos, o jovem procurou o professor para pedir-lhe conselho. Porém, se vocês procurarem um padre, por exemplo, para que eles os aconselhe, vocês estarão escolhendo esse padre, e, no fundo, vocês já estarão sabendo, aproximadamente, o que ele lhes irá aconselhar. **Ou seja: escolher o conselheiro é, ainda, engajar-se.** A prova disso está em que, se vocês forem cristãos, dirão: consulte um padre. Existem, no entanto, padres colaboracionistas, padres oportunistas, padres resistentes. Qual deles escolher? E, se o jovem escolher um padre resistente ou um padre colaboracionista, já estará decidindo o tipo de conselho que irá receber. Assim, vindo procurar-me, ele sabia a resposta que eu lhe daria, e eu só tinha uma única resposta: **você é livre; escolha, isto é, invente. Nenhuma moral geral poderá indicar-lhe o caminho a seguir; não existem sinais no mundo.** Os católicos arguirão: sim, existem sinais. Admitamos que sim; de qualquer modo, ainda sou eu mesmo que escolho o significado que têm. Quando estive preso, conheci um homem assaz notável, que era jesuíta, havia ingressado na ordem dos **jesuítas** da seguinte forma: tinha experimentado uma série de dolorosos fracassos; ainda criança, seu pai morrera deixando-o pobre; entrou como bolsista numa instituição religiosa onde faziam questão de lembrar-lhe a todo instante que **ele era aceito por caridade**; em seguida, perdera diversas distinções honoríficas que tanto agradam às crianças; mais tarde, por volta dos dezoito anos, fracassou numa aventura sentimental;

Filmes/Cinema:



The Edukators (2004)

Direção: Hans Weingartner

Esse filme alemão conta a história de adolescentes engajados que expressam sua indignação de uma forma pacífica: invadem mansões e trocam os móveis de lugar. Problemas surgem na trama que fazem com que eles reflitam sobre seus atos.



Crash, no limite (2004)

Direção: Paul Haggis

Filme fala sobre preconceito, intolerância e apresenta a ideia de que no limite podemos nos mostrar diferentes daquilo que estava acostumado a ser. No limite, escolhemos aquilo que seremos e que pode estar fora do projeto que busquei a minha vida inteira.

Matemática:

Teoria do Caos / Processo estocástico: A ideia central da teoria do caos é que uma pequenina mudança no início de um evento qualquer pode trazer consequências enormes e absolutamente desconhecidas no futuro. Por isso, tais eventos seriam praticamente imprevisíveis - caóticos.

Vídeo/youtube:



Nerdologia – Caos e efeito borboleta

<https://www.youtube.com/watch?v=C4eHJ8ZJgG4>

finalmente, aos vinte e dois anos, falhou em sua preparação militar, fato bastante pueril que, no entanto, constituiu a gota que fez transbordar o jarro. Esse jovem podia portanto considerar que fracassara em tudo; era um sinal, mas um sinal de quê? Poderia refugiar-se na amargura ou no desespero. Porém, muito habilmente para si próprio, considerou que seus insucessos eram um sinal de que ele não nascera para os triunfos seculares, e que só os triunfos da religião, da santidade, da fé, estavam ao seu alcance. Viu, portanto, nesse sinal, a vontade de Deus e ingressou na Ordem. Quem poderia deixar de perceber que a decisão sobre o significado do sinal foi tomada por ele e só por ele? Seria possível deduzir outra coisa dessa série de insucessos: por exemplo, que seria melhor se ele fosse carpinteiro ou revolucionário. **Ele carrega, portanto, a total responsabilidade da decifração. O desamparo implica que somos nós mesmos que escolhemos o nosso ser. Desamparo e angústia caminham juntos.** Quanto ao **desespero**, trata-se de um conceito extremamente simples. **Ele significa que só podemos contar com o que depende da nossa vontade ou com o conjunto de probabilidades que tornam a nossa ação possível.** Quando se quer alguma coisa, há sempre elementos prováveis. Posso contar com a vinda de um amigo. Esse amigo vem de trem ou de ônibus; sua vinda pressupõe que o ônibus chegará na hora marcada e que o trem não descarrilhará. Permaneço no reino das possibilidades; porém, trata-se de contar com os possíveis apenas na medida exata em que nossa ação comporta o conjunto desses possíveis. A partir do momento em que as possibilidades que estou considerando não estão diretamente envolvidas em minha ação, é preferível desinteressar-me delas, pois nenhum Deus, nenhum designo poderá adequar o mundo e seus possíveis à minha vontade. No fundo, quando Descartes afirmava: “É melhor vencermo-nos a nós mesmos do que ao mundo”, ele queria dizer a mesma coisa: agir sem esperança. Os marxistas, com quem conversei, retrucam-me: “Em sua ação, que estará, evidentemente, limitada por sua morte, você pode contar com a ajuda dos outros. Isso significa contar, simultaneamente, com o que os outros farão alhures para ajudá-lo, na China, na Rússia, e com o que eles farão mais tarde, depois de sua morte, para retomar sua ação e conduzi-la até sua completa realização, ou seja, à revolução. Você deve contar com isso, caso contrário estará demonstrando falta de moral”. Antes de mais nada devo dizer que contarei sempre com meus companheiros de luta, na medida em que esses companheiros estão **engajados** comigo numa luta concreta e comum, na unidade de um partido ou de um grupo que eu posso, em linhas gerais, controlar; ou seja, ao qual eu pertenço como militante, e de cujos movimentos estou ciente a cada instante. Nesse caso, contar com a unidade e com a vontade desse partido é exatamente como contar com o fato de que o ônibus chegará na hora certa e o trem não descarrilhará. Não posso, porém, contar com homens que não conheço,

Jogos/Filosofia:



Filosofighter

Escolha o seu filósofo (Platão, Santo Agostinho, Maquiavel, Descartes, Rousseau, Marx, Nietzsche, Simone de Beauvoir e Sartre) e bom divertimento.

<http://super.abril.com.br/multimedia/filosofighters-631063.shtml>

História:



Revolução russa (1917)

Os bolcheviques, liderados por Lênin, organizaram uma nova revolução que ocorreu em outubro de 1917. Prometendo paz, terra, pão, liberdade e trabalho, Lênin assumiu o governo da Rússia e implantou o socialismo. As terras foram redistribuídas para os trabalhadores do campo, os bancos foram nacionalizados e as fábricas passaram para as mãos dos trabalhadores. Muitos integrantes da monarquia, além de seus simpatizantes e opositores ao nascente regime socialista, foram perseguidos e condenados à morte pelos revolucionários.

Lênin também retirou seu país da Primeira Guerra Mundial no ano de 1918. Foi instalado o partido único: o PC (Partido Comunista).

Fonte:

<http://www.suapesquisa.com/russa/>

Fascismo: (1) Tendência para o exercício de forte controle autocrático ou ditatorial. (2) Movimento político e filosófico (como o estabelecido por Benito Mussolini na Itália, em 1922).

Literatura:

fundamentando-me na bondade humana ou no interesse do homem pelo bem-estar da sociedade, já que **o homem é livre e que não existe natureza humana na qual possa me apoiar**. Não sei qual será o futuro da **revolução russa**; posso admirá-la e tomá-la como exemplo, na medida em que tenho provas, hoje, de que o proletariado desempenha, na Rússia, um papel que ele não desempenha em nenhuma outra nação. Mas não posso afirmar que tal situação irá forçosamente conduzir ao triunfo do proletariado; devo ater-me ao que vejo; não posso ter certeza de que meus companheiros de luta retomarão o meu trabalho após minha morte para o conduzir à máxima perfeição, visto que esses homens são livres e decidirão livremente, amanhã, sobre o que será o homem; amanhã, após minha morte, alguns homens podem decidir instaurar o **fascismo**, e outros podem ser bastante covardes ou fracos para permitir que o façam; nesse momento, o **fascismo** será a verdade humana e pior para nós; na realidade, as coisas serão como o homem decidir que elas sejam. Isso significa que eu deva abandonar-me ao **quietismo**? De modo algum. Primeiro, tenho que me **engajar**; em seguida, agir segundo a velha fórmula: “não é preciso ter esperança para empreender”. Isso não quer dizer que eu não deva pertencer a um partido, mas que não deverei ter ilusões e que farei o melhor que puder. Por exemplo, se eu perguntar a mim mesmo: a coletivização, enquanto tal, será um dia implantada? Como vou saber? Sei apenas que farei tudo o que estiver ao meu alcance para que ela o seja; eu o farei; para além disso, não posso contar com mais nada. O **quietismo** é a atitude daqueles que dizem: os outros podem fazer o que eu não posso. A doutrina que lhes estou apresentando é justamente o contrário do quietismo, visto que ela afirma: **a realidade não existe a não ser na ação**; aliás, vai mais longe ainda, acrescentando: **o homem nada mais é do que o seu projeto**; só existe na medida em que se realiza; **não é nada além do conjunto de seus atos, nada mais que sua vida**. Em função disso, podemos entender por que nossa doutrina horroriza certo número de pessoas. Frequentemente, elas dispõem de um único recurso para suportar a sua miséria, e é o de pensar o seguinte: “As circunstâncias estavam contra mim; eu valia muito mais do que aquilo que fui; é certo que não tive nenhum grande amor ou nenhuma grande amizade, mas foi porque não encontrei um homem ou uma mulher dignos de tal sentimento; se não escrevi livros muito bons, foi porque não tive tempo livre suficiente para fazê-lo; se não tive filhos a quem me dedicar, foi porque não encontrei o homem com quem teria podido construir a minha vida. Permaneceram, portanto, em mim, inutilizadas e inteiramente viáveis, uma porção de disposições, de inclinações, de possibilidades que me conferem um valor que o simples conjunto de meus atos não permitem inferir”. **Ora, na verdade, para o existencialista, não existe amor senão aquele que se constrói; não há possibilidade de amor senão a que se manifesta num amor; não há gênio senão aquele que se expressa em obras**



Marcel Proust (1871-1922)

Escritor francês, famoso por sua obra ***Em busca do tempo perdido***.



Jean Baptiste Racine (1639-1699).
Escritor francês considerado um dos maiores dramaturgos clássicos da França.

de arte; o gênio de Proust é a totalidade das obras de **Proust**; o gênio de **Racine** é a série de tragédias que escreveu; para além disso, não há nada. Por que atribuir a Racine a possibilidade de escrever uma outra tragédia, se, justamente, ele não o fez? Um homem compromete-se com sua vida, desenha seu rosto e para além desse rosto, não existe **nada**. Evidentemente, tal pensamento pode parecer difícil de aceitar por alguém que tenha fracassado em seus projetos de vida. Mas, por outro lado, ele leva as pessoas a entenderem que só a realidade conta, que os sonhos, as esperas, as esperanças, só permitem que o homem se defina como sonho malgrado, como esperanças abortadas, como esperas inúteis; ou seja, que ele se defina em negativo e não em positivo; todavia, quando se diz: “tu nada mais és do que tua vida...”, isso não implica que o artista seja julgado unicamente por suas obras de arte; mil outras coisas contribuem igualmente para defini-lo. O que queremos dizer é que um homem nada mais é do que uma série de empreendimentos, que ele é a soma, a organização, o conjunto das relações que constituem esses empreendimentos.

História/África:



Amazonas do Daomé: guerreiras africanas do Daomé, também conhecidas como as guerreiras de Mino (atual Benin). Exército de mulheres criado no início do século XVII, e por quase 200 anos dominou e prevaleceu invicto. As Amazonas do Daomé eram mulheres altas e fisicamente fortes, rigidamente disciplinadas. Elas utilizavam como vestimentas uma túnica e um par de calças na altura do joelho e usavam diversas armas, incluindo espadas curtas, adagas, machados, arcos e lanças. No século XIX foi adicionada aos utensílios de luta até mesmo armas de fogo. Além de participar dos combates, também realizavam tarefas de carrasco, fazendo execuções de prisioneiros.

Arte/Grafite:



Artista francesa YZ Yseult fez diversos grafites em Benin resgatando a história das Amazonas de Daomé.



Vocabulário:

Handicap: termo inglês que significa vantagem ou

Texto 16 – O segundo Sexo

Autora: Simone de Beauvoir

Fonte: *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir, in <http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>, pp. 81-86.

O MUNDO sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da **filosofia existencial** os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a **hierarquia dos sexos se estabeleceu**. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham em presença, **cada uma delas quer impor à outra sua soberania**; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. **Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão**. Compreende-se, pois que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. **Mas que privilégio lhe permitiu satisfazer essa vontade?**

As informações que fornecem os **etnógrafos** acerca das formas primitivas da sociedade humana são **terrivelmente contraditórias** e tanto mais quanto eles são mais bem informados e menos sistemáticos. É singularmente difícil ter uma ideia da situação da mulher no período que precedeu o da agricultura. Não se sabe sequer se, em condições de vida tão diferentes das de hoje, a musculatura da mulher, seu aparelho respiratório, não eram tão desenvolvidos como os do homem. **Duros trabalhos eram-lhe confiados e, em particular, ela é que carregava os fardos**. Entretanto, este último fato é ambíguo: é possível que essa função lhe fosse determinada para que, nos comboios, o homem conservasse as mãos livres a fim de defender-se contra os agressores ocasionais, indivíduos ou animais.

Seu papel era, portanto, o mais perigoso e o que exigia **mais vigor**. Parece, entretanto, que **em muitos casos as mulheres eram bastante robustas e resistentes para participar das expedições dos guerreiros**. Segundo as narrativas de Heródoto, as descrições relativas às **Amazonas do Daomé** e muitos outros testemunhos antigos e modernos, aconteceu **mulheres tomarem parte em guerras e vinditas sangrentas**. Mostravam nessas ocasiões **a mesma coragem e a mesma crueldade que os homens**. Citam-se algumas que mordiam ferozmente o fígado de seus inimigos. **Apesar de tudo**, é provável que, então como hoje, **os homens tivessem o privilégio da força física**. Na era da maça e das feras, na era em que as resistências da Natureza atingiam um ponto máximo e as ferramentas eram as mais elementares, **essa superioridade devia ter uma enorme importância**. Em todo caso, por robustas que fossem as mulheres, na luta contra o mundo hostil as **servidões da reprodução** representavam para elas um terrível **handicap**: conta-se que as Amazonas mutilavam os seios, o que

desvantagem. Pode significar também obstáculos, dificuldades, incapacidade. Beauvoir utiliza tal conceito referindo-se ao segundo sentido (obstáculo).

Filosofia/Matemática:



Hipácia (350 d.C. – 415 d. C.)
Filósofa neoplatonista, matemática e astrônoma do “Egito Romano”. É considerada a primeira mulher da matemática e a última intelectual de destaque da Alexandria. Foi morta de forma brutal, acusada de bruxaria.

Filmes/Cinema:



Alexandria (Ágora) – 2009
Direção: Alejandro Amenábar.



A atriz britânica Rachel Weisz interpretou a filósofa Hipácia na superprodução espanhola *Alexandria (Ágora)*.

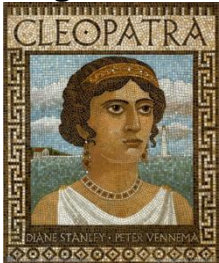
significava que, pelo menos durante o período de sua vida guerreira, **recusavam a maternidade**. Quanto às **mulheres normais**, a gravidez, o parto, a menstruação diminuíam sua **capacidade de trabalho e condenavam-nas a longos períodos de impotência**. Para se defender contra os inimigos, para assegurar sua manutenção e a da prole, elas necessitavam da proteção dos guerreiros, e do produto da caça, da pesca a que se dedicavam os homens; como não havia evidentemente nenhum controle dos nascimentos, como a Natureza não assegura à mulher períodos de esterilidade como às demais fêmeas de mamíferos, **as maternidades repetidas deviam absorver a maior parte de suas forças e de seu tempo**. Não eram capazes de assegurar a vida dos filhos que pariam. E eis um primeiro fato de pesadas consequências: os primeiros tempos da espécie humana foram difíceis. Os povos coletores, caçadores e pescadores só extraíam do solo poucas riquezas e à custa de duros esforços. Nasciam crianças demais em relação aos recursos da coletividade; **a fecundidade absurda da mulher impedia-a de participar ativamente na ampliação desses recursos**, ao passo que criava indefinidamente novas necessidades. Imprescindível à perpetuação da espécie, **perpetuava-se de maneira exagerada: o homem é que assegurava o equilíbrio da reprodução e da produção**. Assim, a mulher não tinha sequer o privilégio de manter a vida em face do macho procriador; não desempenhava o papel do óvulo em relação ao espermatozoide, da matriz em relação ao falo; só tinha uma parte no esforço da espécie humana por perseverar em seu ser, e era graças ao homem que esse esforço se realiza concretamente.

Entretanto, como o equilíbrio da produção-reprodução consegue sempre estabelecer-se, ainda que à custa de infanticídios, de sacrifícios, de guerras, **homens e mulheres do ponto de vista da sobrevivência coletiva são igualmente necessários**. Poder-se-ia mesmo supor que, em certos estágios de abundância alimentar, **seu papel protetor e nutritivo tenha subordinado o macho à mulher-mãe**. Há fêmeas animais que encontram na maternidade uma completa autonomia; **por que a mulher não conseguiu fazer disso um pedestal?**

Mesmo nos momentos em que a humanidade reclamava mais asperamente maior número de nascimentos, a necessidade de mão-de-obra superando a de matérias-primas a explorar, mesmo nas épocas em que a maternidade foi mais venerada, **não permitiu ela que as mulheres conquistassem o primeiro lugar**. A razão está em que a humanidade não é uma simples espécie natural: ela não procura manter-se enquanto espécie; seu projeto não é a estagnação: ela tende a superar-se.

As hordas primitivas quase não se interessavam pela sua posteridade. Não estando fixadas em um território, nada possuindo, não se encarnando em nenhuma coisa estável, não podiam ter nenhuma ideia concreta da permanência. Não

História/Egito/Rainha:



Cleóprata (69 a.C. a 30 a. C.)

Uma das mais famosas faraós do Egito Antigo. Ela consumou uma ligação com Júlio César (Roma), que solidificou sua permanência no trono. Mais tarde, ela elevou seu filho com César, Cesário, para corregente. Cleóprata foi uma grande negociante, estrategista militar, falava seis idiomas e conhecia filosofia, literatura e arte gregas.

Filme/Cinema:

Cleopatra (1963)

Direção: Rouben Mamoulian

Elenco: Elizabeth Taylor



O filme foi criticado por representar uma Cleopatra branca/caucasiana, distante dos traços possíveis da real Cleóprata. Compare com a imagem acima.

História/França:



Joana D'Arc (1412-1431)

Joana d'Arc é uma heroína francesa e santa da igreja católica. Líder militar da Guerra dos Cem Anos. Sem nenhum conhecimento militar, convenceu na base da fé um pequeno grupo de soldados a acompanhá-la. A camponesa obteve o que parecia impossível: seu próprio exército, de cerca de 7 mil homens, e a autorização real para marchar até Orleans (a 130 km de Paris) e livrá-la do cerco inglês.

tinham a preocupação de sobreviver a si mesmas e não se reconheciam na sua descendência: não temiam a morte e não reclamavam herdeiros; os filhos constituíam para elas um encargo e não uma riqueza; a prova está em que os infanticídios foram numerosos entre os povos nômades e muitos recém-nascidos que não eram exterminados morriam por falta de higiene em meio à indiferença geral. A mulher que engendra não conhece pois o orgulho da criação; sente-se o joguete passivo de forças obscuras e o parto doloroso é um acidente inútil e até importuno. Mais tarde, deu-se maior importância ao filho. Contudo, engendrar, aleitar não são atividades, são funções naturais; nenhum projeto nelas se empenha. Eis por que nelas a mulher não encontra motivo para uma afirmação ativa de sua existência: ela suporta passivamente seu destino biológico. Os trabalhos domésticos a que está votada, porque só eles são conciliáveis com os encargos da maternidade, encerram-na na repetição e na imanência; reproduzem-se dia após dia sob uma forma idêntica que se perpetua quase sem modificação através dos séculos: não produzem nada de novo. O caso do homem é radicalmente diferente; ele não alimenta a coletividade à maneira das abelhas operárias mediante simples processo vital e sim com atos que transcendem sua condição animal. O homo faber é desde a origem dos tempos um inventor: já o bastão e a maça com que se arma para derrubar os frutos ou derrubar os animais, são instrumentos com os quais ele aumenta seu domínio sobre o mundo. Não se atém a transportar para o lar peixes pegados nas águas, cumpre-lhe primeiramente assenhorear-se destas fabricando pirogas: para apossar-se das riquezas do mundo, ele anexa o próprio mundo. Nessa ação, experimenta seu poder: põe objetivos, projeta caminhos em direção a eles, realiza-se como existente. Para manter, cria; supera o presente, abre o futuro. Eis porque as expedições de caça e pesca assumem um caráter sagrado. Acolhem-se os seus êxitos com festas e triunfos; o homem neles conhece sua humanidade. Esse orgulho, ele o manifesta ainda hoje quando constrói uma barragem, um arranha-céu, uma pilha atômica. Não trabalhou somente para conservar o mundo dado: dilatou-lhes as fronteiras, lançou bases de um novo futuro.

Sua atividade tem outra dimensão que lhe dá sua suprema dignidade, e ela é amiúde perigosa. Se o sangue não passasse de alimento, não teria mais valor que o leite; mas o caçador não é um carniceiro: na luta contra os animais selvagens corre riscos. O guerreiro põe em jogo a própria vida para aumentar o prestígio da horda e do clã a que pertence. Com isso, prova de maneira convincente que a vida não é para o homem o valor supremo, que ela deve servir a fins mais importantes do que ela própria. A maior maldição que pesa sobre a mulher é estar excluída das expedições guerreiras. Não é dando a vida, é arriscando-a que o homem se ergue acima do animal; eis por que, na humanidade, a superioridade é

Arte:

Camille Claudel (1864-1943)



Texto: Fernanda S. Franco
Historinha do oito de março

Em janeiro, durante a viagem à Paris, dentre os muitos museus incríveis que pude conhecer, um dos destinos certos era o Museu Rodin. Afinal, conhecer o *Pensador*, os *Portões do Inferno* é conhecer a genialidade de um artista inigualável.

No entanto, naquele museu, eu entrei diferente. Porque ali estava a narrativa de vida de Camille Claudel.

Camille foi uma jovem brilhante, reconhecidamente brilhante, na arte da escultura tanto por seu amante e tutor, Rodin, como por toda a classe artística parisiense do virar do século XIX ao XX. Rodin afirmava inclusive que Camille influenciou a obra dele como nenhum outro artista e que muitas vezes ele se assombrou com a habilidade dela, muito superior à dele, e se inspirou em sua visão artística. Foi ela inclusive a responsável por todas as mãos e pés dos *Portões do Inferno* (é notório que Rodin explorava seus aprendizes sem qualquer menção no crédito das obras). Camille era muito mais jovem que o seu "mestre"; eles eram amantes. Ele a abandonou. Rodin, já ao fim da vida, decidiu que aquele prédio seria o museu que levaria seu nome, decidiu quais obras suas deveriam ficar para a humanidade ali. Porque Rodin era bom demais e artista demais para não ser reconhecido.

Camille terminou sua vida em um hospício, morreu sozinha e mal cuidada, sem acesso a qualquer possibilidade de criar após décadas ali trancada, considerada louca porque... era boa demais e livre demais para uma mulher.

Ver ali ao vivo em meio a tantas odes ao ego do artista uma sala tímida dedicada a ela e que tinha em seu centro a escultura *l'age mûr*, o retrato de Camille jovem, desesperada clamando por Rodin, que a deixa pela companheira segura, a velhice, essa, que é a última obra de uma artista que poderia ter sido, foi um dos momentos mais belos e mais tristes

outorgada não ao sexo que engendra e sim ao que mata.

Temos aqui a chave de todo o mistério. No nível da biologia é somente criando-se inteiramente de novo que uma espécie se mantém; mas essa criação não passa de uma repetição da mesma Vida sob formas diferentes. **É transcendendo a Vida pela Existência que o homem assegura a repetição da Vida: com essa superação, ele cria valores que denegam qualquer valor à repetição simples.** No animal, a gratuidade, a variedade das atividades do macho permanecem vãs porque nenhum projeto o habita; quando não serve a espécie, o que faz não é nada; ao passo que, servindo a espécie, **o macho humano molda a face do mundo, cria instrumentos novos, inventa, forja um futuro.** Pondo-se como soberano, ele encontra a cumplicidade da própria mulher, porque ela é também um **existente, ela é habitada pela transcendência e seu projeto não está na repetição e sim na sua superação em vista de um futuro diferente; ela acha no fundo de seu ser a confirmação das pretensões masculinas.** Associa-se aos homens nas festas que celebram os êxitos e as vitórias dos machos. Sua desgraça consiste em ter sido biologicamente votada a repetir a Vida, quando a seus próprios olhos a Vida não apresenta em si suas razões de ser e essas razões são mais importantes do que a própria vida.

Certas passagens da dialética com que **Hegel** define a relação do **senhor com o escravo** se aplicariam muito melhor à relação do **homem com a mulher**. O privilégio do senhor, diz, vem de que afirma o Espírito contra a Vida pelo fato de arriscar sua vida; mas, na realidade, o escravo vencido conheceu o mesmo risco, **ao passo que a mulher é originalmente um existente que dá a Vida e não arrisca sua vida: entre ela e o macho nunca houve combate.** A definição de **Hegel** aplica-se singularmente a ela. "A outra [consciência] é a consciência dependente para a qual a realidade essencial é a vida animal, isto é, o ser dado por uma entidade outra." Mas essa relação distingue-se da relação de opressão porque a mulher visa e reconhece, ela também, os valores que são concretamente atingidos pelo homem: ele é que abre o futuro para o qual transcende. **Em verdade, as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos; foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: entenderam criar um campo de domínio feminino — reinado da vida, da imanência — tão-somente para nele encerrar a mulher; mas é além de toda especificação sexual que o existente procura sua justificação no movimento de sua transcendência: a própria submissão da mulher é a prova disso.** **O que elas reivindicam hoje é serem reconhecidas como existentes ao mesmo título que os homens e não de sujeitar a existência à vida, o homem à sua animalidade.**

Uma **perspectiva existencial** permitiu-nos, pois, compreender como a situação biológica e econômica das hordas primitivas devia acarretar a supremacia dos machos. A fêmea,

que a arte já me proporcionou. Porque se Camille fosse Rodin, *L'age mûr* seria maior que *O Pensador*; ela é genial, o apogeu do encontro entre técnica, beleza e catarse artística.

Mas Camille era apenas Camille.

Hoje é oito de março, Camille. Lutamos hoje para que um dia essa data seja de comemoração.”



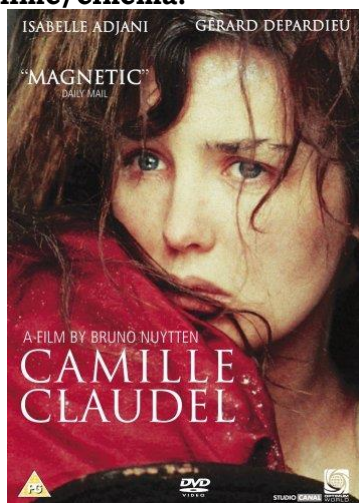
Obra: *L'age mur* (Idade madura)

Data: 1898-1913

Técnica: Prata e Bronze

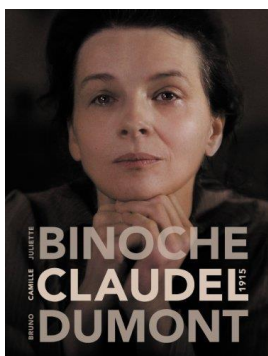
Local: Musée d'Orsay e Musée Rodin, Paris, França.

Filme/cinema:



Camille Claudel (1988)

Direção: Bruno Nuytten



Camille Claudel 1915 (2013)

Direção: Bruno Dumont

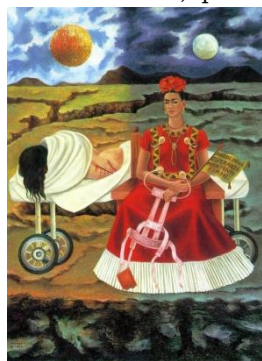
mais do que o macho, **é presa da espécie**; a humanidade sempre procurou evadir-se de seu destino específico; pela invenção da ferramenta, a manutenção da vida tornou-se para o homem atividade e projeto, ao passo que **na maternidade a mulher continua amarrada a seu corpo, como o animal**. É porque a humanidade se põe em questão em seu ser, isto é, prefere razões de viver à vida, que perante a mulher o homem se pôs como senhor; o projeto do homem não é repetir-se no tempo, é reinar sobre o instante e construir o futuro. Foi a atividade do macho que, criando valores, constituiu a existência, ela própria, como valor: **venceu as forças confusas da vida, escravizou a Natureza e a Mulher**. Cabe-nos ver agora como essa situação se perpetuou e evoluiu através dos séculos. Que lugar deu a humanidade a essa parte de si mesma que em seu seio se definiu como o Outro? Que direitos lhe reconheceram? Como a definiram os homens?

Atividade 1 – Para saber mais.

Coletânea de mulheres extraordinárias:

Arte: Frida Kahlo (1907-1954)

Em seu diário, publicado em 1995 e traduzido para diversas línguas, e em sua autobiografia publicada em 1953, Frida deixou registradas suas dores e sobretudo suas frustrações pela infidelidade do marido, por quem era extremamente apaixonada, e pela impossibilidade de ter filhos. Toda sua obra, constituída majoritariamente por autorretratos reflete essa condição.



Sua primeira tragédia acontece quando ela tinha seis anos e uma poliomielite a deixou de cama por vários dias. Como seqüela, Frida fica com um dos pés atrofiado e uma perna mais fina que a outra. Mas o fato trágico que mudaria sua vida para sempre aconteceu quando ela tinha dezoito anos.

Frida na época estudava medicina na primeira turma feminina da escola Preparatória Nacional. Então, no dia 17 de setembro de 1925, na volta para casa, ela e seu noivo Alejandro Gómez Arias, sofreram um grave acidente de ônibus que a deixou a beira da morte. Transpassada por uma barra de ferro pelo abdômen e sofrendo múltiplas fraturas, inclusive na coluna vertebral Frida levou vários meses para se recuperar. Ao todo foram necessárias 35 cirurgias e mesmo depois da recuperação ela teria complicações por causa do acidente pelo resto de sua vida chegando a relatar : “E a sensação nunca mais me deixou, de que meu corpo carrega em si todas as chagas do mundo.” Fonte e texto completo:

<http://www.infoescola.com/biografias/frida-kahlo/>



Ciência: Marie Curie (1867-1934)

Foi uma física e química polonesa. Apesar de ser uma excelente aluna na escola, ela foi impedida de entrar no ensino superior regular, que só aceitava homens. Ela lutou contra o preconceito e tornou-se uma cientista genial. Foi a primeira mulher a ganhar um Prêmio Nobel e a primeira pessoa a ganhar dois prêmios Nobel em áreas diferentes.

Adélia Prado

Com licença poética

*Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.*

*Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.*

*Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.*

*Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem
dor.*

*Mas o que sinto escrevo. Cumpro a
sina.*

*Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.*

*Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.*

*Vai ser coxo na vida é maldição pra
homem.*

Mulher é desdobrável. Eu sou.

“a mulher não encontra motivo para uma afirmação ativa de sua existência: ela suporta passivamente seu destino biológico.”

Simone de Beauvoir

“eis por que, na humanidade, a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra e sim ao que mata.”

Simone de Beauvoir

Atividade 2

Você conhece outras mulheres que marcaram a história da humanidade? Descreva a história delas aqui e compartilhe com seus amigos.

Matemática/Computação:

Ada Lovelace (1815-1852)

É considerada a primeira programadora do mundo, muito antes da nossa ideia atual de computador pessoal existir. Nasceu em 1815, no Reino Unido, e era filha de Lorde Byron, a única filha legítima do escritor com sua esposa Anne Isabella. Cresceu em um ambiente de lógica e de estudos matemáticos e logo seus talentos

com os números a aproximaram do inventor Charles Babbage, professor e inventor. Os estudos dos dois permaneceram quase esquecidos, até que as anotações de Lovelace foram republicadas e se tornaram essenciais para inspirar o trabalho de Alan Turing sobre os primeiros computadores modernos na década de 1940.



História/Brasil:

Maria Quitéria de Jesus (1789-1853)

Foi uma militar brasileira, heroína da Guerra da Independência. Teve que se disfarçar de homem meses antes para poder lutar contra os portugueses nas batalhas travadas na Bahia. É considerada a primeira mulher a assentar praça numa unidade militar das Forças Armadas Brasileiras e a primeira mulher a entrar em combate pelo Brasil, em 1823.

História/Brasil:

Anita Garibaldi (1821-1949)

Companheira do revolucionário Giuseppe Garibaldi, Ana Maria de Jesus Ribeiro, a Anita Garibaldi, é conhecida como a Heroína dos Dois Mundos. Após se apaixonar pelo revolucionário, a catarinense se entregou aos ideais democráticos e liberais, aprendeu a lutar com espadas e usar armas de fogo, convertendo-se em uma guerreira que o acompanharia em todos os combates. O casal participou de uma batalha em Curitiba, que resultou em uma fuga de ambos para Montevidéu. Anita morreu em San Martino, no Uruguai, de febre tifóide e foi enterrada na colina de Gianicolo, em Roma, onde Garibaldi e sua esposa são homenageados com estátuas.



História/Rússia:

Valentina Tereshkova (1937-)

Foi a primeira mulher a viajar para o espaço, em 16 de junho de 1963. Ela encarnava o ideal soviético completamente. Nasceu em uma família comunista de trabalhadores operários e rurais na Rússia. Seu pai era motorista de trator e, sua mãe, funcionária de uma fábrica têxtil. Desde cedo, a jovem já curti se aventurar - e esse foi um dos fatores determinantes para a sua escolha. Por gosto, começou a participar de um clube de paraquedistas amadores e deu seu



primeiro salto aos 22 anos.



**Arte/França:
Coco Chanel (1883-1971)**

Agradeça a Gabrielle Bonheur Chanel por poder usar suas calças compridas e seu vestidinho tubinho. A estilista francesa inverteu os padrões da moda nos anos 20 e conseguiu atribuir ao vestuário feminino, peças masculinas e roupas que valorizam as curvas. Para completar, lançou o clássico perfume Chanel n°5 (seu número da sorte) e o corte acima dos ombros.

História Brasil:

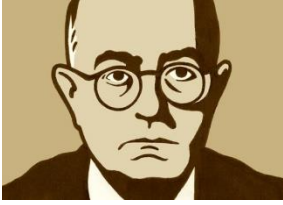
Maria da Penha Maia Fernandes (1945 - ...)

Por trás de um nome simples está uma das mulheres mais importantes da história recente do Brasil. Maria da Penha Maia Fernandes é líder de movimentos de defesa dos direitos das mulheres e vítima de violência doméstica — ficou paraplégica ao levar um tiro do marido enquanto dormia.

O nome dela virou Lei em 2006, estabelecendo o aumento das punições às agressões contra a mulher e uma série de medidas para proteger a integridade física e psicológica de mulheres vítimas de violência.



Filosofia:



Theodor Adorno (1903-1969)

Foi um filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão. É um dos expoentes da chamada Escola de Frankfurt, juntamente com Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas, dentre outros.

Texto *Educação após Auschwitz*: texto lido em uma emissora de rádio e depois publicado na obra *Mínima Moralía*.



Auschwitz: “Milhões de pessoas inocentes, e só o simples fato de citar números já é humanamente indigno, quanto mais discutir quantidades, foram assassinadas de uma maneira planejada.”



Na primeira foto, tirada em 1944, funcionários de Auschwitz brincam entre si, divertem-se. Na segunda foto, pilha de cadáveres em Auschwitz.

Texto 17: EDUCAÇÃO APÓS AUSCHWITZ

Autor: Theodor Adorno

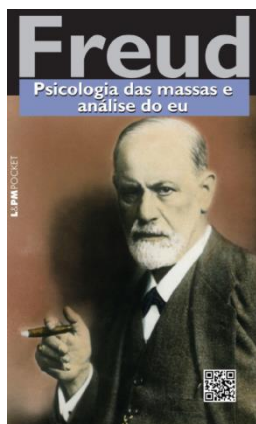
Tradução: Wolfgang Leo Maar

A exigência que **Auschwitz** não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas. Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão. E isto que apavora. Apesar da não-visibilidade atual dos infortúnios, a pressão social continua se impondo. Ela impele as pessoas em direção ao que é indescritível e que, nos termos da história mundial, culminaria em Auschwitz. Dentre os conhecimentos proporcionados por **Freud**, efetivamente relacionados inclusive à cultura e à sociologia, um dos mais perspicazes parece-me ser aquele de que a civilização, por seu turno, origina e fortalece progressivamente o que é anticivilizatório. Justamente no que diz respeito a Auschwitz, os seus ensaios **O mal-estar na cultura e Psicologia de massas e análise do eu** mereceriam a mais ampla divulgação. Se a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório, então pretender se opor a isso tem algo de desesperador.

A reflexão a respeito de como evitar a repetição de Auschwitz é obscurecida pelo fato de precisarmos nos conscientizar desse elemento desesperador, se não quisermos cair presas da retórica idealista. Mesmo assim é preciso tentar, inclusive porque tanto a estrutura básica da sociedade como os seus membros, responsáveis por termos chegado onde estamos, não mudaram nesses vinte e cinco anos. Milhões de pessoas inocentes, e só o simples fato de citar números já é humanamente indigno, quanto mais discutir quantidades - foram assassinadas de uma maneira planejada. Isto não pode ser minimizado por nenhuma pessoa viva como sendo um fenômeno superficial, como sendo uma aberração no curso da história, que não importa, em face da tendência dominante do progresso, do esclarecimento, do humanismo supostamente crescente. O simples fato de ter ocorrido já constitui por si só expressão de uma tendência social imperativa. Nesta medida gostaria de remeter a um evento, que de um modo muito



Sigmund Freud (1856-1939):
*O Mal estar na cultura e
Psicologia de massas e
análises do eu*



“Pessoas que se enquadram cegamente no coletivo fazem de si mesmas meros objetos materiais, anulando-se como sujeitos dotados da motivação própria.”
Educação e Emancipação
Theodor Adorno

História:

Enver Pascha: foi um oficial militar e político turco, um dos líderes da revolução organizada pelos chamados *Jovens Turcos*. Enver foi um dos responsáveis pelo genocídio armênio.

Talaat Pascha: ministro do Interior da Turquia durante a 1ª. Guerra Mundial, ordenou em 24 de abril de 1915, a prisão de líderes armênios em Constantinopla, e vigorou a Lei Tehcir de Maio de 1915 que iniciou o Genocídio da população armênia do Império Otomano. Foi morto por um armênio, sobrevivente genocídio, em 1921.

História:

Genocídio Armênio foi o extermínio sistemático pelo governo otomano de seus súditos

sintomático parece pouco conhecido na Alemanha, apesar de constituir a temática de um *best-seller* como ***Os quarenta dias de Musa Dagh***, de Werfel. Já na Primeira Guerra Mundial os turcos - o assim chamado movimento turco jovem dirigido por **Enver Pascha** e **Talaat Pascha**, **mandaram assassinar mais de um milhão de armênios**. Importantes quadros militares e governamentais, embora, ao que tudo indica, soubessem do ocorrido, guardaram sigilo estrito. O genocídio tem suas raízes naquela **ressurreição do nacionalismo** agressor que vicejou em muitos países a partir do fim do século XIX.

Além disso não podemos evitar ponderações no sentido de que a **invenção da bomba atômica**, capaz de matar centenas de milhares literalmente de um só golpe, **insere-se no mesmo nexos histórico que o genocídio**. Tornou-se habitual chamar o aumento súbito da população de explosão populacional: parece que a fatalidade histórica, para fazer frente à explosão populacional, dispõe também de contra-explosões, o morticínio de populações inteiras. Isto só para indicar como as forças às quais é preciso se opor integram o curso da história mundial.

Como hoje em dia é extremamente limitada a possibilidade de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos que geram tais acontecimentos, as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz são impelidas necessariamente para o lado subjetivo. Com isto refiro-me sobretudo também à psicologia das pessoas que fazem coisas desse tipo. **Não acredito que adianta muito apelar a valores eternos, acerca dos quais justamente os responsáveis por tais atos reagiriam com menosprezo; também não acredito que o esclarecimento acerca das qualidades positivas das minorias reprimidas seja de muita valia. É preciso buscar as raízes nos perseguidores e não nas vítimas, assassinadas sob os pretextos mais mesquinhos.** Torna-se necessário o que a esse respeito uma vez denominei de **inflexão em direção ao sujeito**. É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma **consciência geral acerca desses mecanismos**. Os culpados não são os assassinados, nem mesmo naquele sentido caricato e sofista que ainda hoje seria do agrado de alguns. **Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva.** E necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. **A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica.** Contudo, na medida em que, conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição **precisa se concentrar na primeira infância**. Já mencionei a tese de Freud acerca do mal-

armênios, minoritários dentro de sua pátria histórica, que se encontra no território que constitui a atual República da Turquia. O número total de pessoas mortas como resultado do genocídio é estimado entre 800 mil e 1,5 milhão. O dia 24 de abril de 1915 é convencionalmente considerado a data de início dos massacres, quando as autoridades otomanas caçaram, prenderam e executaram cerca de 250 intelectuais e líderes comunitários armênios em Constantinopla.



Mulheres cruxificadas durante o genocídio armênio. Autor desconhecido.

Filme / Cinema:



Uma História de loucura (2014)
Diretor: Robert Guédiguian
História do primeiro genocídio do século XX. De acordo com Freud e Adorno, a barbárie está dentro daquilo que entendemos como civilizatório. “Se a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório, então pretender se opor a isso tem algo de desesperador.”

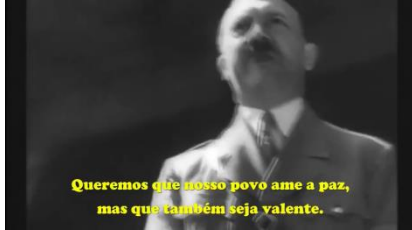
estar na cultura. Ela é ainda mais abrangente do que ele mesmo supunha: sobretudo porque, entretanto, **a pressão civilizatória observada por ele multiplicou-se em uma escala insuportável.** Por essa via as tendências à explosão a que ele atentara atingiriam uma violência que ele dificilmente poderia imaginar. porém o mal-estar na cultura tem seu lado social - o que Freud sabia, embora não o tenha investigado concretamente. É possível falar da claustrofobia das pessoas no mundo administrado, um sentimento de encontrar-se enclausurado numa situação cada vez mais socializada, como uma rede densamente interconectada. **Quanto mais densa é a rede, mais se procura escapar, ao mesmo tempo em que precisamente a sua densidade impede a saída.** Isto aumenta a raiva contra a civilização. Esta torna-se alvo de uma rebelião violenta e irracional.

Um esquema sempre confirmado na história das perseguições é o de que a violência contra os fracos se dirige principalmente contra os que são considerados socialmente **fracos** e, ao mesmo tempo, seja isto verdade ou não, **felizes**. De uma perspectiva sociológica eu ousaria acrescentar que **nossa sociedade, ao mesmo tempo em que se integra cada vez mais, gera tendências de desagregação.** Essas tendências encontram-se bastante desenvolvidas logo abaixo da superfície da vida civilizada e ordenada. A pressão do geral dominante sobre tudo que é particular, os homens individualmente e as instituições singulares, tem uma tendência a destroçar o particular e individual juntamente com seu potencial de resistência. Junto com sua identidade e seu potencial de resistência, as pessoas também perdem suas qualidades, graças a qual têm a capacidade de se contrapor ao que em qualquer tempo novamente seduz ao crime. Talvez elas mal tenham condições de resistir quando lhes é ordenado pelas forças estabelecidas que repitam tudo de novo, desde que apenas seja em nome de quaisquer ideais de pouca ou nenhuma credibilidade.

Quando falo de educação após Auschwitz, refiro-me a duas questões: primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto, um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes. Evidentemente não tenho a pretensão de sequer esboçar o projeto de uma educação nesses termos. Contudo, quero ao menos **indicar alguns pontos nevrálgicos.** Com frequência por exemplo, nos Estados Unidos - o espírito germânico de confiança na autoridade foi responsabilizado pelo nazismo e também por Auschwitz. Considero esta afirmação excessivamente superficial, embora na Alemanha, como em muitos outros países europeus, comportamentos autoritários e autoridades cegas perdurem com mais tenacidade sob os pressupostos da democracia formal do que se queira

História:

Discurso de Hitler



Note os valores defendidos por Hitler: paz, amor, valorização da massa, do povo alemão, união, juventude, fim da divisão de classes sociais, direitos iguais a todos, obediência, valentia, força no coletivo, "unidos a nós, vocês não serão excluídos." Pense que esses valores estão diretamente ligados à barbárie cometida pelo Reich.

https://www.youtube.com/watch?v=mP4k0E9sY_8

Filme/Cinema:



O grande ditador (1940)

Direção e roteiro: **Charles Chaplin**

O link abaixo é um excelente monólogo feito por Chaplin satirizando Hitler e apresentando como um discurso sedutor pode se tornar em ódio ao diferente.

<https://www.youtube.com/watch?v=E2MrMJdNv18>



reconhecer. Antes é de se supor que o fascismo e o horror que produziu se relacionam com o fato de que as antigas e consolidadas autoridades do império haviam ruído e se esfacelado, mas **as pessoas ainda não se encontravam psicologicamente preparadas para a autodeterminação**. Elas não se revelaram à altura da liberdade com que foram presenteadas de repente. É por isso que as estruturas de autoridade assumiram aquela dimensão destrutiva e, por assim dizer, de desvario que antes, ou não possuíam, ou seguramente não revelavam. Quando lembramos que visitantes de quaisquer potentados, já politicamente desprovidos de qualquer função real, levam populações inteiras a explosões de êxtase, então se justifica a suspeita de que o potencial autoritário permanece muito mais forte do que o imaginado. Porém quero enfatizar com a maior intensidade que o retorno ou não retorno do fascismo constitui em seu aspecto mais decisivo uma questão social e não uma questão psicológica. Refiro-me tanto ao lado psicológico somente porque os demais momentos, mais essenciais, em grande medida escapam à ação da educação, quando não se subtraem inteiramente à interferência dos indivíduos.

Frequentemente pessoas bem-intencionadas e que se opõem a que tudo aconteça de novo citam o conceito de vínculos de **compromisso**. A **ausência de compromissos** das pessoas seria responsável pelo que aconteceu. Isto efetivamente tem a ver com a perda da autoridade, uma das condições do pavor sadomasoquista. É plausível para o entendimento humano sadio evocar compromissos que detenham o que é sádico, destrutivo, desagregador, mediante um enfático "não deves". Ainda assim **considero ser uma ilusão imaginar alguma utilidade no apelo a vínculos de compromisso** ou até mesmo na exigência de que se reestabeçam vinculações de compromisso para que o mundo e as pessoas sejam melhores. A falsidade de compromissos que se exige somente para que provoquem alguma coisa, mesmo que esta seja boa, sem que eles sejam experimentados por si mesmos como sendo substanciais para as pessoas, percebe-se muito prontamente. É espantosa a rapidez com que até mesmo as pessoas mais ingênuas e tolas reagem quando se trata de descobrir as fraquezas dos superiores. Facilmente os chamados compromissos convertem-se em passaporte moral, são assumidos com o objetivo de identificar-se como cidadão confiável, ou então, produzem rancores raivosos psicologicamente contrários à sua destinação original. Eles significam uma heteronímia, um tornar-se dependente de mandamentos, de normas que não são assumidas pela razão própria do indivíduo. O que a psicologia denomina **superego**, a **consciência moral**, é substituído no contexto dos compromissos por autoridades exteriores, sem compromisso, intercambiáveis, como foi possível observar com muita nitidez também na Alemanha depois da **queda do Terceiro Reich**. Porém

Animação: CHILDREN



Educação sem sentido, que escraviza e iguala todos num único sistema. Esse vídeo é para pensarmos como as crianças estão sendo educadas. **É uma denúncia a um tipo de educação que destrói a diversidade.**

<https://www.youtube.com/watch?v=B E4oz2u6OHY>

Filosofia:

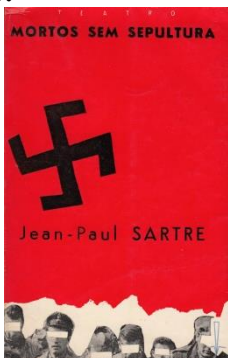
Ética kantiana: ética do dever; lei que nos diz qual é a forma correta de cumprir o dever; princípio ético fundamental que exige que eu cumpra o dever por dever, sem qualquer outra intenção ou motivo. Ex.: Matar é errado, em todos os casos, apesar de que em alguns momentos ser compreensível e justificável, no entanto, matar continua sendo errado, portanto, o meu dever é não matar.

Literatura:



O Estado da SS (1946)
Autor: Eugen Kogon.

Teatro:



Mortos sem sepultura (1946)
Autor: Jean-Paul Sartre

justamente a disponibilidade em ficar do lado do poder, tomando exteriormente como norma curvar-se ao que é mais forte, constitui aquela índole dos algozes que nunca mais deve ressurgir. Por isto a recomendação dos compromissos é tão fatal. As pessoas que os assumem mais ou menos livremente são colocadas numa espécie de permanente estado de exceção de comando. **O único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria autonomia, para usar a expressão kantiana; o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não-participação.**

Certa vez uma experiência me assustou muito: numa viagem ao lago de Constância, eu lia num jornal de Baden em que se informava acerca da peça *Mortos sem sepultura*, de Sartre, que representa as situações mais terríveis. A peça incomodava visivelmente o crítico. Mas ele não explicou este incômodo mediante o horror da coisa que constitui o horror de nosso mundo, mas torceu a questão como se, frente a uma posição como a de Sartre, que se ocupara do problema, nós tivéssemos, por assim dizer, um sentido para algo mais nobre: que não poderíamos reconhecer a ausência de sentido do horror. **Resumindo: o crítico procurava se subtrair ao confronto com o horror graças a um sofisticado palavrório existencial. O perigo de que tudo aconteça de novo está em que não se admite o contato com a questão, rejeitando até mesmo quem apenas a menciona, como se, ao fazê-lo sem rodeios, este se tomasse o responsável, e não os verdadeiros culpados.**

Em relação ao problema de autoridade e barbárie considero importante um aspecto que geralmente passa quase despercebido. Ele é mencionado numa observação do livro *O Estado da SS*, de Eugen Kogon, que contém abordagens importantes deste todo complexo e que não recebeu a atenção merecida por parte da ciência e da pedagogia. **Kogon afirma que os algozes do campo de concentração em que ele mesmo passou anos eram em sua maioria jovens filhos de camponeses. A diferença cultural ainda persistente entre a cidade e o campo constitui uma das condições do horror, embora certamente não seja nem a única nem a mais importante. Repudio qualquer sentimento de superioridade em relação à população rural. Sei que ninguém tem culpa por nascer na cidade ou se formar no campo. Mas registro apenas que provavelmente no campo o insucesso da desbarbarização foi ainda maior. Mesmo a televisão e os outros meios de comunicação de massa, ao que tudo indica, não provocaram muitas mudanças na situação de defasagem cultural. Parece-me mais correto afirmar isto e procurar uma mudança do que elogiar de uma maneira nostálgica quaisquer qualidades especiais da vida rural ameaçadas de desaparecer. Penso até que a desbarbarização do campo constitui um dos objetivos educacionais mais importantes. Evidentemente ela pressupõe um estudo da consciência e do inconsciente da respectiva população. Sobretudo é preciso atentar ao impacto dos modernos meios de comunicação de massa sobre um estado de consciência que**

História:

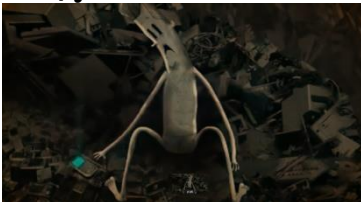
Terceiro Reich:

Os nazistas tentaram legitimar o seu poder retratando o seu regime como uma continuação do Sacro Império Romano (O Primeiro Reich) e do Segundo Reich (1871-1918). Eles cunharam o termo *Das Dritte Reich* ("O Terceiro Império" - geralmente traduzido parcialmente como "O Terceiro Reich"). Hitler denominou esse regime de *Reich de Mil Anos*, pois segundo ele o Reich não apenas sobreviveria por todo este tempo, como também não seriam necessárias mais modificações. Durante o Anschluss (unificação) com Áustria em 1938 a propaganda nazista também utilizou o slogan político *Ein Volk, ein Reich, ein Führer* ("Um povo, um Reich, um líder").



Sugestão de leitura: *O terceiro Reich* (3 volumes: *A chegada do terceiro Reich*, *O terceiro Reich no Poder*, *O terceiro Reich em Guerra*). Autor: Richard J. Evans.

Vídeo/youtube:



O vídeo apresenta de modo didático as principais ideias da Escola de Frankfurt e da Teoria Crítica

<https://www.youtube.com/watch?v=gRkrTYdJteU>

“Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva.(...). A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica.”

Theodor Adorno

ainda não atingiu o nível do liberalismo cultural burguês do século XIX.

Para mudar essa situação, o sistema normal de escolarização, frequentemente bastante problemático no campo, seria insuficiente. Penso numa série de possibilidades. Uma seria, e estou improvisando, o planejamento de transmissões de televisão atendendo pontos nevrálgicos daquele peculiar estado de consciência. Além disto, imagino a formação de grupos e colunas educacionais móveis de voluntários que se dirijam ao campo e procurem preencher as lacunas mais graves por meio de discussões, de cursos e de ensino suplementar. **Naturalmente sei que dificilmente essas pessoas serão muito bem-vistas.** Mas com o passar do tempo se estabelecerá um pequeno círculo que se imporá e que talvez tenha condições de se irradiar.

Entretanto não deve haver nenhum mal-entendido quanto à inclinação arcaica pela violência existente também nas cidades, principalmente nos grandes centros. Tendências de regressão — ou seja, pessoas com traços sádicos reprimidos — são produzidas por toda parte pela tendência social geral. Nessa medida quero lembrar a relação perturbada e patogênica com o corpo que **Horkheimer** e eu descrevemos na **Dialética do esclarecimento**. Em cada situação em que a consciência é mutilada, isto se reflete sobre o corpo e a esfera corporal de uma forma não-livre e que propicia à violência. Basta prestar atenção em certo tipo de pessoa inculta como até mesmo a sua linguagem, principalmente quando algo é criticado ou exigido, se torna ameaçadora, como se os gestos da fala fossem de uma violência corporal quase incontrolada. Aqui seria preciso estudar também **a função do esporte**, que ainda não foi devidamente reconhecida por uma psicologia social crítica. O esporte é ambíguo: por um lado, ele pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do *fairplay*, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade, o sadismo, principalmente no caso de espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos. É preciso analisar de uma maneira sistemática essa ambiguidade. Os resultados teriam que ser aplicados à vida esportiva na medida da influência da educação sobre a mesma.

Tudo isso se relaciona de um modo ou outro à velha estrutura vinculada à autoridade, a modos de agir, eu quase diria, “do velho e bom caráter autoritário.” Mas aquilo que gera Auschwitz, os tipos característicos ao mundo de Auschwitz, constituem presumivelmente algo de novo. Por um lado, eles representam a **identificação cega com o coletivo**. Por outro, são talhados para **manipular massas**, coletivos, tais como os Himmler, Höss, Eichmann. Considero que o mais importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita **é contrapor-se ao**

Música:

Another Brick In The Wall
Pink Floyd (1979)



<https://www.youtube.com/watch?v=rC8i7qyZ2w>

Filme/Cinema:



Ele está de volta / *Er ist wieder da.* (2015)

Direção: David Wnendt

Excelente filme, baseado no livro de mesmo título, Adolf Hitler acorda em um terreno baldio em Berlim, no ano de 2011, sem memória alguma do que aconteceu depois de 1945. Perdido, ele se vê em uma sociedade completamente diferente, onde não há partido nazista, a guerra e o país é governado por uma mulher. Ele é reconhecido pelas pessoas que acreditam que seja apenas um artista que não consegue sair do seu personagem. Mas, um discurso de Hitler é virilizado na internet, e a partir daí todos querem ouvi-lo, saber sobre ele, até que ganha um programa de televisão onde propaga suas ideias ao mesmo tempo em que tenta convencer a todos que ele é quem realmente diz ser. Pense que talvez, quem está de volta, é o discurso radical, extremista, nacionalista, fanático. “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação.”

poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente aos mesmos **por meio do esclarecimento do problema da coletivização**. Isto não é tão abstrato quanto possa parecer ao entusiasmo participativo, especialmente das pessoas jovens, de consciência progressista. O ponto de partida poderia estar no sofrimento que os coletivos infligem e se filiam a eles. Basta pensar nas primeiras experiências de cada um na escola. ~ preciso se opor àquele tipo de *folk-ways*, **hábitos populares**, ritos de iniciação de qualquer espécie, que infligem dor física, muitas vezes insuportável, a uma pessoa como preço do direito de ela se sentir um filiado, um membro do coletivo. A brutalidade de hábitos tais como os **troles** de qualquer ordem, ou quaisquer outros costumes arraigados desse tipo, **é precursora imediata da violência nazista**. Não foi por acaso que os nazistas enalteciam e cultivaram tais barbaridades com o nome de "costumes". Eis aqui um campo muito atual para a ciência. Ela poderia inverter decididamente essa tendência da etnologia encampada com entusiasmo pelos nazistas, para refrear esta sobrevida simultaneamente brutal e fantasmagórica desses divertimentos populares.

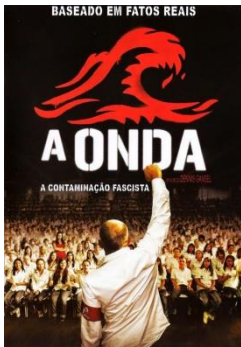
Tudo isso tem a ver com um pretensão ideal que desempenha um papel relevante na **educação tradicional em geral: a severidade**. Esta pode até mesmo remeter a uma afirmativa de **Nietzsche**, por mais humilhante que seja, e embora, ele na verdade pensasse em outra coisa. Lembro que durante o processo sobre Auschwitz, em um de seus acessos, o terrível Boger culminou num **elogio à educação baseada na força e voltada à disciplina**. Ela seria necessária para constituir o tipo de homem que lhe parecia adequado. Essa ideia educacional da **severidade**, em que irrefletidamente muitos podem até acreditar, **é totalmente equivocada**. A ideia de que a **virilidade** consiste num grau máximo da capacidade de **suportar dor** de há muito se converteu em fachada de um masoquismo que, como mostrou a psicologia, se identifica com muita facilidade ao **sadismo**. O elogiado objetivo de "ser duro" de tal educação **significa indiferença contra a dor em geral**. No que, inclusive, nem se diferencia tanto a **dor do outro** e a **dor de si próprio**. Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas **manifestações precisou ocultar e reprimir**. Tanto é necessário tornar consciente esse mecanismo quanto se impõe a promoção de uma educação que não permita a dor e a capacidade de suportá-la, como acontecia antigamente. Dito de outro modo: a educação precisa levar a sério o que já é de conhecimento, a muito tempo, da filosofia. **O medo não deve ser reprimido**. Quando o medo não é reprimido, quando nos permitimos ter realmente tanto medo quanto esta realidade exige, então justamente por essa via desaparecerá provavelmente grande parte dos efeitos deletérios do medo inconsciente e reprimido.

Pessoas que se enquadram cegamente em coletivos

Filme/Cinema:

A Onda (2005)

Direção: Dennis Gansel



Filme baseado em fatos reais, mostra como o modelo autocrático pode ser fascinante e, ao mesmo tempo, perturbador. As pessoas são carentes de líderes e, por vezes, necessitam identificar-se com uma ideologia.

Música:



Pipes Of Peace (1983)

Autor: Paul McCartney

A música de Paul McCartney retrata um acontecimento verídico durante a primeira guerra mundial. Soldados inimigos de diferentes nacionalidades comemoram o natal na terra de ninguém. A música valoriza a diversidade e prioriza o ser humano.

<https://www.youtube.com/watch?v=y8pjVu9TiU>

“Quando falo de educação após Auschwitz, refiro-me a duas questões: primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto, um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes.” Adorno

convertem a si próprios em algo como um material, dissolvendo-se como seres autodeterminados. Isto combina com a disposição de tratar outros como sendo uma massa amorfa. Para os que se comportam dessa maneira utilizei o termo "caráter manipulador" em *Authoritarian personality* (A personalidade autoritária), e isto quando ainda não se conhecia o diário de Höss ou as anotações de Eichmann. Minhas descrições do caráter manipulador datam dos últimos anos da Segunda Guerra Mundial. Às vezes a psicologia social e a sociologia conseguem construir conceitos confirmados empiricamente só muito tempo depois. O **caráter manipulador**, e qualquer um pode acompanhar isto a partir das fontes disponíveis acerca desses líderes nazistas, se distingue pela fúria organizativa, pela incapacidade total de levar a cabo experiências humanas diretas, por um certo tipo de ausência de emoções, por um **realismo exagerado**. A qualquer custo ele procura praticar uma pretensa, embora delirante, *realpolitik*. Nem por um segundo sequer ele imagina o mundo diferente do que ele é, possui pela vontade de fazer coisas, indiferente ao conteúdo de tais ações. Ele faz do ser atuante, da atividade, da chamada *efficiency*, enquanto tal, um culto, cujo eco ressoa na propaganda do homem ativo. Este tipo encontra-se, entretanto, a crer em minhas observações e generalizando algumas pesquisas sociológicas, muito mais disseminado do que se poderia imaginar. O que outrora era exemplificado apenas por alguns monstros nazistas pode ser constatado hoje a partir de casos numerosos, como **delinquentes juvenis**, **líderes de quadrilhas** e tipos semelhantes, diariamente presentes no noticiário. Se fosse obrigado a resumir em uma fórmula esse tipo de **caráter manipulador**, o que talvez seja equivocado embora útil à compreensão, eu o denominaria de o tipo da **consciência coisificada**. No começo as pessoas desse tipo se tornam por assim dizer iguais a coisas. Em seguida, na medida em que o conseguem, tornam os outros iguais a coisas. Isto é muito bem traduzido pela expressão *aprontar*, que goza de igual popularidade entre os valentões juvenis e entre os nazistas. Esta expressão *aprontar* define as pessoas como sendo coisas **aprontadas em seu duplo sentido**. Conforme Max Horkheimer, a tortura é a adaptação controlada e devidamente acelerada das pessoas aos coletivos. Algo disso encontra-se no espírito da época, por menos procedente que seja falar em espírito nesses termos. Enfim, resumirei citando Paul Valéry, que antes da última Guerra Mundial disse que **a desumanidade teria um grande futuro**. É particularmente difícil confrontar esta questão porque aquelas pessoas manipuladoras, no fundo incapazes de fazer experiências, por isto mesmo revelam traços de incomunicabilidade, no que se identificam com certos doentes mentais ou personalidades psicóticas.

Nas tentativas de atuar contrariamente à repetição de Auschwitz pareceu-me fundamental produzir **inicialmente** uma certa clareza acerca do modo de **constituição do caráter**

Documentário/Pedagogia:



<https://www.youtube.com/watch?v=OTerSwwxR9Y>

A Educação Proibida (2012)

Direção: Germán Doin Campos
Através de 45 experiências educativas fora dos padrões tradicionais, que foram analisadas em 90 entrevistas com pessoas de oito países diferentes, o documentário **A Educação Proibida** se propõe a questionar as lógicas da escolarização moderna e a forma de entender a educação. Além de apresentar vias alternativas para como crianças e adolescentes estão sendo educados, o filme demonstra as falhas do modelo de educação vigente, que produz cidadãos doutrinados pelo sistema e que proíbe qualquer ato que não esteja conforme a norma estabelecida por ele.

“Todo mundo fala de paz, mas ninguém educa para a paz. As pessoas educam apenas para a competição e a competição leva à guerra.”



Vocabulário:

Sadismo: satisfação, prazer com a dor alheia; perversão caracterizada pela obtenção de prazer sexual com a humilhação ou sofrimento físico de outrem.

Narcisismo: amor de um indivíduo por si próprio ou por sua própria imagem, uma referência ao mito de Narciso.

Vocabulário:

Vir-a-ser: conceito filosófico que faz referência às

manipulador, para em seguida poder impedir da melhor maneira possível a sua formação, pela transformação das condições para tanto. Quero fazer uma proposta concreta: utilizar todos os métodos científicos disponíveis, em especial psicanálise durante muitos anos, para estudar os culpados por Auschwitz, visando se possível descobrir **como uma pessoa se torna assim.** O que aqueles ainda podem fazer de bom é contribuir, em contradição com a própria estrutura de sua personalidade, no sentido de que as coisas não se repitam. E essa contribuição só ocorreria na medida em que colaborassem na investigação de sua gênese. **Obviamente seria difícil levá-los a falar; em nenhuma hipótese poder-se-ia aplicar qualquer procedimento semelhante a seus próprios métodos para aprender como eles se tornaram do jeito que são.** De qualquer modo, entretanto eles se sentem, justamente em seu coletivo, com a sensação de que todos são velhos nazistas, tão protegidos, que praticamente **nenhum demonstrou nem ao menos remorsos.** Porém presumivelmente também neles, ou em alguns deles, existem pontos de apoio psicológicos mediante os quais seria possível mudar isto, como, por exemplo, seu **narcisismo**, ou, dito simplesmente, **seu orgulho.** **Eles se sentirão importantes ao poder falar livremente a seu respeito,** tal como Eichmann, cujas falas aparentemente preenchem fileiras inteiras de volumes. Finalmente, é de supor que também nessas pessoas, aprofundando-se suficientemente a busca, existam restos da velha instância da consciência moral que se encontra atualmente em grande parte em processo de dissolução. **Na medida em que se conhecem as condições internas e externas que os tornaram assim, pressupondo por hipótese que esse conhecimento é possível, seria possível tirar conclusões práticas que impeçam a repetição de Auschwitz.** A utilidade ou não de semelhante tentativa só se mostrará após sua concretização; não pretendo superestimá-la. É preciso lembrar que as pessoas não podem ser explicadas automaticamente a partir de condições como estas. Em condições iguais alguns se tornaram assim, e outros de um jeito bem diferente. Mesmo assim valeria a pena. **O mero questionamento de como se ficou assim já encerraria um potencial esclarecedor.** Pois um dos momentos do estado de consciência e de inconsciência daninhos está em que seu ser, assim que se é de um determinado modo e não de outro, **é apreendido equivocadamente como natureza, como um dado imutável e não como resultado de uma formação.** Mencionei o conceito de **consciência coisificada.** Esta é sobretudo uma consciência que se defende em relação a qualquer **vir-a-ser**, frente a qualquer apreensão do próprio condicionamento, impondo como sendo absoluto o que existe de um determinado modo. Acredito que o rompimento desse mecanismo impositivo seria recompensador.

No que diz respeito à **consciência coisificada**, além disto, é preciso examinar também a **relação com a técnica,**

transformações. Sinônimos:
DEVIR, MUDANÇA,
TRANSFORMAÇÃO

Fetichismo: objeto inanimado ou parte do corpo considerada como possuidora de qualidades humanas, mágicas ou eróticas.

Filosofia:



Max Horkheimer (1895-1973) Foi um filósofo e sociólogo alemão. Fez parte do círculo de intelectuais da denominada Escola de Frankfurt.

Esporte:

“Eles representam a identificação cega com o coletivo.”



“O esporte é ambíguo: por um lado, ele pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do *fairplay*, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade, o sadismo, principalmente no caso de espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos.”

Adorno

sem restringir-se a pequenos grupos. **Esta relação é tão ambígua quanto a do esporte**, com que, aliás, tem afinidade. Por um lado, é certo que todas as épocas produzem as personalidades, tipos de distribuição da energia psíquica, de que necessitam socialmente. Um mundo em que a **técnica** ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente, gera **pessoas tecnológicas**, afinadas com a técnica. Isto tem a sua racionalidade boa: em seu plano mais restrito elas serão menos influenciáveis, com as correspondentes consequências no plano geral. Por outro lado, **na relação atual com a técnica existe algo de exagerado, irracional, patogênico**. Isto se vincula ao **"véu tecnológico"**. Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. Os meios, e a técnica é um conceito de meios dirigidos à auto conservação da espécie humana, são **fetichizados**, porque os fins, uma vida humana digna, encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas. Afirmações gerais como estas são até convincentes. Porém tal hipótese ainda é excessivamente abstrata. Não se sabe com certeza como se verifica a fetichização da técnica na psicologia individual dos indivíduos, onde está o ponto de transição entre uma relação racional com ela e aquela supervalorização, que leva, em última análise, **quem projeta um sistema ferroviário para conduzir as vítimas a Auschwitz com maior rapidez e fluência, a esquecer o que acontece com estas vítimas em Auschwitz**. No caso do tipo com tendências à **fetichização da técnica, trata-se simplesmente de pessoas incapazes de amar**. Isto não deve ser entendido num sentido sentimental ou moralizante, **mas denotando a carente relação libidinal com outras pessoas**. Elas são inteiramente **frias** e precisam **negar também em seu íntimo a possibilidade do amor**, recusando de antemão nas outras pessoas o seu amor antes que o mesmo se instale. A capacidade de amar, que de alguma maneira sobrevive, eles precisam aplicá-la aos meios. As personalidades preconceituosas e vinculadas à autoridade com que nos ocupamos em *Authoritarian Personality*, em Berkeley, forneceram muitas evidências neste sentido. Um sujeito experimental - e a própria expressão já é do repertório da consciência coisificada - afirmava de si mesmo: **"I like nice equipment"** (Eu gosto de equipamentos, de instrumentos bonitos), independentemente dos equipamentos em questão. **Seu amor era absorvido por coisas, máquinas enquanto tais**. O perturbador, porque torna tão desesperançoso atuar contrariamente a isso, é que esta tendência de desenvolvimento encontra-se vinculada ao conjunto da civilização. **Combatê-lo significa o mesmo que ser contra o espírito do mundo; e desta maneira apenas repito algo que apresentei no começo como sendo o aspecto mais obscuro de uma educação contra Auschwitz**.

Afirmar que aquelas pessoas eram **frias** de um modo

Rituais de iniciação

Atos violentos, humilhações e até mortes são cada vez mais frequentes quando o assunto é o trote universitário. No final de 2014, diversas estudantes relataram casos de abusos sexuais ocorridos em festas e no próprio campus, o que elevou a discussão para outro patamar. Muitos responsáveis, porém, não forma denunciados ou punidos. Simbolicamente, o trote é um rito de iniciação estudantil para a vida acadêmica.

Fonte: <https://vestibular.uol.com.br/>

Música:

Amerika (2004)

Autor: Rammstein



Todos nós vivemos na América, um mundo unidimensional, com uma única possibilidade. A banda alemã Rammstein denuncia os males da globalização, afirma a morte da diversidade cultural. Na imagem, monges tibetanos comem hambúrguer e tomam refrigerante. Veja o clip da música no link abaixo, são várias referências criticam a vida no mundo contemporâneo.

<https://www.youtube.com/watch?v=ij34-qQtHFM>

Filosofia:

Aristóteles: “o homem é um animal político”

Vocabulário:

Mônada: átomo inextenso com atividade espiritual, unidade, parte.

peculiar. Aqui vêm a propósito algumas palavras acerca da frieza. Se ela não fosse um traço básico da antropologia, e, portanto, da constituição humana como ela realmente é em nossa sociedade; **se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras**, executando o punhado com que mantêm **vínculos** estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito. Em sua configuração atual, e provavelmente há milênios, **a sociedade não repousa em atração, em simpatia**, como se supôs ideologicamente desde **Aristóteles**, **mas na persecução dos próprios interesses frente aos interesses dos demais**. Isto se sedimentou do modo mais profundo no caráter das pessoas. O que contradiz, o impulso grupal da chamada *lonely crowd*, da massa solitária, na verdade constitui uma reação, um enturmar-se de pessoas frias que não suportam a própria frieza mas nada podem fazer para alterá-la. **Hoje em dia qualquer pessoa, sem exceção, se sente mal-amada, porque cada um é deficiente na capacidade de amar**. A incapacidade para a identificação foi sem dúvida a condição psicológica mais importante para tornar possível algo como Auschwitz em meio a pessoas mais ou menos civilizadas e inofensivas. O que se chama de "participação oportunista" era, antes de qualquer coisa, interesse prático: perceber antes de tudo a sua própria vantagem e não dar com a língua nos dentes para não se prejudicar. Esta é uma lei geral do existente. O silêncio sob o terror era apenas a consequência disto. A frieza da **mônada** social, do concorrente isolado, constituía, enquanto indiferença frente ao destino do outro, o pressuposto para que apenas alguns raros se mobilizassem. Os algozes sabem disto; e repetidamente precisam se assegurar disto.

Não me entendam mal. Não quero pregar o amor. Penso que sua pregação é vã: ninguém teria inclusive o direito de pregá-lo, porque a deficiência de amor, repito, é uma deficiência de **todas as pessoas, sem exceção, nos termos em que existem hoje**. Preguar o amor pressupõe naqueles a quem nos dirigimos outra estrutura do caráter, diferente da que pretendemos transformar. **Pois as pessoas que devemos amar, são elas próprias, incapazes de amar e, por isto, nem são tão amáveis assim. Um dos grandes impulsos do cristianismo, a não ser confundido com o dogma, foi apagar a frieza que tudo penetra**. Mas esta tentativa fracassou; possivelmente porque não mexeu com a ordem social que produz e reproduz a frieza. Provavelmente até hoje nunca existiu aquele calor humano que todos almejamos, a não ser durante períodos breves e em grupos bastante restritos, e talvez entre alguns selvagens pacíficos. Os utópicos frequentemente ridicularizados perceberam isto. **Charles Fourier**, por exemplo, definiu a atração como algo ainda por ser constituído por uma ordem social digna de um ponto de vista humano. **Também reconheceu que esta situação só seria possível quando os instintos não**

Música:

Diversidade (2010)

Autor: Lenine



https://www.youtube.com/watch?v=k_hNKDXdcj7w

Se foi pra diferenciar
Que Deus criou a diferença
Que irá nos aproximar
Intuir o que Ele pensa
Se cada ser é só um
E cada um com sua crença
Tudo é raro, nada é comum
Diversidade é a sentença

Que seria do adeus
Sem o retorno
Que seria do nu
Sem o adorno
Que seria do sim
Sem o talvez e o não
Que seria de mim
Sem a compreensão

Que a vida é repleta
E o olhar do poeta
Percebe na sua presença
O toque de deus
A vela no breu
A chama da diferença

A humanidade caminha
Atropelando os sinais
A história vai repetindo
Os erros que o homem tras
O mundo segue girando
Carente de amor e paz
Se cada cabeça é um mundo
Cada um é muito mais

Que seria do caos
Sem a paz
Que seria da dor
Sem o que lhe apraz
Que seria do não
Sem o talvez e o sim
Que seria de mim...
O que seria de nós

Que a vida é repleta
E o olhar do poeta
Percebe na sua presença
O toque de Deus
A vela no breu
A chama da diferença

fossem mais reprimidos, mas satisfeitos e liberados. Se existe algo que pode ajudar contra a frieza como condição da desgraça, então trata-se do conhecimento dos próprios pressupostos desta, bem como da tentativa de trabalhar previamente no plano individual contra esses pressupostos. **Agrada pensar que a chance é tanto maior quanto menos se erra na infância, quanto melhor são tratadas as crianças.** Mas mesmo aqui pode haver ilusões. Crianças que não suspeitam nada da crueldade e da dureza da vida acabam por ser particularmente expostas à barbárie depois que deixam de ser protegidas. Mas, sobretudo, não é possível mobilizar para o calor humano pais que são, eles próprios, produtos desta sociedade, cujas marcas ostentam. O apelo a dar mais calor humano às crianças é artificial e, por isto, acaba negando o próprio calor. Além disto, o amor não pode ser exigido em relações profissionalmente intermediadas, como entre professor e aluno, médico e paciente, advogado e cliente. Ele é algo direto e contraditório com relações que em sua essência são intermediadas. **O incentivo ao amor, provavelmente na forma mais imperativa, de um dever, constitui ele próprio, parte de uma ideologia que perpetua a frieza.** Ele combina com o que é impositivo, opressor, que atua contrariamente à capacidade de amar. **Por isto, o primeiro passo seria ajudar a frieza a adquirir consciência de si própria, das razões pelas quais foi gerada.**

Para terminar gostaria ainda de discorrer brevemente a respeito de algumas possibilidades de conscientização dos mecanismos subjetivos em geral, sem os quais Auschwitz dificilmente aconteceria. O conhecimento desses mecanismos é uma necessidade; da mesma forma também o é o conhecimento da defesa estereotipada, que bloqueia tal consciência. **Quem ainda insiste em afirmar que o acontecido nem foi tão grave assim, já está defendendo o que ocorreu, e sem dúvida seria capaz de assistir ou colaborar se tudo acontecesse de novo.** Mesmo que o esclarecimento racional não dissolva diretamente os mecanismos inconscientes, conforme ensina o conhecimento preciso da psicologia, ele ao menos fortalece na pré-consciência determinadas instâncias de resistência, ajudando a criar um clima desfavorável ao extremismo. Se a consciência cultural em seu conjunto fosse efetivamente perpassada pela premonição do caráter patogênico dos traços que se revelaram com clareza em Auschwitz, talvez as pessoas tivessem evitado melhor aqueles traços.

Além disso, **seria necessário esclarecer quanto à possibilidade de haver outro direcionamento para a fúria ocorrida em Auschwitz.** Amanhã pode ser a vez de outro grupo que não os judeus, por exemplo **os idosos, que escaparam por pouco no Terceiro Reich, ou os intelectuais, ou simplesmente alguns grupos divergentes.** O clima, e quero enfatizar esta questão, mais favorável a um tal ressurgimento é o **nacionalismo ressurgente.** Ele é tão raivoso justamente porque nesta época de comunicações internacionais e de blocos

Televisão/documentário:
Educação.doc – Escola do Futuro – Episódio 5

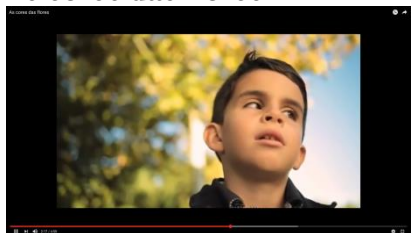


Como será a ESCOLA DO FUTURO? Neste episódio, os cineastas acendem os holofotes para uma importante reflexão: **como será a escola daqui a 50 anos? Quem responde são professores, alunos, diretores e pensadores.**

<https://www.youtube.com/watch?v=5nlwLiOg>

“as pessoas ainda não se encontravam psicologicamente preparadas para a autodeterminação. Elas não se revelaram à altura da liberdade com que foram presenteadas de repente.”

Vídeo/youtube:
As cores das flores



Uma criança cega precisa escrever uma redação sobre as cores das flores. O vídeo mostra o desafio do menino para conseguir cumprir a tarefa.

<https://www.youtube.com/watch?v=s6NNOeiOpPM>

Animação:

Ex-E.T - Não somos todos iguais. Afirmação da diversidade.



<https://www.youtube.com/watch?v=Tkli780dX6U>

supranacionais já não é mais tão convicto, obrigando-se ao exagero desmesurado para convencer a si e aos outros que ainda têm substância.

De qualquer modo, haveria que mostrar as possibilidades concretas da resistência. Por exemplo, a história dos assassinatos por eutanásia, que acabaram não sendo cometidos na dimensão pretendida pelos nazistas na Alemanha, graças a resistência manifestada. A resistência limitava-se ao próprio grupo; e justamente este é um sintoma bastante notável e amplo da frieza geral. Além de tudo, porém, ela é limitada também em face da insaciabilidade presente no princípio das perseguições. Em última instância, qualquer pessoa não pertencente ao grupo perseguidor pode ser atingida; portanto, existe um interesse egoísta drástico a que se poderia apelar. Enfim, seria necessário indagar pelas condições específicas, históricas, das perseguições. Em uma época em que o nacionalismo é antiquado, os chamados movimentos de renovação nacional são, ao que tudo indica, particularmente sujeitos a práticas sádicas.

Finalmente, o centro de toda educação política deveria ser que Auschwitz não se repita. Isto só será possível na medida em que ela se ocupe da mais importante das questões sem receio de contrariar quaisquer potências. Para isto teria de se transformar em **sociologia**, informando acerca do jogo de forças localizado por trás da superfície das formas políticas. Seria preciso tratar criticamente um conceito tão respeitável como o da razão de Estado, para citar apenas um modelo: na medida em que colocamos o direito do Estado acima do de seus integrantes, o terror já passa a estar potencialmente presente.

Em Paris, durante a emigração, quando eu ainda retornava esporadicamente à Alemanha, certa vez Walter Benjamin me perguntou se ali ainda havia algozes em número suficiente para executar o que os nazistas ordenavam. Havia. Apesar disto a pergunta é profundamente justificável. Benjamm percebeu que, ao contrário dos assassinos de gabinete e dos ideólogos, as pessoas que **executam** as tarefas agem em contradição com seus próprios interesses imediatos, são assassinas de si mesmas na medida em que assassinam os outros. Temo que será difícil evitar o reaparecimento de assassinos de gabinete, por mais abrangentes que sejam as medidas educacionais. Mas que haja pessoas que, em posições subalternas, enquanto serviçais, façam coisas que perpetuam sua própria servidão, tornando-as indignas; que continue a haver **Bojeis e Kaduks**, contra isto é possível empreender algo mediante a educação e o esclarecimento.

Atividade 1

A sua experiência na escola encontra aproximações com as problematizações feitas por Adorno? Justifique.

Animação:
O Monge e o Macaco



Animação perspicaz que retrata bem os desafios internos e os valores humanos no processo de aprendizagem.
<https://www.youtube.com/watch?v=6ztBQYTFcpo>

“A ditadura perfeita terá as aparências de uma democracia, uma prisão sem muros na qual os prisioneiros não sonharão sequer com a fuga. Um sistema de escravatura onde, graças ao consumo e divertimento, os escravos terão amor à sua escravidão.” Aldous Huxley

Animação:
A Lua



<https://www.youtube.com/watch?v=MJC9mYJfUPk>
Permitir ao outro ser como ele é, sem impor o nosso modo de pensar e de ser.

“Isto não deve ser entendido num sentido sentimental ou moralizante, mas denotando a carente relação libidinal com outras pessoas. Elas são inteiramente frias e precisam negar também em seu íntimo a possibilidade do amor, recusando de antemão nas outras pessoas o seu amor antes que o mesmo se instale.”

Theodor Adorno